

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

PATRICIA ASSUF NECHAR

**O CORPO GORDO: UMA CARTOGRAFIA DO IMAGINÁRIO
SOCIAL**

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO

2020

Patricia Assuf Nechar

O corpo gordo:
Uma cartografia do imaginário social

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica – Área de Concentração: Signo e Significação nos Processos Comunicacionais. Processos de Criação na Comunicação e na Cultura. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lucia Isaltina Clemente Leão.

São Paulo

2020

Banca examinadora

Para a maior Deusa de todas: minha Mãe (*in memoriam*).
Em algum lugar, além do arco-íris, bem lá no alto, ainda sonho...
E sei que vamos nos encontrar...
Te amo muito!

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, através do programa de bolsas de estudos Doutorado DG, patrocinou e auxiliou financeiramente a presente pesquisa. Processo 142009/2017-2

AGRADECIMENTOS

À Deus.

Ao meu pai Raul, por entender esta fase, e aos meus irmãos Raul Jr. e Ricardo.

À minha orientadora Lucia Leão, pelos ensinamentos, por me acolher e por me incentivar em todos os momentos do trabalho, nunca desistindo de mim, principalmente na reta final.

À Helena, à Lidiane, à Liduína, à Daniela e à Marlene.

Ao André, ao Pablo e ao Renê.

Ao Derick e ao Max.

À Cida Bueno, “guardiã” da COS.

Aos professores do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Comunicação e Criação nas Mídias (CCM),
e a você!

*Abra mão da vida que lhe é imposta. Vá atrás de
você mesmo. Então, você se achará na imagem
maravilhosa da floresta escura, um lugar que você
escolheu onde não existe trilha ou caminho.
Quando você está no caminho de outro, você
perdeu a sua vida.*

Joseph Campbell

NECHAR, Patricia Assuf. **O corpo gordo: Uma cartografia do imaginário social**. 213p. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós graduados em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC/SP. Orientadora: Profa. Lúcia Isaltina Clemente Leão. Bolsa. Área de concentração : Signo e Significação nos processos Comunicacionais. Linha de Pesquisa : Processo de Criação na Comunicação e na Cultura. Apoio : Bolsa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. São Paulo, junho de 2020.

RESUMO

No contexto da cultura contemporânea e dos processos comunicacionais que circulam nas redes, a questão do corpo gordo é debatida por diferentes perspectivas. Na presente tese de doutorado, o corpo gordo é entendido como um fenômeno complexo, que inclui dimensões físicas, subjetivas e culturais. Assim, considerando suas múltiplas camadas, buscamos contribuir para as discussões sobre o corpo gordo a partir do desenvolvimento de uma cartografia do imaginário social. Nossa cartografia tem como base o estudo dos relatos das experiências e memórias de mulheres que vivenciaram a experiência do corpo gordo em uma sociedade onde o corpo magro é modelo ideal de saúde e beleza. A tese está em consonância com a proposta epistemológica da linha de pesquisa Processos de Criação e Comunicação na Cultura. O método de pesquisa adotado é a cartografia dos imaginários que emergem a partir das histórias de vida. A fundamentação teórica tem natureza interdisciplinar e agrega: Jung, Campbell e Whitmont, para os estudos sobre mitos e arquétipos femininos; Monteiro e Paiva, para a conceituação do feminino; Nechar, Aires e Jimenez, nos levantamentos sobre os movimentos em prol do corpo gordo; e a teoria do imaginário segundo Durand; e Leão e o método de cartografias de imaginários e histórias de vida. As análises foram realizadas a partir dos seguintes critérios: memórias da cultura familiar; adolescência; auto-percepção; *body positivity* e *body neutrality*; movimento *plus size*. Como resultados obtidos, foi possível perceber padrões e estruturas dominantes nas narrativas de histórias de vida e, ao mesmo tempo, as singularidades de cada uma das mulheres estudadas.

Palavras-chave: *Plus Size*, cartografia, imaginário social, feminino, corpo, história de vida, gorda.

NECHAR, Patricia Assuf. **The fat body: a cartography of the social imaginary.**

ABSTRACT

In the context of contemporary culture and communicational processes that circulate in the networks, the issue of the fat body is debated from different perspectives. In the present doctoral thesis, the fat body is understood as a complex phenomenon, which includes physical, subjective and cultural dimensions. Thus, considering its multiple layers, we seek to contribute to the discussions about the fat body from the development of a social imaginary cartography. Our cartography is based on the study of reports of experiences and memories of women who have had the experience of the fat body in a society where the thin body is the ideal health and beauty. The thesis is in accordance with the epistemological proposal of the program's Processes of Creation and Communication in Culture line of research. The adopted research method is the cartography of the imaginary that emerges from life stories. The theoretical basis is interdisciplinary in nature and includes: Jung, Campbell and Whitmont, for their studies on myths and female archetypes; Monteiro and Paiva, for the conceptualization of the feminine; Nechar, Aires and Jimenez, for their researches on fat body favorable social movements; Durand's theory of the imaginary; and Leão for the life story and social imaginary cartography. Analyzes were carried out based on the following criteria: memories of family culture; adolescence; Self-perception; body positivity and body neutrality; plus size movement. The research results indicate that there are patterns and dominant structures in the narratives of life stories and, at the same time, the singularities of each of the women studied. The research results point out to possible dominant patterns and structures in life story narratives and, at the same time, the singularities of each of the women studied.

Keywords: Plus Size, cartography, social imaginary, feminine, body, life story, fat.

Índice de imagens

Figura 1	18
Figura 2	19
Figura 3	52
Figura 4	53
Figura 5	54
Figura 6	56
Figura 7	151
Figura 8	159
Figura 9	161
Figura 10	176
Figura 11	176
Figura 12	177
Figura 13	178
Figura 14	179
Figura 15	180
Figura 16	181

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. DOS MITOS ÀS POTÊNCIAS: O CORPO GORDO FEMININO EM QUESTÃO	29
1.2. MITO E CORPO GORDO	41
1.3. ESTIGMA E GORDOFOBIA	44
1.4. MOVIMENTO PLUS SIZE E ASCENÇÃO DO CORPO FEMININO GORDO ...	49
2. TRABALHANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA: A PESQUISA E SUAS FASES	60
2.1. HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES: O MÉTODO	60
2.2. HISTÓRIA DE VIDA DE L.A.P.	70
2.3. HISTÓRIA DE VIDA DE D.M.M.	94
2.4. HISTÓRIA DE VIDA DE L.C.B.	114
2.5. HISTÓRIA DE VIDA DE M.H.C.	130
3. DIVERSOS CAMINHOS DE UMA JORNADA: ANÁLISE	148
3.1. AS MEMÓRIAS DA CULTURA FAMILIAR E DOS AMBIENTES	152
3.2. ADOLESCÊNCIA	157
3.3. OLHAR PARA SI: PERCEPÇÕES	167
3.4. <i>BODY POSITIVITY</i> E <i>BODY NEUTRALITY</i>	175
3.5. ALÉM DO MOVIMENTO <i>PLUS SIZE</i>	189
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
5. REFERÊNCIAS	203

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno do corpo na comunicação é um dos objetos mais evidenciados em nossa cultura. A diversidade de biotipos físicos se tornou objeto de pesquisa em várias temáticas de estudo, apresentando inúmeras relações de linguagens do conhecimento que envolvem o corpo. Pretende-se explorar, nesta tese de doutorado, as histórias de vida de corpos femininos gordos que emergem das crescentes discussões acerca do corpo gordo, ou seja, um corpo que está estigmatizado pelo seu peso e que, atualmente, emerge em prol de seus interesses, buscando uma condição para o convívio social sem ser discriminado. A tese compreende uma investigação sobre histórias de vida de mulheres gordas que possuem diferentes trajetórias e modo de viver. O tema abrange suas vidas, suas experiências com seus corpos, suas memórias, seus sonhos, as marcas deixadas por tristezas, as superações por escolherem viver em seus corpos. Cada história advém de uma cultura e ambiente familiar diferentes, nasceram e cresceram em diferentes estados do Brasil, com condições de vida distintas, mas o que provavelmente as une são suas histórias com seus corpos gordos, um corpo que diverge da ordem social de um corpo magro e trabalhado fisicamente.

O Brasil apresenta uma herança miscigenada de corpos. Portanto, definir um estilo físico para a nossa cultura é incerto, pois somos uma mestiçagem de raças e influências diversas, sobretudo quando falamos de hábitos socioculturais que interferem em nossos costumes, no modo de vida e também na alimentação. Definir um modelo para o corpo do brasileiro é como procurar uma ordem binária dentro de um mosaico heterogêneo de comportamentos culturais que se apresentam receptíveis às novas culturas. Com este cenário, estamos diante de incompatibilidades de pensamentos sociais que advém de discursos hegemônicos, tanto no mercado de consumo quanto nas crenças sociais e nos discursos médicos. Estes discursos apontam que corpos magros e de traçados secos são considerados modelos corretos e aceitos socialmente, sonhando, assim, qualquer outro estilo de corpo, e questionando a capacidade de aceitação do outro.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2020), 55,7% do povo brasileiro está com sobrepeso, e este número tende de aumentar 15% até 2025, para a ABESO (Associação Brasileira do Estudo da Obesidade). Tendo em vista este cenário de corpos mais gordos em nosso país, apresentamos a seguinte situação: por um lado, observam-se discursos midiáticos

que supervalorizam os corpos magros e, por outro, encontramos, no nosso cotidiano, corpos que não condizem com este imaginário social.

Temos por base a referência do termo “imaginário social” de Cornelius Castoriadis (1922-1997), que se baseia nas criações sociais do mundo humano, ou seja, a sociedade cria nossos valores. O que o autor denomina imaginário social são as convenções sociais que incorporam nos seres humanos. É possível compreender que o termo “imaginário social” como uma “constelação de significações” (CASTORIADIS, 1992 pg. 59) que se dá no produto da própria história humana, mas devemos lembrar que estas significações se modificam através dos tempos, na cultura de cada povo, de cada sociedade e mesmo de cada comunidade.

Portanto, para esta tese, utilizamos o conceito de imaginário social para problematizar o corpo gordo em nossa sociedade. Visto que o ambiente que estamos inseridos é um conjunto de valores e costumes.

Vivemos em uma sociedade na qual se organiza em volta das imagens onde o corpo magro é exaltado midiaticamente como modelo de saúde, beleza e bem-estar. Diferente do corpo gordo, que através de nossos estudos, buscamos incluí-lo socialmente a fim de desmistificar esta imagem negativa.

A reputação negativa do corpo gordo foi se consolidando a partir do século XVIII, devido aos avanços da medicina, da química e da fisiologia. Estes estudos, que relacionam a gordura corporal às doenças, levaram o corpo gordo as margens da sociedade, transformando-o, no século XX, em uma aberração social, visto como um corpo doente e estigmatizado (VIGARELLO, 2012).

Desde meados do século XX, a gordura corporal e os excessos corporais ganham um status pejorativo e abrem espaço para o corpo magro, que beira a anorexia (SANT'ANNA, 2014). Desde então, este corpo começa a ascender e ganha uma visibilidade de celebre e bem-sucedido, como vemos estampado nas capas de revistas, nas *top models* famosas e nos corpos nas mídias televisivas. O corpo magro e suas práticas tomam uma posição de centralidade e afirmação em relação aos costumes sociais, e o corpo gordo torna-se criticado e marginalizado. Mesmo diante dessa exclusão social, o número de pessoas com sobrepeso e obesas no Brasil aumenta, assim como os debates questionando estes biotipos se intensificam.

Vivenciamos uma época em que o corpo gordo está saindo de uma posição de submissão em relação aos discursos estéticos, sociais e médicos, para um local de posicionamento, de visibilidade e aceitação social. A partir das narrativas das histórias de vida, esta pesquisa busca traçar paralelos com o imaginário social. Existe uma potência nestes corpos, nas suas relações sociais, na sua diversidade, na sua emancipação, e são estes os fenômenos que propomos analisar através de histórias de vida de mulheres que, de certo modo, fizeram ou fazem parte do grupo de pessoas que participam deste processo.

O corpo feminino gordo é o mais afetado dentro dos discursos da ordem do corpo magro na cultura brasileira. “A imagem da mulher confunde-se com a beleza, (...) e este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher: ela pode ser bonita, ela deve ser bonita, do contrário não será totalmente mulher” (NOVAES, 2006, p. 85). Sabemos que os padrões de beleza são cíclicos, mas o corpo gordo, atualmente, ainda é minado por diversos discursos e, portanto, ainda tem uma imagem simbólica pejorativa, no sentido de “feio”, “sujo”, “preguiçoso” e “desleixado”.

Portanto, ser uma mulher gorda torna-se um fardo. O próprio feminino é questionado, assim como sua capacidade de trabalho. O corpo gordo também é tido como lento, tanto em suas capacidades físicas quanto nas psíquicas.

Neste contexto, as discussões do ativismo gordo têm tomado grandes proporções em manifestações em prol do corpo gordo. Os discursos das ativistas têm tomado um grande espaço nas redes sociais digitais e, por este meio, a difusão para a propagação de ações para fomentar e fortalecer o corpo gordo são consideráveis. Em sua grande maioria, estes discursos estão atrelados a alguns movimentos feministas, apesar de que, em nossa sociedade, o ativismo gordo ainda está principiando. O preconceito contra pessoas gordas chama-se gordofobia, ou seja, um tipo de aversão às pessoas gordas.

Conjuntamente aos discursos das ativistas e das feministas, encontramos no ciberespaço mulheres que também lutam a favor do corpo gordo feminino, mas seus discursos estão atrelados diretamente à beleza estética do corpo gordo, à autoestima e ao consumo, algo que pode causar algumas polêmicas entre as militantes.

Destacam-se, nestes discursos, as narrativas das influenciadoras digitais denominadas *plus size*, que fazem parte de um movimento em prol da diversidade de corpos e da autoestima das pessoas gordas, tirando-as da posição de vítimas discriminadas socialmente e levando-as para uma posição de autonomia de si perante as imposições sociais de uma estética corporal. O objetivo destes discursos é dar força e potência individual a cada seguidora para se emancipar da dominação social perante a imposição estética do corpo magro. Como podemos notar, o conteúdo das narrativas das influenciadoras *plus size* e das ativistas buscam, de maneiras distintas, proteger o corpo gordo de situações de opressão.

O que conhecemos sobre o Movimento *Plus Size* faz parte de uma nova estética contemporânea que se iniciou em nosso país a partir de 2009 e agrega as relações sociais, apaziguando conflitos e tirando peso dos corpos estigmatizados pela sociedade pelo fato de serem gordos. No Brasil, adotou-se o termo *plus size*, surgido nos Estados Unidos, mais especificamente na moda, em 1970. O sentido de *plus size* se constrói a partir de uma riqueza adicional, que se acrescenta na diversidade corporal.

O Movimento *Plus Size* é formado, em sua maioria, por mulheres gordas que buscam, na sociedade, a inclusão de padrões corporais mais amplos. Do mesmo modo que as militantes buscam uma aceitação em relação ao tamanho do corpo, discutem sobre a segregação e o estigma do corpo estereotipado, de forma a questionar os modelos corporais apresentados nos meios midiáticos, como revistas, televisão e internet. Essas ativistas se dedicam a fazer a sociedade perceber que, independente de possuir um corpo gordo, este é capaz de exercer funções físicas e intelectuais como qualquer outra pessoa preparada para tal, de maneira que seu caráter não muda devido ao seu peso e, principalmente, que seu corpo é tão belo como outro qualquer.

No intervalo de menos de um ano entre a defesa de nossa dissertação de mestrado e a apresentação do pré-projeto deste doutorado, percebemos o início de uma consolidação cultural e a propagação do universo *plus size*, de dentro das redes sociais para espaços urbanos e discussões acadêmicas, se difundindo nas ruas e no cotidiano das pessoas através de encontros formais de representantes do meio para levantar questões de interesse comum em relação à emancipação do gordo.

Entendemos que o Movimento *Plus Size* se tornou um fenômeno cultural complexo devido a relacionar-se com várias áreas do conhecimento. Este movimento vem sendo difundido e discutido através de fóruns de debates nos campos mercadológicos, da moda, da beleza, em fóruns médicos, debates em programas de televisão, documentários, manifestações sociais, na academia, em livros, em anúncios televisivos e impressos, entre outros. Por isso, nosso olhar ainda se volta a compreender essa expansão rápida e abrangente do fenômeno *plus size* e como essa dinâmica atingiu seu público, as mulheres gordas.

Nesta tese, nosso olhar é para as histórias de vida de mulheres gordas que, apesar de possuírem um corpo que ainda diverge da atual ordem social, atribuíram a si e, sucessivamente, aos seus corpos a potência para poderem viver e conviver bem com seus corpos. Através das histórias de vida dessas mulheres, observaremos as emergências e o poder deste corpo no espaço que ele ocupa, como se deu o processo de construção interna para que elas fortalecessem suas redes em volta do universo *plus size* e como foram afetadas nas práticas do cotidiano, seja com o corpo, com o emocional, com o social, com a saúde e o comportamento, entre outros aspectos. Nosso objetivo é olhar para essas narrativas que saíram do ciberespaço e agora ganham espaço nas ruas, mulheres gordas comuns que fortaleceram e estão construindo uma nova história de vida. Este estudo se dará através de uma reflexão crítica baseada em coletas de narrativas de histórias de vida que de alguma forma tangenciam o Movimento Plus Size. Tentaremos compreender as complexidades das histórias de vida que desencadeiam sinais que emergem nas mudanças de comportamento, causando assim um movimento que traz para o centro o corpo que estava nas margens.

É notório que diversos questionamentos emergem em várias linguagens devido ao aparecimento de uma nova organização social e no processo da consolidação cultural do gordo. Alguns estudos se destacam na área acadêmica da Moda mas, dentro das Comunicações e consumo, na Antropologia, na Sociologia, no campo das Ciências Sociais, os diálogos com pesquisas que envolvem o tema *plus size*, como a de Marcela Uceda Betti, *Beleza sem Medidas? Corpo, gênero e consumo no mercado plus size* (Universidade de São Paulo, 2014), uma das primeiras pesquisas de moda e comportamento da mulher gorda no Brasil, que investiga o comportamento das consumidoras da moda *plus size*, como se posicionam frente aos estereótipos em relação aos seus corpos, valorizando a sensualidade e a feminilidade da mulher gorda.

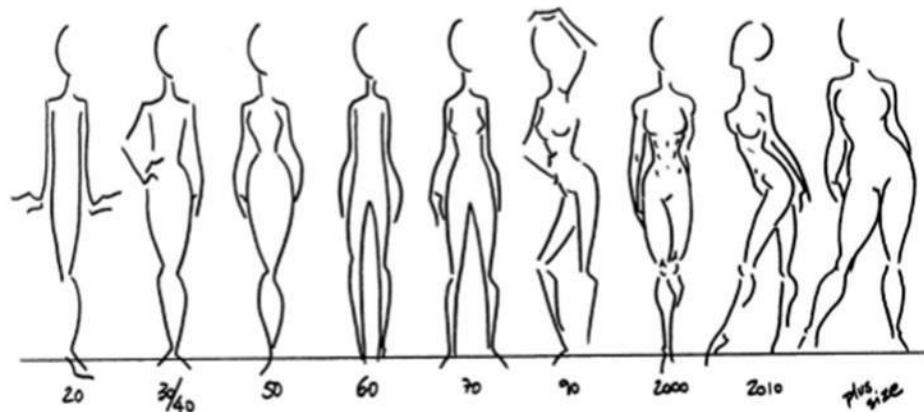
Um estudo importante para a área é a tese de doutorado de Maria Carolina Zaneta, *Illegitimate identity in the middle of an ideological crisis and tensions in the consumption network: A study on why plus-size fashion brands are illegitimate fashion elements*¹ (Fundação Getúlio Vargas, 2016). A autora questiona como o mercado *plus size* é percebido por suas consumidoras e levanta pontos importantes que abordam como as mulheres se sentem em uma loja de roupas *plus size* e como é feita a publicidade para este público. Este estudo aponta as carências da consumidora *plus size* e abre um leque de possibilidades em relação ao atendimento da moda *plus size*.

Outra tese de referência é *De gorda a plus size: A produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA*, de Aliana Barbosa Aires (Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2019), sobre a transformação do corpo gordo em corpo *plus size*, a biopolítica e a questão do consumo de moda entre o Brasil e os Estados Unidos. Este estudo se destaca na moda *plus size* por apontar que, através da moda, ocorrem ações biopolíticas, pois as pessoas gordas, por intermédio do tamanho da roupa que vestem, se reconhecem como grupo, compartilhando informações sobre produtos e experiências deste nicho.

Em nossa dissertação de mestrado (PUC-SP, 2015), *Culturas e comunicações do universo plus size: Uma cartografia das imagens de corpos nos discursos nas redes sociais*, estudamos a subjetividade dos discursos nas redes sociais voltados ao público feminino *plus size*. Cartografamos os corpos de 1920 até 2015 abordamos os estilos de beleza no Brasil e no mundo, fizemos um panorama geral das artes, dos estilos de corpos mais desejados pela mídia e o modo como o perfil do corpo gordo é visto nas mídias, ou o “gordo midiático”. Realizamos levantamentos sobre a questão da beleza *plus size* pelo viés dos concursos de beleza voltados a este público, abordamos o comportamento social do gordo em sua luta diária para enfrentar a questão do estereótipo, debatemos a questão da sexualidade do gordo e seus relacionamentos, tendo como base pesquisas feitas pelo Hospital das Clínicas e expressivos números dos acessos nos blogs quando abordados os assuntos eróticos. Em relação ao preconceito contra pessoas gordas, apresentamos as vertentes dentro da questão do corpo feminino e como o feminismo enxerga a gordofobia em relação com o Movimento *Plus Size*. Finalizamos com uma análise dos discursos das blogueiras a partir da geração de Capital Social, a cultura interativa e a alteridade nas redes sociais por Santaella e a análise dos discursos da felicidade por Freire Filho.

¹ *Identidade ilegítima no meio de uma crise ideológica e tensões nas redes de consumo: Um estudo sobre o por que as marcas plus size são ilegítimas* (nossa tradução).

Nos quadros abaixo, apresentamos o panorama de nosso estudo, a primeira figura representa a evolução das silhuetas de corpos de 1920 a 2015 e a segunda figura os assuntos tratados que permearam o estudo do corpo gordo em nossa dissertação.



20 - A mulher ainda escondia seu corpo com roupas sem deixar aparecer a silhueta

30 /40 - Começa a exposição do corpo na praia

50 - O corpo das vedetes: cintura bem marcada e curvas

60 - padrão de corpo magro, fino e pequeno sem curvas

70 - época da rebeldia, as poses em catálogos de moda mudam

90 - Top Models

2010 barriga negativa

2000 mulher sarada

2015 plus size

Figura 1: Quadro evolutivo das silhuetas femininas de 1920 a 2015. (NECHAR 2015, p.60)



Figura 2: Os tópicos abordados na dissertação.

De acordo com as figuras acima cartografamos os estilos de corpos pelo viés dos padrões moda e logo em seguida assuntos abordados em nossa dissertação de mestrado, olhando para o fenômeno como um todo.

Nesta tese, olharemos para as complexidades do fenômeno comunicacional e temos como objeto de nossa investigação, os discursos que emergem das histórias de vida de mulheres que, de alguma maneira, tangenciam a moda *plus size* e que ressignificam suas vidas, mesmo com um corpo gordo diferenciado da cultura hegemônica.

Para esta tese, os objetivos são compreender, através das histórias de vida, as complexidades que emergem dos atuais fenômenos sociais e suas relações com o corpo gordo. É possível encontramos nas narrativas os elementos do processo de construção das potencialidades das mulheres que se fortaleceram a partir do movimento em prol do corpo gordo.

Perante estes diversos elementos e do novo modo de viver e pensar o corpo, questiono: como mulheres gordas, enfrentam os desafios de viver em uma cultura que enaltece o corpo magro e

despreza corpos gordos? Como em meio a tantas dificuldades e preconceitos, conseguiram agir de forma criativa na valorização de suas singularidades?

Frente a tal desafio, e olhando para os testemunhos das histórias de vida, podemos presenciar o surgimento da construção das singularidades que se intensificaram a partir do Movimento *Plus Size*, não só nas redes digitais, mas no cotidiano social, e isso fortalece a inclusão dos corpos gordos na sociedade e a expansão das potencialidades. Por essas histórias, entendemos que essas mulheres se vestiram de valentia, se fortaleceram e construíram um poder físico e emocional, construindo para si mesmas uma nova identidade.

Justifica-se esta tese inserida na linha de pesquisa Processos de Criação na Comunicação e na Cultura, pois tem como objetivo focar os processos culturais em suas diversas formas de mediação. Podemos entender nesses processos como são construídas as narrativas através das significações dinâmicas em que a complexidade está tanto no caráter geral das emergências quanto nas especificações da manifestação regional de um objeto cultural. Constrói-se uma compreensão do universo das mídias enquanto subsistemas da cultura, nos quais encontramos práticas culturais específicas associadas a fluxos comunicacionais que envolvem trocas, e transmissões e traduções são possibilitadas. Seu enquadramento está ancorado na ideia de cultura enquanto fenômeno emergente que se manifesta em diferentes mídias. Com isso, buscamos contribuir com a proposta de estudar diversas formas de produzir conhecimento por meio de uma cartografia dos processos comunicacionais e culturais.

As razões para esta tese de doutorado estão no fortalecimento do feminino gordo, da mulher gorda, do Movimento *Plus Size* e de outros movimentos em prol da diversidade de corpos e dos direitos de poder de escolhas sobre nossos corpos, como, por exemplo, *Body Positivity* e Lute como uma Gorda. Também esperamos impulsionar os estudos voltados ao mercado da moda para que haja mais inclusão dos gordos e nas mídias impressas, televisivas e virtuais, levando ao público mais silhuetas diversificadas e não somente corpos magros, como estamos acostumados a ver nas capas de revista. E ainda promover mais trabalhos acadêmicos em prol do corpo gordo, quebrando a imagem negativa que a gordura corporal recebeu nos últimos séculos.

Também acreditamos na importância de ampliar e intensificar os debates sobre as formas de representação dos corpos gordos, de modo a revelar características da estigmatização da qual

esses corpos são frequentes alvos. Esta tese poderá contribuir para o fomento de políticas públicas sobre a obesidade não como uma doença a ser tratada, mas como fenômeno social de caráter comportamental e identitário: “O obeso não pode habitar sua própria imagem sem ser depreciado, sem ser deslocado da sociedade, somente se emagrecer será considerado novamente na sociedade” (VIGARELLO, 2012 p. 335). Nas relações simbólicas da vida cotidiana, o gordo mostra-se tolerante com o grupo no qual está inserido. No grupo, ele é visto como um “bufão, mascote, confidente, saco de pancadas” ou mesmo o engraçado, “mas não poderá jamais tornar-se verdadeiramente membro como os outros”, sob a pena de ser rejeitado (FISCHLER, 1995, p. 76).

O diferencial apresentado nesta tese é o fenômeno cultural do corpo gordo através das histórias de vida de mulheres que sofreram alguma influência do Movimento *Plus Size*, e identificar, dentro da complexidade, as potencialidades que emergiram destas mudanças junto com as mudanças sociais.

E é através das histórias de vida das pessoas que pretendemos cartografar e relacionar nossa escuta com a narrativa do mundo *plus size*, pois é a partir delas que temos a subjetividade, a complexidade e a formação dos laços dos movimentos sociais e do movimento da vida. Acreditamos que, depois desta pesquisa, abrir-se-ão mais espaços de discussões e assuntos para seu fortalecimento.

Quando olhamos as para as mulheres, que são a maioria nas manifestações em prol do corpo gordo, também pensamos nas questões femininas relacionadas ao corpo e como os movimentos feministas se posicionam em relação aos protestos que questionam os padrões estéticos.

O movimento *plus size* inclui-se em ativismos que lutam contra o preconceito que as pessoas gordas vivenciam, está relacionado com a aceitação do corpo não midiático e posto de lado pela sociedade. O Movimento *Plus Size* em momento algum faz apologia à obesidade como doença ou sedentarismo. Trabalha-se diretamente com as questões da moda e do consumo, com a quebra dos paradigmas de que o gordo é relaxado e preguiçoso, e faz com que ele saia da posição de vítima e desabroche para enfrentar seus conflitos internos e crie uma consciência de si. Isto posto, pretendemos dar continuidade em nossa investigação sobre os efeitos de força e coragem resultantes dos discursos do Movimento *Plus Size*.

Nossos estudos sobre os discursos do Movimento *Plus Size* trouxeram mais visibilidade e fortalecimento com um suporte teórico consolidado. Não qualificamos este movimento como uma fase, mas como uma etapa crucial para o ressurgimento do prestígio e respeito de um corpo que é marginalizado. Os discursos não se limitaram somente às questões estéticas de modelo de beleza. O movimento vai além dos temas estéticos ou de numeração de roupa, ele trabalha com o emocional das pessoas, interferindo de alguma forma em suas vidas, tirando-as da posição de vítima para serem soberanas de suas vontades. O Movimento *Plus Size* agrega as relações sociais apaziguando conflitos, sejam eles internos ou não, e tirando o peso emocional dos corpos estigmatizados pela sociedade.

Defendemos a ideia da continuidade de nossos estudos em relação ao corpo gordo também pelos resultados práticos de nossa dissertação de mestrado, que se confirmam a partir de vários convites para palestras, fóruns de debates recebidos por entidades competentes e organizadores de eventos sociais voltados ao público *plus size* e que se interessam pelo bem-estar social, de citação em livros e em trabalhos acadêmicos, e também para entender que corpo é este que está ressurgindo das margens sociais. Todo o ser humano tem o direito de viver bem coletivamente.

As discussões sobre os aspectos levantados pelas histórias de vida que realizamos em nossa pesquisa contribuíram com estes encontros, palestras e discussões que até hoje fomentam diversos temas para nossa pesquisa atual, como, por exemplo, a questão do qual caminho as comunicações devem seguir para uma discussão mais assertiva, a fim de desmistificar o corpo gordo, e como realmente colocar em prática os poderes advindos dos movimentos para a emancipação do corpo midiático e social.

Acreditamos que as características dos discursos de poder deste universo são de cunho ideológico, pois abrangem a conscientização social na aceitação do corpo, independente dos padrões estipulados socialmente e na mídia. Pautado nos resultados de nossa dissertação de mestrado, através dos discursos das influenciadoras, percebemos valores de fortalecimento que se relacionam com os cuidados emocionais, com o respeito ao corpo e a conscientização de si, e isso gera uma coalizão, no sentido de unir-se para fortalecer sentimentos.

Fundamentado nas histórias de vida e em seus aspectos, os resultados das nossas discussões fomentarão as construções de subjetividade em conjunto, e das singularidades nas individualidades que são as maneiras de “sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar,

de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc.” (PELBART, 2000, p. 37). Já afirmamos em nossa dissertação de mestrado que as redes do universo *plus size* atuam no processo de construção de vidas que estão sendo formadas, e será a partir das histórias de vida que refletiremos sobre esses discursos, para fortalecer e encorajar as lutas sociais de um corpo que está em ascensão, consolidando assim as potencialidades do feminino.

Entendemos que o Movimento *Plus Size* é um meio pelo qual emergem uma afirmação de identidade coletiva e a organização dos corpos estigmatizados, que pode ser entendido como um fenômeno. Steve Johnson entende que a emergência se dá quando uma célula se organiza de baixo para cima, ou seja, de algo que está invisível, marginalizado, e agora se torna independente de qualquer iniciativa advinda do “núcleo principal” para assisti-lo (2003, p. 14). Assim é que entendemos a ascensão dos movimentos a favor do corpo gordo.

Como o corpo gordo feminino é o mais afetado por todos os discursos midiáticos pretendemos construir relações entre o feminino e o mito, e ainda com o divino feminino. Ao planejar a fundamentação teórica, o estudo sobre o feminino de Dulcinéia Monteiro (1998) se apresenta como um conceito interdisciplinar nas áreas da mitologia, história e psicanálise. A partir da imersão em seus conceitos, em especial o “feminino plural”, buscamos compreender as questões do feminino e das diversidades que este tema propõe. Monteiro nos revela a necessidade da mulher pela volta de seu sagrado interior para que ela seja completa e, assim, possa apoderar-se de si e de suas vontades. Monteiro aponta que “aos poucos, as mulheres foram perdendo esta conexão com o sagrado, foram deixando de ser mensageiras das deusas, tornando-se apêndices dos homens” (1998, p. 17). Isto nos leva a entender que, em algum momento da história, a mulher se perdeu. Perdeu o vínculo com suas fortalezas e acabou se desvalorizando, não só coletivamente, mas internamente.

Ao buscarmos o sagrado feminino e as potencialidades deste feminino a partir das histórias de vida, e percebendo que cada mulher que narra suas histórias possui características, estilos, personalidades distintas, conseguimos compreender sobre os mitos das Deusas. Cada história pode se associar ao conceito de um mito. Assim, podemos chamar esta de uma análise arquetípica feminina. Consideramos por arquétipo a definição de Carl Gustav Jung, que denominou arquétipo como uma estrutura profunda da nossa psique, do inconsciente coletivo. A palavra tem raiz grega significando “padrão original” de onde todas as formas são copiadas, podendo ser pessoas, objetos ou conceitos.

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que *uma facultas praeformandi*, uma possibilidade dada *a priori* da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma (JUNG, 2000 p. 91).

Os arquétipos são formados a partir de uma ou mais representações que se moldam em nossa mente, nunca são únicos na personalidade de uma pessoa, mas são vários.

Aqui também apresentamos Edward Whitmont que, através do seu estudo e desenvolvimento sobre o arquétipo mitológico da deusa, apresenta a ascensão deste mito que se “empobreceu” através do desenvolvimento dos novos costumes culturais. No livro *Retorno da Deusa* (1991), Whitmont apresenta aspectos complexos com relação a este assunto e, por isso, abrange várias implicações sobre os mitos. Whitmont afirma que “a Deusa é a guardiã da interioridade humana” (1991, p. 11). A partir da era do patriarcado, desvalorizaram-se os instintos, os sentimentos e as sensações, a intuição, a emoção das profundezas deste feminino. Através da leitura de Whitmont, pretendemos compreender os aspectos femininos de cada história de vida e notar como eles se refletem em seus corpos.

Compreender o corpo como mito e suas potencialidades se destaca a partir dos estudos de Stanley Keleman e Joseph Campbell em *O mito e o corpo* (1999). Os mitos possuem uma função prática dentro de nossa tese, “permitem que as pessoas organizem a experiência do próprio corpo” (KELEMAN, 1999, p. 6). Assim, ao ouvirmos as histórias de vida, podemos compreender melhor, através dos mitos, como cada história se corporificou e se identifica através de cada singularidade. A partir das metáforas que os mitos nos apresentam, baseadas nos corpos, podemos aprofundar cada repertório narrado para esta tese.

Outro estudo que trouxemos para esta tese são os escritos pelo próprio Joseph Campbell (2015) sobre o divino feminino. O divino feminino aparece na obra de Campbell apresentando uma transformação na vida humana através do mito das Deusas. Do mesmo modo que a Deusa nos oferece frutos e nutre a vida, também nos ensina o amor e a sabedoria espiritual, a fonte de energia.

Relacionar os poderes ao divino feminino é levantar as reflexões da sensibilidade e da singularidade que as formas femininas mitológicas trazem para a significação da mulher

contemporânea. Safron Rossi, o divino feminino é visto como um “dom e o desafio de nossa era”, pois ele “compreendia a relevância vital do espírito feminino e seu potencial criativo para dar nascimento a formas míticas e geradoras de significado para as experiências da mulher” (in CAMPBELL, 2015 p. 15). Isto posto, propomos um resgate das energias criativas da natureza, algo que a vida cotidiana, de certo modo, desviou de nós.

Trazendo para a realidade de nossa tese, nas mulheres contemporâneas, as deusas existem como arquétipos e podem reivindicar seus interesses na sociedade. Mesmo sem saber identificar a qual \anima ou deusa sua personalidade se refere, a mulher traz em seu âmago o arquétipo da “Deusa Transformadora”, pois sempre estamos sujeitos às modificações e transformações corporais em nossas vidas, como a adolescência, a geração de filhos, as mudanças drásticas de hábito, o casamento, a morte de um ente querido, que modificam totalmente nossos sentimentos, percepções e comportamentos.

Uma vez que a mulher se torne consciente das forças que a influenciam, ela obtém o poder que o conhecimento proporciona. As "deusas" são forças poderosas e invisíveis que modelam o comportamento e influenciam as emoções. O conhecimento delas no interior das mulheres é um ramo novo de conhecimento sobre as mulheres, ramo este que vem crescendo. Quando a mulher sabe quais "deusas" são as forças dominantes no seu íntimo, ela adquire autoconhecimento a respeito: a) da força de certos instintos; b) das prioridades e habilidades; e c) das possibilidades de encontrar significado pessoal através de escolhas que nem todos poderiam encorajar (BOLEN, 1990).

O invisível é a potência interna do feminino. Suas forças internas podem vir de seus instintos, habilidades e da força de ajudar e olhar para os outros. São essas as forças e poderes que emanam do poder feminino.

Ao olharmos para as forças que emergem das mulheres, olhamos para suas potencialidades que constroem o poder de pertencer a si. Observamos o potencial destas histórias através dos Tipos de Poderes classificados por James Hillman, que entende o poder como a sutileza das ideias, como uma forma sutil de exercer determinadas influências. Um dos tipos sutis de poder é o Carisma, “uma graça apartada da fama popular, da celebridade, das realizações notáveis [...], seus fãs permaneçam fiéis. O poder carismático dá esplendor ao *showman*, elevando-o em certos momentos ao status de xamã” (HILLMAN, 2001, p. 167). O autor apresenta uma diversidade de poderes, mas o tema central é a ideia de um poder sutil, com suas nuances, aptidões e estilos.

Gilbert Durand nos ajudará a entender as estruturas do imaginário que explicam “as conexões imaginativas” (2002 p. 22) que valoriza o conjunto simbólico, compreendido como constelações em que as imagens se apresentam em relação com as manifestações humanas. Edgar Morin (2015) será o Norte para entendermos a complexidade do fenômeno que emerge em nossa sociedade. Denise Sant’anna (1995), (2001), (2013), (2014), (2016) e Georges Vigarello (2006), (2012), (2016) entre outros autores, fornecerão o estudo histórico da ascensão e queda do corpo gordo.

O método para esta tese consiste em cartografar as memórias a partir das histórias de vida das narrativas de quatro mulheres que se relacionam de alguma maneira com o Movimento *Plus Size*. Como nossa tese está incluída na linha de pesquisa de processos de criação na comunicação e na cultura, nos abre o leque para diversas formas de criação em consonância com a construção de um sistema dinâmico de significações nos ambientes. Isso permite uma maior compreensão cultural de um fenômeno.

O método de análise de história de vida faz com que o pesquisador busque, nas memórias de cada indivíduo ou de cada situação ouvida e analisada, a “essência da subjetividade” e da singularidade da vida de uma pessoa. Algo em que fomos privilegiados para esta pesquisa, pois tivemos fácil acesso as entrevistadas, em uma troca de confiança, já que este método pressupõe a existência de vínculos entre os autores (NOGUEIRA *et al*, 2017), pelos fatos de a pesquisa ser qualitativa e oferecer autonomia à pessoa que narra de contar abertamente sobre suas lembranças em relação a tema do pesquisador.

Leão, em seu artigo “Memória e Método: complexidades da pesquisa acadêmica em processos de criação”, “o pesquisador é livre para eleger uma ou várias obras para a discussão” (2016a, p. 121). Por isso, podemos tecer um diálogo entre diversos autores e traçar relações para em busca das singularidades dos processos.

Então elencamos etapas distintas para esta metodologia. Primeiro fizemos os levantamentos bibliográficos básicos para a proposta. Em seguida, selecionamos as histórias de vida, conduzindo os depoimentos, ouvimos os pontos relevantes e os destacamos. Nesta fase, deixar a entrevistada à vontade é primordial para que ela sinta segurança e fale com fluidez sobre sua vida. Estar com cada uma delas exigiu atenção, tempo, dedicação e tranquilidade.

Após a entrevista, vem a fase da transcrição. Nesse momento, às vezes, percebemos que faltou algo e precisamos voltar a algumas entrevistadas, através de conversas rápidas, para a melhor compreensão da informação. Seleccionamos e ouvimos certos pontos diversas vezes, para destaca-los.

O terceiro momento é a análise. Refletimos sobre os dados para os podermos cartografar. Entende-se o conceito de cartografia: “Pensada a partir do conceito de visualização da paisagem de dados, essa proposta coleta também o relato das aventuras vivenciadas pelos participantes para encontrar as zonas de confluências por meio de imagens, textos e mapas” (LEÃO, 2004, p. 177). Assim podemos analisar os relatos das entrevistas e elencar pontos de consonância) ue ligam uma história a outra e construir um mapa.

Em nossa análise, a partir dos relatos, emergiram pontos de consonância entre as histórias e, através deles, elegemos os critérios pelos quais cartografamos as histórias de vida.

Esta tese é estruturada em três capítulos, além das considerações finais, que também propõe novas discussões. O primeiro capítulo apresenta informações sobre o feminino e o divino feminino. A partir das teorias, dos mitos e do divino feminino apontamos para a importância da retomada deste poder “mágico”, que compreendemos desta leitura, e a necessidade da retomada desta força para a leitura do feminino no início do século XXI. Essa força foi elencada a partir do que percebemos dos poderes sutis que, por muitos anos, serviram de alicerce para outros tipos de poderes, principalmente daqueles controladores.

Deste modo, pudemos notar que pelo viés do imaginário, construímos mitos, os corporificamos e por eles contamos nossas histórias através do corpo. Entender os mitos também nos ajuda a compreender esta jornada. É aí que incluímos o corpo gordo, que foi, há muitos anos, cultuado como sagrado e, na nossa contemporaneidade, vem tentando ressurgir. Mesmo assim, se tornou um corpo estigmatizado e com referências negativas em nossa sociedade.

Para amenizar o fardo que é ser gordo em uma sociedade preconceituosa (gordofóbica), vários movimentos em prol do corpo gordo surgiram, entre eles o Movimento *Plus Size*. Este movimento ajudou a dar visibilidade a mulheres gordas, como as que contam suas histórias de vida nesta tese.

No segundo capítulo, apresento as histórias de vida de quatro mulheres que, de uma forma ou de outra, sentiram em seus corpos situações que as fizeram refletir sobre como é viver em um corpo que diverge dos princípios sociais e midiáticos. Cada uma delas narrou situações que as fizeram repensar seus corpos, situações constrangedoras, tristes, e nos contam como cada uma lidou com as dificuldades, que por vezes a afastaram do seu potencial feminino. Cada uma lidou de maneira diferente com os acontecimentos e com seus corpos, e isso nos fez enxergar suas potencialidades e suas singularidades.

No terceiro capítulo, analisamos as jornadas de vida a partir dos pontos em que cada história se aproxima ou diverge das outras. Estes pontos incluem o prisma dos ambientes familiares de cada uma, os momentos de descoberta e o primeiro olhar para este corpo gordo, os diversos movimentos sociais e as construções de suas identidades e singularidades.

Apresentamos, pelas histórias de vida e pelas construções de subjetividades, um modo singular de viver e pensar o corpo gordo. Embora ainda existam modelos, é possível encontrar a emergência de uma subjetividade que valoriza outros corpos, a qual defende que não é necessário seguir modelos, que as mulheres podem e devem lutar pelo direito de escolha e desenvolver suas próprias singularidades.

1.1. DOS MITOS ÀS POTÊNCIAS: O CORPO GORDO FEMININO EM QUESTÃO

Neste primeiro capítulo apresento uma revisão dos conceitos de feminino, corpo e símbolo, e corpo gordo. Para Dulcinéa Monteiro (1998), o feminino é entendido como uma força atuante da psique humana que circunda os mitos e os arquétipos do divino feminino. As relações entre mito e corpo serão analisadas segundo Stanley Keleman (2001), Joseph Campbell (1989) (2015), Edward Whitmont (1991) e Carl G. Jung (2000). O corpo gordo enfrenta diversas dificuldades sociais, entre elas o estigma de ser de ter um corpo dissidente e a gordofobia, que serão discutidos pelo olhar de Erving Goffman (2004) e Maria Luisa Jimenez Jimenez (2000). Sobre inclusão social com um corpo gordo através de movimentos sociais, como é o caso do Movimento *Plus Size*, Patricia Nechar (2015) e Aliana Aires (2019).

1.1.1. Os mitos e arquétipos femininos

Ao falarmos sobre o feminino nesta tese, mais especificamente o feminino em um corpo gordo, não estamos falando da questão de gênero ou de sexualidade, como masculino e feminino, mas de uma questão de voz interna em qualquer ser humano, de todos. Não estamos em oposição ao masculino, ou a um corpo magro, esbelto, nem fazendo apologia à obesidade. Buscamos apresentar o resgate do feminino para, a partir dele, reconquistar as potencialidades de sermos quem quisermos ser, em todos os sentidos, e sempre respeitando uns aos outros. A partir do momento em que damos voz ao feminino, conseguimos remodelar algumas estruturas internas e nos recolocarmos efetivamente.

O feminino aqui é a potencialidade simbólica que foi abafada por muitos anos. Para podermos entender sobre esta linguagem simbólica, buscamos o pensamento do mitólogo Joseph Campbell, que trabalhou a mitologia no aspecto das vivências humanas, baseando-se nas teorias de Carl Gustav Jung na relação com a estrutura da psique humana.

Para Campbell, a “expressão simbólica” é uma linguagem utilizada para se expressar uma verdade. Esta linguagem simbólica se expressa através dos mitos e dos rituais, pois, através deles, podemos interpretar as várias manifestações humanas. “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (CAMPBELL, 1989, p. 11).

Entendemos que estes mitos, ritos e símbolos exercem funções que se organizam dentro da nossa cultura. Campbell apresenta quatro funções. Uma função Mística ou metafísica: “o mundo se abre para a dimensão e a consciência e dos mistérios compreendemos as coisas da vida” (PIRES, 2008, p. 16). Uma função Cosmológica, que “demonstra qual é a forma do universo. Apesar de presente, a ciência não detém todas as respostas, pois ainda existem mistérios, como a morte e o que virá depois dela” (PIRES, 2008, p. 17). Uma função Sociológica, que “determina a ordem social que varia de lugar para lugar, validando determinada ordem social” (PIRES, 2008, p. 17). E uma função Psicológica, que:

Ensina a viver uma vida humana, em qualquer circunstância. Sua função é moldar os indivíduos conforme os objetivos e ideias dos diversos grupos sociais, sustentando-o desde o nascimento até a morte, por todo o curso da vida humana (PIRES, 2008, p. 17).

Logo, mitos, ritos e símbolos servem para entender que a mitologia está presente em nossas vidas de maneira natural e que, através deste olhar simbólico, podemos interpretar a nossa sociedade, os outros e a nós mesmos. Tanto que, através dos mitos, também podemos percorrer o nosso caminho simbólico.

Para tentar descrever como o feminino floresceu, Joseph Campbell, através da imaginação mítica, nos direciona para as potencialidades do divino feminino. Nosso ponto de partida é a Vênus de Willendorf, a mais famosa estatueta, medindo somente 10 centímetros. Foi feita em algum momento 30 mil anos a. C., aproximadamente, e tem um papel importante dentro da representação do feminino no Paleolítico Superior. A magia é irrigada a partir da fertilidade, o ser capaz de gerar outro ser. As estatuetas encontradas na pré-história retratam as partes femininas relacionadas com a procriação, como seios fartos, que representam a capacidade de alimentação, e os quadris largos, que facilitam o parto.

Para entendermos a representação simbólica desta estatueta, recorreremos a Campbell. A mulher foi o primeiro ser humano a ser adorado e cultuado como “deusa” devido a essa capacidade dada pela natureza da procriação (2015, p. 37). Portanto, o mito feminino na era paleolítica possui formas curvas e representam, em geral, deusas que apontam para a capacidade da fertilidade, como a terra que prove os alimentos:

Seu corpo é sua magia: ela invoca o masculino e é também vaso de toda vida humana. A magia feminina é, portanto, básica e natural. O masculino, por outro lado, é sempre representado por um papel, desempenhando uma função, fazendo algo. E, de fato, até os dias de hoje abordamos e contemplamos a mulher em termos de sua beleza, mas o homem em termos do que ele consegue fazer, o que ele faz, qual é seu emprego (CAMPBELL, 2015 pp. 18-19).

A representação do feminino como mágico é algo natural, próprio da natureza deste ser. Já está intrínseco, como a representação da beleza, da fertilidade, dos cuidados com a sua cria, dos cuidados da natureza feminina, “uma vez que a magia da Terra e a magia das mulheres é a mesma – dar a vida e nutri-la –, não só o papel da Deusa se tornou central na mitologia, mas o prestígio das mulheres das vilas cresceu em igual medida” (CAMPBELL, 2015, p. 21). Tanto que o autor aponta este momento como o que mais se aproxima do matriarcado. O matriarcado aqui possui uma representação mais voltados ao psicológico do que ao sociológico. Visto que na era da Deusa Mãe Criadora. “a posição social de um ou de outro dos genitores é vista, aqui, como expressões secundárias” (WHITMONT, 1991 p. 60).

No entendimento social, o matriarcado, é um sistema no qual a mulher exerce autoridade tanto na família quanto em sociedade. As mulheres, em algumas culturas antigas, teriam sido líderes tribais e familiares, e seus poderes eram passados de mãe para filha, ou para algum outro membro do sexo feminino. O mesmo se repete com relação ao culto das divindades. Por isso, o matriarcado está diretamente ligado às relações e adoração de deusas femininas, da “Deusa Mãe”, diretamente ligado à fertilidade e à maternidade.

A Deusa Mãe é representada como mito feminino. Para Campbell, os deuses e deusas representam os princípios místicos das possibilidades das experiências humanas e se adaptam às diferentes culturas de acordo com as necessidades da vida espiritual de cada costume. “Os mitos que representam os níveis invisíveis da psique sofrem inflexões” (2015, p. 270). Dependendo da cultura, a ênfase da potencialidade das deusas recai ou na cultura, ou na espiritualidade, ou na natureza. “Quando se tem uma cultura da mitologia da Deusa, é a Mãe Natureza quem fala mais alto, e a mitologia da Mãe Natureza é profunda; ela é universal (CAMPBELL, 2015, p. 270).

Trazendo esta estrutura mítica para a tese, a Mãe Natureza, como mitologia, é o resgate que vai além da forma de um corpo. São as potencialidades de uma mulher gorda que ficam ocultas em

uma sociedade gordofóbica, e veio a ascender através de várias representações que foram emergindo no seu meio ambiente.

A representação das deusas vai além da magia da fertilidade, da nutrição e da fecundidade. Suas referências transpassam a linha do tempo e ganham mais significação. As deusas representam o aspecto humano, com seus defeitos e suas virtudes. Suas características emocionais são muito parecidas com as humanas. As histórias das deusas, por exemplo, passam por momentos de sofrimento, por emoções como inveja e medo, representam as fraquezas humanas através das metáforas de suas histórias. Além disso, as deusas são representadas através da arte, das ideologias, das identidades, enfim, através das diversas manifestações do ser. Sendo assim, entendemos que estas deusas, pelo fato das similaridades com o comportamento humano, não são só divinas, mas também profanas.

As representações mitológicas possuem semelhanças referenciais cheias de sentidos, de diversos significantes que, através das metáforas, podem conduzir nossas atitudes, ideias e, às vezes, trazer mais sentido às nossas vidas. Por isso, a representação dos arquétipos e estereótipos são significativos para a presença do feminino e, mais adiante, para o corpo feminino gordo.

Carl G. Jung denominou arquétipo uma estrutura profunda da nossa psique, do inconsciente coletivo. A palavra tem raiz grega, significando “padrão original” de onde todas as formas são copiadas, podendo ser pessoas, objetos ou conceitos. Tudo o que pode ser copiado.

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que *uma facultas praeformandi*, uma possibilidade dada *a priori* da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma (JUNG, 2000 p. 91).

Em seu livro *Os arquétipos do inconsciente coletivo* (2000), Jung transcende ao modelo da forma e acrescenta que os mitos, como personagens, estão de certa forma no inconsciente coletivo das pessoas. Os arquétipos representam o motivo pelo qual fundamentamos nossas experiências. Monteiro, baseada em Jung, conceitua que “arquétipos são forças atuantes na psique, elementos dinâmicos e energéticos que atuam como deuses vivos em nosso interior, fornecendo padrões de comportamento, emoções e experiência” (1998, p. 23).

Por isso damos a devida importância para os estudos dos arquétipos, do feminino, das representações simbólicas e de como isso atua na trajetória das histórias de vida das mulheres que compartilharam um pouco de suas histórias. Seus corpos são diferentes dos padrões e modelos pedidos pelos discursos dominantes, inclusive a moda, a medicina e a sociedade em si.

Para Jung, as representações arquetípicas e simbólicas são mutáveis de acordo com o estágio ou acontecimento da vida de uma pessoa:

É inútil decorar uma lista de arquétipos. Estes são complexos de vivência que sobrevivem aos indivíduos como destino e seus efeitos são sentidos em nossa vida mais pessoal. A *anima* não vem ao nosso encontro como deusa, mas sim como equívoco talvez sumamente pessoal, ou como a maior ousadia (JUNG, 2000 p. 39-40).

O que Jung expressa nesta passagem é que cada pessoa dá o sentido da sua “deusa” a medida que o momento na trajetória de sua vida, o momento de sua história. Podemos exemplificar que não necessariamente um mito possa ter a representação da fertilidade com o nascimento de um filho, mas sim ter significantes variados em cada etapa dos acontecimentos da sua vida, como a fecundidade de ideias ou a ascensão no trabalho, entre outras significações pessoais.

Também podemos interpretar a *anima* como a força que nos tira das representações sociais, que nos faz sair de um lugar comum, ou de situações comuns do cotidiano, e nos faz pegar um caminho melhor.

Aqui cabe incluir minha interpretação da teoria Carl Jung sobre *anima* e *animus*: são distintos mas, ao mesmo tempo, complementares e fazem parte das nossas potencialidades psíquicas. *Anima* (do latim “alma”) é o lado feminino da personalidade do seu gênero oposto; *animus* (“espírito”) é o lado masculino da personalidade de seu gênero oposto. Ou seja, são representações inconscientes, internas, de potências opostas que nos impulsionam.

Jung também discorre sobre como, ao longo do tempo, as pessoas se esqueceram da alma e da sua importância para a representação dos mitos. Na antiguidade, muito se relacionava os mitos com os acontecimentos da alma, e atualmente ocorreu um afastamento.

Mais precisamente pelo fato este processo ser inconsciente é que o homem pensou em tudo, menos na alma, para explicar o mito. Ele simplesmente ignorava que a alma contém todas as imagens das quais surgiram os mitos, e que nosso inconsciente é um

sujeito atuante e padecente, cujo drama o homem primitivo encontra analogicamente em todos os fenômenos grandes e pequenos da natureza (JUNG, 2000, p. 18).

Mais adiante o autor descreve a importância da alma em relação ao mito e como ela é importante para a representatividade deles.

O que quer que uma explicação ou interpretação faça com o mito, isso equivalerá ao que fazemos com nossa própria alma, e haverá consequências correspondentes para o nosso próprio bem-estar. O arquétipo – e nunca deveríamos esquecer-nos disso – é um órgão anímico presente em cada um (JUNG, 2000, p. 161).

Podemos interpretar nesta passagem que o ser humano às vezes se esquece de olhar para si, entender seus próprios sentimentos, e que, de uma forma ou de outra, abafamos nosso interior e vivemos ouvindo só o exterior.

Mais adiante, e não menos importante, o autor comenta sobre a questão da separação de cada arquétipo e que isto é impossível, pois um é inerente ao outro, indissolúvel e inseparável, complementar ao outro:

É praticamente impossível arrancar um arquétipo isolado do tecido vivo da alma e seu sentido, mas apesar de seu entrelaçamento, os arquétipos constituem unidades que podem ser apreendidas intuitivamente. A psicologia como uma das múltiplas manifestações de vida da alma opera com ideias e conceitos que, por sua vez, são derivados de estruturas arquetípicas, gerando um mito algo abstrato (JUNG, 2000, p. 179).

O que percebemos é que, nas histórias de vida em busca do feminino, o que se destaca são as percepções e os momentos dos processos de transformação. Nenhum acontecimento é isolado, é sempre uma sequência de fatos e fatores, eventos e ações que culminam em reflexões conjuntas e potencializam as mudanças.

O Movimento *Plus Size*, de uma maneira ou de outra, faz parte do percurso de cada uma dessas histórias, se manifestando em diversos graus, com menor ou maior importância, durante suas trajetórias de vida.

1.1.2. O retorno do feminino e o início do século XXI

Com o enfraquecimento dos laços com o feminino, desvalorizamos a conexão com as energias que movem algumas de nossas potencialidades. Entendemos, pelas leituras de Paiva (1989)

e Whitmont (1991), que essas conexões foram se perdendo ao longo da era da sociedade patriarcal, que advém de uma cultura na qual as mulheres são submetidas às condutas em torno da obediência do homem. A cultura do patriarcado “valorizou o senso comum, padronizou os valores de uma comunidade (...) Mas o seu caráter público torna sua categoria mais rígida” (PAIVA, 1989, p. 21). Whitmont interpreta o patriarcado como um ego heroico, “defensor da ordem” (1991, p. 98), obediente às leis de seu senhor, que são inquestionáveis.

Ainda segundo Whitmont, o ego patriarcal sai em busca de conquistas, pois “seu senso de identidade repousa em seu poder de defender a ordem” (WHITMONT, 1991, p. 104) mas, por outro lado, existe o “impulso para o poder” e esse aspecto negativo causa sentimentos de “ansiedade, a possessividade, a inveja, o ciúme e a compulsão de dominar e conquistar são as marcas registradas do ego patriarcal” (WHITMONT, 1991, p. 104).

É possível entender que o ego patriarcal, ao qual está ligado a Era do Patriarcado, possui um lado heroico, com características idealizadas nas lutas, nas conquistas, defensor, mas também possui um lado opressor. Isso pode vir a se refletir em alguns aspectos dos costumes de uma sociedade e abafa o lado feminino, que perdeu a conexão com a sensibilidade, com o lado mágico, que não sabe mais “reconhecer facilmente as energias sutis, e por isso ela não se sente tão segura diante alguns sentimentos internos” (MONTEIRO, 1998, p. 32).

Compreendemos que, quando ficamos a mercê de uma cultura onde o ego heroico predomina (patriarcado), perdemos contato com nossa “psique instintiva” (MONTEIRO, 1998, p. 32), que é o elo das potências do feminino e que acabam caindo em desuso, e não se reproduzem como realmente podem se expressar.

Entendemos, portanto, que tanto o homem quanto a mulher estão em desvantagem quando falamos sobre a perda das potencialidades femininas, pois é a nossa capacidade de transformar sonhos em ideias, de onde vêm as possibilidades de “vir a ser” (MONTEIRO, 1998, p. 32).

O abafamento destas sutilezas do feminino transformou a mulher em submissa ao poder do homem, mas, devido aos movimentos feministas e suas diversas vertentes, vieram mostrar à sociedade o sentimento de frustração diante do desenvolvimento das suas potencialidades. As conquistas das mulheres no âmbito social já estão sendo obtidas no mercado de trabalho, nos direitos sociais e políticos, entre outras situações de igualdade que a mulher busca. Mas ainda

estamos em busca de algo mais interno, que é realmente se apoderar das conquistas femininas e feministas internamente. Tomar posse dos nossos direitos e buscar a consciência do equilíbrio entre as realizações políticas e sociais e nossas identidades como mulheres. De certo modo, ainda estamos inseguras de não conseguir conciliar a casa, a família, os estudos e o trabalho de uma maneira impecável e se apresentar fisicamente perfeita também.

Amenizar essa angústia contemporânea da alma feminina “está no retorno da Deusa”, constitui uma representação simbólica e poderosa que impulsiona configurações energéticas, trazendo respostas para o nosso viver que estão além do pensamento racional e abstrato, respostas estas articuladas às nossa instintividade e emoção. O dinamismo do arquétipo feminino nos levará a seus “próprios fundamentos”. A mulher precisa “vivenciar a sua verdadeira potencialidade” natural, e o importante é nos mantermos fiéis a nós mesmas (MONTEIRO, 1998, p. 69).

O dinâmico feminino se conecta com essas diversas facetas das deusas que, devido a essas características serem tão parecidas com as humanas em seus defeitos e virtudes, permite-nos espelhar nelas e, assim, experimentar outras realidades, fortalecendo nosso potencial.

1.1.3. As potencialidades do feminino

James Hillman (2001) explora as potencialidades como sutis nuances da capacidade. Como vimos acima, a potência do feminino está nas sutilezas dos nossos instintos, da alma feminina que está sendo abafada por tantos deveres do feminino na era patriarcal e o quanto fomos capturados por isso.

Além do feminino, nossa tese apresenta quatro histórias de vida de pessoas que passaram pela questão do estigma social por serem gordas ou terem um corpo que não se encaixa nos padrões estipulados social e midiaticamente. Ao analisar estes discursos, notaremos as potencialidades que emergem do feminino gordo.

O conceito de potencialidade que apresentamos para esta tese advém do potencial de cada pessoa. A palavra potencial pode ser interpretada como aquilo que “pode vir a ser”, que existe como potência e não como algo real, algo “que está em potência, que não atingiu plenamente

suas tendências inatas ou intrínsecas ou sua forma final”². Pelo dicionário de sinônimos, encontramos oito sentidos para a palavra e mais quarenta e dois sinônimos. Notamos que o que mais se aproxima do que entendemos para esta tese sobre potencialidade e potencial é algo que está interno, que pode vir à tona em nós quando precisamos ou menos esperamos.

Esta potencialidade é um tipo de poder que está intrínseco ao feminino e a suas pluralidades. Essas pluralidades são as diversas características das deusas, reflexo dos defeitos e virtudes do ser humano.

James Hillman explora em seu livro “Tipos de Poder” (2001) as diversas características de poder em relação a inteligência de mercado. O autor utiliza-se da linguagem de poder a partir dos arquétipos de Carl Jung. A linguagem de poder como a conhecemos está relacionada com a política e com a religião. Desde Platão, passando por Aristóteles, Sócrates e Maquiavel, o poder é direcionado às questões governamentais, relacionamentos com outros chefes de Estado e com a persuasão do povo.

Hillman pensa como o poder é exercido de maneira hierárquica, do dominador para o subordinado, ordem que vem do que está cima para o que está abaixo, de maneira vertical. Os poderes horizontais, como ele exemplifica, são o “absolutismo da igualdade” (2001, p. 105).

O autor amplia a ideia de poder. Por isso, o modo como entendemos também parte da prática das sutilezas de como ele é exercido. Mas não nos referimos ao poder focado no controle governamental sobre as pessoas. O que focamos aqui é algo mais profundo, visto pela ótica do mito. Tratamos de um poder que transpassa os “estilos, aptidões e nuances”:

Se eu definir o poder apenas como “controle” jamais conseguiria abandonar o controle sem medo de perder o poder. Levado por este conceito à vigilância paranoica, aos exercícios competitivos e às exibições de liderança explícita, jamais descobrirei o sutil poder da influência, da autoridade, da generosidade ou da resistência paciente (HILLMAN, 2001 p. 22).

É através desta sutileza que se apresentam nos diversos tipos de poder que detenho meu olhar pois, ao analisar as histórias de vida colhidas, percebo, nas jornadas, a presença de alguns tipos de poder que agiram sutilmente em determinados momentos. Hillman fala do poder como uma

² Dicionário digital Aulete. Palavra “potencial” <http://aulete.com.br/potencial>.

virtude dos fenômenos do imaginário coletivo em sua totalidade como controle, prestígio e influência voltado aos negócios, mas todos os tipos de poder exigem uma certa sutileza para exercê-los.

Podemos entender que o poder sutil está mais ligado às características femininas. Não se apresenta como uma autoridade, mas permite, compartilha para que os outros possam exercer. Por muitos anos, a mulher ficou com cargos secundários e, diversas vezes, teve que “recuar”, eram consideradas uma “matéria inferior passiva” (HILLMAN, 2001, p. 200). A mulher era vista como um elo fraco da humanidade, aquele que não tem direitos, mas somente deveres; aquela que “potencializa” o outro, mas não pode ser potência. Portanto, sua força deve ser “despotencializada”. Para continuar lutando, usam do poder sutil de seguir em frente: “imaginadas não tanto como fraquezas, mas como momentos que exigem uma força épica, semelhante à de Deus” (HILLMAN, 2001, p. 201).

O poder vem das sutilezas das *ideias* e pode ir além do conceito de poder comumente definido como *controle*. Essas *ideias* são os arquétipos apresentados socialmente em determinadas situações ou na personalidade das pessoas: “É o poder das ideias que constitui seu conteúdo latente. Pois enquanto você e eu cogitamos e meditamos, estamos o tempo todo comprometidos não com uma coisa ou fato chamado ‘poder’, mas com *ideias*” (HILLMAN, 2001, p.16).

Pensar sobre novas formas de poder talvez seja um modo de pensarmos em diversas soluções, para diversos problemas, entre eles a questão do mito. E Hillman nos questiona: olhar para o mundo interior não é um grande desafio? “A mais difícil de todas as tarefas da consciência heroica é olhar para dentro, para o seu próprio ímpeto” (HILLMAN, 2001, p. 43). Desta maneira, tanto para o herói quando para a deusa, na atualidade do século XXI, “olhar para dentro” é umas das mais difíceis ações. A partir do olhar para dentro é que teremos contato com a alma feminina que está desconectada e esquecida dentro do ser humano.

É importante notar que, Hillman cita o poder a partir da visão fenomenológica, o recorte do autor não explica o que “é”, onde “começa” ou onde “termina” este poder. Ele nos apresenta o fluxo, a ideia que este poder percorre, como ele se mostra a partir dos pontos em que nós os vemos. Isso também indica um caminho a percorrer nesta tese, ao apresentarmos as histórias de vida como os diversos caminhos percorridos na busca pelo bem-estar físico e social da mulher gorda. A leitura que Hillman faz sobre o fenômeno poder nos apresenta os diversos

caminhos que este poder pode percorrer: a partir do controle, da ambição, da persuasão e também do poder sutil.

O autor explica que as teorias buscam sempre explicar, objetificando as estruturas do poder para o bem *versus* o mal; o dominante *versus* o dominado. As teorias sempre partem de modelos prontos, isolando e definindo o que é o poder, diferente do olhar fenomenológico atravessado pelos mitos: “os mitos ampliam e complicam (...). Os mitos acrescentam informações aos fenômenos e oferecem *insights*. Eles fornecem imagens, enigmas, humor” (HILLMAN, 2001, p. 107).

A narrativa mítica é a que mais se aproxima da narrativa das histórias de vida, pois é subjetiva e recheada de “paixões, sentimentos, hábitos e atitudes” (HILLMAN, 2001, p. 108). A narrativa mítica “nos permite comparar atos, pessoas e qualidades” (HILLMAN, 2001, p. 108), que nos fazem “pensar, questionar e imaginar” (HILLMAN, 2001, p. 109). Qualquer forma de poder mítico não possui o absolutismo do bem ou do mal. O mito transpassa esses valores e é capaz de afetar “nosso pensamento e comportamento para chegarmos mais perto possível de conhecer” (HILLMAN, 2001, p.110-111) a quem somos e nossa possibilidade de poder.

Hillman propõe que, a partir dos mitos, possamos desconstruir a ideia de poder e, a partir disso, construir novas crenças e redescobrir “valores que há muito tempo estava esquecidos” (HILLMAN, 2001, p. 111), e nos traz uma hipótese que pode até ser romântica, altruísta, idealista: o que ele discute não é o poder em si, mas a ideia do que possa ser o poder. É interessante notarmos que (re)descobrir alguns valores internos nos leva ao propósito desta tese, que é olharmos para dentro e reencontrar, ou encontrar pela primeira vez, diversas maneiras de buscar o feminino como potência dentro de nós. Hillman escreve sobre colocar estes poderes ao nosso favor, lidar com estas forças que agem sutilmente dentro de nós, as vezes nos fazendo recuar, mas também resistir ou avançar. São manifestações que nos conduzem a pensar e sentir: “reconhecer as sutilezas do poder (ou dos poderes – comentário nosso) que reside nas ideias de poder” (HILLMAN, 2001, p. 205). Neste campo borbulhante de ideias é que se encontra nosso potencial de produção. Nossa capacidade de construir, conceber, elaborar, descobrir, redescobrir a potência que está em nós, as “confluências de várias forças” (HILLMAN, 2001, p. 204) para nos dar força para desabrocharmos. Para finalizar, o observa que o poder mais importante é aquele que advém dos prazeres de usufruir a beleza dos pequenos prazeres da vida, como sentir as cores e os sabores, o bate-papo e o afeto das amigadas. E isso “é o

grande poder que movimenta o cosmo” (HILLMAN, 2001, p. 197). Ou seja, a real essência do viver. Essas potencialidades são representadas nas histórias de cada corpo, e cada corpo possui uma história que pode ser representada através da imagem mítica que cada um constrói sobre si.

1.2. MITO E CORPO GORDO

Ao pensarmos sobre as potencialidades e as singularidades que emergem das histórias de vida, podemos olhar o corpo pela ótica do mito. Pela leitura de Keleman no livro *O mito e o corpo: uma conversa com Joseph Campbell* (2001), compreender o corpo através do mito é entender os processos do corpo no mundo.

Buscamos olhar algumas passagens das histórias de vida através do mito para entender a construção das relações das entrevistadas com seus corpos e suas singularidades, pois vivemos em uma sociedade onde os padrões de beleza são imperativos e subestimam corpos destoantes. De qualquer forma, o respeito pelas escolhas dos outros é um ponto ao qual devemos nos ater, pois sabemos que, ao longo de toda a história, os padrões se reconstroem e se reformulam.

Apresentamos, nesta tese, histórias de pessoas que possuem corpos que subvertem a ordem hegemônica. São representações de um corpo que é questionado devido ao seu formato redondo, robusto, cheio de excessos. É através do corpo que passa toda a história de vida de uma pessoa. É este o corpo que busco entender como o mito pode ser retratado pois, a partir dele, se representam todas as experiências, nossa genética e nossa identidade.

Para Keleman, “o mito é dado a partir do corpo” (2001, p. 25), ou seja, é a partir do corpo que podemos demonstrar o que somos.

A imagem mítica é o corpo falando a si mesmo a respeito de si mesmo. Os mitos são os *scripts* das nossas formas genéticas em linguagem social. São padrões de corporificação: eles nos mostram como fazer da nossa dotação natural biológica herdada de uma forma pessoal (KELEMAN, 2001, pp. 25-26).

Podemos entender que, pelos mitos, é possível criar uma organização estrutural do que entendemos sobre nós mesmos, por eles concretizamos uma ideia de corpo social.

Keleman e Campbell discutem sobre a imagem mítica de corpo a partir das histórias de heróis, para ajudar a interpretação pessoal de cada um, e através das experiências de vida, da busca da identidade, das interações sociais e como nos comunicamos através do corpo.

Os seres humanos sempre estiveram ligados ao mágico e ao mítico, não apenas para organizar um senso de espaço, continuidade e identidade, mas também para organizar

uma maneira de agir e se comportar. Nesse sentido, as pessoas sempre contaram histórias de heróis, cosmologias e sagas. Eles fizeram mais do que ordenar a existência, sempre foram uma via para lidar com o desconhecido (...). Quando ficamos íntimos dessas histórias e dos modelos que elas oferecem, descobrimos a narrativa subjetiva das múltiplas formas do nosso próprio corpo (KELEMAN, 2001, p. 26).

Pelos mitos, podemos olhar para dentro de nós, organizar nossas jornadas internas de autoconhecimento profundo e descobrir, nos organizar, nos compreender, perceber nossas potências e compreender a história que estamos escrevendo a cada dia.

Deste modo, desenvolvemos nesta tese o mito com relação ao corpo. As mulheres constroem suas personalidades e suas potencialidades através das representações de seus corpos, naquilo que elas acreditam ser verdadeiras. Através de seus corpos, as mulheres contam e narram as suas histórias.

É possível entender que existe uma intermediação comunicacional entre o corpo e a sociedade. Para Keleman, nos dias atuais, podemos ser tudo o que quisermos ser, pois a imagem da mente domina. (p. 57). É importante notar que essas representações míticas são as imagens físicas do corpo, pois Campbell e Keleman separam a imagem (estética) e a experiência (modo de agir). Campbell afirma que:

A partir de uma experiência, podemos criar uma imagem que passa a governar uma ação, que passa a impulsionar uma ação. Numa sociedade tradicional, as imagens que você deve responder lhe são dadas. [...]. Uma sociedade tradicional supre todas as imagens às quais se espera que você deva responder (KELEMAN, p. 58).

Novas imagens são criadas e recriadas de tempos em tempos em nossa sociedade. Mas o corpo gordo, por exemplo, ficou marginalizado por muito tempo, sem nenhuma representação positiva. O corpo gordo sempre esteve presente em nossa sociedade, mas visto de forma doente, pejorativa. Entendemos que a imagem que nos é dada vem através de uma mídia hegemônica, de um discurso que nos apresentam modelos a serem seguidos.

A sociedade estabelece alguns padrões, e o corpo gordo não é um modelo que ela instituiu. Portanto, buscar a imagem de corpo gordo, saudável e belo na sociedade tradicional atual é custoso, não são imagens colocadas como modelos a seguir. Então, as imagens míticas suprem estas lacunas de imagens não existentes. Somente assim conseguimos dar sentido a nós mesmos, de sermos realmente o que quisermos ser.

Em relação às nossas histórias de vida, no sentido da experiência com nossos corpos, ela também é uma realidade emocional. A história que as nossas emoções contam se dão a partir de dois personagens, o social e o emocional. Eles fazem parte do nosso processo organizacional, nos ajudando na busca pela melhor forma de viver. Esses dois personagens dividem o palco de nossas vidas: “Quando prestamos atenção às nossas histórias, aprendemos alguma coisa a respeito de como corporificamos nossa vida. Essa é a função da mitologia” (KELEMAN, 2001, p. 93). Quando corporificamos, ou seja, quando atribuímos ao corpo as nossas histórias, estamos escrevendo o roteiro das nossas próprias vidas através das representações míticas.

Keleman propõem uma participação maior neste roteiro, uma participação mais atenta em busca das nossas potencialidades sagradas, que foram esquecidas em algum momento na jornada desta história. É essencial que haja a reconexão com o sagrado:

Torna-se ainda mais crucial à medida que a nossa conexão com a natureza diminui (...). Prestar atenção às nossas histórias pessoal e familiar é como entrar numa floresta que nos ensina a compreender a nossa origem (potencializadora) pessoal e a origem que todos compartilhamos e buscamos (KELEMAN, 2001, p. 94).

E o corpo gordo faz parte desta busca potencializadora que está nas redes míticas de imagens que foi abafada pelo atual padrão imagético social.

Às vezes algumas representações míticas podem ser de imagens não muito boas, pois o corpo gordo para a sociedade atual não é visto de maneira positiva. A representação social de um corpo gordo na sociedade é vista como o corpo fracassado, desleixado e moralmente fraco. Esta, infelizmente, é a imagens que a sociedade tem em relação ao corpo gordo, um corpo humilhado e estigmatizado.

1.3. ESTIGMA E GORDOFOBIA

Olhemos um pouco mais para o corpo gordo e suas angústias. Este assunto emerge, pois, em nossa sociedade, a cobrança por um corpo perfeito leva a uma busca desenfreada por um determinado padrão de beleza que causa dores físicas e emocionais, nem sempre curáveis. Para este ponto, dialogamos com as obras de Denise Sant’anna e Georges Vigarello, sobre a beleza e a tristeza de um corpo gordo, Erving Goffman, Francisco Ortega e Joana Novaes, quanto ao estigma, e Maria Luisa Jimenez Jimenez sobre a questão da gordofobia.

O corpo feminino em nossa sociedade é muito cobrado para manter-se em um padrão estético magro. Vários autores apontam para esta afirmativa, entre eles Naomi Wolf (1992), ao afirmar que, após a revolução sexual feminina pós 1960, devido à pílula anticoncepcional, a mulher “‘boa’ passou a ser ‘bonita-(magra)-portanto-sexual’ e ‘ruim’, ‘feia-(gorda)-portanto-não-sexual’” (p. 216), de acordo com a visão da sociedade masculina da época. Para Wolf, este modelo repercute até hoje, quando as mulheres se sentem vulneráveis ao serem julgadas pela aparência de seus corpos em relação ao gosto masculino.

O historiador e sociólogo francês Georges Vigarello (2006) nos apresenta um panorama sobre a história da beleza no ocidente. Aponta que, em diferentes épocas, a mulher sempre buscou se enquadrar nos temas relacionados à beleza que predominavam em cada período da história. Seguem alguns exemplos. No século XVI, dava-se mais destaque à pele do rosto, colo e ombros, que deveriam ser alvas. O século XVII foi o tempo da cintura fina e da busca por penteados artísticos, que deu abertura para as perucas. No século XVIII, a exigência da cintura fina se popularizou com o uso do espatilho, peça que acompanha a mulher desde o século XVI. No século XIX, a beleza das formas fica mais evidente quando o corpo da mulher fica mais ativo, em favor dos passeios a pé nos espaços públicos, e o corpo fica mais leve devido a mais atividades físicas. No século XX, a celulite é “descoberta” e a beleza corporal passa das curvas para a magreza.

No Brasil, os cuidados com o corpo feminino se tornam a imposição de ser belo, principalmente a partir da década de 1950: “o embelezamento se transformou em gênero de primeira necessidade” (SANT’ANNA, 2014, p. 10). A partir da década de 1950, o corpo curvilíneo das vedetes perde espaço para a imagem das modelos magérrimas, em especial Twiggy (Lesley Lawson, 1949–), na década de 1960, que se tornou exemplo de beleza. As décadas de 1970 e

1980 são a época em que os corpos “sarados”, moldados a partir da Yoga e da corrida de rua, se mostram à sociedade. Em 1990, eleva-se a beleza das *top models*. Nos anos 2000, a beleza totalmente construída pelo bisturi.

A beleza torna-se um dever cultural para as mulheres (NOVAES, 2006, p. 90) e a capacidade de ser bela se tornou um dever moral (NOVAES, 2006, p. 91), como uma imposição, para os corpos femininos, que devem seguir o que é ditado pela moda e pela sociedade. Essa busca incessante pelo padrão corporal fez com que a sociedade cobrasse a mulher muito mais do que cobra do corpo masculino: socialmente são vistos de forma diferente.

A busca pelo padrão de beleza se tornou mais do que uma obrigação feminina. Seus corpos são obrigados a ter o formato que a sociedade dita, via moda e cultura de cada época. Esta busca incessante atrás de um modelo de corpo se torna um conflito, um embate com o corpo, com as vontades e também contra a ação do próprio tempo.

Novaes afirma que “o objeto de maior regulação social é o corpo feminino” (2006, p. 71) e que “a falta de esforço e de cuidados com a aparência leva à perda da identidade. A ética da disciplina corpórea apresenta-se como um aspecto fundamental de coação social” (NOVAES, 2006, p. 72). O que podemos entender é que, de todo o esforço físico e das manipulações estéticas a que o corpo se submeta, se a imagem física da mulher não agrada à sociedade, ela se torna feia, ou seja, se torna menos: “uma das características de nossa época é a sua lipofobia, sua obsessão pela magreza, sua rejeição quase que maníaca à obesidade” (FISCHLER, 1995, p. 69).

A busca pelo que se entende por um corpo perfeito leva muitas pessoas a adoecerem frente à “ideologia da saúde e do corpo perfeito” (ORTEGA, 2008, p. 35). Em uma cultura como a nossa, não alcançar este padrão é sinônimo de fracasso pessoal. A busca frenética por um corpo idealizado pode levar a diversas doenças, como bulimia, anorexia, distimia e depressões (ORTEGA, 2008, p. 36) e os “estereótipos atuais contra os gordos, idosos e outras figuras que fogem do padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito estigmatizado e excludente” (ORTEGA, 2008, p. 36).

Podemos perceber, então, que vivemos em uma sociedade que exclui o corpo gordo e que, de certa maneira, sufoca o corpo feminino gordo por não estar em consonância com uma

identidade corporal exigida. Goffman (2004) identifica o preconceito em relação ao estereótipo do corpo como “estigma e identidade social”. O antropólogo descreve que os gregos costumavam marcar seus criminosos, traidores ou pessoas com má índole com cortes feitos com fogo, deixando marcas visíveis no corpo para que outras pessoas os identificassem e os afastassem do convívio social. Essas marcas corporais chamavam-se estigmas. Do mesmo modo, o gordo foi afastado do convívio social, seu corpo foi estigmatizado. A gordura possui um fardo negativo em nossa sociedade: “tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes, ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem” (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Estamos em uma cultura onde o corpo gordo, no cotidiano social, sofre diversas dores e dificuldades. Os projetos de espaços e objetos são feitos a partir de medidas antropométricas que excluem o gordo no uso no transporte público, no cinema e em viagens de avião, entre outras situações. Não existe uma condição adequada ao tamanho do seu corpo. Por exemplo, cadeiras padronizadas utilizadas em escolas e universidades ou cadeiras de escritórios, assim como macas cirúrgicas, não comportam um corpo gordo. Estas condições e situações rechaçam o gordo socialmente e faz com que a sociedade crie mecanismos de exclusão do corpo gordo. Esta condição é conhecida atualmente como gordofobia.

1.3.1. Gordofobia

A palavra gordofobia é um neologismo na língua portuguesa que denomina o preconceito contra as pessoas gordas. Entendemos que aqueles que não gostam de pessoas gordas ou possuem algum tipo de repulsa pelo aspecto físico que lhes desagrada se encaixam nesta fobia social.

Em nossa dissertação de mestrado (2015) já discorremos sobre este assunto, mas é importante trazermos essa discussão para a tese novamente, pois se faz necessário pensar no corpo gordo feminino como um corpo político, já que ele faz parte das práticas cotidianas sociais e não pode ser esquecido como um membro atuante em todas as esferas públicas. Sobre a gordofobia, é considerada um preconceito, uma discriminação e uma falta de respeito para com as pessoas gordas, ou mesmo uma falta de compreensão, por considerar que a pessoa gorda é diferente ou inferior e, portanto, motivo de exclusão ou piada.

O preconceito com a pessoa gorda aparece de diversas formas, tanto explicitamente, na forma de exclusão social ou desrespeito (como xingamentos, p. ex.), quanto de forma velada, como uma preocupação com a saúde física ou com relação à alimentação. O imaginário social associa a gordura física a doenças e sedentarismo.

A gordofobia é uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea. Esse prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensas e restrições aos corpos gordos de modo geral (JIMENEZ, 2020, p. 3-4).

A gordofobia está ligada ao que as pessoas entendem sobre o corpo gordo, e a resposta não é positiva, pois existe nitidamente um descrédito social. Mas a gordofobia está embutida culturalmente e presente em todas as áreas de atuação da nossa sociedade, muitas vezes acompanhada de um discurso por saúde, tanto de médicos quanto de pessoas que rotulam o corpo alheio. Além de causar muito constrangimento, essas atitudes excluem e desvalorizam o gordo na sociedade.

O resultado de tanta discriminação, preconceito e estigma em relação ao corpo gordo leva as pessoas gordas a grande sofrimento, tristeza, depressão, transtornos psíquicos e alimentares e, às vezes, ao suicídio. O fardo por ser gordo em uma sociedade gordofóbica merece ser levado em conta e discutido abertamente nas mídias.

O suicídio ligado ao sofrimento por ser gordo não é incomum. Obviamente, está ligado também a outros fatores, visto que o suicídio é um fenômeno complexo. Esse tipo de suicídio é abafado socialmente desde o século XIX (SANT'ANNA, 2013). A autora escreve sobre emoções e sensibilidades mais voltadas para o tema da tristeza e dos sentimentos da depressão sobre a obesidade, e aponta para a existência de tristeza, depressão e suicídio devido ao fato das pessoas se sentirem mal socialmente devido aos seus corpos. Este artigo mostrou, através de notícias em jornais, que a tristeza com relação ao corpo gordo já existia desde antes dos diagnósticos de depressão, e somente na década de 1990 vários artigos, filmes e documentários televisivos mostram a relação entre depressão e compulsão alimentar, obesidade e quadros depressivos graves.

Diante de tanta opressão social, em 2009 surgiu o que conhecemos como Movimento *Plus Size*, que tornou evidente para a sociedade que este corpo gordo existe e, a partir dele, muitos outros questionamentos sobre o corpo gordo emergiram: a capacidade social de um corpo gordo, a autoestima, a questão dos cuidados com o corpo e a vestimenta, entre outras situações.

1.4. MOVIMENTO PLUS SIZE E ASCENÇÃO DO CORPO FEININO GORDO

Plus size é uma expressão que começou a ser difundida no Brasil por volta de 2009, incluindo a modelagem e o mercado de indumentárias e vestimentas em tamanhos grandes. O termo já era usado em *blogs* de moda voltados ao consumo de roupas grandes e de blogueiras (hoje chamadas influenciadoras) que falavam sobre os cuidados e a autoestima da mulher. Foi sendo difundida nas redes digitais e tomou forma de movimento, influenciando o comportamento das mulheres gordas, que passaram a olhar para seus corpos com mais atenção, carinho e respeito.

São poucos os estudos sobre o Movimento *Plus Size* no Brasil. Sabemos de várias frentes que englobam estudos sobre o corpo gordo feminino e compreendem discussões sobre as políticas do corpo gordo, gordofobia (preconceito), ativismo e militância. Pouco se fala sobre a moda para pessoas gordas ou o Movimento *Plus Size* como uma forma de fortalecimento da mulher.

Este estudo é sobre o Movimento *Plus Size* como uma ferramenta para o fortalecimento do feminino, do corpo gordo independente de gênero, um relato para a cultura nos aspectos que abrangem trocas de informações em buscas de novos conceitos sobre o corpo gordo e o fortalecimento dos discursos das quebras de estereótipos nos quais o corpo gordo é visto como doente e incapaz e o corpo magro como saudável. E, principalmente, para que as pessoas gordas saiam da posição de vítimas das circunstâncias sociais e se tornem donas de si, ou seja, também é um instrumento para o autoconhecimento.

O Movimento *Plus Size* não é o principal dispositivo a ser considerado uma força motriz em prol da mulher gorda, mas sim um dos aspectos que fizeram muitas mulheres se fortalecerem. É por isso que trouxemos o estudo para esta tese. Milhares de mulheres foram afetadas de alguma maneira pela onda do *plus size* mas, como esta pesquisa é qualitativa, contaremos quatro diferentes histórias de mulheres que, de uma forma ou de outra, em seus processos individuais, passaram ou passam por momentos nos quais o Movimento *Plus Size* é significativo.

Como escrevemos anteriormente, o termo *plus size* está ligado diretamente à indústria da indumentária e se destina a tamanho da modelagem e corte para roupas de tamanhos grandes, a partir da numeração 46. Para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), não existe uma normatização de modelagem para o vestuário feminino, visto que muitas empresas de

roupas possuem suas próprias tabelas de numeração. Isso é uma falha já que, na hora da compra da roupa, a pessoa fica confusa.

O significado do *plus size* não se limita somente ao tamanho de roupa para pessoas gordas. Ele abrange diversos tipos de corpos como, por exemplo, uma pessoa muito alta e magra que veste uma calça tamanho 46, pois a altura das pernas não contempla numerações menores. Por isso, limitar o significado do *plus size* somente a pessoas gordas pode se tornar um equívoco. Pessoa com um perfil de corpo que não se encaixe nos padrões estéticos da moda pode se incluir no que entendemos por *plus size*.

Notamos que o *plus size*, majoritariamente, abrange o perfil do corpo gordo. Aliana Barbosa Aires, em sua tese *De gorda à plus size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA* (2019), também defende a ideia de que a moda *plus size* abrange uma diversidade de corpos, “a grande maioria de seu público tem obesidade” (p. 19), mas que este termo, “obesidade”, está diretamente ligado a problemas de saúde, de acordo com a classificação médica. O termo “gordo”, amplamente utilizado tanto nesta tese como na de Aires, vai além de um posicionamento político. É também uma forma de desmistificar padrões negativos estipulados socialmente e demonstrar que este corpo é capaz, tanto física quanto intelectualmente, e, do mesmo modo, saudável, e não doente.

A ideia de movimento surge a partir do momento em que vários grupos de pessoas buscam a inclusão de seus padrões corporais, que até então eram percebidos como marginalizados. Como explicado acima, o estigma do corpo gordo é considerado pela sociedade em si como um desvio moral, e tal situação leva à discussão em vários âmbitos em prol do corpo gordo pois, com o aumento de peso da população brasileira nos últimos anos, muitas pessoas buscam um novo sentido para seus corpos.

É interessante notar que, durante nossa pesquisa de mestrado, em 15 de abril de 2015, a média da população acima do peso era de 52,5%, e os obesos eram 17,9%. A última visita ao site do Ministério da Saúde, feita já durante a pesquisa para esta tese, em 4 de março de 2020, revelou que, oficialmente, 55,7% da população adulta do país está com excesso de peso e 19,8% é considerada obesa. A população brasileira tem aumentado de peso gradativamente.

A ideia de movimento para o *plus size* é entendida como um movimento social voltado para a quebra do padrão do corpo magro como hegemônico na sociedade, a fim de abrir espaço para todos os diversos tipos de corpos, principalmente o corpo gordo, já que é o principal tema do *plus size*: “os movimentos sociais em prol da aceitação sem preconceito da diversidade corporal também favorecem o valor de uma beleza mais redonda do que longilínea” (SANTANNA, 2014, p. 182). Entendemos o *plus size* como movimento social pois, dentro de suas discussões, também se evidencia o debate sobre as políticas de corpo.

Por representar corpos que estão fora dos padrões midiáticos, o movimento tem algum viés político: “o corpo gordo deve permanecer invisível” (PRADO, 2013, p. 35), ao que se identifica que, na cultura contemporânea, há uma construção glamorosa em torno da aparência.

Encontramos, na esfera de discussões sobre o corpo gordo, assuntos como a saúde, o consumo, representação nas artes, nas mídias digitais, nos direitos, na esfera trabalhista, nas questões políticas feministas, entre outros. Por isto, este corpo não se limita somente à beleza e ao uso de roupas, ele se faz presente em um panorama onde é necessária a discussão sobre a gordura. Por isso, o Movimento *Plus Size* faz este chamado para integrar o corpo gordo como parte de uma discussão da contemporaneidade.

O Movimento *Plus Size* atua como um apoiador dos debates em torno da gordura corporal: “a política está presente hoje nos movimentos de positividade corporal, que buscam, via dissenso, romper o padrão de beleza ocidental vigente, fundado no corpo magro, e estabelecer uma nova ordem corporal” (AIRES, 2019, p. 54), e observa-se o *plus size* como um movimento “de valorização da diversidade que emergem na esfera contemporânea” (AIRES, 2019, p. 18).

O Movimento *Plus Size* surgiu no Brasil em torno 2009. O marco se deu com a vinda da modelo *plus size* Fluvia Lacerda para fazer alguns trabalhos de moda no país, já que o mercado de roupas de tamanhos grandes estava começando a ascender. Lacerda é brasileira, mas atua como modelo nos Estados Unidos. Considerada mundialmente a “*top model* das gordinhas”, “a Gisele Bündchen das gordinhas”, a modelo trabalha ao lado de Ashley Graham, famosa por desfilarem para a marca Victoria’s Secrets, e de Tess Holliday.

A vinda de Lacerda só consolidou os inícios das mudanças no mercado de roupas do país, pois o aumento nas buscas por roupas grandes já estava latente. A expressão *Plus Size*, oriunda da

moda norte-americana, não foi modificada para a versão brasileira. Joyce Matsushita, em sua palestra no 1º Fórum + Fashion, em novembro de 2016, sobre moda *plus size*, corpo e diversidade, explicou que a sonoridade das palavras ficava melhor em inglês do que sua tradução para o português. Por isso, no Brasil, adotamos o mesmo termo para a moda de tamanhos grandes.

PLUS

MODEL MAGAZINE OCT 10

THIS ISSUE IS
BROUGHT TO
YOU BY

CITY CHIC

FASHION'S
NIGHT OUT
2010

Special
Giveaway
Inside

COVER MODEL

Flavia Lacerda

NEVER APOLOGIZE
EXCLUSIVE WITH
DESIGNER JANET HOWARD

ONE STOP PLUS
MAKES FASHION
HISTORY

Love Your Body

Figura 3: Plus Model Magazine, outubro de 2010 (disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/499899627367335253/>, acessado em: 26/11/2018).



Figura 4: A modelo *plus size* Ashley Graham no desfile da marca de lingerie Victoria's Secret (disponível em: <https://www.flare.com/fashion/ashley-graham-wings/>, acessado em : 26/11/2018).



Figura 5: Capa da revista *Cosmopolitan*, edição de outubro/2018, com a modelo e influenciadora Tess Holliday na capa (disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/09/cosmopolitan-defende-capa-com-tess-holliday-de-ataques-gordofobicos/>, acessado em: 26/11/2018).

1.4.1. “Não sou gorda, sou *plus size*”

A propagação do *plus size* atingiu a sociedade como um todo em 2014. A voz de um corpo que não era visto socialmente mudou o cenário brasileiro, principalmente com relação ao consumo. O mercado de roupas deste nicho aumenta à taxa de 11% ao ano desde 2013, e seu faturamento alcança 200 milhões de reais por ano somente na capital paulista (SEBRAE, 2017). A diferença no comportamento social da libertação do corpo gordo se reflete também na moda praia. O nicho da moda praia para pessoas que usam acima da numeração 48 subiu 19,3% em relação ao ano de 2016 (SEBRAE, 2017). Esse aumento deve-se a diversos fatores, incluindo a visibilidade de modelos e a moda *fashions* de tamanhos grandes.

No Brasil, somente a partir do final de 2016 campanhas publicitárias veiculadas nas mídias de massa mostram o corpo gordo como comum, resultado de um intenso trabalho dentro das mídias digitais, televisivas e impressas que começou a difundir o que se tornou uma cultura *plus size*, parte de uma complexa estrutura que inclui diversos conhecimentos e diferentes áreas de atuação. Entendemos o *plus size* como um universo a ser explorado e estudado.

Para exemplificar a visibilidade de corpos gordos alcançada na mídia, as seguintes marcas utilizam imagens de pessoas gordas em campanhas publicitárias: a marca de cerveja Skol (Ambev), os Cosméticos Dove (Unilever), as lojas C&A, o Banco Santander e imagens nos catálogos da Avon, entre outras. Além da publicidade, no mesmo período, vimos a ascensão de duplas e cantoras gordas representantes do estilo sertanejo³ (Marília Mendonça, Maiara e Maraisa, Paula Mattos, entre outros). Essa expressão de liberdade advém das forças das vozes da internet e redes sociais.

³ “Sertanejo foi o ritmo mais ouvido no Brasil em 2016” (disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/05/24/interna_diversao_arte.597453/sertanejo-foi-o-ritmo-mais-ouvido-no-brasil-em-2016.shtml. Acesso em: 05/2017).



Figura 6: Campanha da cerveja Skol que estimula a diversidade de corpos (disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/02/contra-gordofobia-e-lgbtfobia-skol-exaltar-diversidade-dos-corpos-em-nova-campanha/>, acessado em 26/11/2018).

Existem frases pontuais, ouvidas recorrentemente entre as mulheres que fazem parte do Movimento *Plus Size*, semelhantes a: “Não sou gorda, sou *plus size*”. Realmente parece um eufemismo para a palavra “gorda”, mas também pode ser lida como a expressão de um desejo de autoestima em relação ao seu corpo diante dos referências de corpos *plus size*, que são as modelos que se destacam no mercado, e também por toda a história de repressão que o corpo gordo passou social e midiaticamente desde quando foi construída uma estética magra como modelo social.

Na Europa, no início do século XIX, a partir da exposição dos corpos nos banhos de mar, o corpo gordo já não era aceito (VIGARELLO, 2012, pp. 249-253) e, no Brasil, também no século XIX, as mulheres não podiam expor suas gorduras extras, pois esta exposição era entendida como desleixo (SANT’ANNA, 2016). Diferente dos homens brasileiros, que associam a barriga ao poder.

A palavra gorda se torna uma ofensa. Ser gordo, em nossa sociedade, é um estigma, pois representa desleixo, falta de higiene, atitude de uma pessoa negligente e acomodada, associada até à falta de caráter:

O gordo, longe de ser o glutão ou estúpido, é antes de mais nada aquele que se “esquiva”, que se recusa a emagrecer, negligente em trabalhar o próprio corpo. Sua

falha é o desleixo, sua responsabilidade é uma falta íntima, menos as paixões que a indiferença, menos o entusiasmo que o descontrole, a impossibilidade de se regrar ou se transformar. O fracasso adquire uma nova figura reforçada pela banalização do tratamento e pela ascensão do psicológico. Crescem os relatos dolorosos. Como crescem na cultura contemporânea as autoavaliações e os testemunhos sobre a experiência própria. O lugar assumido pelo magro reforça duplamente a estigmatização. O obeso não é mais apenas o gordo. É também aquele que não consegue mudar: identidade desfeita numa época em que o trabalho sobre si mesmo e a adaptabilidade se tornam critérios obrigatórios. O que a obesidade revela é na verdade um fracasso em se transformar (VIGARELLO, 2012, p. 300-301).

Nesse trecho, percebemos algo muito profundo sobre a imagem do corpo gordo na sociedade. Em uma cultura que associa a obesidade “ao fracasso em se transformar”, observa-se o crescimento de mensagens de ordem que valorizam o poder de transformação. Assim, a pessoa gorda, obedecendo a esse imperativo, inicia jornadas exaustivas de dietas, ginásticas e privações de diferentes tipos. Não por acaso, programas de TV concedem prêmios para aqueles que conseguem mudar seus corpos, como é o caso do programa *The Biggest Loser*, um programa em formato de *reality show* que estreou em 2004 e é transmitido pelo canal norte-americano NBC. Os participantes são pessoas muito gordas que, durante o programa, perdem peso através de dietas controladas e muito exercício: a pessoa que perder mais peso ganha um prêmio. O canal SBT comprou o formato e fez uma adaptação do programa no Brasil com o nome “Quem, perde ganha”, em 2007.

Voltando à discussão da palavra gordo, é possível notar a dor e o peso associados à palavra, por isso é possível apontar que a “inclusão” das palavras *plus* ou *plus size* vem amenizar uma dor emocional que foi construída aos longos dos séculos com um imaginário pejorativo. O *plus size* já traz consigo uma ideia glamorosa como uma vida de celebridade, posto que a ideia do Movimento *Plus Size* nasceu da moda e tem como símbolos do movimento as modelos Ashley Graham, que desfila pela Victoria’s Secret, umas das grifes que mais sensualizam o corpo feminino, e Flúvia Lacerda, chamada “a Gisele Bündchen das gordinhas”.

A partir do momento em que uma pessoa se aceita e se assume gorda dizendo “sou gorda, sou *plus*, sou gordinha, sim”, todas as formas e modos que fortalecem a autoestima da mulher podem se diversificar. Ser *plus size* se torna então um sinônimo positivo, de caráter positivo, de um “padrão” de beleza, construído dentro do universo das mulheres gordas. As representações da palavra gorda dentro da cultura *plus size* são bastante diversificadas.

Ser *plus size* traz consigo uma questão de pertencimento, enfrenta séculos de repressão frente a uma década em prol do que parece ser uma liberdade de ser gorda. Por ainda ser um movimento há pouco estabelecido no Brasil, para muitas mulheres ainda não está claro do que se trata o Movimento *Plus Size* e a aceitação do seu corpo ainda está em processo. Estando junto com outras mulheres gordas, tanto em redes digitais como em eventos ou encontros, começa a se formar essa ideia de caber dentro de si, dentro de uma cultura que agora não é mais exclusiva, e sim confortável.

A necessidade de fazer parte de um grupo de acolhimento é importante. Dentro da cultura *plus size*, uma gorda ajuda a outra, uma se coloca no lugar da outra, é uma cultura fraterna, uma voz que repercute de modo igual com as demais. Neste caso, entendemos o movimento como um lugar de acolhimento, onde as pessoas compartilham e compreendem umas as outras, então torna-se terno e confortável estar em um corpo gordo.

É uma cultura em que seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social um com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os demais pensam ou se supõe que pensam sobre o que cada um cria, por mais insignificante que seja (SANTAELLA, 2013, p. 117).

O que percebemos desta citação é que, mesmo quando parece ser insignificante e irrelevante, se sentir confortável no seu espaço de participação é importante, pois isso impulsiona o fortalecimento da cultura *plus size*.

No próximo capítulo contaremos quatro histórias de vida de mulheres que possuem corpos gordos que se diferenciam do padrão de corpo em relação ao imaginário social. Essas histórias tangenciam, de alguma maneira, pelo Movimento *Plus Size*.

2. TRABALHANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA: A PESQUISA E SUAS FASES

2.1. HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES: O MÉTODO

Neste capítulo, relato as histórias de vida de quatro mulheres, que analisamos nesta tese. Para tanto, a explicação da natureza científica em relação ao método de uma pesquisa qualitativa é na verdade um interesse em explorar singularmente o feminino da mulher gorda nestes dez anos de Movimento *plus size* e como isso influenciou em suas vidas. Isto posto, olhar o fenômeno como um todo também é olhar para as vidas destas mulheres. O recorte de dez anos não seria suficiente para entendermos as complexidades das relações mulher, corpo e Movimento *Plus Size*. Lúcia Leão, em “Memória e Método: Complexidades da pesquisa acadêmica em processos de criação”, entende que:

O método que propomos e que iremos descrever a seguir deve ser compreendido enquanto uma ferramenta, ou melhor um mapa que aciona um sistema. Esse sistema foi pensado a partir do paradigma da complexidade, e, portanto, enfatiza a importância de nos concentrarmos no fenômeno, não cair na armadilha da simplificação, não buscar reduzir ou separar os elementos e, principalmente, não buscar produzir generalizações (LEÃO, 2016a p. 124).

Ver a mulher como um todo, às voltas com o Movimento *plus size*, suas ações e constelações diante de determinadas situações, foi como estar em um jogo com infinitas possibilidades. De acordo com as vidas destas mulheres caminhavam, suas atitudes perante as situações que apareceram determinaram seus caminhos e, como pano de fundo, como um cenário ou, em algumas situações, no primeiro plano, estava a união de mulheres gordas que reivindicavam seus direitos de serem vistas e estarem ativas na sociedade.

Deslocar o objeto, que são as histórias de vida destas mulheres, e não ver o fenômeno como um todo, não faz sentido. Estas histórias estão interligadas com uma série de fenômenos da vida de cada uma: “Tanto fontes escritas como orais podem ser subjetivas e a subjetividade faz-se hoje como objeto do pensamento científico” (ANGELO, 2016, p. 92).

Escolhi como método as histórias de vida, e, como tema, um a que estou habituada, vivencio e consumo quase todos os dias. Devido a esta afinidade, cai em algumas armadilhas durante o processo, que me desviaram do caminho da busca do feminino e das mudanças e me levaram

às militâncias e ao ativismo do movimento anti-gordofobia, que não é o foco central do meu trabalho, mas que está intrínseco na potencialização e na pluralidade das histórias de vida.

A pesquisa qualitativa é utilizada para percebermos aspectos mais subjetivos em relação à coleta de dados, e abrange mais o nível interpretativo da tese. Spindola e Santos, no artigo “Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)”, escrevem que este método

Aprofunda as nuances e particularidades que o tema proporciona
(...)

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (SPINOLA e SANTOS, 2003, p.120).

Com isso, podemos compreender o nosso objeto na sua singularidade, e compreender e mapear suas potencialidades e suas transformações.

Ao escolhermos somente quatro mulheres para descrever suas representações das mudanças e fazer um paralelo com um todo bem maior, que é o Movimento *plus size*, me deparei com um questionamento interno, sobre a parte representando o todo: “o processo de criação mostra o trabalho do artista como partes e essa intervenção aparentemente parcial atua como um todo” (SALLES, 1998, p. 77), e “quando acompanhamos o processo, percebe-se que cada forma contém potencialmente um objeto acabado” (SALLES, 1998, p. 79). Percebemos, portanto, que os fragmentos de histórias podem sim representar este todo, as mudanças que os discursos das histórias de vida destas mulheres potencializaram através do movimento *plus size*. Uma história não exclui a outra, e sim faz parte de um todo, como peças de um mosaico, como a “mestiçagem” pode representar uma raça.

Realmente, é a montagem de um grande mosaico o que fazemos com as histórias de vida. Pois as narrativas de cada momento descrito pelas pessoas com quem conversamos são peças pequenas que formam um todo, diferente de uma escultura de pedra que é moldada a partir do todo, e vamos tiramos partes delas.

Complementar à ideia de mosaico em relação às histórias de vida, Giglio confabula com esta ideia: “Cada versão é fundamental para entender o todo, mas incompleto se utilizada como o

único ponto de vista ou a única história sobre tal fato narrado” e “por mais profundas e densas que fossem as histórias individuais, elas apenas apresentavam um ponto de vista sendo, portanto, ao mesmo tempo incompletas e essenciais para entender as histórias coletivas” (GIGLIO, 2016, p. 229). Portanto, sem esses fragmentos de histórias não podemos pensar em um todo, como um amálgama.

A seleção destas mulheres não se deu somente pelo critério biotipo de corpo, pois o meu olhar foi além do que é o Movimento *plus size*. Queremos entender como essas mulheres estão lidando com o corpo após a aparição do movimento. São histórias únicas, singulares, mas com seus pontos de cruzamentos entre cada uma. São estes pontos as construções dos nós dos afetos que ultrapassam as políticas dos ativismos e suas militâncias. Vão além dos corpos, são elaborações das pluralidades e da identidade feminina. São mulheres que se diferenciam em relação aos discursos sociais de padrão de corpo e já vivenciaram vários conflitos com seus corpos, sejam eles através de questões sociais, médicas, familiares, culturais ou sociais (PAIVA, 2002).

Vale lembrar que o método de pesquisa desta tese faz parte da linha de pesquisa dos processos de criação nas comunicações e na cultura. Para Lucia Leão (2016a), esta metodologia privilegia a abordagem da construção acadêmica da “complexidade e da emergência”, isto é, através das lembranças, da memória e de suas histórias, existe um potencial criativo para o processo de elaboração do conhecimento.

Ouvir uma história de vida é um processo em que o pesquisador deixa de lado qualquer preconceito ou expectativa junto ao pesquisado: “Muito diferente das entrevistas nas quais já se tem uma ideia pré-concebida do que se pretende extrair do sujeito entrevistado, estamos aqui falando de uma postura ética que, antes de mais nada, deve estar despida desse tipo de intenções” (LEÃO, 2016b, p. 28).

Não é, portanto, uma entrevista em que o pesquisador interage e faz perguntas. O início do trabalho é deixar seu convidado falar. Na verdade, o convidado se tornará o narrador da história mais importante, que é sua vida. O papel do pesquisador é realmente embarcar em suas histórias como um espectador assistindo um filme e, em determinados momentos, reviver com o entrevistado as suas memórias. Ao mesmo tempo que embarcamos, precisamos estar atentos a

esta escuta, pois é nos detalhes ou em alguma frase que possa passar despercebida que pode se esconder algo frutífero para a pesquisa (LEÃO, 2016b).

Algo importante que ocorreu e que devo deixar registrado aqui foi a questão do respeito que mantive durante as entrevistas. Uma de minhas convidadas se emocionou muito ao relatar suas memórias, ficou muito triste ao lembrar um fato ocorrido em sua adolescência. Este foi um momento em que saí do meu papel de pesquisadora, desliguei o gravador e acolhi o ser humano que estava ali. Depois do ocorrido, percebi que, no decorrer da narrativa da história, essa memória retornou.

O processo de transcrição foi longo, mas necessário, pois foi a partir deste segundo momento, quando eu já havia vivenciado as histórias das minhas entrevistadas, que pude dar significado às suas falas, interpretá-las, rever questões teóricas que, através das características de cada uma, pude perceber as que mais se aproximam das personagens para dar vida a cada uma delas. A releitura é um segundo olhar para as memórias: “move-se uma versão mais crítica e cultural que, evidentemente, não podia entrar nos quadros mentais da primeira leitura” (BOSI, 2003, p. 57). Neste segundo momento, da revisão e da escuta, me posicionei de modo mais reflexivo, diante das narrativas das histórias de vida, e assim as análises foram além do ter e estar no mundo com o corpo gordo.

As perguntas feitas durante o processo vieram em forma de diálogos. Quando as convidadas finalizavam suas histórias de vida, começava um processo de troca de experiências. A partir dos pontos de convergências entre nossas histórias, eu conseguia dar continuidade à questão que gostaria de aprofundar. E assim a conversa continuava fluida. “A perspectiva do diálogo é a perspectiva do encontro, do respeito ao Outro enquanto sujeito, um ser que vive continuamente em relação com outros seres” (LEÃO, 2016b, p. 32).

No processo de escuta, foram compartilhadas memórias de quatro mulheres com histórias distintas, mas que em algum momento eram semelhantes. O que me motivou a escolhê-las foram suas diversas visões e engajamento com o Movimento *Plus Size* nos últimos anos, e como elas se encontram no ano de 2020, como foram afetadas ou não a partir do início do movimento no Brasil. São mais de dez anos de trocas de experiências, conhecimento pessoal, abertura de mercado para roupas de tamanhos grandes, acesso ao trabalho, militância política e a sensualidade da mulher gorda, entre outras experiências.

É importante notar que nem todas as entrevistadas militam ou militaram no Movimento *Plus Size*. Uma em especial não foi atuante em momento algum das mudanças do Movimento *Plus Size*, sua participação é passiva, somente percebendo as mudanças que ocorreram nesses últimos dez anos em relação à moda e ao comportamento do gordo, tanto nas mídias quanto na sociedade em geral. Mas o relato desta entrevistada é significativo diante do atual cenário do ativismo gordo e dos últimos avanços do Movimento *Plus Size*.

A faixa etária dessas mulheres varia entre 30 e 60 anos, cresceram em diferentes estados do Brasil e tiveram experiências de vida distintas. Logo, a carga cultural é diferente entre uma e outra. Notamos que a construção dos mitos do corpo gordo, do feminino e do feminismo passaram por elas com características opostas em determinadas narrativas.

2.1.2. O processo da pesquisa

De alguma maneira, já convivi com essas mulheres em algum momento anterior, já havíamos trocado histórias e experiências, e foi assim que as conheci. Isso foi primordial para a captação das entrevistas. Acredito que, pelo fato de já ter afinidade com elas e delas já conhecerem meu trabalho, o vínculo da confiança durante o processo de pesquisa foi muito verdadeiro. Ocorreu uma troca. Nogueira et al (2017), no artigo *O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração*, comenta como é delicado o processo de pesquisar história de vida pois, para que o entrevistado fale sobre dado momento ou situação de sua vida, é preciso confiança na pessoa que ouve:

A pesquisa com histórias de vida é, assim, um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisador – pelo pesquisador, como método que pressupõe a existência de vínculo; pelo sujeito, participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida (...) um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele – encontro que, também ele, tem sua história própria (NOGUEIRA et al, 2017, p. 468).

De acordo com a citação acima, os laços de afeto e confiança entre eu e as entrevistadas abriram caminhos em suas memórias, que estavam de certa maneira abafadas devido ao mal-estar que elas poderiam trazer, e percebi que, sem essa confiança, essas mulheres não confidenciariam coisas de seu passado que tanto as marcaram.

O principal esteio do meu método foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Este vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (BOSI, 2003, p. 37-38).

Eu já conhecia as minhas entrevistadas, mas acredito que o vínculo de amizade entre nós de alguma maneira se estreitou. Isso ficou claro para mim pois, em vários momentos das conversas, percebi que elas só me deixaram entrar em suas vidas e intimidades por já me conhecerem de antemão.

Cada uma destas mulheres teve seu dia de gravação, com data e hora marcados. Deixei claro que não havia um roteiro ou perguntas específicas ou pré-determinadas. Era o momento delas falar. Por isso, elas escolheram o ambiente no qual se sentiram mais confortáveis, como no trabalho, em suas casas ou mesmo em minha residência. Deixei claro para cada uma das entrevistadas que era para se sentirem à vontade. Somente antes de começarmos a gravação eu direcionava alguma coisa, pedindo que elas falassem sobre a história de vida delas, começar da infância, passar pela adolescência, comentar fatos marcantes da vida adulta e chegar até os dias atuais, como foi a relação com o corpo em cada uma das fases de vida. Ao se envolver com a narração, não chegaram a seguir este percurso.

As conversas duraram em torno de quatro horas cada uma. Ao final, comecei a dialogar com elas, fazendo perguntas específicas para aprofundar pontos no interesse da tese. Meu objetivo com as entrevistas era, primeiramente, escutar os relatos, ouvir suas experiências, saber sobre suas memórias afetivas, as vivências e situações marcantes em suas vidas, e a relação que cada uma tem com o corpo, como se deu a construção de imagem de corpo, e sobre a relação com o Movimento *plus size*. Busquei criar perguntas genéricas, mas isso também dependeu de qual o caminho cada entrevista tomou.

Vale a pena deixar claro que eu já conhecia algumas histórias, mas não profundamente, como desenvolvemos no decorrer das entrevistas. Ao longo do tempo, com algumas delas, tive que retomar algumas conversas, para entender melhor o processo. De fato, foram mais do que quatro horas de entrevista com cada uma.

2.1.3. Processo de escuta

Ao iniciar a pesquisa, a primeira parte foi ouvir. Os sentidos, neste momento, fazem parte do processo. Para Leão (2016a), o pesquisador, nesta fase, precisa “permitir-se ser afetado, sensibilizado pelos materiais é fundamental”, ficar “livre de qualquer julgamento ou interpretação”. Fui convidada a reviver as histórias junto com estas mulheres, sentir, trocar, ouvir e contemplar as histórias e, acima de tudo, respeitar os sentimentos que as pessoas afloraram enquanto confiavam em mim.

No processo de escuta dos depoimentos não há um tipo de interpretação pré-determinada. O mapeamento das relações foi feito posteriormente, a fim de respeitar e ouvir as particularidades e individualidades de cada história de vida. A partir de um pensamento sistêmico, busquei compreender os nós que indicam características únicas e que, ao mesmo tempo, unem as histórias destas mulheres.

Como foram depoimentos fechados, fui uma confidente em determinados momentos e as vezes me emocionei e me identifiquei com seus relatos, deixando fluir ao máximo suas falas. Nas quase dezoito horas de gravação, é possível identificar temas comuns entre elas, mas com relatos diferentes, temas divergentes e subjetividades que dominam suas personalidades e constroem o fenômeno desta tese, pois é através das complexidades de cada uma que o feminino se reformula e fortalece.

Cada uma delas teve uma experiência diferente, por isso os direcionamentos foram diferentes. Cada uma delas me levou a passear em suas singularidades. Por isso o cronograma de perguntas e respostas final não faz sentido. Cada uma, com sua personalidade e essências diferentes, valorizou a realidade do que é a mulher neste início do século XXI. As questões feministas e suas questões, como cada uma foi conhecendo e compreendendo as suas versões femininas, por exemplo, ficaram nítidas durante suas narrativas.

2.1.4. A escrita das transcrições

A transcrição foi um momento de muita atenção. Ao ouvir novamente alguns depoimentos, percebi que, quando passamos da fase da oralidade para a fase da escrita, perdemos um pouco da essência da conversa. Perdemos os gestos, os olhares, o cheiro dos locais, os sabores das

comidas afetuosas que acompanharam algumas entrevistas, a sensação da água gelada, os momentos em que o nó na garganta e o silêncio se fazem presentes. Esses são elementos subjetivos importantes e que fazem parte da análise dessas histórias de vida. São marcados “pelo silêncio durante a narrativa, pelo suspiro, pelo olhar no vazio, pelas imprecisões, pelos enganos etc., sendo todos eles carregados de sentimentos” (GIGLIO, 2016, p.230).

Ao mesmo tempo que perde alguns dos sentimentos, a escrita passa a ser a sustentação da análise do pesquisador. Ao reler as transcrições, minhas considerações sobre as conversas começavam a ter uma outra conotação, e assim consegui refletir melhor sobre o meu objeto de estudo. Neste momento foi feito o recorte do objeto, o qual deve ser levado ao estudo acadêmico a fim de se produzir conhecimento: “o que é ler se não aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro? Ler é o retomar a reflexão de outrem como matéria prima para o trabalho de nossa própria reflexão” (BOSI, 2003, p. 21).

Este é o momento em que se separa o sujeito e o objeto (LEÃO, 2016a). Diferente do modo como havíamos descrito acima, o objeto não troca mais de lugar com o sujeito. Em vários momentos, caí na tentação de colocar os acontecimentos em ordem cronológica, indo e voltando nas narrativas das entrevistadas. Isso fez com que o que me fascinou nas histórias de vida se perdesse, caindo novamente no formato tradicional dos estudos acadêmicos.

A professora Lúcia Leão, inspirada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, esclareceu em sala de aula a questão das cartografias. Faço aqui um resumo da minha história e memória. A professora solicitou que fizéssemos uma cartografia de nossos projetos. A atividade foi em grupo e executada junto com Valéria Aprobato e Edson Aural. Cada um cartografou sua própria pesquisa em forma de nuvens de palavras, e fizemos vários modelos. Não foi somente um trabalho com uma estética contemplativa. Por esta nuvem, pudemos identificar elementos que se destacavam, delineando assim nossos temas e subtemas que emergiram deste método.

Após a execução da atividade, a professora Lúcia esclareceu que a cartografia traz a imagem de um rizoma, segundo o postulado por Deleuze e Guattari: “Para a dupla, um rizoma é uma multiplicidade, um sistema aberto, não-hierárquico e a-centrado. Da mesma forma, o mapa: (...) ‘é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente’ (Deleuze e Guattari, 1990: 22)” (LEÃO, 2016a, p.124). Como

no exercício em sala de aula, as diversas formas, as nuvens, as palavras, iam se transformando em fractais.

Estamos cartografando uma nova paisagem, uma paisagem que só poderia ser criada no fluxo. Ela é coletiva, movente e heterogênea. Temos agora uma cartografia que nos ajuda a ver/entender/conhecer não só os temas de pesquisa da classe, mas, mais do que isso, relações (LEÃO, 2016a, p. 124).

É assim que se comportam as conversas com as entrevistadas. Suas memórias vão e vêm, em diferentes escalas, elas se movem de forma fractal na mente, não há linearidade: “A cartografia é uma forma de pensar, de organizar sistemas e de produzir conhecimento. O pensamento cartográfico compreende as multiplicidades, entende que os elementos que compõem o sistema são heterogêneos e moventes” (LEÃO, 2016a, p. 124).

Outro fato relevante com que me deparei ainda no processo de entrevistas, da escuta e de leitura, foi a questão de entender como a entrevistada lidava com as suas próprias verdades. O modo como narrava, o tom de voz de quem não quer que eu perceba, ou mesmo o fato de não dar determinada importância a alguns fatos, minimizando-os, me deixou intrigada.

Não é função do pesquisador julgar ou questionar o entrevistado. Não me coloco neste tipo de posição, pois estava lá para ouvir. Embarquei em suas histórias a fim de compartilhar e ouvir os momentos de suas lembranças. A princípio, não acredito que meu papel como pesquisadora seja buscar fatos verdadeiros neste tipo de processo, o de ouvir histórias de vida e dar luz as memórias:

Não temos, pois, o direito de refutar o fato contado pelo memorialista como se ele estivesse no banco dos réus, e dele exigir que nos diga a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, vai nos contar a sua verdade. Depois, na interpretação de uma colheita de lembranças, nós temos que pensar, como cientistas humanos que nós somos, em um projeto – que tipo de conhecimento estamos buscando e produzindo. Porque o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar (BOSI, 2012, p. 198).

O entrevistado é o protagonista da história, e narra de maneira real os fatos de sua vida. Cabe a mim entender as subjetividades, os nós narrados de suas vidas, reconstrução de seu lugar dentro do universo *plus size* ou fora dele.

Mais do que relatos, esta tese tem a pretensão de cartografar as singularidades do feminino gordo e que, através deste instrumento, se fortaleça a luta pela quebra de padrões corporais que tanto estigmatizam os corpos gordos.

A partir das próximas páginas, apresentaremos os relatos das histórias de vida. O procedimento ao anonimato e a confidencialidade das informações obtidas no processo de pesquisa foi garantido a cada participante pelo uso de siglas para a transcrição das entrevistas resguardando a total identidade das entrevistadas.

2.2. HISTÓRIA DE VIDA DE L.A.P.

Nesta parte do capítulo proponho evidenciar os aspectos dos processos simbólicos do imaginário que foi recebido através da entrevista. Como base nos estudos do imaginário de Gilbert Durand juntamente com a psicologia analítica de Edward Whitmont pretendo destacar alguns processos simbólicos que passam pelo corpo.

Dentro da cultura *plus size*, podemos encontrar diversos eventos direcionados ao público gordo, como encontros em parques, festas, palestras, concursos de beleza, desfiles e feiras de moda, entre outros. Foi no *Pop Plus*, maior evento de moda e diversidade *plus size* da atualidade, que conheci pessoalmente L.A.P. A feira acontece quatro vezes por ano no *Club Homs*, na cidade de São Paulo. Com uma média de público de 13 mil pessoas por edição, além de ser um ponto de encontro da cultura *plus size*, o evento possui uma programação diversificada, com dança, palestras, debates, desfiles e atrações artísticas.

Nas construções, no que tange um olhar mais feminino para o corpo gordo, através das narrativas de L.A.P., é possível perceber as dificuldades que passou para construir uma relação de afeto com seu corpo.

L.A.P é de origem humilde. Está ligada ao universo *plus size* por participar de concursos de beleza, desfiles entre outros eventos. Atualmente, trabalha como figurante em programas da televisão brasileira. Mãe de três filhos, não completou os estudos e possui um passado com histórico de abusos. Durante nossa conversa, percebi que seu relato não seguiu um tempo cronológico coerente. É comum que o narrador da sua própria história recorra a idas e vindas do tempo em sua memória.

A história de L.A.P não começa a partir do momento de seu nascimento. Entender os preâmbulos da sua história de vida nos permite cartografar melhor as complexidades que emergem dos hábitos e costumes nos quais todo seu passado está envolvido. Pois é através do conjunto desses acontecimentos que podemos compor a construção do feminino.

A mãe de L.A.P. nasceu na década de 1940, no interior do Ceará. Aos seis anos de idade, foi abusada pelo tio. Como naquela época a família não soube lidar com a situação, encaminhou a menina para os cuidados de um convento na cidade de Fortaleza (CE), onde ficou por muitos

anos. Foi onde conheceu o pai de L.A.P., que na época era militar, e aos trinta e dois anos engravidou. L.A.P. nasceu de parto prematuro pesando um quilo e duzentas gramas. Ao saber do nascimento da bebê, o pai foi à maternidade, mas a avó materna o impediu de registrá-la. A mãe, devido a complicações de saúde pré-existentes, logo após o parto entrou em coma e só acordou um mês depois.

Logo que nasceu, L.A.P. foi adotada ou, como ela mesma diz, foi “dada” pela avó. Como nasceu muito fraca, não achavam que se desenvolveria. Mesmo não morando com a família de sangue, sempre soube que era adotada e nunca perdeu o contato com a família de origem. L.A.P. conta que foi criada achando que não tinha pai, mas dos oito para os nove anos descobriu, por uma colega, a verdade. As duas eram muito parecidas, tanto que as pessoas que não as conheciam achavam que eram primas ou irmãs. Como a família que a educou tinha contato com a avó, acabaram contando a verdade sobre o pai, mas nesta época ele já se encontrava em outro relacionamento e já morava na cidade de São Paulo.

2.2.1. Infância e adolescência

A adolescência foi com uma gravidez aos catorze anos. Portanto, ela teve que encarar as responsabilidades de cuidar de uma criança, além de sofrer violência doméstica.

Ela nos narra que foi uma criança gordinha e sofria muito na escola devido ao seu excesso de peso. Teve apelidos como “Baleia” e “Amendoim”: “Nossa, e aquilo era traumático para mim, muito. E, assim, eu sempre fui uma gordinha” (L.A.P. dez. 2019). Lembramos que, na década de 1970, não existiam ações nas escolas para evitar o que chamamos atualmente de *bullying*.

Diferente do que aconteceu na década de 1970, nos dias de hoje existe todo um cuidado em relação à violência. Segundo Alexandre Medeiros, do site Brasil Escola, esta prática de violência consiste em um fenômeno que inclui as diferenças físicas, além do emprego de apelidos pejorativos. Atualmente, possuímos dados da consequência do *bullying* contra crianças gordas. Os estudos de Luis Claudio Kubota (2014), da Revista Viver Mente e Cérebro (2005), Fátima Luciana Pereira e Rosana Mendes Maciel (2016), entre outros, comprovam que crianças gordas são as mais afetadas por este tipo de violência. No site do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – 63% do *bullying* ocorrido nas escolas são direcionados aos estudantes

que se acham “muito gordos” (2014). Portanto, já temos algumas pistas de como L.A.P. foi tratada na infância e adolescência.

Aos doze anos, foi morar no interior do Ceará, junto com a família da mãe. Mesmo assim os maus tratos continuaram, mas desta vez por parte das primas pois, pelo fato de ser filha de mãe solteira, a família não a aceitava: “Eu era xingada pelas minhas primas quando ia para o interior. Ah, porque você é filha da mulher que não tem marido. Ah, porque você é isso, porque você é aquilo, você vai se criar igual a sua mãe, você não vai valer nada. Sabe? As primas me falavam tudo isso” (L.A.P., dez. 2019).

Neste relato, percebemos não só a humilhação por que passava perante as primas, mas um reflexo de como as mulheres dos anos 1970 eram criadas em relação aos valores morais conservadores desta época. Mais especificamente no nordeste brasileiro, assunto sobre o qual Julianna Sutareli e Aline Oliveira (2018) escrevem no artigo *Famílias Uniparentais: um estudo sobre gênero, patriarcado e o estigma da mãe solteira*, apesar das conquistas da mulher contemporânea, a cultura do patriarcado ainda é muito vívida. Percebemos, portanto, uma criação vinda de uma cultura voltada ao patriarcado, em que ocorre a dominação do homem sobre a mulher (MURARO, 1992, p. 74). Patriarcado é uma cultura na qual a mulher submete sua conduta à obediência ao homem, e isto se reflete em vários momentos de sua vida, incluindo também as questões que envolvem o corpo feminino.

L.A.P. afirma que, o que aprendia em Fortaleza, não podia mostrar em cidade do interior, pois podia ficar “mal-falada”. É possível pensarmos que já existia uma diferença cultural nas regiões onde L.A.P. foi criada. Isso indica que a família que a adotou poderia ter hábitos mais liberais do que a família de sangue no interior. Um exemplo disso aconteceu quando ela tinha doze anos de idade, período em que as meninas que entram na adolescência normalmente têm a sua primeira menstruação (menarca). Isto posto, dentro dos costumes da nossa sociedade, ela torna-se uma moça. A menstruação, para algumas culturas, é um rito de passagem e deve ser respeitado como tal. Na cultura do povo Tenetehara-Tembé, do nordeste do Pará, por exemplo, o ritual “menina moça” é uma celebração que dá boas vindas à vida adulta. Entre os Baniwa, uma das comunidades indígenas do Rio Aiary, no estado do Amazonas, a menina que menstrua corta os cabelos de modo a simbolizar a mudança de seu estado. Outra tribo no estado do Amazonas que possui um ritual para a menarca são os Tikuna, chamado “Moça-Nova”. Após a primeira menstruação, a menina é mantida afastada do resto da tribo por cerca de três meses,

a fim de aprender sobre a vida adulta. Mas, no caso de L.A.P., é possível pensar que ela começa a ser criada para se sujeitar às vontades do marido.

Nos anos de 1980, época em que L.A.P. menstruou pela primeira vez, era ensinado a ela e as outras meninas da sua idade e região, a submissão ao marido. A partir dos doze ou treze anos, a menina aprende que deve obedecer estritamente ao seu marido, a arrumar-se e vestir-se para o marido, a desenvolver modos e falas mais femininas. Percebemos, portanto, que o corpo pertencia ao marido e às vontades dele, e que toda e qualquer ação da mulher dependia da aprovação do homem.

Importante notarmos que esse comportamento se refere aos anos de 1980, uma época em que os direitos sociais e políticos da mulher estão em plena ascensão. Mesmo com direitos adquiridos, a obediência e costumes antigos na região onde L.A.P. cresceu ainda existem, como rastros de uma cultura patriarcal de subserviência ao homem. Sutareli e Oliveira complementam:

As relações de gênero e a cultura patriarcal que ainda imperam no Brasil estão estritamente interligadas, sobretudo na região Nordeste, onde o machismo e as relações de submissão da mulher para com o homem ainda são muito presentes, historicamente é uma região marcada pelo colonialismo e talvez aí esteja uma das explicações para essa relação de mandonismo dos homens e aceitação passiva das mulheres (SUTARELI e OLIVEIRA, 2018).

Ou seja, para as autoras constatam, existe ainda uma cultura fortemente marcada pelo patriarcado e que influenciaram na educação de L.A.P.

Notamos que os costumes pautados no conservadorismo refletem no comportamento em consonância com as regras sociais da cultura local onde L.A.P. foi criada. Isso indica que alguns assuntos são tratados como tabus, como por exemplo a educação sexual, um tema importante a ser tratado na adolescência e que ainda provoca vários constrangimentos. O objetivo da educação sexual é chamar atenção para o desenvolvimento do corpo e trazer uma reflexão com os cuidados de si.

L.A.P. narrou sobre esse período de início da adolescência. Os cuidados de si, a menarca e a questão das relações sexuais não foram assuntos abordados com ela. Comenta que a mãe nunca

conversou sobre o tema. A falta de uma educação sexual acabou causando situações indesejadas e constrangedoras.

Comenta que, quando menstruou, ficou muito nervosa, achando que tinha se machucado. A menstruação é uma ocasião importante para um olhar mais cuidadoso em relação ao corpo da mulher. Mas quando contou sobre a sua experiência, percebemos, portanto, o início de uma construção de pouco valor do olhar para o corpo.

É possível observar que o processo do rito de passagem da menina para moça foi algo que se sobressaltou negativamente em sua história. Quando levantamos os símbolos negativos do sangue, Gilbert Durand, nos ajuda a elencar diversas passagens em mitologias e histórias onde a representação do sangue menstrual recebe cunho negativo. A partir deste ponto de vista, trataremos passagens negativas quanto à menstruação nas representações do Regime Diurno das imagens:

Na imaginação sonhadora da menina, a boneca é partida, esquartejada, antes de ser precipitada na água do pesadelo. (...) Outra imagem frequente e muito mais importante na constelação da água negra é a cabeleira. Ela vai imperceptivelmente fazer deslizar os símbolos negativos que estudamos para uma feminização larvar, feminização que será definitivamente reforçada por essa água feminina e nefasta por excelência: o sangue menstrual (DURAND, 2002, p. 99).

O que constitui a irremediável feminilidade da água é que a liquidez é o próprio elemento dos fluxos menstruais. Pode-se dizer que o arquétipo do elemento aquático e nefasto é o sangue menstrual (DURAND, 2002, p. 101).

O sangue menstrual é simplesmente a água nefasta e a feminilidade inquietante que é preciso evitar ou exorcizar por todos os meios (DURAND, 2002, p.109).

Esta água negra é sempre, no fim das contas, o sangue, o mistério do sangue que corre nas veias ou se escapa com a vida pela ferida, cujo aspecto menstrual vem ainda sobre determinar a valorização temporal. O sangue é o temível porque é a senhora da vida e da morte e porque na sua feminilidade é o primeiro relógio humano, o primeiro sinal humano correlativo do drama lunar (DURAND, 2002, p. 111).

Observamos aqui, quando Durand escreve “água do pesadelo”, “água feminina e nefasta”, “água negra”, que o autor se refere ao sangue menstrual. A cabeleira se refere ao movimento ondular da água em movimento. Os cabelos ondulados, por semelhança, se ligam ao movimento das ondas do mar.

É importante ressaltar que Gilbert Durand faz um levantamento de um conjunto de simbolismos através de diversas narrativas que compõe o sangue menstrual como algo negativo. Isso nos leva a entender por uma observação simbólica que a menstruação seja algo ruim.

Essas representações em relação ao sangue feminino nos indicam um lado nocivo das imagens femininas. O símbolo da boneca representa a infância, que é quebrada a partir do momento da primeira menstruação. A menina e sua relação com a boneca passam por uma crise, representada pela imagem do esquartejamento. Ela não pode mais brincar, uma vez que, ao ficar menstruada, dá início a novos aprendizados da vida adulta.

Ainda está interiorizado em nossa cultura um impulso do patriarcado. Por isso, em algumas famílias, a mulher é vista como submissa. Para Edward Whitmont, a desvalorização do feminino é um aspecto intrínseco à cultura dominante (1991, p. 140). Neste caso, quando a menina menstrua, deve passar a se comportar como uma “dama”. O que vem de encontro ao pensamento de Susan Golant e Audrey Nelson (2004), ao apresentarem alguns comportamentos presentes nas entrelinhas, como os sinais não verbais que definem os papéis entre homens e mulheres. Exemplificam ao citar os comportamentos de algumas professoras de alunos em torno dos 10 anos de idade, ao darem mais credibilidade e atenção aos alunos do que às alunas. E afirmam que “é assim que foram socializados a se comportar. (...) “Os meninos academicamente mais agressivos e questionadores e “as meninas devem comportar-se como damas e ficar caladas” (GOLANT e NELSON, 2004, p. 48).

Pela leitura do Regime Diurno, é neste momento que o arquétipo da mulher fatal emerge como “protótipo da feminilidade sangrenta e negativamente valorizada, arquétipos da mulher fatal” (DURAND, 2002, p. 104). A representação desta mulher fortalece discursos opressores em relação a própria mulher: “a misoginia da imaginação introduz-se na representação através desta assimilação (...) das menstruações e dos perigos da sexualidade” (DURAND, 2002, p. 104).

A imagem da feminilidade fatal após a primeira menstruação, como representação negativa da menina dentro do imaginário social, indica que é possível fazer uma ligação em relação ao abuso sexual infantil, que em nossa sociedade denominamos estupro de vulnerável. Segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de 2018, ocorreu um aumento de 83% nas chamadas de “violência sexual” dos anos de 2011 até 2017. “Incluem-se como violência sexual os casos de assédio, estupro, pornografia infantil e exploração sexual” (BRASIL, 2018, p.03).

Ao que tudo indica, percebemos que a infância de L.A.P. foi pontuada pela falta de afeto e atenção em relação aos cuidados e interesses na sua criação.

Voltando à narrativa, L.A.P. nos diz que, aos treze anos, conheceu um rapaz de dezoito que veio a ser seu primeiro marido. Eles começaram a namorar, e ela relata que, naquela idade, ainda não sabia o que era ter uma relação sexual. Relata que comentou com a família sobre o assunto e acharam que ela havia perdido a virgindade, mas na verdade não tinha. Para os costumes da época, para a menina não ficar “mal-falada” na cidade, consentiram no casamento, algo que L.A.P. confessou que queria, pois o namorado sempre falava de suas viagens para o Rio de Janeiro e São Paulo, algo que a ludibriou. Além disso, ele prometeu a ela uma falsa liberdade.

“E eu queria saber por quê? Porque ele era mais velho, ele já conhecia o Rio, já conhecia São Paulo. Ele me prometia, sabe? ‘Não, quando a gente casar, a gente vai embora, você vai ser livre’” (L.A.P., dez. 2019).

2.2.2. O primeiro casamento: Violência e abusos

Ao buscar independência da repressão e da humilhação pelas quais passava em sua família, principalmente de suas primas, L.A.P. viu em seu primeiro marido a possibilidade de se livrar de todas as situações ruins e começar uma nova vida. A ingenuidade e pouca experiência de vida a levaram a acreditar que este homem seria a sua salvação. Como nos narrou, a partir deste casamento conturbado, se instaurou uma vida com uma série de agressões.

“Aí, casei com ele, fui embora para o Rio. E foi aí que começou o meu inferno de vida. Eu sofri muito, ele me batia, porque ele era mais velho. Eu não podia fazer nada porque eu era ‘de menor’. E ele era meu dono” (L.A.P., dez. 2019).

A partir do trecho acima, voltamos nosso olhar para a história de L.A.P. pelo prisma do patriarcado. Monika von Koss, psicoterapeuta e autora de diversos livros sobre a questão do feminino sagrado, escreve em seu artigo “O princípio feminino na cultura” (2018), que o patriarcado “valoriza o controle e a dominação dos outros por meio da força bruta e da apropriação da verdade”.

Isso nos leva a refletir sobre a construção da cultura patriarcal. Vera Paiva, em *Evas, Marias e Liliths: Às voltas com o divino feminino*, escreve que “na tradição cultural judaico-cristã, o exercício e a implantação do patriarcado se dão quase sempre pela repressão, à custa de um sacrifício mutilador da personalidade total do indivíduo” (1990, p. 24).

Observamos então que, dentro do patriarcado, existe uma cultura de força e dominação do outro. Este outro não necessariamente é a mulher, pois a dominação, em um sentido mais amplo, valoriza e apropriação do controle a partir de uma autoridade.

Pelo que podemos entender, L.A.P. se tornou uma peça de submissão mediante os caprichos do seu ex-marido, sendo ele proprietário e controlador de sua vida.

Para Whitmont, “o ego patriarcal é heroico. Seu feito idealizado é a conquista de si mesmo e do mundo apenas pelo poder de suas vontades e de sua bravura” (1991, p. 101). Entendemos que o poder da dominação está latente em relação à vida de L.A.P. no que queremos exemplificar como cultura e toda a repressão que passou durante o casamento.

“Teve uma época em que o tio dele tentou abusar de mim, eu não podia falar nada porque a gente morava na casa dele. Se eu fosse falar alguma coisa era perigoso, porque eu via o jeito que o tio dele tratava a mulher, batia nela (...). Aí, o meu ex-marido começou a fazer a mesma coisa comigo. E ele começou a me bater, me xingava, por tudo, porque eu não sabia cozinhar, eu nunca tinha chegado perto de um fogão” (L.A.P., dez. 2019).

Consideramos nesta citação duas situações distintas. Uma é a presença do medo sob a pressão da força: a sensação de “perigo” diante da pressão psicológica de denunciar o tio do marido quando tentou abusar-la, e o medo de que algo de ruim acontecesse com ela.

Estão presentes as agressões em relação à força bruta empregada por motivos torpes e a repetição do comportamento do ex-marido de L.A.P. Pela perspectiva do imaginário, em relação ao Regime Diurno, Guiomar Dutra Lima, no artigo “Imaginário - A teoria do imaginário segundo Gilbert Durand” (2011), nos fala das “estruturas heroicas que rejeitam o feminino” e apresentam características de hostilidade, destacando a superficialidade, a secura.

Para Whitmont, o patriarcado “a disciplina e a obediência às regras exige a repressão das necessidades e ânsia espontâneas: em particular, da necessidade de agredir e da ânsia sexual” (1991, p.103). Esta é uma forma de representação de controle sobre a qual já discorremos acima. No nosso caso, o controle sobre as ações da mulher.

Vale ressaltar a questão das aptidões sociais femininas pela abordagem de que a mulher deve ser dotada de “prendas domésticas”, como saber cozinhar, limpar a casa e passar roupas, além de não pode deixar de cuidar de seu cabelo, de seu corpo, de sua estética. Independente de tais aptidões, de saber cozinhar ou não, a agressão física é injustificável.

2.2.3 Convívio com violência e traição

Entre idas e vindas desta união, que nitidamente se tornou tóxica, a feminilidade é abafada diante de situações violentas. O ex-marido a mantém sob controle através da agressão física. Mas, como nos relatou, de alguma forma ela tentava se defender. Além disso, Edward Whitmont ressalta que a violência é um modo de “reprimir as dimensões femininas subjetivas” (1991, p. 30). Isto posto, podemos entender que o modo como L.A.P. começa a se relacionar com a construção de seus valores dentro do espaço cultural que habita irá estabelecer vínculos com suas experiências futuras de vida, tornando-a uma mulher depressiva.

Comentou que o ex-marido trazia para casa amigos que, em alguns momentos, chamavam a atenção dela, mas como esposa respeitosa e subordinada, não respondia às investidas. “Ele enchia a casa de homem. Sabe que eu era muito bonita, os homens ficavam mexendo comigo e eu não podia falar nada, tinha que aguentar” (L.A.P., dez. 2019).

Entre diversas agressões, L.A.P. também tentava revidar, de alguma forma, e defender-se da maneira que podia. “Aí, quando foi um dia, ele me deu um tapa que eu revidei, eu revidei esse tapa, ele me deu outro, eu agarrei nele aqui e dei uma mordida, minha defesa foi essa, eu mordei ele. Eu arranquei um pedaço. Até hoje ele tem a cicatriz. Aí falei que não queria ficar mais lá, aí eu separei” (L.A.P., dez. 2020).

As agressões físicas e psicológicas foram os fatores determinantes para que L.A.P. tomasse uma atitude, mas ainda existia um empecilho para contrapor as atitudes do agressor: ela era menor de idade e dependente do marido. De alguma maneira, ela precisava sair daquela

situação, e a única maneira seria voltar para o Ceará. Em meio aos episódios marcantes de agressões que ela relata, houve um envolvendo óleo quente quando estava com seu filho de oito meses no colo. No dia em que encontrou o marido com outra mulher na cama, foi o fim para ela. Neste instante ela solicitou ao tio do ex-marido que a levasse ao juizado de menores para autorizá-la a viajar de volta para o Ceará, consumando assim a separação.

Diante de todos esses cenários de violência, encontramos uma menina na puberdade, em um momento em que seu corpo está se desenvolvendo e ela já é mãe, mas tem o pensamento e o comportamento de uma adolescente. É o momento em que a autoestima da menina começa a se formar, segundo afirma Tara Cousineau (2016), psicóloga clínica e especialista em autoestima de adolescentes. Tudo está se transformando, existem mudanças físicas, psíquicas e hormonais. As experiências são vividas com muita intensidade e é um momento de amadurecimento, em que o lado emocional ainda está se formando. Com L.A.P., tudo indica que se exigia que ela encarasse a vida de forma adulta pelo fato de ser esposa e mãe.

De voltar no interior do Ceará, ela permaneceu por mais de um ano morando na casa da mãe. Infelizmente, sua mãe veio a falecer e nossa entrevistada se viu sozinha, tendo que criar um filho, sem trabalho e sem lugar para morar. Tomou a decisão de deixar o filho com os avós paternos e veio para São Paulo em busca do pai. Diante de todos esses acontecimentos de violência e amadurecimento repentino, o despertar do feminino não se tornou tão evidente em seu processo. Portanto, é possível pensarmos que a formação da autoestima ficou comprometida durante sua adolescência: “Sabe, existe muita dor, mágoa, e a gente acaba se acostumando e ficando, levando...” (L.A.P., dez. 2019).

2.2.4 Vida em São Paulo

Aos dezesseis, quase dezessete anos, veio morar em São Paulo e, nesta cidade, se estabeleceu. Procurou o pai, que lhe deu abrigo e proteção, mas novamente, ao conhecer uma pessoa, as histórias de agressão retornaram.

A presença da figura masculina do pai foi importante por representar o provimento e o amor que ela não tinha. Morando com ele, L.A.P. sentiu-se mais segura e afirma, em sua narrativa, que voltou a acreditar em seus sonhos, retomou os estudos e começou a projetar seu futuro trabalhando nas forças armadas.

Ao analisarmos algum gesto através das estruturas do imaginário, não podemos dividir os Regimes Diurno e Noturno, não podemos relacionar diurno e noturno, respectivamente ao homem e à mulher, muito menos entendê-los como uma polêmica entre o bem e o mal: são coexistentes. Convém ressaltarmos que, muito embora a análise arquetipológica do imaginário possa sugerir uma divisão entre os regimes, associados respectivamente ao homem e à mulher, tal fácil associação é simplesmente enganadora. Trata-se de uma ferramenta analítica (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012, p. 141).

Isto posto, podemos voltar a pensar no pai de L.A.P. como símbolo de proteção, conforto, segurança: a imagem mística que está ligada ao acolhimento do continente, do ventre, da casa, da gruta. Interessante notar que, em toda a nossa conversa, o único momento em que se falou de sonho como um desejo que a impulsiona a viver foi neste momento. As outras representações foram desejos.

“Meu sonho era ser da Marinha. Eu via aquelas mulheres da Marinha, era a coisa mais linda, aquelas mulheres fardadas, aquele quepe. A gente via passando nas propagandas da TV, a gente ficava se imaginando, né?” (L.A.P., dez. 2019).

A representação da mulher nas Forças Armadas, mais especificamente na Marinha, que L.A.P. via nas propagandas de TV para o alistamento militar na década de 1980, carrega a representação simbólica sutil das potencialidades que emergem do feminino na época da Ditadura Militar. Para Ludmila Ribeiro, em seu artigo “Polícia Militar é lugar de mulher?” (2018), sobre mulheres militares e a representação do gênero feminino, os anúncios buscam transmitir uma imagem de respeito devido às regras corporativas: “Assim, se gênero diz respeito às relações sociais entre homens e mulheres, diz respeito às relações de poder estabelecidas no cotidiano das práticas sociais” (RIBEIRO, 2018, p. 6). Entendemos que L.A.P. passou por diversos tipos de agressões, mesmo com pouca idade, e a representação da mulher militar simboliza para ela uma imagem de mulher forte e de respeito.

Por outro lado, o elemento água remete, neste caso, à purificação. De acordo com a história de L.A.P., existe um processo de purificação do passado, uma limpeza nesta nova fase de vida. Há a admiração pela futura conquista, e todo o passado “sujo” vai embora. Para Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strôngoli,

A intenção purificadora, afirma Durand, sempre se alinha ao lado dos símbolos da ascensão ou da luz [...]. A água, como elemento purificador, é encontrada em inúmeras histórias, antigas ou atuais, como recurso para vencer a sujeira, seja esta real ou metafórica (STRÔNGOLI, 2009, p. 32).

A purificação, portanto, faz parte de sua nova etapa de vida, como se ela se limpasse de toda a história de sofrimento e abuso que passou e deixasse vir as novas experiências na cidade de São Paulo. Desde então, nunca mais voltou para o Ceará.

2.2.5. Transformação do corpo e reincidência das agressões e do assédio moral

Aos dezoito anos, já não reconhece mais o próprio corpo. E, ao se casar pela segunda vez, há reincidências da violência. Para poder se sustentar e criar seus filhos, ela começa a trabalhar em um ambiente no qual sofre gordofobia.

L.A.P. nos conta que sempre foi uma criança gordinha. Relata, em alguns momentos, que na sua adolescência ela era uma gorda bonita e se compara com o que nós, do Movimento *plus size*, chamamos de *Curvies*, que são mulheres gordas curvilíneas que usam vestimentas de numeração 44, 46, 48. No ativismo gordo, são conhecidas como gordas menores, que são mulheres gordas que sofrem menos opressão devido ao tamanho de seu corpo. As gordas menores ainda conseguem comprar roupas em lojas *fast fashion*, diferente das gordas maiores, que precisam ir lojas específicas para achar roupas que caibam em seus corpos.

Aos dezoito anos, L.A.P. não aceitava mais o próprio corpo, pois havia engordado muito. Sentiu que seu corpo começou a se desenvolver após a primeira gravidez: “quando eu tive ele, eu estava com quatorze anos, eu não tinha corpo de mulher”. Após a gravidez, começou a engordar. Nesta ocasião, a família do ex-marido era composta somente de pessoas magras e criticavam o corpo de L.A.P. pelo fato de ser gorda. Ela cometa: “Nessa época eu não aceitava o meu corpo, porque eu engordei muito” (L.A.P., dez. 2019).

Pelo relato da história de L.A.P., é possível perceber que sua trajetória é bastante marcada pelo desenvolvimento do corpo e de sua feminilidade. A não percepção de si e do seu corpo envolve a questão da autoestima e, no caso da L.A.P., pelas inúmeras recorrências de abuso, há sentimentos de culpa e fracasso, e o olhar para si foi comprometido.

Joana de Vilhena Novaes, em seu livro *O intolerável peso da feiura: Sobre as Mulheres e seus corpos*, em que ela fala sobre a ditadura da estética nos corpos femininos: “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher: ela pode ser bonita, deve ser bonita, do contrário não será totalmente mulher” (NOVAES, 2006, p. 85). Deduzimos, portanto, que a exigência pela beleza do corpo é maior no universo feminino do que no masculino. E, no que tange ao corpo gordo, as imposições de beleza são maiores ainda devido ao estigma e a história de rejeição deste tipo de corpo. Corpo, feminilidade e gordura corporal fizeram com que L.A.P. se desconectasse de si e, de certo modo, se esquecesse.

Voltamos a falar, neste ponto, dos ritos de passagem como modos de percepção de si. Os ritos de passagem são celebrações que marcam as mudanças importantes para a pessoas, que podem ser mudanças no âmbito social ou no âmbito pessoal. Em nossa cultura, passamos por diversos ritos de passagem. Para Adriane Luisa Rodolpho, em seu artigo “Rituais, ritos de passagem e de iniciação: Uma revisão da bibliografia antropológica”: “O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. São passagens relacionadas às mudanças mais significativas pelas quais passamos em nossas vidas: nascimento, entrada na vida adulta, casamento, morte” (2004, pp. 141-142).

Traremos o olhar de Joseph Campbell quanto à mitologia dos ritos de passagem e o olhar para si nessas mudanças. No livro *Isto és tu*, são apresentadas diversas funções da mitologia tradicional em nossa sociedade: “A terceira função é validar e dar respaldo moral a ritos de passagem da ordem social dentro de cada cultura específica” (2002, p.19).

No caso de L.A.P., as transformações corporais, como sua primeira menstruação e gravidez, foram ritos de passagem em que ela própria não percebeu as mudanças de seu corpo. O primeiro, como já dito acima, a passagem de menina para a moça (menarca), e agora com a percepção do corpo em relação à gestação. Na gravidez, o corpo da mulher passa por transformações tanto físicas quanto hormonais e, após o parto, um novo processo de corpo se inicia. Vemos novamente aqui uma necessidade no que tange às relações do corpo da mulher, na qual ela tende de voltar à forma ideal após o nascimento do seu filho.

Assim sendo, quando propomos estas reflexões no caso de L.A.P., os ritos de passagem, de olhar para si, de olhar para o corpo, foram marcados de modo negativo, como a situação de sua primeira menstruação, ao tomar um susto, e após a gravidez de uma adolescente de quatorze anos que não percebeu as mudanças do seu corpo mediante tanta violência. Somente foi notá-lo, vê-lo, percebê-lo quando já havia engordado.

Durval Luiz de Faria, em seu artigo “Clarice e a alma animal”, comenta que, mesmo quando as crianças não possuem a percepção da rejeição, experimentam situações na vida que repetem este comportamento:

Desde cedo aquela criança já se sente não pertencente a nada ou a ninguém (...) Quando lhe surge uma oportunidade de pertencer, simplesmente não consegue. Não por não o desejar, mas por incapacidade, chegando à triste conclusão de que a responsabilidade é toda sua. A pessoa que foi “abandonada” lá, no início de sua vida, muitas vezes desconhece o que ocorreu. Simplesmente experimenta que nada em sua vida dá certo, tem medo de amar e ser rejeitada (FARIA, 2010).

Através da escuta da narrativa de L.A.P. é possível perceber a ocorrência e a repetição de temas como rejeição, abuso e violência.

Quando L.A.P. morava com o pai, conheceu um amigo dele, um homem vinte anos mais velho do que ela. Mesmo contra a vontade do pai, tornou-se seu companheiro. Em seu relato, afirma que este homem prometia lhe dar apoio e segurança e, após alguns meses juntos, ela fica grávida do segundo filho. Os relatos de violência retornam à narrativa. Comenta que, naquela ocasião, ela se sentia apaixonada, por isso se entregava para aquele relacionamento abusivo. Atualmente, percebe que era carência afetiva. Com o nascimento da criança, o pai de L.A.P., devido a não aprovação da união do casal, parou de falar com ela. “Eu fiquei esquecida” (L.A.P., dez. 2019).

“Sempre me relacionei com pessoas mais velhas do que eu. Até eu passar no psicólogo, ele falou que eu nunca busquei um amor, na verdade eu acho que eu nunca amei, eu nunca fui amada. Por quê? Porque na realidade eu buscava um pai” (L.A.P., dez. 2019).

Atualmente, L.A.P consegue compreender que a ausência do pai a fez procurar a representação de um pai em seus relacionamentos, a fim de suprir o abandono emocional que a falta da figura paterna como proteção e provimento causaram, buscando-a, assim, em relacionamentos que se tornaram tóxicos.

Para Durand (2002, p.152), a estrutura simbólica do pai vem carregada de elementos simbólicos semelhantes aos do herói. Santos e Almeida, ao dissertarem sobre o tópico nas estruturas da sensibilidade heroica, no Regime Diurno das imagens e seus símbolos, encontramos:

Potência do pai e do imperador, do guerreiro e do herói e a aplicam na justiça, no combate, na salvação. A transcendência armada está sempre pronta à luta; espiritual, intelectual ou militar, realiza-se nos rituais de purificação, nos primeiros passos dialéticos da análise ou na ação guerreira de aniquilar o inimigo. Assim, ligados à purificação estão a água lustral (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012, p. 21).

Percebemos, portanto, as figuras do herói guerreiro que, como o pai, poderiam ser uma salvação nos problemas de sua infância, sempre pronto à luta contra quem a humilhou, sendo um apoio emocional. Vale lembrar, neste trecho, a aproximação dos rituais de purificação com a água, quando ela sonhava em servir a Marinha.

A figura do pai tem uma profunda ligação com a psicanálise, que estabelece ligações de autoridade e imperativo moral no processo imaginário. Algumas representações arquetípicas originam-se dos deuses patriarcais de diversas culturas, como Odin, Cronos e Rá, entre outros, e estes arquétipos paternos interferem e influenciam nas relações.

Antônio Paulo Pinheiro Lima, mestre em psicologia clínica e cultura, no artigo “Mulheres e o abandono da figura paterna: Considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica”, escreve que, em sua prática clínica, percebe que as mulheres que passaram pela experiência do abandono da figura paterna, na maioria das vezes (mesmo que intencionalmente), entram em relacionamentos amorosos a fim de “preencher as lacunas afetivas deixadas pelos pais ausentes. Desse modo, as mulheres parecem depositar nos parceiros amorosos todas as frustrações e expectativas de resgate do abandono imposto pela figura paterna na infância” (2012, p. 822) Complementa que, desta maneira, não é possível uma convivência saudável com seu parceiro, pois elas estarão sempre em um estado de “submissão e dependência”, completando que toda a autoridade é transferida para o homem, comprometendo o relacionamento, tornando o parceiro em “senhor da mulher” e exercendo abuso de poder.

O próprio psicólogo de L.A.P. disse que ela buscava homens mais velhos para suprir a figura paterna, fosse ele protetor, provedor ou um porto seguro. Ao pai, coube o papel do herói combatente que, para Durand, pode ser o “príncipe encantado” que afasta e frustra os malefícios

e liberta, descobre e acorda (2002 p,162). Ao mesmo tempo, pode ser o pai que acalenta, que nos leva ao Regime Noturno das imagens, o pai que está ligado ao provento da nutrição, do refúgio, do repouso, do carinho paterno.

Já para Sonya Fiedman, no livro *O homem é a sobremesa*, comenta que a menina que teve o pai ausente na infância e adolescência “sente-se sem encantos e indesejável. Não acredita que possa ser de outro modo desejada, por isso seu casamento será um campo de batalha. Porque sua autoestima é tão baixa que luta para ser notada” (1980 p. 76).

É possível construir uma imagem do perfil emocional de L.A.P. através dos relatos acima e notar que a construção da sua feminilidade ainda é pautada na aprovação do outro.

Ela teve dois filhos deste relacionamento abusivo. O sentimento de não aceitação com seu próprio corpo a fez enfrentar uma realidade que a decepcionou e a frustrou. A partir destes fatos, a depressão, já instalada há anos, começou a se desenvolver.

2.2.6. Trabalho e separação

Devido a problemas financeiros na família, L.A.P. começou a trabalhar e conseguiu um emprego em uma escola, como merendeira. Ao sair de casa, e como ela mesma diz, “comecei a ver o mundo lá fora” (L.A.P., dez. 2019), e torna-se menos dependente do marido. Foi no trabalho que aprendeu com os colegas sobre a Internet e as redes sociais digitais.

Um dos elementos importantes para a formação do nosso pensamento em relação à vida de L.A.P. é o fato dela trabalhar como merendeira. A aproximação com a comida pode ter sido um elemento importante em relação com o afeto. Para Angelita Corrêa Scardua, em seu artigo “Comer, Pensar e Sentir” (2016), nem todo o hábito alimentar está relacionado a desequilíbrios emocionais, mas esses hábitos podem ajudar a entender como estão as emoções.

Na psicanálise freudiana, as primeiras experiências corporais que abrangem o desenvolvimento individual de uma criança se dão através da amamentação. Os primeiros sentidos do afeto começam pela fase oral de um bebê, que está diretamente ligado a alimentação. Neste momento, vale lembrar que L.A.P. não foi amamentada pela mãe quando recém-nascida.

O alimento, para Durand, tem sua representação no arquétipo da mãe (2002, p. 259), que provê o alimento, o leite materno, a nutrição, a comida colhida das árvores, e remete a uma simbologia do Regime Diurno do provimento. Além do que, trabalhar em uma cozinha escolar coloca-a em um ambiente propício para a ingestão de alimentos.

O assédio moral no trabalho como merendeira estava sempre presente, mas se tornou mais intenso. Em umas das agressões conjugais, o marido de L.A.P. a derrubou no chão e ela quebrou um dente frontal. Já com a baixa autoestima e a depressão aumentando, as pessoas no trabalho começaram a zombar dela: “Nossa, você está horrível com esse dente quebrado”; “fecha a boca na hora de servir a comida para o povo”; “Nossa, como você está horrível de gorda, por que não faz um regime?”; “Você tem que comer pouco” (L.A.P., dez. 2019). Com isso, ela se sentia muito humilhada até em seu ambiente de trabalho, o que agravou a depressão e provocou um quadro de síndrome do pânico.

Devido ao afastamento do trabalho, ela começou a ficar mais em casa e, com a ajuda dos filhos, aprendeu a navegar na internet. Em um dos atendimentos com o psicólogo, foi aconselhada a pesquisar sobre os “grupos de gordos”.

2.2.7. O despertar a partir das redes sociais digitais

Devido a um aconselhamento psicológico, L.A.P começou a pesquisar nas redes sociais digitais “grupo de gordos que amam seus corpos”. O primeiro contato que teve com este mundo foi através de grupos fechados de admiradores de corpos gordos, *blogs* e *fanpages*.

Dentro do ciberespaço podemos encontrar diversos temas, na definição de Lucia Leão, no livro *Derivas: Cartografias do ciberespaço*. A definição deste termo está relacionada a um conceito pelo qual compreendemos a interação entre os usuários das redes a partir da máquina:

Um território em constante ebulição. Camaleônico, elástico, ubíquo e irreversível, o ciberespaço não se reduz a definições rápidas. Partindo de um olhar tríplice, percebemos que o ciberespaço engloba: as redes de computadores, integradas no planeta (incluindo seus documentos, programas e dados); as pessoas, grupos e instituições que participam dessa interconectividade e, finalmente, o espaço (virtual, social, informacional, cultural e comunitário) que emerge das inter-relações homem-documentos-máquinas (LEÃO, 2004, p. 9).

Contudo, as redes digitais se apresentam com inúmeros assuntos, alguns mais direcionados aos grupos de gordos, entre eles os “*fat admirers*” (FAs), compostos de homens apreciadores de mulheres gordas, relacionados com os prazeres sexuais que nem sempre dialogam diretamente com a elevação da autoestima da mulher gorda. Na visão de L.A.P., parecia positivo expor seu corpo em troca de elogios de alguns homens, como a frase “eu te amo”, por exemplo. Naquele momento, não era o que mais ajudaria na construção de sua autoestima, já que, de alguma forma, o amor próprio necessitaria vir dela mesma, e não de outros.

Quando era de noite, que eu abria o computador, eu não queria mais trabalhar, eu só queria ficar em frente ao computador. Porque aqueles homens, eles falavam, “eu te amo”, “você é linda”, “mande uma foto para mim”, sabe? Aí, eu ficava pensando: mandar foto? Nossa eu achava que eu estava sendo amada, que eu ia ser [amada] (L.A.P., dez. 2019).

Nesta fala, percebemos a necessidade de ouvir do outro uma palavra de afeto, mesmo que seja direcionada à estética física, ao seu corpo, fazendo-a se perceber como uma pessoa que, mesmo tendo um corpo gordo e estigmatizado, é bonita e desejada por outrem.

Importante observarmos, em relação às livres escolhas e às práticas sexuais, com Michel Foucault em *História da sexualidade II - Uso dos prazeres*:

O regime dos *aphrodisia*, com a necessidade de moderar sua prática não se baseia no postulado de que os atos sexuais seriam, neles próprios, e por natureza, maus. Eles não são objeto de nenhuma desqualificação de princípio. A questão colocada a seu respeito é a de um uso de um uso a ser modulado segundo o estado do corpo e as circunstâncias exteriores (1984, p. 107).

Ou seja, não há mal nenhum nas escolhas e desejos sexuais das pessoas. O que se leva em consideração é como estes desejos são usados pelo outro, sempre tomando o cuidado com o seu próprio corpo (e imagem) e o devido respeito por ambas as partes.

Ainda na questão das escolhas sexuais, é importante lembrarmos a questão do corpo gordo. Para Natalia Lima Figueiroa, no artigo “Pornografia com mulheres gordas: O regime erótico dos corpos dissonantes”, o universo da pornografia com mulheres gordas possui caráter controverso e contraditório em uma sociedade em que “pessoas gordas e obesas padecem do estigma social associado à ideia de que seus corpos são a representação de uma falha moral e social” (2014, p. 113).

Mesmo com o início do processo de aceitação do corpo e reconhecimento de si, a submissão mediante a aprovação do outro foi um fator preponderante na história de vida de L.A.P. A submissão e a objetificação do corpo feminino gordo como fetiche faz parte de uma cultura patriarcal, e isso reverbera nas redes comunicacionais digitais, nos grupos de admiradores de gordas, como algo natural. Para Kathleen Berry, em seu artigo “Female Sexual Slavery” (1981), a chamada escravidão sexual feminina diz respeito a tornar o corpo feminino um produto para o prazer sexual, não se importando com sua dignidade humana. Isso torna a mulher passível de desrespeito, chegando às violências física e emocional. A exposição do corpo para a aceitação do outro relaciona-se com a autoestima, que aos poucos L.A.P. foi reconstruindo.

Voltando à narrativa, além dos grupos de admiradores de mulheres gordas, os *blogs* e *fanpages plus size*, o que chamou a atenção de L.A.P. também foram os concursos de misses *plus size*.

2.2.8. Despertar e concursos de misses

Como já dissemos anteriormente, no ciberespaço podemos encontrar inúmeras manifestações em prol do corpo gordo, pois é um “território em plena ebulição” (LEÃO, 2004, p. 9). Encontramos diversos temas do mundo *plus size* e, entre eles, os desfiles de moda, as agências de modelos e os concursos de misses.

Ao navegar na internet e se deparar com diversas gordas falando sobre autoestima, tendo cuidado com seu corpo, se vestindo bem, ao ouvir palestras de pessoas que se aceitam e compreendem os próprios corpos, mesmo fora de um padrão midiático de beleza magra, L.A.P. começou a despertar um olhar positivo para o seu próprio corpo.

Ao entrar em contato com os discursos dessas mulheres, que passam segurança e independência, a percepção de si começa a aflorar. Lembremos que este não foi o único mecanismo para isso vir à tona. L.A.P. já estava em um processo de mudança, com acompanhamento médico e psicológico.

Um ponto a ser abordado aqui, já apresentado em nossa dissertação de mestrado (NECHAR, 2015, p. 128) é sobre a identificação e a percepção do outro em si. Pelo fato do corpo gordo ser alvo de um estigma social em que é diminuída a capacidade física e mental, a pessoa gorda se sente diminuída. A pessoa gorda tem a sua potência de ser, de existir e de atuar como um ser

capaz de dar sentido à sua vida mas, no caso em questão, isso foi abafado por anos. A admiração do trabalho de outras pessoas gordas é um elemento que facilita o processo da percepção de si, como se fosse reforço para suas defesas e um resgate do seu feminino.

Aí eu via muitas fotos daquelas modelos famosas [...] Nossa, eu via aquilo, eu me imaginava... Meu Deus, imagine eu, uma gorda, aparecendo assim... Achava que eu ia tirar umas fotos daquelas, nossa, que um dia ia ser... Aí comecei a ver uns concursos, eu entrava nos concursos e todo mundo rejeitava (L.A.P., dez. 2019).

Entramos, neste momento, no contexto dos concursos de misses *plus size*, que tem muito em comum com os padrões estipulados nos concursos de corpos regulares. Os concursos de beleza são competições que classificam a beleza do corpo a partir de uma estética construída por padrões subjetivos em relação ao físico de uma pessoa. As glamourizações do corpo feminino, nestas competições, se tornam imperativos que valorizam a aparência. Os concursos de misses regulares, como é o caso do Miss Universo, reforçam padrões de perfeição física que são quase inalcançáveis.

Ocorre que estes concursos vendem uma ideia de glamourização, criando assim fantasias de poder, luxo e prestígio social, já que a beleza se tornou uma moeda de troca como forma de ascensão dentro destas competições. Para James Hillman, no livro *Tipos de poder*, caracteriza-se o prestígio “no aspecto social como um desejo de ser reconhecido pelo outro” (2001, p. 123).

Portanto, a diferença entre os concursos de beleza regulares e os concursos *plus size* residem no padrão de corpo. Devido à estigmatização da gordura, vinculada à feiura, a beleza das mulheres gordas se torna o oposto do que os concursos regulares exigem, ou seja, um corpo magro e curvilíneo.

Percebemos que esses concursos são uma forma de inclusão social, de aceitação do próprio corpo e uma forma de “desejo de ser reconhecida pelo outro” através da estética corporal alcançável para as mulheres gordas. Obter uma “faixa” traz todo um resgate do feminino. Na história de L.A.P., o feminino foi abafado mediante a violência, o abandono e a humilhação.

L.A.P. comenta que conseguir ser aceita em um concurso de beleza não foi fácil, e que ela foi rejeitada por vários concursos. As pré-inscrições precisam ser pagas e, na maioria das vezes, ela não tinha condições de arcar com este custo. Os concursos possuem regras rígidas, além da

exigência de disciplina de cada candidata. Elas precisam se dedicar esteticamente ao corpo e possuir vestimentas próprias para cada etapa. Além disso, os proprietários dos concursos pesquisam a vida pessoal e virtual das pessoas. Pelo fato de L.A.P. estar vinculada a grupos de admiradores de mulheres gordas, muitos organizadores recusaram sua participação. Aos poucos, L.A.P. foi percebendo que não precisava expor seu corpo para ser desejada pelos homens e, para conseguir o que queria, teria que ter um “olhar diferente” para si e para seu corpo. Foi então que mais algumas percepções afloraram: “Eu tinha que mudar, eu tinha que fazer alguma coisa para as outras mulheres verem minha atitude, que eu estava me aceitando como eu sou e ver que elas também podiam aceitar” (L.A.P., dez. 2019).

O “olhar diferente” é resultado de um processo de transformação pessoal pelo qual L.A.P. passou. Nesse processo, a importância do contato com as perspectivas do Movimento *plus size* foram relevantes para recriar novas percepções.

O Movimento *Plus Size* em momento algum exclui as questões políticas sobre o corpo, ele trabalha diretamente com a quebra dos paradigmas de que o gordo é relaxado e preguiçoso, faz com que ele saia da posição de vítima e desabroche para a enfrentar seus conflitos internos e crie uma conscientização de si (NECHAR, 2015, p.157).

A construção dentro dos princípios do que conhecemos como Movimento *Plus Size* fizeram parte de seu amadurecimento. A partir de uma percepção consciente da sua mudança, e com a ajuda que os discursos do Movimento *Plus Size* lhe proporcionaram, ela pode desenvolver um pensamento crítico e mais consciente das questões biopolíticas do próprio corpo.

Nos apoiamos no conceito de biopolítica a partir do artigo “Questões biopolítica nos processos de criação transmidiáticos”, que relê a biopolítica como “potência de vida” nas práticas sociais a partir das relações de vida, distanciando-a das ações controladoras do biopoder. Sendo assim, a biopolítica “é o terreno das lutas, das resistências produtivas, das relações e produções de poder” (LEÃO, 2010, p. 100).

Ao nos voltarmos para a narrativa, percebemos que a constituição de si está em constante movimento, um processo dinâmico de todas as representações significativas para ela. Um processo de individuação que ainda está se fundido com sua história de vida e com a percepção de si.

2.2.8. Dias atuais

L.A.P. já conseguiu conquistar seu título de Miss Simpatia Virtual, desfila para algumas marcas de roupa e atualmente trabalha como figurante. Sabe que ainda está em um processo de reescrita da própria história. Através da psicoterapia, está se reconectando com o passado, lembrando histórias, compreendendo o processo de sua infância, perdendo a mãe por tudo o que ocorreu. Ela está criando os novos sonhos, mas não faz muitos planos para o futuro. Agora, tem um olhar mais carinhoso para si, cuida de sua alimentação, de sua saúde física e mental.

O processo de aceitação e respeito de si, que Whitmont nomeia de “consagração ao aspecto tempo-destino da Deusa” (1991, p. 226), é capaz de ajudar no surgimento de um novo modo de vida. Quando permanecemos indiferentes aos fatos em andamento em nossas vidas, eles se tornam uma fatalidade. Nos conscientizarmos dos fatos, de alguma maneira, ao ouvir o nosso “processo histórico” (WHITMONT, 1991, p. 227), pode nos ajudar a perceber caminhos e processos diferentes. Assim nossa individualidade vai se formando. É importante que cada um perceba o seu próprio modo de se manifestar mediante os anseios da vida, indo assim em busca das oportunidades, mas tendo a consciência de que enfrentaremos “conflitos e tensões”. Portanto, ao agir de maneira compulsiva, devemos estar cientes do que pode ocorrer. Todo esse processo de erros e acertos, conflitos e tensões, faz parte da construção do eu.

Ainda Whitmont escreve que contracenamos com os elementos que constituem nossas histórias, e que “a Deusa diz: Você pode... talvez. Cabe a você descobrir.” (WHITMONT, 1991, p. 233). A vida é um roteiro em branco, somente com algumas instruções gerais, cabe a nós permitir criar e escrever a história de nossas vidas nesta página em branco. Foi isso que entendemos quando L.A.P. falou que não pensa no futuro: “a sensação da oportunidade é a percepção consciente da qualidade propícia ou não a uma determinada ação, num determinado momento” (WHITMONT, 1991, p. 234).

Eu antes não era bem comigo mesma, não era bem com o meu corpo. Então, depois que eu comecei a ver o Movimento *Plus Size*, depois que eu vi esse movimento sobre o corpo da mulher aí... Mudou muito, porque hoje em dia a mulher aprendeu a se valorizar mais, a amar o corpo, a buscar melhorar mais e mais a aceitação nesse mundo. Comigo foi assim. Então hoje teve muita, muita mudança, muita (L.A.P., dez. 2019).

É possível traçarmos o processo de individuação com a fala de L.A.P. Para Carl Jung, o processo de individuação percorre toda a evolução humana, tanto no nível pessoal como no coletivo (RAMOS e MACHADO, 2010, p. 41). Esse processo está em busca de uma auto-realização, tendo em vista que estamos sempre em processo de evolução e que as características dos indivíduos são dinâmicas, e quanto mais desenvolvemos nossas aptidões, mais evidente se torna o processo:

“O processo de individuação é resultante da interação do indivíduo com o coletivo. Este processo, de certo modo, depende da sintonia com o que podemos chamar de nossa essência e que, embora dependa da genética, da educação e do ambiente familiar e cultural, certamente a todos transcende” (RAMOS e MACHADO, 2010, p. 41).

Mas o que se prioriza na obra de Jung em relação à individuação é “tornar-se si mesmo” através da própria história. Portanto, torna-se necessário um resgate único e individual: “A individuação é um processo espontâneo de amadurecimento por meio do qual o indivíduo se torna o que está destinado a ser, desde o início” (VARGAS, 2010, p. 77). Não devemos deixar de notar que os elementos do coletivo e sua jornada interna estão ajudando L.A.P. a ir em busca do desenvolvimento do que ela gostaria de se tornar. Como exemplo, quando ela via as modelos *plus size* na internet e se imaginava fotografando.

Durante todo o processo de conversa e de escuta é possível perceber que, agora, ela tem a consciência do seu corpo. Ela se identifica como uma mulher gorda e isso nos indica que é possível que ela esteja em um movimento de constantes descobertas, tanto como mulher quanto com seu corpo e com os diversos elementos de imagens e culturas que transpassam pela identidade de quem ela é. Isso nos indica que o corpo que ela mesma reproduz demonstra sua autonomia e confiança diante o processo de sua história de vida.

Ao chegar ao final da conversa e desse pequeno resumo da experiência e história de vida apresentados, percebemos nitidamente que a presença do Movimento *Plus Size* e as redes comunicacionais digitais fizeram a diferença no processo de individuação e do seu destino.

No próximo tópico apresentaremos outra narrativa que também transpassa pelo corpo. A história de L.A.P. se distingue da próxima história em quase tudo, e somente um ponto às aproxima: as ligações com o Movimento *plus size*. São mulheres bem diferentes quanto à construção do processo de individuação, suas culturas e os meios ambientes em que viveram e

crianças cresceram. Até mesmo na atual relação com o corpo as duas se diferem, e isso faz com que tenham posicionamentos distintos quanto à maneira de viver e lidar com o feminino.

2.3. HISTÓRIA DE VIDA DE D.M.M.

Neste capítulo, a consciência corporal se torna um cenário para a exploração de sentidos. Com isso, pretendo explorar neste seguimento os processos de individuação e relacionar com as culturas contemporâneas do corpo por base de Georges Vigarello.

Uma das pessoas que compartilharam sua história de vida para esta tese é uma mulher que se destacou como *sex symbol*, miss e modelo de roupas do Movimento *Plus Size*, sempre teve um posicionamento otimista em relação ao movimento e foi referência para muitas mulheres na aceitação de seus corpos em todos os sentidos. Seu trabalho fez muitas pessoas a admirarem. Através das redes sociais digitais, fiz meu primeiro contato com ela no ano de 2010. Atualmente, ela não participa mais de trabalhos em relação ao Movimento *Plus Size*. O local da entrevista para esta tese foi marcado no ambiente de trabalho dela, após o expediente.

D.M.M tem uma personalidade meiga e feminina. Dedicou mais de dez anos ao Movimento *Plus Size*, atuando como modelo e atriz, além de ter desenvolvido uma personagem que se tornou *sex symbol* do movimento por alguns anos. Em sua lua-de-mel, foi impedida de participar de uma atividade esportiva por estar acima do peso, e esta notícia a fez repensar sobre seu corpo e seus limites, colocando-a em uma realidade que não esperava encontrar quanto ao seu peso. Esse foi o início de uma série de mudanças, até que realizou uma cirurgia bariátrica e virou a página do Movimento *Plus Size* em sua vida. Mas é grata por tudo o que aprendeu e conquistou através do movimento.

D.M.M teve uma infância tranquila e sempre soube que era filha adotiva. Foi adotada pela tia, irmã da mãe biológica. O seu nascimento foi no início da carreira profissional da mãe de sangue e, portanto, não teve tempo para cuidar do bebê, deixando-a sempre com a tia que acabou se tornando sua mãe adotiva.

Somente a partir do primeiro ano de vida ela tem registros, como fotos de família. Desde pequena, começou a apresentar distúrbios alimentares e relata que, ao anoitecer, a mãe adotiva preparava leite com achocolatado para ela dormir, pois a mãe biológica não estava presente para amamentar e nem para dar afeto.

Apesar de sentir todo o afeto, amor e carinho da mãe adotiva, relata a falta de algo, da ausência da mãe biológica. Conta que, quando criança, gostaria de entender porque a mãe não pode cuidar dela. Uma criança, na maioria das vezes, não entende as circunstâncias da vida adulta e, por isso, se questionava. O alimento foi algo em que D.M.M. se refugiou. Apesar de não conseguir encontrar respostas na comida, as fugas dos questionamentos vinham pela ingestão dos alimentos. Era algo que trazia conforto para ela.

Atualmente, ela entende que essa sensação de vazio deve ser tratada de outra maneira. A satisfação não deve vir pela comida, mas através de uma busca interna, pelos fragmentos de sua própria história, e ela pode se reconstruir.

Um dos primeiros pontos que pretendo apontar reflete-se sobre a maternidade e a amamentação simbólica, que envolve o feminino e o corpo da mulher. Ao entrar neste meio, percebemos a complexidade do assunto e a complexidade do imaginário cultural que a maternidade traz à tona. Não negamos que é um acontecimento importante para a mulher, tanto que, entre os estudos dos mitos do divino feminino, Joseph Campbell observa que, por muitos séculos, “a magia das mulheres é dar a vida e nutri-la” (2015, p. 21), fazendo assim uma analogia com o Sol, o fogo criador e a Terra que prove através dos alimentos. Atualmente, não temos mais esta visão. A mulher pode fazer a escolha de amamentar ou não, ou mesmo de ser mãe.

Nos dias atuais, ser mãe ou amamentar não tornam uma mulher mais ou menos feminina, é o Cátia Câmara escreve em seu artigo “Maternidade e Espiritualidade: Aspectos simbólicos”: “a ideia de instinto materno é construída culturalmente e não necessariamente um impulso para ser mãe e amar os filhos” (2015, p. 473). Com isso, notamos que a escolha de ser mãe ou não depende de cada mulher. Em nossa cultura, muitos dizem que a mulher somente se realiza através da maternidade, mas ela pode encontrar suas realizações em outros papéis, como por exemplo através da realização profissional, e não somente ao dar à luz.

A universalidade de ser mulher é vasta e vai além do que as palavras podem descrever. Edward Whitmont, em seu livro *O Retorno da Deusa*, escreve que “é óbvio que nenhuma mulher, mesmo que isenta de preconceitos culturais, poderia assimilar, integrar e manifestar de modo consciente toda a vasta gama de afetos e qualidades comportamentais do arquétipo feminino” (1991, p. 159). Com isso, as complexidades da mulher e da maternidade também não cabem

dentro da capacidade de descrever o que é ser uma mulher. Isso é quase impossível de expressar, devido a inúmeras subjetividades que este ser apresenta.

A amamentação faz parte de uma representação simbólica do Regime Noturno apresentado por Gilbert Durand. O leite está relacionado ao alimento com o qual a mãe nutre seu filho. É um momento de intimidade entre ambos e, para Durand, a figura feminina é “doadora de vida e posteridade, portadora do alimento, do leite, do grão e do mel, abrigo à prova de tudo, inviolável refúgio” (2002, p. 200); “o alimento primordial, o arquétipo alimentar é, de fato o leite, ‘toda bebida feliz é um leite materno’” (DURAND, 2002, p. 258). D.M.M comenta que, neste caso, o alimento está ligado ao afeto, ou algo que, além de afeto, traz alegria, tanto para ela quanto para muitas outras pessoas. O alimento como um modo de se proteger, um refúgio, com uma “proteção do corpo materno” (DURAND, 2002, p. 203).

O ato da amamentação é a ação de nutrir, de alimentar e, portanto, também é o ofertar afeto à criança que não necessariamente é seu filho de sangue. A mitologia romana conta que Rômulo e Remo foram amamentados por uma loba. Na mitologia egípcia, a deusa Renenutet amamentou o filho de Ísis. Entre os povos gregos e romanos, e até no Brasil colonial, a amas de leite eram responsáveis por alimentar os filhos dos outros. Isso não significa que a criança não recebeu afeto. Mas para D.M.M o alimento materno, teve uma representação única que supria a falta do afeto materno.

2.3.1. Adolescência e a dificuldade de se identificar com as roupas

D.M.M. nos informa que sempre foi uma criança “rechonchuda” e que, a partir de uns dez anos de idade, não reconhecia seu corpo, pois já tinha volumes nos peitos. Para uma menina desta idade, biologicamente é um processo precoce. Nos relata que, desde esta idade, já estava acima do peso recomendado. Lembra que o número das suas vestimentas eram em torno do 44, principalmente as calças. Aos treze anos, em torno da numeração 48. Por isso, lamenta por não poder fazer baile de debutante. Aos quinze anos, seu corpo já era o de uma moça bem acima dessa idade. Ela lamenta lembrar que se vestia com roupas que não condiziam com sua idade, ou seja, sempre teve que usar roupas de pessoas mais velhas, mesmo sendo roupas de marcas algumas vezes, mas aquilo não correspondia com o que ela realmente queria vestir.

Antes da análise do corpo, é importante ressaltarmos sobre os bailes de debutante na construção do feminino de D.M.M. Historicamente, estes bailes eram considerados um rito de passagem, uma celebração que marca a mudança no status de uma menina que se torna mulher diante da sociedade. A historiadora Renata Noronha comenta no documentário “História dos Bailes de Debutantes: A moda e os costumes” (2017), esses bailes começaram na Europa, em meados do século XVI, e se popularizaram no mundo após a revolução francesa. Com o objetivo de fortalecer a aliança entre as famílias nobres da época, as moças eram apresentadas à sociedade e, às vezes, já saíam de lá com pretendentes para se casarem. O ponto alto da festa é o momento em que a moça troca o vestido, de um modelo infantil para um modelo adulto, que marca mais as curvas do corpo. Mesmo que a representação deste rito de passagem tenha se modificado ao longo do tempo, D.M.M. desejava ter uma festa de debutante, mas não passou por isso. Seu corpo, aos quinze anos, já era o de mulher adulta, então a troca de vestido não faria sentido algum, até mesmo porque o vestido de debutante não caberia em seu corpo. Desde os doze anos ela já apresentava formas mais femininas de corpo.

“Então eu nunca tive uma, uma referência de corpo, seja ele grande, pequeno, tenha ele o tamanho que tivesse, eu me vestia com a roupa que servia” (D.M.M., set. 2019).

2.3.2. Identidade através da vestimenta

A vestimenta se torna importante pois é mediado pela roupa que mostramos um pouco de nossa identidade. Portanto, podemos nos expressar através dela.

O modo de se vestir, na verdade, se torna uma representação própria. A roupa se torna uma identidade em relação à pessoa que a veste, como se fosse uma linguagem, uma expressão pessoal. Em nossa dissertação de mestrado, observamos que “tanto os acessórios como as roupas, dependendo da ocasião, não deixam de ser uma representação da personalidade da pessoa, uma identidade visual, podendo dar indícios sobre seus gostos e suas preferências” (NECHAR, 2015, p. 91). E esta identidade visual se acentua quando tratamos da adolescência, pois existe também uma questão da identificação com o grupo de amigos. A roupa é uma ferramenta para a construção e percepção da personalidade.

Mediante a história de D.M.M., é possível perceber a dificuldade em se vestir devido ao seu corpo não corresponder à idade biológica. Ser uma adolescente com um corpo de mulher, não

poder vestir-se como as amigas, pois o mercado de roupas não oferece opções por não existir roupas juvenis do tamanho do corpo dela, a fez com que não conseguisse se expressar através da roupa. Ela afirma que não conseguiu achar uma identidade através de suas vestimentas. Por mais que os pais se esforçassem em apresentar uma gama de marcas de roupas que se destacavam na época, ela se vestia com aquilo que cabia nela, e não com o que realmente expressava quem era uma garota de sua idade.

Atualmente, a indústria da moda tem buscado apresentar uma gama de produtos de diversos estilos. Podemos citar o *slogan* das lojas de departamento Renner para sua linha de roupas *plus size* da marca Ashua: “Roupas *plus size* que mais combinam com você e seu estilo”. Hoje em dia é mais fácil achar, nas principais lojas de departamento, roupas de tamanhos grandes que combinam com o estilo de cada pessoa. Mas essa mudança do mercado está sendo pouco percebida. A marca surgiu no mercado a partir de 2016, e somente nos grandes centros.

É importante notar que, nessas lojas, por mais que tenham ampliado sua grade de numeração, as roupas ainda são voltadas para corpos de mulheres e não para corpos adolescentes, e a grade de numeração de roupas, junto com a normatização dos tamanhos, ainda é muito limitada.

Voltando à narrativa de D.M.M., ela conta que, quando recebeu o diagnóstico do cardiologista, de que apesar de ser uma mulher com trinta anos, ela tinha um coração correspondente ao de uma pessoa de sessenta e cinco, ela lembrou de sua relação com o corpo e com as roupas na adolescência, visto que a idade biológica não correspondia com o tamanho do seu corpo. Ao ir aprofundando na memória, D.M.M. relatou que não se sentia confortável nas roupas desde pequena, vista roupas pequenas ou grandes para seu corpo.

Neste momento, quero trazer para esta tese uma reflexão sobre um trecho da clássica história *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, em que a protagonista está dentro da casa do Coelho Branco, bebe o conteúdo da garrafa e começa a crescer e ficar maior do que a casa.

E continuou crescendo, crescendo e dali a pouco teve que se ajoelhar no chão; mais um instante e não havia mais espaço para tal; tentou então o artifício de se deitar com um cotovelo contra a porta e o outro braço enrolado em volta da cabeça. Mas ainda continuou crescendo, e, como último recurso, enfiou um braço pela janela afora e um pé pela chaminé acima, murmurando: “agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que vai ser de mim?”

Para sorte de Alice, a garrafinha mágica já tinha feito seu pleno efeito e ela não ficou maior. Mesmo assim, aquilo estava muito desconfortável, e, como parecia não ter a

menor possibilidade de sair do quarto, não admira que se sentisse infeliz (CARROLL, 2009, pp. 45-46).

Na história, Alice tem nove anos, e D.M.M. neste momento tem sete anos, como nos relatou. Ambas começam a sentir o desconforto de crescer em demasiado, não cabendo dentro de si mesmas. Um corpo que aprisiona a alma de uma criança, roupas de adultos que aprisionam a identidade de uma garota, do mesmo modo que Alice estava presa dentro da casa e, de uma maneira ou de outra, coloca seu braço pela janela e um pé pela chaminé. Imagino o quanto ambas não se sentiram por um bom tempo desconfortáveis, vestindo aquilo que não lhes cabe e que não lhes pertence emocionalmente, deixando-as infelizes.

Isso acontece com muitas mulheres que passaram por uma infância com o corpo gordo. No caso de D.M.M., acreditamos que exista uma relação com sua personalidade feminina. Entendemos que o tamanho do seu corpo não sufocou a menina dentro dela. A feminilidade em si, como um modelo cultural intrínseco em relação aos adjetivos de meninas e mulheres: doce, meiga, anjo, formosa, bonequinha, entre outros⁴.

Mesmo o corpo não correspondendo à idade, D.M.M. foi uma menina que gostava de brincar e de fantasiar um mundo idealizado por ela. Comenta que essa menina, mesmo aos trinta e cinco anos, ainda existe dentro dela, e não quer que ela morra, pois sabe que o corpo envelhece e a criança interior faz com que o processo de amadurecimento não seja tão duro, que seja mais leve.

Neste ponto, focaremos na questão da fantasia. D.M.M. tinha uma personagem famosa no meio *plus size*, que representa a sensualidade da mulher gorda, com muitos trejeitos delicados, meigos e afáveis, características da menina que era quando pequena.

No caso desta história de vida, entre os vários conceitos de fantasia, podemos destacar que é algo que a mente humana permite reproduzir de forma lúdica, como uma brincadeira. Ela expressa que tem medo que a criança interior “morra”. A menina que, na infância, teve que de se vestir de mulher, quando adulta, pode brincar como criança. Gilbert

⁴ Pesquisa realizada em abril de 2020 via Google, por adjetivos para meninas e mulheres. Disponível em no site <https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=260563#:~:text=perfeita%2C%20linda%2C%20simpatica%2C%20deusa,%2C%20estonteante%2C%20esplendorosa%2C%20sensual%20e>

Durand “amplifica” a fantasia nos momentos de felicidade da infância que nos permite acessar “o verdadeiro arquétipo da felicidade simples” (1993, p. 68). Para Jean Chevalier, é “a sensibilidade da alma infantil bem como a promoção da imaginação com o seu mundo de subjetividade, memória, sonho, fábula, fantasia, lirismo...” (1986, p. 243).

Percebemos, portanto, que a fantasia, em nossa análise, permitiu que a criança interior viesse à tona de forma lúdica, do mesmo modo que as características da feminilidade vieram a aflorar também através da personagem.

Vimos, também, que existe um processo de crescimento e existe o medo de fazer esta criança interior morrer. Para o filósofo francês Henri Bergson, que se dedicou ao tema consciência e corpo, “amadurecer é continuar a criar a si mesmo” (1971, p. 47). O ato de crescer, amadurecer, ter uma vida adulta de trabalho e responsabilidades que uma criança não tem, não exclui abafar a voz da menina que está dentro de D.M.M.

E continua nos narrando sobre a questão de fantasiar e fantasiar-se, sobre sua relação com o lúdico, com sua feminilidade e com o feminino, o quanto faz parte dela ser uma mulher doce e romântica. Mas que, ao se ver muito gorda, se questionou sobre a capacidade de permanecer em sua sensualidade, pois não conseguia mais se entusiasmar consigo mesma, muito menos com sua personagem. Não conseguia mais se aceitar e muito menos ver a sua imagem. Ela não se reconhecia mais.

D.M.M. se refere ao momento em que se viu tão gorda que perdeu a alegria de viver. Se faz necessário ressaltar que a sensualidade em si significa o prazer dos sentidos, o prazer de viver. Então, a partir do momento em que ela se desconectou de si de alguma forma, as coisas da vida perderam o prazer. Não havia mais o gozo pela vida.

Isto posto, exploraremos a questão da feminilidade em relação com a sensualidade. A construção cultural da feminilidade é um conjunto de atributos relacionados ao papel da mulher ou da menina. Temos então uma gama de significados ligados ao gênero feminino, mas que muitas vezes também encontrado no gênero masculino. Mas não é nosso foco a questão de gênero, mas sim a feminilidade e o feminino que afloram. Para Aida Novelino professora de psicologia da UFPE, em seu artigo “Feminilidade: Um perfil cultural”, a feminilidade é uma construção cultural e que, antigamente, “acredita-se, enfim, que tudo que diz respeito à mulher

pode e deve ser explicado pelas particularidades do seu corpo” (1998, p. 19). Atualmente, a subjetividade deste assunto é tão vasta que entra na questão de como cada mulher se identifica em relação a seu próprio corpo e ao seu feminino, ou seja, um processo individual dentro de “um sistema universal, natural e normatizador” (NOVELINO, 1998, p. 21).

Com estes elementos complexos, quero me voltar às características mais proeminentes de D.M.M. em relação ao semblante de sua feminilidade e docilidade, este como adjetivo de uma pessoa meiga e gentil, e não ao aspecto de submissão. Muito ao contrário, a partir da sutileza como uma de suas potencialidades, D.M.M. alcançou prestígio no meio *plus size*.

As características da feminilidade, portanto, são individuais. Observei nesta tese que cada história de vida tem uma relação diferente com a feminilidade. Todas as entrevistadas são do gênero feminino, mas, em cada uma, há uma interpretação que varia de acordo com fatores sócio culturais, sendo assim um processo de individuação também.

Creio que o propósito do discurso desta tese também seja mostrar que as mulheres entrevistadas se (re)organizam através de suas identidades sociais da maneira que elas próprias buscam para o seu bem-estar, independente de modelos prontos sobre o que é feminino ou feminilidade. Cada uma se constrói e reconstrói como quer.

2.3.3. Sex symbol

Ao questionar D.M.M. sobre seus trabalhos em desfiles, como modelo, e, principalmente, sobre sua personagem, percebi que muitos se afastaram dela devido à cirurgia bariátrica. Laços de amizade se desfizeram, além dela ficar sem os trabalhos como modelo e como sua personagem.

D.M.M. relata que, atualmente, possui poucos vínculos com as pessoas do universo *plus size* devido à cirurgia bariátrica. Muitas pessoas a questionam sobre sua personagem como se ela tivesse “traído o Movimento *Plus Size*”. Ela sempre falou sobre a aceitação do gordo, sobre autoestima, sobre satisfazer-se com sua própria imagem, e foi neste momento que ela relatou estar insatisfeita com o que via no espelho, chegando a um estágio em que ela não tinha mais prazer de viver, não tinha mais vontade de sair da cama. Teve consciência de que precisava mudar e recorreu à cirurgia para isso.

Devido ao exponencial de representação do lado sensual do feminino gordo, a personagem de D.M.M. alcançou uma gama de seguidores e admiradores dentro do universo *plus size* e fora dele. Com isso, ela criou laços com o público e se tornou referência dentro movimento. Sua primeira aparição pública foi usando lingerie, na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, em uma manifestação a favor da quebra de padrões hegemônicos do corpo, a fim de representar as virtualidades do corpo gordo feminino, que vão além de suas curvas e beleza, buscando um espaço maior dentro da sociedade, dando visibilidade às pessoas gordas. Portanto, ao fazer um procedimento tão radical como a cirurgia bariátrica, ela abalou seus seguidores e admiradores, deixando-os pensar que a pessoa que seguiam divergiu totalmente do que propagava, da sua personagem, das suas postagens na internet e de seus trabalhos como modelo *plus size*. Por isso se sentiram traídos.

Para podermos esclarecer melhor esta questão, nos apoiamos em um movimento ideológico conhecido como *Body Positivity*, surgido nos Estados Unidos. Uma das pessoas com significância dentro desse movimento é a médica clínica, doutora e PhD Barbara Altmann Bruno, pioneira do movimento HAES – Health at Every Size, (“Saúde em todos os tamanhos”, tradução nossa). Em seu artigo, descreve a sua história dentro do NAAFA – National Association to Advance Fat Acceptance (“Associação Nacional para o Avanço da Aceitação da Gordura”, tradução nossa) e descreve como a história do movimento *Body Positivity* se iniciou.

Quem escreveu o primeiro artigo voltado à aceitação do corpo gordo, elencando os diversos preconceitos que o gordo passa na sociedade americana, foi Lew Louderback, em 1967. O artigo, intitulado “More people should be fat” (“Mais pessoas deveriam ser gordas”, em tradução nossa), foi publicado no jornal nova-iorquino Saturday Evening Post, e tinha como objetivo expressar abertamente as falsas crenças discriminatórias que o corpo gordo está sujeito a passar. No artigo, ele escreve que as pessoas gordas não devem se preocupar pois “os padrões de beleza americanos estão errados”⁵. Este artigo desencadeou uma onda de manifestações nos Estados Unidos em prol do corpo gordo que acabaram questionando a pressão estética imposta pela mídia e a aceitação do corpo gordo pela sociedade. O *Body Positivity* é um movimento que respeita e engloba todos os tipos de corpos e incentiva as pessoas por uma consciência corporal positiva, a fim de não serem tão severas com seus próprios corpos na esfera estética, e sim

⁵ “American beauty standards are wrong” (tradução nossa).

alcançarem uma aceitação maior em relação ao corpo, sem nunca deixar de lado os cuidados com a saúde física e mental.

Voltando à narrativa, percebemos que muitos seguidores de D.M.M. confundiam as postagens sobre autoestima nas redes sociais e o trabalho no Movimento *Plus Size* com o ativismo político em prol do gordo, e isso encontra ressonância com o que Maria Luiza Jimenez Jimenez escreve em sua tese de doutorado *Lute como uma gorda* (2020). Os ativistas e militantes estão voltados mais para as “decisões e as ações políticas”: “o ativismo deve modificar, transformar e influenciar processos e resultados sociais e políticos” (JIMENEZ, 2020, p. 170), o que difere do *Body Positivity*, que tem uma proposta mais voltada para saúde e autoestima:

O Movimento body positive se confunde muitas vezes com o ativismo gordo; mesmo não sendo a mesma coisa, promovem um autoconhecimento de seu próprio corpo como valorização de sua história (JIMENEZ, 2020, p. 172).

O movimento *body positive* engloba o bem-estar do corpo e todo o processo físico e emocional da pessoa. É interessante notar que Jimenez escreve “positive” e em nossa tese usamos *Positivity*. O *body positivity* engloba todas as “ondas” que o movimento passou desde os anos 60 até os dias atuais. O termo *body positive* foi empregado em 1996 em estudos para terapia de transtorno alimentares. Então foi criado *The Body Positive Institute* que ajuda a pessoas a desenvolverem o autocuidado com seus corpos. A partir da primeira década de 2000 termo *body positive* toma força dentro do movimento *body positivity*, se destaca nas mídias sociais digitais e em campanhas publicitárias.

Observamos que há uma ligação entre o Movimento *Plus Size*, que está diretamente ligado à vestimenta e à identidade, e o Movimento *Body Positivity*. Ambos procuram descentralizar o padrão do corpo magro como ideal de saúde e beleza. Além do *Body Positivity* ter começado a partir de um manifesto (artigo) em prol do corpo gordo, as lutas de ambos os movimentos são para que o corpo seja visto como parte integrante da sociedade, e não como uma anomalia ou doença.

O *Body Positivity*, assim como os movimentos ativistas, militantes e a voz do Movimento *Plus Size*, são acima de tudo, para que os diversos corpos possam participar do cotidiano, ter a liberdade de usufruir dos benefícios comuns da vida, ter acesso aos meios de transporte público, poder participar de processos seletivos de trabalho, ser respeitado em seu ambiente de trabalho,

ser tratado com dignidade em hospitais, poder se vestir de acordo com as tendências da moda, entre outras funções sociais. Por isso eles buscam por mudanças dentro dos padrões sociais.

2.3.4. O limite: Reconhecimento do corpo

Entramos agora em um momento da narrativa de D.M.M. em que ela se deparou com o tamanho ao qual chegou o seu corpo e começou a ter consciência de quais eram os limites do corpo, a ponto de não mais se reconhecer no espelho e ter que abrir mão dos prazeres da vida.

Nos fala que, em um determinado momento da vida, se percebeu muito acima do peso e como aquilo trazia complicações para sua saúde. No espelho, ela não se reconhecia mais, só via um círculo com um rosto bonito.

Relembra o momento em que se questionou quanto ao ponto em que havia chegado. Foi em sua viagem de lua-de-mel, quando foi barrada de participar de uma atividade esportiva conhecida como tirolesa, que consiste em um cabo de aço conectado em dois pontos, que são o início e o fim do trajeto, e o participante é preso com cintos com roldanas, que permitem que ele deslize de uma ponta a outra, com a sensação de estar voando. Esta atividade somente pode ser feita mediante rígidas normas de segurança pois, apesar de ser uma prática que não exige esforço físico, inclui riscos. O limite de peso do participante é de cento e vinte quilos.

D.M.M. não pode saltar pois estava trinta quilos acima do peso determinado pela segurança, e foi neste momento que se questionou: qual é o meu limite? Então começou a se questionar quanto a onde o peso a estava levando, qual era o limite dela mesma, até onde poderia chegar com o peso de seu corpo? Foi o momento em que se olhou no espelho e não viu mais nada, somente um círculo com um rosto bonito. Todos os traços de delicadeza e de sensualidade deram espaço para a gordura. Ela não se reconhecia mais. Havia ultrapassado os limites que seu corpo poderia aguentar, nos diz que não havia mais harmonia de formas, não existia mais equilíbrio do que ela queria e o que poderia fazer. Por isso se questionou. O importante é se aceitar, mas para tudo existe um limite.

Ela teve a percepção do seu excesso de peso partir do momento em que, contra a vontade, não pode participar de atividades que lhe davam prazer, causando assim uma frustração. É importante notar que ela percebeu por si só sobre seu excesso de peso. Não foi algo que alguma

outra pessoa havia lhe falado, mas algo dentro dela a alertou. Todos temos o livre arbítrio de aceitar ou não que a palavra do outro entre em nossas vidas, mas, neste caso, foi uma conduta dela mesma ter a consciência de si.

As vontades de D.M.M. ultrapassaram os limites de seu corpo e esta afirmação entra em conformidade com o pensamento de Georges Vigarello, no livro *O sentimento de si*: “O imaginário do sonhador abala as fronteiras e os limites do corpo” (2016, p. 19). Neste caso, a imaginação de ter boas expectativas em relação à viagem e o quanto aproveitaria dos passeios, mas deparar-se com uma decepção maior. Ao entrar em contato com o fato de não poder realizar seu sonho de andar numa tirolesa devido ao seu peso, teve um choque de realidade, sendo assim vítima da sua própria imaginação. Ao perceber o tamanho do corpo, ela estaria tomando consciência da “percepção de si mesma” (VIGARELLO, 2016, p. 20). Pois não é só uma questão de “andar em uma tirolesa”, mas, neste momento, o embate entre seu corpo e sua consciência foram maiores. Ela teve a percepção de que não poderia mais participar da própria vida, das suas escolhas.

Somente a partir deste instante é que ela pode olhar para si, perceber “as próprias dimensões físicas, ao ponto de entrecruzam nelas a inquietação. Dessa forma, uma nova maneira de ‘reviver’ a própria individualidade, o próprio si, nasceria” (VIGARELLO, 2016, p. 21).

Respeitar os limites do corpo foi outro assunto abordado em nossa dissertação de mestrado. Sempre apontamos os limites dos excessos, tanto para o corpo gordo quanto para a anorexia, os limites mentais e emocionais que fazem parte do processo de percepção do corpo. Apontamos então os questionamentos em relação aos limites do corpo, no qual encontramos exageros que extrapolam a capacidade do organismo. Devemos tomar cuidado, pois podem ocorrer danos irreparáveis, inclusive levar o ser humano à morte.

2.3.5. Diagnóstico e posicionamentos médicos

O conflito entre o que D.M.M. falava para seus seguidores, suas questões de saúde e sua relação com o corpo agora estavam abalados, e foi então que tudo isso foi posto em questão para a realização do sonho de ser mãe.

Nos conta que, quando foi fazer um check-up e recebeu do médico cardiologista o diagnóstico de obesidade mórbida, aquilo a chocou muito. Até então se sentia uma gorda feliz consigo mesma, pois se aceitava fisicamente, apesar de sentir algumas dores quando fazia exercícios físicos. O mesmo choque a acometeu quando recebeu do médico pneumologista a notícia de que sua capacidade pulmonar era a de uma pessoa de sessenta e sete anos, e não foi a única coisa. O médico a alertou que o momento de engravidar aquele, ela não poderia adiar por muito o sonho de planejar uma família e ter filhos. O médico, ao discorrer sobre as complicações que uma gestante gorda pode passar e os riscos, inclusive de ir a óbito, fez com que ela lembrasse de sua infância. Como ela cresceu com a mãe ausente, não queria que seu filho passe pela mesma circunstância. O desejo de ser mãe e poder cuidar do filho também a impulsionaram a fazer a cirurgia bariátrica, pois o sonho dela, neste momento, se tornou mãe, poder ter um filho e dar todo o carinho, ternura, afago e afeto que não teve de sua mãe biológica.

Vale a pena entendermos a relação do discurso médico-paciente neste caso. Como pesquisadora, questiono sobre a execução de uma cirurgia bariátrica, principalmente quando está em pauta a questão estética e problemas de saúde que podem ser atenuados ou resolvidos com exercícios físicos e mudança de hábitos alimentares pelo paciente.

Portanto, trago para esta discussão duas situações diferentes. Uma são os discursos biopolíticos generalizados, que fazem parte de um padrão hegemônico médico, e a outra são os discursos voltados a situações individuais e estudos de casos específicos, como é o caso desta história de vida.

Nikolas Rose, em seu livro *A política da própria vida: Biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*, o governo e a medicina olham para o corpo como peças biológicas, um corpo anatomicamente projetado, um objeto entendido por médicos e sociedade como uma forma produtiva de trabalho para o crescimento da sociedade. Isto posto, qualquer corpo não saudável e improdutivo não é bem visto socialmente. Este é o caso do corpo gordo e, devido à construção da ideia de que essas pessoas são “incapazes”, “depreciadas”, “improdutivas” (VIGARELLO, 2012). O gordo é deixado de lado, e somente será útil para a sociedade se emagrecer. Jimenez aponta que os médicos não levam em conta o lado humano dos pacientes.

A construção do discurso biomédico, midiático e normatizado do que é ser saudável não leva em consideração todos os corpos, subjetividades, afetos, histórias de vidas e dimensões culturais. O que acontece é uma lógica política, capitalística mundial, para

a qual existem apenas dois tipos de corpos, o com saúde e o com doença (JIMENEZ, 2020, p.127).

Este então é um ponto importante: muitos dos médicos não ouvem a história de seus pacientes e procuram sempre por “curar” a doença, e não o paciente.

No relato de D.M.M é claro que no caso dela já existiam algumas comorbidades, além do que seu corpo já não estava sobre seu controle. A cirurgia bariátrica foi algo pensado para o bem da saúde dela e para o filho, levando em consideração toda a sua história com o peso. Neste caso, se levou em consideração a história de vida, seus afetos e subjetividades, Não foi algo pensado a partir da busca estética ou somente por uma ou outra doença. Foi visto o paciente como um todo.

Nestes casos, meu discurso como palestrante e pesquisadora da área é bem direto: sou contra a banalização da cirurgia bariátrica. Segundo Flavia Albuquerque (2019), jornalista da Agência Brasil (Site EBC Notícias, do Governo Federal), no ano de 2018 foram feitas 63.969 cirurgias bariátricas, um aumento de 84,73% em relação ao ano de 2011. Muitas delas foram feitas por motivos estéticos, quando não existe comorbidade. Muitas das cirurgias são feitas para eliminar os sintomas da obesidade, e não a causa dela, como, por exemplo, má alimentação relacionada à nutrição, falta de atividade físicas regulares ou estilos de vida sedentários. Como os efeitos da cirurgia são mais rápidos do que os regimes comuns, muitas pessoas acabam engordando a fim de passar pelo procedimento e esperando um “milagre” de ser magro e feliz para sempre.

No caso de D.M.M. a situação se coloca de maneira diferente. A cirurgia surge com uma necessidade real que envolve risco de vida, tanto para o bebê quanto para a mãe, e não por uma necessidade estética.

2.3.5. Pós-operatório e a reconstrução de uma nova mulher

O novo corpo surge com novos significados. D.M.M. está atribuindo um novo significado para sua identidade e acontecimentos em sua vida. Tudo tem um ar de novidade agora, ela é uma outra pessoa, uma nova mulher.

D.M.M. diz que a cada dia que passa ela vivencia uma nova mulher. Em um ano, perdeu setenta quilos, mas teve um pós-operatório complicado e teve que ir para a U.T.I., pois teve uma fístula.

Relata que passou aproximadamente um mês na U.T.I., teve que se alimentar pela sonda nasogástrica, não podia mexer muito os braços devido ao soro e outros acessos ligados ao corpo, não conseguia escovar os dentes ou pentear os cabelos. Se sentiu completamente desfigurada, como se tivesse que se reconstruir do zero. E realmente foi, como relata, pois, teve que juntar todos os pedaços que a constituíam, um pouco da autoestima, um pouco da fé, o desejo de ser mãe e sua essência, e assim pode resgatar e reconstruir com mais força quem ela realmente é.

Ao transformar seu corpo, D.M.M. passou (e ainda passa) por uma experiência de autoconhecimento, uma nova percepção de si. Não é somente ter um corpo diferente, que ela não imaginaria ter. Não é somente uma questão de autoestima, pois isso não lhe faltava. Foi o fim do sofrimento físico e psíquico voltado ao tamanho do corpo. E uma nova relação com uma pessoa que emergiu, a redescoberta de si.

O processo todo fez com que ela sentisse a necessidade de pensar em si. Volto-me aqui ao processo de individuação. Ramos e Machado escrevem que “a bússola para sentirmos quando estamos no caminho da individuação é a alegria, uma convicção forte e espontânea que emerge quando nossas atividades atuais estão ligadas com a nossa essência inativa. Por isso se diz que o objetivo do processo de individuação é fazer o indivíduo tornar-se a pessoa que realmente é” (2010, p. 42).

A vontade de mudar veio a partir de um olhar para seu corpo e a percepção que, nele, não poderia mais viver como queria, e a mudança pós bariátrica se apresentou com um novo corpo percebido. “Experimentar diferentemente o corpo significaria tornar-se ‘diferente’. O imaginário da mudança física sugeriria uma mudança íntima” (VIGARELLO, 2016, p. 22). Sendo assim, nasce um novo sentimento de identidade através do corpo, uma nova contemplação do ser.

D.M.M., aos trinta e cinco anos, está construindo e conhecendo uma nova mulher, está em um “momento de êxtase” consigo mesma, se redescobrimo. Ela tem ciência de que a obesidade sempre esteve ao lado das suas escolhas e que, nestes casos, fato de ser gorda não atrapalhou muito na jornada de sua vida, tanto emocionalmente quanto em relação à sua vida social. Como já foi abordado em nossa dissertação de mestrado (2015), na maioria das vezes o estigma social é mais pesado do que o próprio peso do corpo gordo. D.M.M. não se incomodava com seu peso

e tirava proveito dessa situação, quebrando padrões sociais e sendo um exemplo de que existe beleza em um corpo gordo.

2.3.6. Movimento *Plus Size*, uma página virada

A vida dentro do Movimento *Plus Size* não faz mais sentido para D.M.M., mas nem por isso deixa de pensar no outro e em tudo que uma pessoa gorda passa. Ela tem empatia pelo próximo. Mesmo assim, como escrevemos anteriormente, ela é questionada pela decisão que tomou.

Relata que foi uma vida inteira driblando o preconceito, desde a infância até a vida adulta, por isso a cirurgia não a fez abandonar tudo o que conquistou através do Movimento *Plus Size*. Sempre pensa nas pessoas que passaram pela mesma situação. Conta que não é somente uma questão de ter roupa para vestir, mas sim o fato de poder ir e vir, de poder participar de um cotidiano social sem ser julgado socialmente pelo seu tamanho e peso do corpo.

Quando falamos sobre julgamentos, ela relembra o quanto está sendo julgada pelo fato de ter feito a cirurgia bariátrica. A impressão que nos passa é que está sofrendo um preconceito reverso, perpetrado por algumas pessoas gordas, pelo o fato de ter emagrecido. Acredito que isso se potencializa por ser uma figura pública e sempre prezar pela autoestima da mulher gorda.

Lidar com tal situação, a do preconceito, ocorre nos âmbitos da falta de saúde, da falta de vestuário, dos preconceitos advindos de um imaginário social, pela pessoa não estar de acordo com os padrões corporais estipulados pelas mídias. Outro ponto importante é sobre a suposição da capacidade intelectual das pessoas gordas, e tudo isso afeta a questão emocional, discutida no campo da psicologia e que atualmente é chamada de *bullying*.

Cléo Fante, autora do programa anti-*bullying* do Senado Federal de 2011, escreve que o *bullying* é “o desejo consciente e deliberado para maltratar outra pessoa e coloca-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais” (2005, p. 27).

O *bullying* é muito recorrente não somente em escolas, mas também nos ambientes de trabalho, em que é conhecido como *mobbing*, agindo de modo semelhante ao *bullying* como “um comportamento mais cruel e intrínseco nas relações interpessoais”, a fim de conseguir

vantagens, benefícios e ascensão no cargo ocupado, ou mesmo com “brincadeiras que disfarçam o propósito de intimidar e maltratar” (FANTE, 2005, p. 29).

D.M.M., pelo menos publicamente e nas relações pessoais junto às colegas do Movimento *Plus Size*, sempre aparentou lidar muito bem com esse tipo de situação, por mais que a magoasse. Mas relatou algo que aconteceu em seu antigo emprego, quando era professora de uma escola e sofria preconceito de sua superior, pedagoga e diretora da escola, por ser gorda.

Quando começou a trabalhar na área da educação, sofreu preconceito por ser gorda vindo da coordenação da escola em que trabalhava. Comenta que se espanta com a atitude de educadores em relação a certos posicionamentos, pois “a escola é um lugar onde a gente forma o caráter de uma criança, um adolescente” (D.M.M., set. 2019).

Comenta que as atitudes preconceituosas aconteciam explicitamente na frente das crianças, e isso a constrangia muito. Lembra de um episódio em que um aluno a defendeu diante da coordenação, pois ela não podia se manifestar por estar diante a um superior direto. A criança questionou a diretora sobre qual o problema de pessoas serem gordas e o quanto isso afetaria diretamente no trabalho que desenvolvia. Diante de tal situação, a diretora repreendeu a criança, deixando-a de castigo, pois o aluno não podia “afrontar” a diretora.

A partir de então, D.M.M. conta que as pessoas não estavam mais dispostas a ouvir as outras, não se dispõem a ouvir opiniões diferentes, o que leva o mundo a se fechar, e complementa que o ambiente educacional é um lugar propício a diferentes tipos de discussão. Lembra o quanto foi tratada com desprezo e como se sentiu ofendida diante do que sua superiora lhe dizia no ambiente de trabalho, e somente o respeito entre os seres é que poderia e pode melhorar a educação.

Percebemos, então, uma relação de abuso de poder no ambiente de trabalho em que, a partir da superioridade hierárquica, a vítima está de certo modo ligada a uma submissão, pelo respeito ao superior.

São essas situações pelas quais muitas pessoas passam em seus ambientes de trabalho. Ataques constantes em razão ao seu tipo físico acabam afetando o rendimento profissional e pessoal pela humilhação e abuso de poder.

D.M.M. aprendeu, em sua trajetória de vida, a lidar com os preconceitos, pois com certeza passou por muitas outras situações desse tipo. A autoestima é um dos elementos que ajudaram a lidar com este tipo de cenário.

Entramos então em um outro cerne da história, a construção da autoestima e, mais específico ainda, a construção da autoestima da mulher gorda. Um ponto ao qual devemos muita ponderação para que o termo não se apresente de forma superficial, voltado somente à questão da cultura da beleza. Para Fabiana Lopes Binda Graci, em seu artigo “Eterna Criança: Autoestima e individuação” (2017), devemos refletir sobre o assunto com mais profundidade, pois a autoestima possui inúmeros sentimentos de valorização e dignidade do ser humano.

A psicologia analítica aborda todo o desenvolvimento da consciência na infância: “Ao refletir sobre a formação da autoestima, é necessário percorrer o processo de desenvolvimento humano, tendo em vista como se formam a nossa identidade e nossa autoimagem” (2017).

Quando levamos isso para o âmbito das mulheres gordas, o trabalho do desenvolvimento da autoestima se torna desafiador, pois a pressão estética, a pressão social e a pressão interna acabam emergindo com mais força, refletindo mais no cotidiano, pois seu corpo não faz parte de um padrão aceitável socialmente, então a questão da exclusão e da incapacidade sempre estarão presentes. Pensamento do qual D.M.M. compartilha, pois comentou sobre a questão da aceitação e valorização de si, algo que não é fácil de se alcançar.

D.M.M. narra que, atualmente, no universo *plus size*, confunde-se aceitação com valorização. As pessoas que representam o movimento somente levantam a questão da moda e do concurso de beleza, e a valorização não vem somente de uma foto bem produzida, mas sim do desenvolvimento do intelecto da pessoa gorda, pois, a partir do momento em que ela se torna alguém pensante e para de repetir o que os outros falam nas redes sociais, colocam-se no devido local de respeito. A beleza não é somente estética, é a essência da pessoa.

Para analisar o desfecho desta história de vida, continuaremos nos pautando no raciocínio de Graci (2017): a formação da autoestima se refere às primeiras experiências afetivas da criança. Neste ponto, vale ressaltar que D.M.M. sentiu falta do afeto e do leite materno no início da sua infância, como já vimos.

A autoestima faz parte de uma constituição de como as “primeiras noções da autoimagem são construídas, os valores que pautam a convivência com o mundo se estabelecem e o indivíduo vai aos poucos traçando para si quais características de sua personalidade” (GRASI, 2017). Isto inclui também a relação com todas as pessoas à sua volta. O sentimento de valorização que o indivíduo construiu (ou não) na infância interfere em seu destino e nas escolhas que fará na vida adulta.

Através da fala de D.M.M. e da construção de nosso pensamento em relação à autoestima, percebemos que ser bonita não é estar fisicamente arrumada e esteticamente dentro de um padrão de beleza. Ser bonita está no âmago central de uma pessoa, no modo como ela se comporta perante as situações do cotidiano, na sua (res)significação com o mundo, na construção que ela tem com sua interioridade. Assim, aflorando a pessoa que realmente ela é, independente das relações com o Movimento *Plus Size*, que hoje é uma página virada em sua história, mas que ainda faz parte do livro de sua vida.

Nesta história de vida, percebemos, pela construção de sua jornada, a nova mulher em que ela está se tornando. Não foi somente a cirurgia bariátrica que a tornou mais dona de si, mas sim um longo e complexo processo de construção de sua singularidade.

Sua infância foi em volta das preocupações com o corpo e com as roupas, pois desde a pequena tinha um corpo que não cabia em sua identidade de menina. Na adolescência, se decepcionou por não poder fazer um baile de debutante, por não ter roupa para vestir. Já adulta, transformou sua angústia de ser gorda e não poder usar roupas em uma personagem extremamente feminina, que se tornou um *sex symbol* do Movimento *Plus Size* no Brasil, além de fotografar e desfilarem para diversas marcas de roupas, e foi miss de sua cidade. Até que, em sua trajetória, se deparou com seu próprio limite, o limite do próprio corpo, o limite de si. O diagnóstico cardiológico, apesar de ser um choque, foi o momento em que ela começou a enxergar que pode alcançar a realização de seu sonho, de ter um filho. Então ela realiza a cirurgia bariátrica e, após semanas em casa, apresenta-se uma fístula em seus pontos, o que a levou à U.T.I. e a fez repensar em suas escolhas e em sua vida. Então teve percepção de si, da nova D.M.M. que nascia e florescia. Esta mulher, que respeita o próximo e suas escolhas, não esquecendo de quem ela já foi um dia, ajudando e auxiliando pessoas que admiram a sua coragem de mudar através da valorização de si, da construção de sua nova imagem física e psicológica.

Portanto, podemos concluir que a complexidade do feminino vai muito além da valorização de sua beleza ou de seu corpo. É uma construção, um aprendizado, que está em constante devir, com as suas experiências passadas e cotidianas, com suas escolhas e consequências que podem trazer. Percebemos aqui uma das faces da construção do feminino, e que o Movimento *Plus Size* e o *Body Positivity* estão intrínsecos à construção da feminilidade. Apesar de não fazer mais parte do Movimento *Plus Size*, D.M.M. é muito grata por tudo o que construiu e aprendeu por lá. Vimos, também, o processo de individuação, da criança interna, doce, delicada e meiga, que sempre estará presente em suas escolhas.

Narraremos mais uma história de vida no próximo capítulo, que se distingue de D.M.M. desde o ambiente cultural em que foi criada, em sua relação com a família, na infância e na adolescência, o que construiu e deu a conhecer sua feminilidade de modos distintos, como pudemos notar, e sempre deixou seu lado meigo e dócil aflorado, diferente da próxima história. A igualdade que as duas compartilham é a dificuldade em entender as relações nas mudanças do corpo na época da adolescência, as especificidades nas relações com os outros, e como cada uma se relacionou com o corpo gordo na fase adulta.

2.4. HISTÓRIA DE VIDA DE L.C.B.

Neste tópico a proposta é relacionar os aspectos do relato que foi recebido em relação a construção da imagem do corpo. A partir de Edward Whitmont e Dulcinéia Monteiro pretendo explorar as especificidades da elaboração da identidade e fazer possíveis conexões com a questão da vestimenta.

A entrevistada que compartilha a sua história de vida neste capítulo é professora universitária, consumidora de moda *plus size*, mas não participa de nenhum movimento militante em prol do corpo. Conversei com ela sobre como foi a construção do seu corpo em relação ao feminino.

Conheci L.C.B. no ambiente de trabalho. Mulher com personalidade e presença marcantes, possui uma visão mais crítica no que se refere à moda *plus size*. Ponderou sobre como a moda se posiciona em relação ao seu público-alvo apontando questões sobre a representação da mulher gorda na moda.

Na medida em que nossa entrevista foi se aprofundando, percebi que a construção do feminino de L.C.B. foi algo muito pessoal e se moldou através de referências externas que desempenharam papéis importantes em sua história.

Na entrevista, que se deu na casa de L.C.B., fui recepcionada com “comidinhas”. Um gesto afetuoso que ajudou a criar uma relação de hospitalidade. Tavares estreitou nossos laços ao afirmar que a hospitalidade, junto com a comida, “pode ter a função de transformar estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em pessoas íntimas e não parentes em parentes” (2018, p. 03). Foi possível perceber uma confiança através do afeto. Isso significou que L.C.B. estava à vontade com minha presença e com o objetivo do meu trabalho.

L.C.B. nasceu em Salvador, Bahia. Seus pais se casaram tarde e tiveram duas filhas, ela e a irmã dois anos mais nova. Quando ela nasceu, o pai tinha 51 anos de idade, e a mãe, 40 anos.

Nos contou que o pai é natural de Salvador, que foi militar, ex-combatente da Marinha brasileira, e depois da baixa no serviço militar foi trabalhar na extinta Atlântida Cinematográfica, na cidade do Rio de Janeiro, como técnico em equipamentos. Destacando-se

nos estúdios pelo seu carisma, fez amizades com grandes nomes do cinema nacional. O pai veio a falecer quando ela tinha aproximadamente 20 anos.

A mãe, natural da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, tem um perfil mais conservador. L.C.B. comenta que sua mãe não costumava demonstrar afeto físico, mas que era muito cuidadosa. Quando L.C.B. comenta sobre ela, exalta os aspectos físicos de sua beleza, conta que se parecia com a atriz italiana Sophia Loren. Atualmente, a mãe mora junto com ela.

2.4.1. Infância e as influencias familiares

L.C.B. começa sua narrativa contando sobre seu afetuoso relacionamento com o pai, pois eram muito próximos, diferente do relacionamento com a mãe, que foi mais distante, sobretudo na infância e durante a adolescência. Narra que o pai era muito sábio com as questões da vida, e parte do que ela é hoje se deve à educação e relacionamento com ele. Existe claramente uma aliança de confiança de amor entre pai e filha, tanto que foi ele que a ensinou sobre menstruação, educação sexual e a aconselhou sobre os “namoradinhos”, principalmente ao mais bonitos. Sempre lhe dizia: “Tome cuidado com os outros, eles nunca são o que são”.

L.C.B. atribui o comportamento menos carinhosos de sua mãe à sua ascendência alemã (provavelmente, ela diz). No que diz respeito à cultura social germânica, Gustave Le Bon (2013) refere-se a um povo disciplinado e muito respeitoso. Isso nos leva a pensar que a personalidade de sua mãe reflete essas características.

As diferenças entre as duas famílias chamam a atenção na narrativa, e isso ecoa na identidade de L.C.B. De um lado, a família descendente de alemães; do outro lado, o calor afetivo dos baianos.

A partir desse ponto é possível reunir pistas sobre a maneira de se portar de L.C.B., pois a primeira impressão em relação ao seu comportamento é reflexo do modo mais sério, herdado da mãe. Ao conseguimos entrar mais em sua privacidade, encontramos uma pessoa divertida, com as características do pai.

Sua relação com o corpo começou já quando criança. Como nos relatou, sempre foi gordinha e responsável, diferente da irmã, que era magrinha e brincalhona. Como as duas irmãs têm nomes

muito parecidos, as pessoas sempre as distinguiram entre a “gordinha” e a “magrinha”. Mas este apelido não a afetou diretamente. Como desde pequena foi chamada de gordinha, isso provocou uma resposta emocional positiva, de caráter carinhoso.

Desde pequena, já apresentava uma personalidade forte. Como Salvador é uma cidade muito quente, sempre usou roupas curtas. Nos conta que, em torno dos sete anos, foi para a igreja que frequentava usando roupas de verão, de shorts e collant. Uma das mulheres que estava na igreja voltou-se para ela e disse:

“Você não pode vir com essa roupa aqui”. Eu olhei para a cara da mulher e perguntei: “Mas por quê?”. Ela disse: “Por que não está certo”. E respondi: “Então eu não venho mais! Imagina! Mandar na minha roupa! Não! Não, não quero. Ninguém manda na minha roupa” (L.C.B., set. 2019).

É possível considerar que a atitude de L.C.B. diante da frequentadora do local e o modo ao qual respondeu à mulher repercuta na construção de sua identidade, mas também uma provável relação corpo x roupa, ou seja, o seu relacionamento com a vestimenta, algo que apontaremos ao longo do texto.

Aos dez anos, ela e a família se mudaram para Juiz de Fora, uma mudança significativa em relação a hábitos e costumes regionais. Salvador, cidade turística, praiana com uma cultura religiosa diversificada, contraposta com uma cidade do interior, conservadora, pacata e de temperatura amena. Foi uma ruptura bem grande para a garota.

Novamente as dualidades se apresentam na vida de L.C.B. Por um lado, pais com perfis distintos e, neste momento, a mudança de cidade, também com características opostas. Neste ponto, faço uma pequena pausa para refletirmos sobre as complexidades em relação à construção da sua identidade dentro dos aspectos que oscilam de lados oposto nas representações das polaridades.

As formas básicas nas quais vivenciamos conflitos em nossa vida são a partir das dualidades. Whitmont (2006) escreve que, dentro da nossa realidade diária, vivenciamos oposições entre duas forças: “consciente-inconsciente; luz-sombra; espírito-natureza; positivo-negativo e masculino-feminino”. Este último, para Carl G. Jung (2000), implica nas representações arquetípicas de “símbolos unificadores” denominados *anima* e *animus*, respectivamente.

Os arquétipos são as estruturas profundas da psique do indivíduo e do inconsciente coletivo, algo que pertence a toda espécie, como complementa Dulcinea Monteiro: “são elementos dinâmicos que atuam como deuses vivos em nosso interior, fornecendo padrões de comportamento, emoções e experiência” (1998, p. 23). As polaridades masculina e feminina *animus* e *anima* são o modo como os indivíduos constituem seu comportamento mediante sua individualidade, e é o que o representa como pessoa.

As duas polaridades encontram-se em todas as pessoas, mas em graus diferentes. É o que, para Whitmont (2006), se designa em um sistema dinâmico oposto, mas que ao mesmo tempo se complementa, como o símbolo Yin e Yang, do taoísmo chinês. No que se refere à representação masculina, ou seja, a expressão do Yang:

Ele simboliza a experiência da energia em seus aspectos impulsivos de força, impulsividade e rebelião. Apresenta as características de calor, estímulo, luz, (sol, raio); é divisor fálico como a espada, a lança ou o poder de penetração, e até mesmo despedaçador; ele se move do centro para fora; é representado como paraíso ou espírito; manifesta-se em disciplina e separação, e portanto, em individualização. Deserta, luta, cria e destrói, é positivo e entusiasmado, mas também restritivo e ascético (WHITMONT, 2006, pp. 153-154).

Por outro lado, o Yin é conhecido como o princípio da feminilidade, que pode ser representado com as seguintes características simbólicas:

É representado como receptivo, dócil, retraído, frio, úmido, escuro, concreto, envolvente, continente (caverna e cavidade), doador de forma e gerador, centrípeto, iniciador; não é espírito, mas natureza, o mundo da formação, o ventre escuro da natureza que dá à luz os impulsos, os anseios e instintos e a sexualidade; ele é visto no simbolismo da Terra e da Lua, da escuridão e do espaço; é negativo, indiferenciado e coletivo (WHITMONT, 2006, p.154).

Podemos entender que temos forças vitais internas que são correspondentes entre si, uma está incorporada na outra, uma não exclui a outra.

Sendo assim, e voltando à história de vida de L.C.B., sua identidade se articula em função dessas polaridades simbólicas apresentadas acima, se apresentando com características distintas, uma hora mais *anima*, outra, mais *animus*, e apresentaremos o seu processo de busca, de individuação, a fim de descobrir um equilíbrio na construção do seu feminino, processo que começou a partir da adolescência.

2.4.2. Conhecendo o corpo: adolescência

A adolescência é uma época de contínuas transformações, tanto no que tange ao corpo e à puberdade (transformações físicas), quanto no que tange ao seu amadurecimento psíquico (mental) e na relação com as pessoas à sua volta (social). Esta fase da vida apresenta-se com diversas descobertas, aprendizados, encantos e desencantos. É muito comum o adolescente entrar em conflito com os pais e com o mundo à sua volta, pois faz parte da fase de novas descobertas.

A adolescência de L.C.B. foi uma fase na qual ela se deslocou de uma menina obediente para uma garota questionadora. Como ela relata, foi uma fase muito complicada e que “quase matou a mãe de desgosto” por ter repetido de ano duas vezes na escola.

Na escola, não se sentia coagida por nada, tanto que comenta não ter passado por nenhum tipo de intimidação (*bullying*) ou que, se houve, nunca a incomodou a ponto de deixar alguma cicatriz emocional.

Diferente do que constatou na infância, sua adolescência foi um período de mais aprendizagens e dificuldades com o corpo, levando em conta que engordou e emagreceu várias vezes para tentar se enquadrar a um padrão, ou mesmo para compreender seu corpo. Não muito diferente de muitas adolescentes, L.C.B. passou pela puberdade com um turbilhão de emoções que hoje percebe terem se devido às mudanças hormonais, pois ela se sentia como um “vulcão em erupção” – neste momento ela faz um paralelo com as transformações hormonais.

Aos treze anos, na aula de educação física, as colegas comentaram com ela sobre a aparição de celulite em suas pernas. Como ela ainda não havia tido contato direto com algumas mudanças físicas, afirmou que não tinha celulite, pois não sabia o que era, ou melhor, nunca tinha tido contato com tal termo. Foi então que percebeu que tinha celulite, mas que não se importou com tal fato, continuando a ir de shorts para as aulas, pois era uma adolescente que gostava muito de esportes e não se limitou no uso desta peça de roupa para fazer o que gosta. Foi neste momento que começou a entender que estava passando por transformações físicas. O mesmo fato aconteceu em relação ao uso do sutiã. Foram as colegas que a alertaram para o uso de tal vestimenta.

L.C.B. menstruou ao final dos seus 14 anos, pouco antes de completar 15. Como dissemos anteriormente, foi a figura paterna que a ensinou sobre educação sexual e sobre a menstruação. Neste ponto, observamos a paternidade e a masculinidade presentes em um ambiente do universo feminino, a menstruação.

O cuidado do pai com relação à filha apresenta uma ruptura dos padrões hegemônicos da identidade masculina. Ana Paula Sefton nos mostra, em seu estudo do afeto paternal em relação à menina mediante a ausência da mãe. A paternidade pode ser percebida por uma experiência legitimada por propósitos culturais, uma construção produzida (e que produz) um contexto social (SEFTON, 2010, p. 21). Isto posto, atualmente existem diversas possibilidades de se viver a paternidade, independente do que se é produzido em alguns discursos que norteiam o padrão de masculinidade e suas funções. O cuidado e o afeto atribuídos ao pai apresentam uma quebra de discursos em relação aos cuidados com o corpo da filha. No caso da entrevistada, o pai se preocupava com os cuidados e se fez presente em todos os momentos de mudanças corporais da filha. Podemos entender, em relação ao pai, a presença do aspecto simbólico *anima* que emerge quando se trata dos cuidados com a filha.

O conflito com o corpo na adolescência se torna evidente ao nos contar que L.C.B. se desestabilizou emocionalmente aos 15 anos ao saber que sua colega “ficou” com um garoto de quem ela gostava. Ao não entender a situação, culpou sua estética corporal e fez um regime muito severo. Emagreceu muito e, mesmo assim, o garoto não se interessou. Foi então que começou o processo de entender seu corpo, não de fora para dentro, mas entender a si para transformar o externo. Foi nesta época que começou o despertar do corpo e a construção de sua feminilidade.

Relata que passou por vários processos de engordar e emagrecer, que é o que chamamos “efeito sanfona”. Isso contribuiu com as relações de conhecimento do seu corpo. Constituindo um relacionamento único de como se comportar e do que vestir, foi construindo sua feminilidade. Conta que, além de sua inteligência e do fato de gostar de ler, formou uma identidade mais feminina, pois o que chamava a atenção dos “namoradinhos” era seu “discurso sedutor”. Ao mesmo tempo, isso a protegia de alguns relacionamentos que poderiam apresentar certo perigo, já que sempre ouvia da mãe que ela era somente um rosto bonito.

Na adolescência, teve vergonha de mostrar o corpo em determinadas ocasiões, como quando ia à praia. Não se sentia bem em ficar de biquíni na frente das amigas, e lembra do mesmo incômodo em um passeio a uma cachoeira.

A adolescência é um momento importante para a ressignificação da identidade. A complexidade desta época é tratada através de diversas mudanças. É uma etapa de vida marcada pelas complexas demandas que resultam em mudanças corporais e fisiológicas. É, portanto, uma intensa busca psíquica (AYUB e MACEDO, 2011).

Tara Cousineau (2016) afirma que esta época é muito delicada no que tange às relações com a imagem corporal. O adolescente encontra situações nas quais entram em combate suas autoimagens: uma quando está no convívio social, a outra quando está consigo mesmo.

Entender todo esse processo demora muito tempo. Ao longo dos anos, a construção e a desconstrução da autoimagem acontece diversas vezes. Por isso a busca pela identidade também passa pelo corpo, e não só pelas questões culturais, da educação, do âmbito familiar. É uma avalanche de processos. Por isso, L.C.B. afirma ter sido “um vulcão em erupção”.

2.4.3. A construção do feminino: mãe, amigas e roupas

O que propomos aqui é a observação dos elementos que ajudaram a elaborar as características de L.C.B. em relação ao processo de construção do seu feminino e da sua feminilidade, algo que a torna única, e que está vinculado ao processo de individuação.

L.C.B. relatou que a construção de sua feminilidade não se deu com a ajuda materna, mas sim com as conversas com as amigas, com as primas e pelas revistas. Em sua narrativa, deixa bem claro que o seu maior trauma vem de sua mãe. Para ela, a beleza é importante, e a beleza é o que importa. Como relata, na adolescência a mãe enfatizava somente que L.C.B. tem um rosto bonito, e foi algo doloroso para a nossa entrevistada. Hoje, ela consegue entender que isso veio do modo como a mãe foi criada.

É possível observar, neste momento, que “ter um rosto bonito” faz parte de um discurso estereotipado que pessoas gordas costumam ouvir. Muito se questiona sobre essa colocação nos meios em que se discutem a gordofobia:

No entanto, esta frase, que à primeira vista pode parecer um elogio, guarda um profundo desprezo pelos corpos gordos: os sentidos nela implícitos são de que o corpo gordo não tem saúde nem beleza. Por sua vez, ao contrário do corpo (que é gordo e, portanto, feio), seu rosto mostra traços de beleza, indicando que há esperança de que possa se tornar uma pessoa bonita, se emagrecer e se livrar da degradação que é a gordura (AIRES, 2019, p. 34).

Isso resume a beleza de um corpo somente ao rosto da pessoa gorda, nos levando a entender que somente será totalmente bonita fisicamente se emagrecer. L.C.B. relata que, atualmente, entende o porquê de a mãe ter este cuidado e dar tanta ênfase aos cuidados corporais e estéticos.

Neste ponto, resgato mais uma vez minha dissertação de mestrado, referente às décadas de 1950 e 60. Denise Sant'anna nos guiou para entendermos sobre os cuidados com o corpo naquela época. A beleza se refletia no comportamento feminino. As mulheres deveriam cuidar de seus corpos para terem direito a uma vida social, portanto “é preciso saber andar, se sentar, dançar, descer escadas, sair de um automóvel, saber conversar, usar os talheres e sorrir” (SANT'ANNA, 2015, p. 92). Naquelas décadas, também a felicidade de uma mulher estava estabelecida em sua vida conjugal. Portanto, os cuidados com o corpo e com a beleza eram primordiais para a vida em família, além dos dotes culinários e a capacidade de manter a casa sempre limpa e organizada.

É possível pensar que essas obrigações que envolvem o corpo e a beleza da mulher desta época, repercutiram na projeção que a mãe criou para com o corpo da filha. Ao que nos contou, L.C.B. não se sentia afetada por tais discursos de padrões de beleza vindos de outras pessoas, a não ser que ela deixasse.

Para a construção da feminilidade na adolescência, Camila Seron, Almir Del Prette e Rute Grossi Milani (2011) no artigo *A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha* escrevem que, na maioria das vezes, sempre existe uma relação com a figura feminina mais próxima. No caso, esta figura seria a mãe de L.C.B. Mas, pelo que ouvimos em seu relato, é possível observar que a mãe não foi muito presente nas questões voltadas ao feminino, como já descrevemos. Como nos conta, L.C.B. não sentiu a presença da mãe durante a adolescência com relação ao processo da construção do feminino e da feminilidade.

L.C.B. relata que, aos 18 anos, voltou para Salvador, graduou-se em Publicidade e Propaganda, e seu primeiro emprego depois de formada foi na área de atendimento de uma agência de publicidade.

Conta que tinha uma postura muito rígida e era muito competente. Devido ao seu cargo, determinava o que a área de criação da agência deveria ou não fazer para atender as necessidades do cliente. Tal postura foi incomodando seus colegas de trabalho, tanto que seu chefe chegou a duvidar de sua sexualidade devido ao comportamento competitivo e rigoroso. Até que uma garota começou a trabalhar na agência. L.C.B. a descreve como doce, meiga, tão inteligente quanto ela e muito delicada. Ao observar a garota, percebeu que, com um jeito suave, ela conseguia o que queria, principalmente com o pessoal na área de criação. Foi então que a percepção feminina de L.C.B. veio à tona. Precisava ser mais doce, menos séria, não tão controladora, mais gentil e suave.

É possível relacionar então a presença dos princípios de *anima* e *animus* bem definidos nas características de L.C.B. Antes da presença da colega, seu *animus* estava mais aflorado nas relações trabalhistas, ativando um comportamento mais competitivo. Ao perceber que precisava suavizar-se e deixar sua conversa mais envolvente, conseguiu melhorar suas relações no trabalho. Neste caso, a *anima* aflorou. É possível observar, através de sua fala, que todas as suas relações pessoais melhoraram a partir do momento em se permitiu ficar mais doce. Deste modo foi descobrindo a potencialidade da feminilidade.

Notamos um processo de busca interna, uma vontade de querer mudar, e algo que L.C.B. incorporou em sua personalidade. É possível relacionar isto ao processo de individuação que “só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (JUNG, 1978, p. 64).

Outro ponto que exploraremos em relação à construção do feminino, e um exemplo em que já podemos fazer uma ligação com o universo *plus size*, é a questão das roupas que L.C.B. utilizava no trabalho.

Nossa entrevistada narra que uma mulher mais velha foi trabalhar com ela. Na primeira semana, ela a acompanhou nas visitas aos clientes da agência. Ao terminar uma das visitas, esta mulher

delicadamente a fez notar que podia conquistar mais méritos no trabalho se suas roupas não fossem tão sóbrias, que elas podiam ser mais femininas. Além da postura séria, as roupas de L.C.B. também eram. Narra que notou que essas roupas não precisavam ser tão sóbrias a ponto de abafar seu lado feminino. Como na época era difícil achar roupas femininas de tamanhos grandes em Salvador, L.C.B. teve que recorrer a uma costureira. Aos poucos, foi aprendendo a se vestir de maneira mais feminina. É importante notar o desejo de aprender mais sobre si mesma, sujeitar-se a aprender e saber ouvir sobre as oportunidades que lhe foram oferecidas.

Um ponto importante que devemos observar é que, na narrativa de L.C.B., ela afirma que as descobertas do feminino não têm ligação direta com a mãe. Comenta que teve uma criação muito conservadora por parte dela. Em outro momento, afirma que uma mulher deve ser firme e decidida. Observamos, assim, que essas são características próprias da personalidade de L.C.B., mas, ao mesmo tempo, vimos a descrição da personalidade da mãe. Conseqüentemente, é possível deduzir que, por mais que a entrevistada não consiga sentir a presença da mãe na construção do seu feminino, pudemos notar que as características da personalidade são herdadas de sua genitora.

2.4.4. O que vestir? Uma questão de pertencimento

Pesquisar sobre o corpo e sobre a moda *plus size* como um processo criativo na comunicação e na cultura nos estimula a refletir sobre um corpo fora de padrões, que é estigmatizado socialmente e em diversos discursos, como os médicos e políticos. A moda *plus size*, por outro lado, está se aprimorando para que estes corpos se sintam menos impróprios, mas ainda nos encontramos no início de uma jornada para aperfeiçoar a indústria da moda.

A conversa sobre moda *plus size* com L.C.B. nos levou a refletir sobre o posicionamento da moda e do consumo em relação ao corpo gordo. Ainda existem limites envolvendo esta indústria. Nem todos os corpos gordos são incluídos e nem todos os tipos de gosto para roupas estão disponíveis nos tamanhos grandes.

L.C.B. narra que o seu maior problema sempre foi o que vestir, algo que lhe causou e causa muito desconforto. Independente da moda *plus size* estar em processo de evolução, ainda não conseguiu abranger a diversidade de formatos corporais existentes. A entrevistada tem as coxas grossas e a cintura fina, e relata com muita ênfase o quanto é angustiante e triste comprar roupas.

Ainda que exista moda *plus size*, ela não acha roupas para vestir. Este vestir não é só uma questão de padronagem de tamanho, mas também tem haver com estilo.

Desde a adolescência, o vestir se tornou algo que lhe trazia muito aborrecimento. Quando veio morar em São Paulo, depois de adulta, relata que gastou muito dinheiro com vestimentas, pois o mercado de roupas grandes em Salvador era pequeno. Relata que conseguia achar roupas que lhe “cabiam”, mas não que a vestiam. Conseguia achar roupas, mas não se identificavam com as peças. Eram roupas grandes, mas que não representava o que ela era, uma jovem de aproximadamente 23 anos. De tal maneira que mandava fazer roupas em costureiras.

Nos anos 2000, época em que L.C.B. despontava como profissional, existiam poucas lojas no mercado para o público gordo. Por muitos anos, antes da abertura do mercado *plus size*, as pessoas que usavam numeração acima do número 46 vivenciaram uma moda que negligenciava o tamanho de seu corpo. No que se refere a estilos, Nechar afirma que “não havia muitas opções de roupas acima da numeração 46” (2015, p. 91). As estampas para roupas femininas seguiam sempre a linha floral, sem outras opções. Calças de moletom, calças *legging* e camisetões estilo *T-Shirt* era o que muitas mulheres gordas recorriam para se vestir. As calças, na maioria das vezes, precisavam ser compradas em lojas masculinas. Não havia mercado de compras *online* na época. Ainda Nechar (2015, p. 92) complementa que não existia um interesse das confecções em produzir roupas de tamanhos grandes com estilo, os cortes apresentavam sempre um mesmo padrão, sem muitas opções de cores e, por isso, muitas jovens compravam roupas de mulheres mais maduras.

L.C.B. relata que o vestir faz parte da identidade da pessoa, por isso este processo é muito frustrante para ela, pois não consegue achar algo que realmente a represente, que a vista. O processo é sempre o contrário, é a roupa que a cabe. Entendemos, pois a roupa é a expressão da identidade de uma pessoa.

Pela roupa podemos expressamos personalidade, pois é através da vestimenta que podemos sair ao mundo social, exercer nossas funções do cotidiano. A roupa não deixa de ser uma forma de se expressar, pois cada ambiente pede um tipo de vestimenta. Tanto os acessórios como as roupas, dependendo da ocasião, não deixam de ser uma representação da personalidade da pessoa, uma identidade visual, podendo dar indícios sobre seus gostos e suas preferências (NECHAR, 2015, p. 91).

Por isso a importância da roupa vestir, descrever a identidade da pessoa. Aos 44 anos L.C.B. não se sente representada pelo mercado *plus size*, por mais que ele esteja em ascensão. Ainda não encontrou peças com os tamanhos e estilos que a personifiquem.

E continua dizendo que o mercado ainda é “muito limitador”, pois segue padrões e excluem alguns tipos de corpos, como por exemplo os gordos, os altos, ou muito gordos e muito altos, e as pessoas precisam se enquadrar no que é apresentado para elas. Apesar de achar roupas do seu tamanho, ela ainda recorre à costureira para fazer modelos que tenham o seu estilo e sua personalidade, algo que não encontra no mercado *plus size*.

Fato interessante de notar, pois a moda realmente é excludente, mesmo a moda *plus size*, feita para acolher corpos gordos que são marginalizados. Mas ainda existe uma limitação em relação às confecções. As numerações 54/56 em lojas especializadas, na maioria das vezes, têm padrões diferentes de tamanho, ou seja, uma roupa 54 na confecção “A” não corresponde ao mesmo tamanho da confecção “B”, e isto é um problema para a indústria.

No que se refere a normatização de tamanhos de roupas grandes,

A ausência de um padrão em numeração e modelagem tornou-se um problema tanto para consumidores quanto para o varejista, que se depara com as frequentes trocas de peças no ponto de venda. A diversidade de biotipos corporais das mulheres brasileiras faz com que exista uma diferenciação na vestibilidade de roupas de diferentes marcas (CARDOSO, 2015).

Por isso, em 2013, Glenda Cardoso esteve à frente de um projeto para a normatização dos tamanhos e medidas das vestimentas deste nicho. A ABNT/CB-17 (Associação Brasileira de Normas Técnicas – Comitê Brasileiro de Têxteis e do Vestuário), junto com a pesquisadora, finalizou os estudos necessários em 2016. Mas, como a tabela ainda não é uma obrigatoriedade, muitas confecções continuam com suas próprias medidas e numerações.

Na mesma época, a ABPS (Associação Brasileira *Plus Size*) foi criada e vem mapeando as medidas das mulheres gordas a fim de estruturar estratégias para o setor. Com a diversidade de corpos encontrados no universo *plus size*, atender a grande maioria das consumidoras finais ainda parece utópico.

Vestir-se, para L.C.B., é uma sensação de pertencimento, ou seja: “se aquilo não me serve, eu também não sirvo” (L.C.B., set. 2019). Por isso a questão da identidade está tão relacionada à moda e à biopolítica. O ato de se vestir proporciona ao indivíduo criar diferentes tipos de personas, podendo mudar sua identidade através de estilos diversos de roupas, como se fantasiasse ou vestisse uma armadura para poder circular pela sociedade.

O conceito de biopolítica em que nos apoiamos neste momento são os de Michel Foucault e de Lucia Leão. Antes de mais nada, precisamos entender que o corpo, assim como a moda, está ligado diretamente a um espaço político, pois apresenta relações de disputa de poderes. O que deveria ser algo prazeroso, neste caso, o ato de se vestir, de olhar para si e criar uma identidade, torna-se penoso, doloroso. A existência de um domínio sobre o corpo define-se como temperança, a qualidade de quem sabe dominar e equilibrar seus desejos e paixões: “para se constituir como sujeito virtuoso e temperante no uso de seus prazeres, o indivíduo deve instaurar uma relação de si para consigo que é do tipo ‘dominação-obediência’, ‘comando-submissão’, ‘domínio-docilidade’” (FOUCAULT, 1998, p. 66). Nesse processo, podemos refletir que há um controle sobre as ordens do corpo e da construção de seus gostos.

Podemos indagar sobre a resistência, pois Foucault certifica que o controle da sociedade a respeito dos indivíduos começa a partir do corpo e suas vontades, e isso encontra ressonância com a proposta de Leão, que problematiza “justamente essa dimensão e que instauram espaços de expressividade para corpos enquanto singularidades” (2010, p. 100). A singularidade remete ao atributo único, característica intrínseca ao indivíduo.

Isto posto, no caso de L.C.B., podemos entender que a moda e o processo de vestir-se tem uma relação direta com o corpo, que é uma via de poder e controle disciplinar. Consequentemente, se ela não consegue vestir, não pertence à sociedade, não consegue tecer uma identidade para si. Por isso este processo é tão penoso: “A roupa não servir quer dizer que você não cabe naquele mundo” (L.C.B., set. 2019). A entrevistada continua abordando o quão danoso pode ser o não se encaixar, tanto na questão de ter um corpo gordo e ser colocado às margens da sociedade, quanto no que se refere à influência da moda para que isso aconteça, já que a indústria, mesmo a *plus size*, ainda é incompleta em relação a formas de roupa e estilos.

Aposto que a moda *plus size*, como movimento, está em sua primeira década no Brasil. Ainda não conseguimos encontrar com facilidade roupas grandes, mesmo nas grandes capitais. A

moda *plus size* ainda está se formulando, se estabelecendo. Por mais que sejamos entusiastas deste estilo, também sabemos reconhecer suas falhas e lacunas diante da diversidade e de suas particularidades.

A moda *plus size* é limitada por diversas situações. Uma delas, supracitada, é a falta de normatização dos tamanhos. As confecções se limitam a produzir peças até a numeração 52/54, pois há dificuldades no processo de manufatura, no recorte de moldes e o maquinário necessário ainda é escasso. Por isso, não atinge a maioria da população feminina que consome roupas de tamanhos grandes. Outro ponto é a questão da tabela referencial de medidas de tamanhos, que na maioria das vezes não corresponde ao formato do corpo da mulher. Este é um assunto que pode se estender aos tamanhos regulares de roupa. No que tange aos estudos de corte e costura, ainda encontramos várias barreiras em relação a croquis, cortes, moldes e modelagem para tamanhos grandes, e nas escolas de moda ainda se prioriza o corpo magro como diretriz para diversas frentes de estudos. Isso faz com que o mercado não tenha mão de obra especializada em roupas de tamanhos grandes.

L.C.B. se refere à roupa como uma ferramenta social pois, a partir da sua vestimenta, você se torna adequado ou inadequado para a sociedade, ao mesmo tempo que isto se estende para o corpo. A necessidade social de termos um corpo adequado é uma construção advinda da década de 1960, com a crítica de alguns médicos sobre gordos que eram indivíduos “complicados emocionalmente”, merecedores de tratamento, o que desencadeou uma série de situações que levaram o corpo gordo a ser marginalizado (SANT’ANNA, 2016, p. 133). Na mesma época, a forte influência das mídias levou o corpo magro a evidenciar-se socialmente, passando uma ideia de elegância e estilo de vida (NECHAR, 2015, p. 157).

Ainda segundo Sant’Anna, o corpo gordo ainda é muito discutido e marginalizado na contemporaneidade, por isso a moda para este nicho também se funde nestas reflexões. A roupa é um instrumento para nos expressarmos, para pertencermos à sociedade e nos comunicarmos.

De acordo com, L.C.B. foi traçando, em sua linha do tempo, a ideia de um estilo para si. A princípio, nos relatou que o estilo dela está diretamente ligado ao seu humor. Depois contou o quão importante é se sentir confortável, e isto está diretamente relacionado à ideia de pertencimento. Ao final de nossa conversa, relatou que seu estilo era mais sério, mais sóbrio, assim como sua personalidade.

O sentido de pertencimento, de pertencer a algum lugar, pode ser relacionado ao pertencer a si, ao produzir uma identidade. Está relacionado com a emoção e a afetividade em congruência aos espaços que habitamos. Isso nos aproxima do conceito de Claude Raffestin, que entendeu o pertencimento como “valores que são atrelados aos sentimentos, identidade, cultura simbólica, recriando o espaço onde se vive, ao qual se identificam e se sentem pertencer (1993, p. 144).

Entendemos, portanto, que o meio também faz parte do desenvolvimento da identidade nos diversos espaços de convivência. Entramos em conformidade com o que mostrou Amanda Maria Soares Silva (2013), que o pertencer abrange vários laços e relações que criam vínculos, referências e valores, nos dando sentido de percepção, no qual criamos experiências que ajudam a construir nossa identidade.

Compreendemos, que é possível pensar na roupa como um instrumento de expressão, um modo de se manifestar, e por isso ela se relaciona com a identidade. Através dela, podemos pertencer a um grupo ou a uma comunidade. Quando esta roupa não veste, não pertencemos, não cabemos naquele espaço, não criamos laços e, de um modo geral, a vestimenta é uma maneira de afirmar quem se é, como se expressa diante de seus espaços através do seu estilo. Isso atribui um significado para a pessoa.

Lembramos, neste momento, do episódio que aconteceu na igreja, quando L.C.B. era pequena. Se a roupa não condizia com o espaço que frequentava, então ela não voltava mais. Se não cabe a ela, se não a veste, se não a conforta, ela não frequenta.

2.4.5. Dias atuais

Atualmente, L.C.B. se identifica como gorda. Desde a infância, passando pela adolescência e pela vida adulta, sempre se identificou como gorda e pertencente ao mundo como uma mulher gorda. Ao se olhar no espelho, se reconhece e acredita não ver problemas com isso. Sua autoestima é bem trabalhada, e sabe que a beleza é subjetiva. Acredito que vá muito além disso, que ela saiba se dar valor. Comentou que, naqueles dias antes do nosso encontro, se sentia cansada, pois sente que seu corpo está começando a mudar. Está entrando em uma nova fase da vida, se sentindo mais esgotada, e acredita que o doutorado a deixou mais velha.

Interpretamos isso não no sentido literal da palavra, mas como um modo mais sereno de ver a vida, de ser mais “suave”. Se incomoda um pouco com esse cansaço físico, mas já busca outras formas de redescobrir o feminino, mesmo se achando “velha”.

Como disse, a beleza é subjetiva, cada um enxerga a beleza onde quer e como quer. Nesta nova fase que se inicia, ela quer ser vista além da beleza física, vista através de sua capacidade e de seu sucesso intelectual, pelas suas conquistas acadêmicas, pelo seu desempenho no trabalho. Essa sempre foi a relação de felicidade que ela estreitou consigo mesma, desde pequena. Pelo fato de sempre ter sido uma mulher inteligente, agora está na hora de colher os frutos. Terminamos nossa conversa com uma reflexão em relação ao *plus size*: “Acho muito importante que [nossa conversa] tenha acontecido, que esteja se desenvolvendo, mas eu acho que precisa de uma multidisciplinariedade para pensar sobre, outros pensares sobre o movimento” (L.C.B., set. 2019).

Entendemos, portanto, que a feminilidade de L.C.B. foi uma construção, que ela foi despertando, na medida de suas necessidades, um lado mais suave em sua personalidade. Nos apresentou uma questão muito importante sobre o processo de vestir-se e que a moda, infelizmente não é para todos, principalmente para o corpo gordo.

No próximo capítulo, nos conectaremos com os aspectos femininos de uma mulher que teve seu lado feminino abafado por um relacionamento abusivo e como ela conseguiu se reconstruir através de ajuda de outras pessoas.

2.5. HISTÓRIA DE VIDA DE M.H.C.

Nesta parte do capítulo a proponho apontar alguns elementos que emergiram do relato que recebi, pelo prisma da psicologia Junguiana. Apresento a importância da questão da ajuda no caso de abuso e violência doméstica, a questão da autoestima e um dos aspectos do movimento *plus size*.

Alguns aspectos das histórias de vida não podem ser esquecidos, pois a partir de algumas memórias é que se podem resgatar as construções das potencialidades. A narradora desta história é mãe de três filhos, faz parte do Movimento *plus size* e é atuante nas redes sociais desde 2009. M.H.C. construiu sua rede digital paralelamente à ascensão do Movimento *plus size* no Brasil e mantém-se atuante.

A rede social digital da entrevistada tem como principal tema a autoestima da mulher gorda e dicas para as seguidoras se tornarem modelos *plus size*. Atualmente, ela tem uma loja de roupas de tamanhos grandes e promove em seu espaço um ponto de encontro afetuoso para as mulheres gordas se sentirem à vontade com o corpo que tem.

A entrevista para esta tese se deu em uma sala reservada no estabelecimento comercial do qual ela é proprietária. Relatou que chegou a passar por um estado avançado de depressão, mas, com ajuda dos filhos e da mãe, conseguiu reerguer-se de um relacionamento abusivo e violento ao qual ficou presa durante dezoito anos.

M.H.C é filha única. Quando nasceu, seu pai tinha quarenta e cinco anos, e a mãe, trinta e cinco. Foi uma filha muito desejada e amada pelos pais. Narra que seu pai era muito festeiro e que a levava junto para o trabalho. A mãe é mais reservada.

M.H.C. tem muitas memórias afetivas relacionada à infância com a família, de como se divertia sozinha e se achava linda desde pequena. Sempre foi uma criança gordinha e adorava ir para a escola pois, como os pais eram mais velhos e não tinha irmãos, a escola era a oportunidade de interagir e brincar com crianças de sua idade. Tanto que, ao término das aulas, não queria ir embora para casa. Apesar de gostar de frequentar a escola, foi nesta época que começou a sentir os primeiros indícios de exclusão devido ao seu corpo. As outras crianças não a chamavam para

algumas brincadeiras, como a gangorra, por exemplo, alegando que ela não era muito grande, que não caberia ou que era pesada.

2.5.1. A infância e seus afetos

Narra que, já a partir da infância, começou a se questionar do porquê a excluía. Chegou a pensar que seria devido ao seu modo de falar ou de dar risada, mas percebeu que a diferença era em relação ao seu corpo. Relata que, um dia, observando as crianças da sala de aula, notou que tinham um corpo diferente, começou a relacionar essa observação com o que diziam e percebeu que, para ser chamada para as brincadeiras, precisava se destacar além do corpo. Ser a mais “legal” da sala, a mais divertida, a mais esperta, por exemplo. E assim começou a construção de características que afloram em seu carisma.

Enquanto criança e adolescente, se destacou nos esportes, em ajudar os colegas, e desde pequena demonstrou que, mesmo sendo diferente, ou seja, gorda, era capaz de desenvolver as mesmas atividades que as outras crianças magras desenvolviam, não permitindo que os outros a diminuíssem. Os anos foram passando e ela relata que se tornou uma pessoa muito querida na escola.

Observemos como uma criança com algo entre seis e oito anos de idade consegue elaborar estratégias mentais a fim de sair de uma situação que a aflige. Uma das possíveis hipóteses deste questionamento relaciona-se ao conceito Junguiano de inconsciente. Este conceito desempenha uma forte influência na vida, nas emoções, nos comportamentos e nas atitudes dos seres humanos. Sobre o conceito de inconsciente, o entendemos “como fonte de criatividade e potencialidade, e não apenas como um depositário de conteúdos reprimidos, imagens, vivências dolorosas cercadas pelos mecanismos de defesa do ego” (RAMOS e MACHADO, 2010, p. 43).

Entendemos, portanto, que é do inconsciente que surgem estímulos que se concretizam de acordo com a vivência da pessoa. O que nos leva a entender que, mesmo com pouca idade, M.H.C., ao observar que era diferente, via alternativas: mostrar sua capacidade e potencialidade, mesmo tendo um corpo gordo, ou prostrar-se diante a situação.

A entrevistada relata a primeira vez que ouviu a palavra “gorda”. Diz que o fato se deu aos sete anos, quando a mãe a levou a uma consulta, e a médica disse que a criança precisava fazer um

regime. Com sua pouca idade, entendeu então que não poderia mais comer, e ficou triste. Como ela era a única filha de um casal mais velho, a alimentação não era muito balanceada, e em sua casa não haviam horários certos para comer, por isso ela havia ganhado peso.

A educação alimentar de M.H.C. pode ser um dos motivos dos sintomas de excesso de peso. Algumas famílias têm hábitos alimentares que involuntariamente levam a criança a engordar: “Em muitos casos, os alimentos são oferecidos como prêmio e, desde muito cedo, a comida passa a ser companheira ou consoladora, oferecida para acalmar a criança ou distraí-la” (LEAL, 2005, p. 47). Leal complementa que nem sempre os pais têm consciência do que estão fazendo, pois não deixam faltar doces, lanches e frituras no cardápio diário.

Neste caso, o que aponta para a alimentação é que, no ambiente no qual M.H.C. cresceu, o alimento calórico era farto e não havia horário disciplinado para as refeições. O fato dela ser a única filha da família pode ter levado ao desenvolvimento do excesso de peso que se sustenta até os dias atuais.

M.H.C. relata que as superações de alguns obstáculos da infância e adolescência não foram fáceis. Aos onze anos, época em que começam as pequenas paqueras na escola, relata que, ouvir do menino de quem gostava que “a única pessoa que não namoraria na sala de aula era uma gorda” a prostrou. Lembra da sensação que teve naquele momento até hoje. Neste momento, começou a perceber a importância que o corpo tem nas relações pessoais e sociais. Muito triste, culpou a mãe pelo fato de ser gorda.

Outro episódio que consideramos importante nos relatos de M.H.C. foi o falecimento do pai. Quando tinha dez anos, o pai adoeceu, com problemas gástricos e hepáticos. Devido à doença, emagreceu muito. Concomitantemente à doença do pai, ela emagreceu em torno de quinze quilos. Ao mesmo tempo em que assistia seu pai sofrer e definhando por causa da doença, seu corpo também afinava. Narra que, aos onze anos de idade, em uma manhã, viu o pai pela última vez, indo para o hospital fazer um exame. Mas ele nunca voltou para casa.

Tristeza e magreza são interligadas neste momento. Como falecimento do pai, a mãe não tinha como sustentar M.H.C. sozinha, já que todas as economias da família haviam sido investidas no tratamento de saúde do pai. Por isso, foram morar em uma casa muito simples, com somente

um cômodo. As roupas que ela usava antes de perder os quinze quilos continuaram as mesmas, já que a mãe não tinha condições de comprar roupas novas.

Neste contexto, é possível observar a relação entre luto, tristeza e percepção corporal. Diante dos conflitos, e por ter perdido quinze quilos paralelamente à doença e ao falecimento do pai, é possível compreender que houve uma divergência entre a imagem do corpo antigo, gordo, e do corpo atual, mais magro. Quando o indivíduo é colocado diante de um novo relacionamento com seu corpo e com o mundo, e o cenário exige “uma reconstrução da percepção sobre o seu corpo e sua história através do luto”, as diferentes fases do luto ecoam na percepção do corpo. “Perpassam a negação à percepção da situação, em função do sujeito não possuir recursos psíquicos e tramas representacionais para lidar com tal condição, buscando assim manter a imagem anterior” (OLESIK et al, 2018, p. 735). Com isso, podemos entender que M.H.C., negando a perda do pai, também nega a nova fase de seu corpo.

A fase seguinte é um momento de “isolamento na busca de elaborar o próprio sofrimento, voltando investimentos e energias para si, para um posterior retorno dos investimentos para os objetos externos e para sua nova realidade. Inicialmente, sentimentos de raiva e revolta são direcionados ao próprio corpo (OLESIK et al, 2018, p. 736).

É possível relacionar a afirmação acima com a representação que as roupas largas assumem para M.H.C. Ela percebia, através das roupas, sua nova realidade corporal. E não gostava do que via, pois a relacionava à perda do pai.

Ainda, fazem-se presentes momentos de depressão, quando o sujeito percebe que não há mais como deixar de lidar com sua condição e suas perdas. Por fim, pode-se evidenciar a adaptação, em que o sujeito internaliza sua condição corporal, elaborando a perda de modo a conviver com a nova situação, passando assim a reconstruir seus limites corporais e psíquicos (OLESIK et al, 2018, p. 736).

Então, M.H.C. se viu sem a figura paterna, que para ela representava proteção. Ao mesmo tempo, vestia-se com roupas muito largas, impróprias para o seu corpo, e não se sentia confortável. Se sentindo “feia”, palavra sua, se incomodava muito com as pessoas perguntando se ela estava doente por estar magra e pálida, e relacionava isto ao que o pai passou. A magreza, a dor do luto e a doença do pai estabeleceram um vínculo negativo na memória da entrevistada. Lembrando que, naquela época, pelo menos quando estava gorda as pessoas a achavam bonita e ela se sentia bem.

2.5.2. Adolescência, casamento e agressões psicológicas

A adolescência foi uma fase difícil na relação com os meninos no colégio e com o relacionamento com sua mãe: “tudo parecia uma tempestade” (M.H.C., ago., 2019). Aos treze anos, a conexão com o corpo se restabelece e o luto havia passado. Narra que a relação com o corpo a fez passar por outra escolha: continuar sendo a garota gorda querida e popular do colégio ou fazer um regime, se privar da alimentação, emagrecer para namorar.

Descreve que, aos quatorze anos, no colégio, tropeçou sem querer na mochila de um colega de turma e ele, sem titubear, disse: “sua gorda!” (M.H.C., ago., 2019). A atitude a assustou e a deixou sem reação. Mas comenta que todos os colegas da classe, logo em seguida, se revoltaram com o despeito do garoto, vindo em sua defesa. Neste momento, se sentiu protegida e, de certa forma, amada. Como relatado anteriormente, ela fez uma escolha, de ser a amiga, a simpática, e neste momento percebeu que valeu a pena, pois todos a tratavam com muito respeito e carinho, ainda que nenhum garoto quizesse namorar com uma adolescente gorda.

É importante observar, pelos relatos anteriores, que M.H.C. tinha problemas com relação ao seu corpo. A adolescência é uma época delicada para uma adolescente gorda, e as relações internas podem ser mais complexas ainda. É um momento de atenção, como escreve Regina Célia Muller (1999). A imagem física pode produzir sentimento de insegurança, observando que o sobrepeso interfere nos relacionamentos sociais devido ao estigma social do gordo.

No que se refere à feminilidade na adolescência, mesmo quando as garotas que gostam de sua aparência, possuem questionamentos em relação ao corpo, pois a maioria das referências de corpo midiáticos na adolescência, valoriza o corpo magro. Quando a menina é gorda, mesmo tentando driblar alguns problemas em relação ao corpo entram em conflito com diversos aspectos sobre si, entre eles a sua sexualidade:

As adolescentes que se percebem obesas enfrentam situações na área da sexualidade que as impedem de se expressar enquanto “seres sexuais”, nas relações com o outro sexo, de maneira a estabelecerem-se como um ser-no-mundo. Assim como o corpo próprio está no mundo, as adolescentes que vivenciam a condição de obesas mantêm experiências contínuas nesse existir (SANTOS e VALLE, 2004).

É possível compreender que é mais complexo para as adolescentes expressarem o seu lado feminino. Garotas magras têm que lidar com a incerteza da construção de como agir com os

garotos. Para uma garota gorda, essa incerteza vem a ser mais significativa pois, ao se descobrir gorda, enfrentar a questão da gordura corporal torna-se mais relevante.

No caso de M.H.C., houve uma compensação da descoberta do seu feminino. Mas lidar com o sexo oposto, com o medo da rejeição, e saber que a potência feminina é abafada pela gordura, a fez deixar de lado as questões que envolviam os garotos. Deixou seus sentimentos de lado para não se magoar, como uma forma de autoproteção.

Com a vida financeira já reestruturada, e morando em uma residência maior, M.H.C. conta que a mãe se tornou muito protetora. Devido ao falecimento do pai, ela tinha medo de perder única a filha, então não a deixava ir às excursões da escola e nem sair muito com as amigas. Ela se sentia presa.

Nesta época, a mãe alugava a casa dos fundos da nova residência para um jovem casal que frequentava a mesma igreja que elas. Um amigo do casal, que os visitava com frequência, sempre passava pela casa e avistava M.H.C. pelos corredores. Um dia, ele a pediu em namoro. Ela não aceitou, mas o rapaz foi insistente, chegou a cativar a mãe pela educação e pela conversa. Comentava sobre suas viagens pelo Brasil e foi dessa maneira que conquistou M.H.C., pelas histórias de seus passeios. E então, mesmo ela não gostando do rapaz, começaram a namorar.

Aos dezesseis anos e um mês, eles se casaram, pois M.H. C. considerou que, desta maneira, ela “poderia ser livre” (M.H.C., ago. 2019), já que, aos quinze anos, devido à proteção de sua mãe, ela nunca tinha ido ao cinema ou ao shopping com as amigas. Acreditou que seria sua libertação e que começaria a viajar pelo país.

Infelizmente, o tempo foi passando, ela se tornou uma prisioneira de fato. Pelo que nos conta, aos poucos o marido foi se tornando um homem “possessivo, obcecado e violento” (M.H.C., ago., 2019). Só podia sair na companhia do marido. Nos relata que a primeira vez que se sentiu controlada pelo marido foi quando ele a buscou no colégio e a viu despedir dos colegas com um beijo no rosto. Em uma crise de ciúmes, ele não a deixou mais ir à escola. Desta maneira, e entre outros episódios, ela também foi se negando as oportunidades, se entregando à situação, principalmente porque logo engravidou de sua primeira filha.

Notamos aqui algo semelhante que ocorreu na história de L.A.P. Ambas procuraram em seus companheiros uma figura para preencher as lacunas afetivas deixadas pelos pais. São faltas distintas, mas existe uma intersecção de análise. Lima (2012) aponta que algumas mulheres entram em relacionamentos amorosos a fim de intencionalmente preencher as lacunas emocionais deixadas pelo pai ausente, e que toda autoridade é transferida para o parceiro, tornando-o uma espécie de proprietário da mulher. Desta maneira, ele pode exercer o abuso de poder.

Chagas e Campos (2000), a partir de suas experiências clínicas, observam que mulheres que passam por um trauma como a perda do pai transferem a dependência emocional para o marido:

As demais mulheres mostraram-se ainda intensamente dependentes da figura masculina objetiva porque depositam nela suas próprias virtudes e porque aguardam, obedientemente ou de forma rebelde, a autorização para serem o que desejam ser. Seus discursos oscilam entre a necessidade de independência e a demonstração de que o masculino se configura como uma dimensão inalcançável, mas, paradoxalmente, com a qual se identificam (CHAGAS e CAMPOS, 2000).

Ao passo que os anos foram passando, o corpo curvilíneo com o qual M.H.C. casou foi dando espaço para a gordura corporal, e a cada gestação ela engordou em torno de dez quilos. Em dez anos, engordou setenta quilos, chegando ao máximo de cento e quarenta quilos. Relata que a gordura se tornou uma camada de proteção e segurança, ao mesmo tempo que descreve agressões físicas e a toxicidade de seu relacionamento.

Relata que seu ex-marido começou a maltrata-la por estar muito gorda, primeiro verbalmente, dizendo que deveria se vestir com um saco de estopa e que estava com o corpo deformado. Para atingi-la de forma indireta, de acordo com seu relato, o ex-marido começou a denegrir pessoas gordas na rua. M.H.C. percebia que a ofensa era mais para si do que para a outra pessoa. A cada dia, ela se tornava mais “invisível”, tanto para o marido, quanto para si. Chegou ao ponto de não conseguir mais arrumar-se, nem atos simples, como simplesmente pentear os cabelos.

Observa-se que o termo “invisível” é proposto por Prado (2013) ao discorrer sobre os corpos na política comunicacional contemporânea. O autor escreve que “a sociedade constrói regimes de visibilidade somente” ao que se apresenta “glamoroso”, como tudo “que brilha nos corpos soltos, bonitos, jovens, rejuvenescidos e turbinados, preocupados em cuidar da qualidade de vida, da beleza, da saúde e do prazer efêmeros” (PRADO, 2013, p. 35) e os corpos que não

apresentam este modelo devem permanecer “invisíveis”, pois estão fadados ao fracasso: “Isso deve permanecer invisível, junto com a vida e o corpo dos gordos, dos mulçumanos, dos terroristas, dos transexuais, das lésbicas não consumistas, das ativistas pobres, dos deprimidos e tantos outros” (PRADO, 2013, p. 35). Desta forma, o corpo, quando incomoda a alguém ou à sociedade, é ignorado, tornando-se “invisível”.

O termo “invisível” quando se refere aos corpos que de alguma maneira sofrem uma exclusão social ou mesmo psíquica, ou seja, a dor emocional é ignorada, também é utilizada por vários autores como Audoin Roseau (2008), Junia Vilhena (2012), Georges Vigarello (2012).

Notamos em relação ao relato que a gordura é percebida como uma camada de proteção emocional nos direciona para o debate psicológico. Os psicólogos interpretam a gordura corporal de maneira complexa, dependente de cada indivíduo e de sua relação com o alimento e com seu corpo. Enfatizamos que a gordura corporal é multifatorial e não podemos afirmar nada antes de uma investigação que relacione o excesso de peso a algum outro fator. O mesmo se dá no caso de M.H.C. Podemos ter várias interpretações quanto à gordura como uma proteção, mas também podemos relacioná-la com o afeto, e incluir aspectos culturais, sociais, genéticos e médicos. Portanto, afirmar que o excesso de peso da entrevistada procede de um motivo ou de outro implica incorrer em parcialidade, em observar um único aspecto dentro da complexidade que é o corpo e a gordura.

O que conseguimos enxergar em relação ao relato de M.H.C. é que ela não estava feliz naquele relacionamento. Olhando pelo prisma psicológico, essa insatisfação pode tê-la levado a engordar. Neste ponto, podemos investigar a gordura como forma de proteção. Muitas vezes, a alimentação está ligada às emoções e aos registros que de nosso inconsciente, por isso a comida está carregada de significados simbólicos e afetivos. O excesso de peso pode indicar projeções do nosso estado emocional, portanto estar gordo pode proteger contra algum tipo de agressão externa: “a pessoa pode estar buscando no alimento uma fuga às suas angústias (...) E como a alimentação por si só não satisfaz, mas está registrada em seu inconsciente como algo confortável, continua a comer sempre mais” (MOTTA, 2011). Portanto, entendemos que, inconscientemente, além da proteção, a comida pode trazer a sensação de afeto.

Voltando à narração de nossa convidada, as ofensas quanto ao seu peso, à sua aparência física e à sua capacidade mental eram constantes. Seu ex-marido a atingia de todas as formas, tentando

diminui-la em todos os sentidos, a ofendendo e humilhando, e, desta maneira, também foi atingindo seu feminino e diminuindo sua autoestima. A gordura é somente um dos resultados que advém do processo da agressão subjetiva que atualmente é chamada de violência psicológica. A lei 13.778 (07/08/2006), conhecida como Lei Maria da Penha, delimita a violência psicológica contra a mulher:

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

O dano emocional e a baixa autoestima podem levar ao desenvolvimento de uma série de desequilíbrios emocionais. Engordar está relacionado à depressão e à distorção da imagem corporal, além do total abafamento do feminino e da feminilidade.

2.5.3. Agressões físicas

Ouvimos na narrativa da entrevistada que as agressões físicas vieram em um processo evolutivo. No início do casamento, seu ex-marido era muito ríspido. Os anos foram passando, ele foi mudando de comportamento. Começou, primeiro, com indiretas emocionais, passando depois para insultos morais e, em seguida, às agressões físicas. Ela percebia que estava sendo vítima de situações que não eram normais, mas acreditava de alguma forma que ele podia mudar.

M.H.C. relatou que o fato de estar envolvida emocionalmente, com a autoestima baixa, e acreditar não haver saída para esta situação de abuso, foi resultado de inúmeros fatores externos e internos. É possível relacionar alguns: a perda do pai; a adolescência policiada; a busca de proteção; sentir-se sozinha com três filhos para cuidar; cultura familiar que não aceita o divórcio, entre outras circunstâncias.

Na narrativa, vemos que existem vários motivos torpes para as agressões. M.H.C. relata uma ocasião em que um amigo do marido pediu-lhe uma carona. Estavam no carro o ex-marido, dirigindo, M.H.C., no banco do passageiro com o filho pequeno no colo, e o amigo, sentado atrás do banco do passageiro. Em um momento, rompeu-se a trava do encosto do banco do

passageiro, e M.H.C. caiu para trás, com a criança no colo. Assustou-se, mas se aprumou e continuaram a viagem. Ao chegar a casa, o ex-marido a acusou de ter caído de propósito, dando-lhe um tapa no rosto, seguindo de muitos insultos morais.

M.H.C. descreveu vários episódios semelhantes a este, com abusos emocionais e violência gratuita. Por anos, M.H.C. acreditou que o marido estava certo em agredi-la, pois não conseguia mais se refazer emocionalmente. Ela foi se fechando e se anulando. Mesmo sendo obediente ao marido, continuava apanhando.

Mulheres que passam por este tipo de violência não percebem o quanto seu psicológico está sendo devastado. Além da baixa autoestima, a pessoa se torna completamente anulada perante o agressor: “aquilo foi me matando por dentro, todo o tipo de sentimento some, não sobra nada” (M.H.C., ago., 2019).

2.5.4. A tristeza e a ajuda da mãe

A entrevistada relatou o momento em que se sentiu sem esperanças, quando queria acabar com aquele sofrimento. E isso indica que, de forma consciente ou inconsciente, ela pensou no suicídio.

Em relação às mulheres adultas, o Ministério da Saúde no Brasil (2017) aponta que a principal causa de tentativa de suicídio é a violência doméstica. A OMS classificou a depressão como o “mal do século” e que a violência doméstica é um dos principais fatores que levam a mulher a cometer suicídio. Diversas situações podem causar a depressão e levar ao suicídio, para a psicóloga Vanessa Loiola (2018). Mas os relacionamentos abusivos, a sensação de falta de incapacidade, o medo, pressões sociais levam a falta de esperança.

As atitudes estão relacionadas com a dissociação psíquica severa. Há um grave rompimento da consciência com relação aos processos inconscientes que animam o psiquismo. As causas podem estar em um grau em que o indivíduo pode não encontrar saída para o seu sofrimento (OLIVEIRA, 2018).

Seguindo a citação, a pessoa que está depressiva fica desestimulada e isso acarreta dificuldades em sair das situações de tristeza.

Uma pesquisa coordenada pelo Prof. Fabio Souza (2005) realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará aponta que 82% das mulheres que são vítimas de violência doméstica já pensaram em suicídio, por ser uma ocorrência que causa depressão. Por tratar-se de uma doença silenciosa, os riscos para tal ato são bem altos.

M.H.C. conta sobre o episódio do roubo do carro. O ladrão, de arma em punho, exigiu que ela e o marido descessem do carro. Ela disse que não ia descer: “A minha vida é tão ruim que eu acho que ir daqui com você vai ser melhor” (M.H.C., ago. 2019).

A mãe de M.H.C., ao saber do episódio, percebeu o estado físico e emocional em que a filha se encontrava. Em uma tentativa de ajudá-la, disse ao ex-genro que precisava levá-la ao dentista. Como ia com a mãe, o marido autorizou.

Ao chegar no consultório, M.H.C. percebeu que a mãe não havia marcado consulta com um dentista, mas sim com uma psicóloga. Conta que a psicóloga, na consulta, identificou que ela estava em grau avançado de depressão. M.H.C. havia se entregue às circunstâncias. Relatou que a psicóloga lhe perguntou o que a deixaria feliz, uma única coisa, e que demorou a responder. Depois de um tempo, respondeu que gostaria de voltar a estudar. E a mãe, que estava ao seu lado, a apoiou dizendo: “Então você vai voltar a estudar” (M.H.C., ago. 2019).

Relata que foi um grande desafio, principalmente enfrentar o ex-marido, que se contrapôs a tal decisão. Mas ela tinha o apoio da mãe e dos filhos, terminou o ensino médio e ingressou na faculdade de pedagogia. Como nos conta, foi um caminho difícil, visto que foi contra a vontade do marido, de tal forma que as agressões continuaram, mesmo no período em que estava na faculdade.

Atualmente, notamos que os casos de agressão contra a mulher têm tido mais denunciados. A Fundação Pró Paz⁶, a divulgação em massa da Lei Maria da Penha encorajou muitas mulheres a denunciarem seus agressores. Mas ainda existe muita resistência em denunciar esse tipo de ocorrência. Tendo em vista que, ainda hoje, temos receio de denunciar abusos, no final da

⁶ A fundação Propaz é dedicada as pessoas em situação de vulnerabilidade social do estado do Pará. Disponível em: <http://www.propaz.pa.gov.br/pt-br/noticia/com-apoio-do-estado-mulheres-aumentam-den%C3%B4ncias-contra-agressores>. Acessado em 04/2020.

década de 1990 e início dos anos 2000, os casos de violência doméstica delatados por vizinhos ou parentes das vítimas ainda eram poucos.

Foi o que aconteceu com M.H.C. Relata que tinha muito receio de fazer a denúncia. Estava com as saúdes mental, emocional e física abaladas. Foram anos de repressão, sem coragem para denunciar. Foi então que sua filha mais velha, na época com doze anos, assustada e cansada de assistir a mãe ser agredida, tomou a iniciativa de ir sozinha à delegacia denunciar o pai agressor. O delegado a princípio não quis registrar a queixa pelo fato de ser feita por menor de idade, mas o escrivão, ao ouvi-la, se mobilizou e abriu a ocorrência. M.H.C. só ficou sabendo da denúncia da filha quando ele recebeu a intimação do conselho tutelar.

A filha mais velha ajudou a mãe superar toda a situação e a incentivava a continuar estudando. M.H.C. relata que quem comprou o material para o primeiro dia de aula na faculdade foi a filha. Foram quatro anos difíceis, mas, pelo que notamos nos relatos, a reconstrução emocional e a emancipação do corpo de M.H.C. aconteceram nesta época.

M.H.C. conta que ingressou na faculdade pesando 140 quilos e tinha muita dificuldade para se locomover, mas aos poucos foi perdendo peso. Frequentava um universo que lhe abriu possibilidades, e assim começou a olhar para si. Relata que, depois de quatorze anos cuidando dos filhos, do marido e tendo que lidar com agressões, sentiu que era a primeira vez que realmente fazia alguma coisa por si mesma.

2.5.5. Modelo *Plus Size*

No ano de 2005, M.H.C. já estava na universidade e, aos poucos, foi restabelecendo sua autoestima. Sentindo-se entusiasmada com os novos caminhos que a universidade lhe proporcionava, comenta que a perda de peso foi gradativa durante os quatro anos do curso. Nesse meio tempo, com a chegada da rede social digital *Orkut* ao Brasil, a entrevistada começou a participar de diversas comunidades direcionadas a mulheres gordas que se ajudavam quanto à autoestima.

Ao nos depararmos com os discursos das comunidades dentro das redes digitais direcionadas às mulheres gordas, é possível notar que muitas de suas conversas são casos de superação. Nestes casos, esses grupos passam a ser coadjuvantes na ajuda da autoestima, como já debatido

em nossa dissertação de mestrado: esses grupos acolhem corpos fora dos padrões de beleza, debatem sobre a luta diária, compartilham suas dificuldades e superações (NECHAR, 2015, pp. 132-153).

Nessa época, uma “*scouter*” (nome dado ao profissional que identifica perfis de pessoas com potencial para serem modelos) achou o perfil de M.H.C. e a convidou para participar de um desfile para uma loja de roupa de tamanhos grandes na cidade de Guarulhos (SP). É importante frisar que, neste momento, o que conhecemos como Movimento *plus size* era ínfimo.

As lojas de roupas de tamanhos grandes eram pouco conhecidas e precisavam de divulgação. O preconceito com este tipo de vestimenta e a hegemonia de corpos magros na mídia era quase que unânime, por isso a busca de mulheres gordas para as campanhas publicitárias e desfiles de moda era difícil. A modelo *plus size* brasileira que se destacava em 2006 era Mayara Russi. Atualmente, ela é conhecida nacionalmente e já participou de *reality shows* em um canal de televisão transmitido por assinatura.

Ao que nos conta, M.H.C. no início estranhou o convite, mas, como já tinha ouvido falar em “moda *plus size*”, aceitou participar do desfile. Isso aconteceu no final de sua graduação, e ela já havia entrado com o processo de divórcio.

Ao final do primeiro desfile de sua carreira, M.H.C. narra que se sentiu tão bem vivenciando toda aquela experiência que poderia provar para o marido, que a humilhava, que ele estava errado. Mas não era somente isso: o preconceito com o gordo era tão forte a mãe de M.H.C. não a apoiou.

Devido à mãe de M.H.C. ser nascida em uma época em que ser gordo implicava um enorme estigma social, pensava que, com a atitude da filha de se tornar uma modelo de corpos grandes, mostraria para as outras pessoas que ser gordo era certo. De fato, sua mãe pensava que todo gordo era doente.

Nos deparamos com uma mentalidade e cultura formada a partir da década de 1920, de que um corpo gordo significa ser doente. A construção do estigma social e da exclusão do corpo gordo advém de um imaginário social de diversas negativas do corpo gordo, que começaram a ser construídos desde o século XVIII, através dos avanços da medicina, da química e da fisiologia.

A gordura tornou-se a principal causa de diversas doenças corporais, o que levou à generalização da ideia do corpo gordo como um corpo doente (VIGARELLO, 2012). Além do que, nos anos 1960, a publicidade a favor do corpo magro e a exclusão midiática do corpo gordo (SANT'ANNA, 2015) fundamentaram que a ausência da gordura corporal deve ser o modelo a ser adotado por toda a sociedade. A mãe de M.H.C. cresceu dentro deste costume, que abafava o corpo gordo. Portanto, qualquer situação que enalteça a gordura entra em conflito com toda a sua cultura.

Voltando ao discurso de nossa convidada, junto com o começo da carreira de modelo, ocorreu o divórcio, que foi litigioso. “Foi uma libertação que você não tem ideia. Foi assim: aquelas correntes quebraram. Eu nasci de novo” (M.H.C., ago. 2019). Foi um processo em que se formou sua identidade, por sua história. O despertar de uma garota que, ao casar-se com dezesseis anos é calada e podada pelo homem que acreditava poder ser o refúgio para as angústias, e, ao mesmo tempo, a oportunidade de ver e conhecer a vida. Ela renasceu aos trinta e quatro anos de idade.

É importante notar que o processo de construção do feminino de M.H.C. foi abafado diante de tanta violência, mas aflorou a partir do momento em que ela buscou algo para ser feliz: voltar a estudar. O processo demorou anos, desde o início da terapia, até ela ser descoberta como modelo *plus size*.

O feminino, neste caso, não se relaciona à questão de gestação ou outras das faculdades do corpo feminino, como a menstruação ou a amamentação. Não é também fruto de uma beleza física, ou a construção de um corpo com uma aparência que agrada a sociedade. É uma questão das potencialidades do feminino. M.H.C. se reconstituiu como uma mulher forte, que busca seus sonhos e enfrentou um homem que a cerceava pela força física e pela desvalorização mental. É o respeito a si, a autoconfiança e o auto estimar-se que foram resgatados. Com isso, ela reconstruiu o seu feminino.

Com a estrutura de seu novo eu, apoderou-se da sensação de liberdade que tanto queria desde a adolescência. Através da ferramenta do *Orkut*⁷, começou a compartilhar suas novas conquistas e descobertas a partir de uma comunidade que ela mesma criou.

⁷ Orkut foi uma rede social digital associada ao Google, criada em 2004 e desativada em 2014.

2.5.6. As gordinhas nas redes sociais digitais

Nas redes sociais digitais encontramos uma multiplicidade de assuntos, tendo como fundamento a cibercultura, “um conjunto de técnicas, práticas, modos de pensamentos e valores que se desenvolvem juntos ao ciberespaço” (LEÃO, 2004). Neste contexto, nos deparamos com um espaço de amplos temas, onde podemos encontrar uma diversidade de conteúdos.

Em 2005, começou a se destacar no Brasil o *Orkut*, um site criado para que as pessoas construíssem suas redes de relacionamentos sociais, a fim de compartilharem afinidades pessoais. O *Orkut* disponibilizava várias ferramentas para a troca de conversas entre os usuários, além da possibilidade da criação de grupos, na época chamados “comunidades”, em que os usuários podiam participar e expor suas opiniões.

Ao criar uma comunidade no *Orkut*, M.H.C. não sabia que alcançaria tanta visibilidade. No ano de 2011, a comunidade migrou do *Orkut* para outra plataforma, o *Facebook*. M.H.C. se tornou conhecida no meio digital por discursar nas redes sociais sobre a autoestima e o fortalecimento da mulher gorda e do universo *plus size*. Os estilos de postagens contemplam informações de moda, autoestima, acontecimentos nas mídias televisivas que enaltecem pessoas gordas, artes e todas as informações que apresentem pessoas gordas de modo positivo.

Com a repercussão de seu trabalho nas redes, M.H.C. viajou o Brasil ministrando *workshops* e palestras para mulheres gordas. Por si só, conheceu o país de que tanto seu ex-marido falava.

Devido à repercussão de suas mensagens diárias em prol da autoestima da mulher, M.H.C. tornou-se uma influenciadora digital, mas é importante notar que suas seguidoras são fiéis e a acompanham desde o início da carreira. Ela conta que foi a partir de sua evolução pessoal que conseguiu ajudar os outros, elevando a autoestima de suas seguidoras, ajudando com a autoimagem e a auto-aceitação, fatos que acompanhamos em nossa dissertação de mestrado (NECHAR, 2015).

Devido ao sucesso conquistado, no ano de 2018 ela inaugurou sua própria loja multimarcas de roupas e acessórios *plus size*. Atualmente M.H.C. usa mais a plataforma *Instagram*⁸ para a divulgação do seu trabalho, mas continua com o site para vendas de roupas e sua *fanpage* no Facebook.

O dinamismo proporcionado pelas redes dentro do ciberespaço possibilita a interação entre o influenciador e o seguidor. Através da ferramenta *Instagram*, a transmissão ao vivo abre espaço para a conversa através do *chat* e, assim, a influenciadora consegue ter *feedback* no mesmo momento que suas seguidoras participam escrevendo suas opiniões. Além disso, o vídeo pode ser gravado e fica armazenado no perfil da influenciadora, podendo ser acessado a qualquer momento.

Através das redes sociais, como já dissemos, M.H.C. construiu visibilidade e, atualmente, vai além das redes sociais. Sua loja, de uma forma ou de outra, se transformou em um espaço de acolhimento entre as gordas, um local para a troca de informações, de vivências e de afetos. Ela relatou vários casos de pessoas que foram até a loja simplesmente para agradecer e compartilhar suas histórias de superação. Outras vão em busca de um refúgio em relação à gordofobia que sofrem na sociedade ou em família.

Conta que, durante uma transmissão ao vivo pelo *Instagram*, uma pessoa começou a questioná-la sobre a autoestima, dizendo que isso não existia em uma pessoa gorda. M.H.C. a ouviu e apenas pediu calma para a seguidora, e continuou com sua transmissão. Uma semana depois, esta mesma seguidora entrou em contato e comentou: “Eu comprei um batom, usei o batom e já estou me sentindo melhor” (M.H.C., ago. 2019).

No momento da fala da seguidora, M.H.C. lembrou como foi estar em depressão. Relata que as pessoas, às vezes, precisam de algo que o mundo não dá, que é um minuto de “atenção, um olhar, um abraço, ou mesmo tentar pelo menos ouvir” (M.H.C., ago. 2019).

No que tange à questão do mal entendimento da seguidora em relação a M.H.C., Guimarães (2010) escreve que os referenciais dos significados variam em relação às experiências simbólicas de cada pessoa tem. Os desentendimentos são inevitáveis, pois cada um tem uma

⁸ Instagram é uma rede social digital para compartilhar fotos e vídeos.

maneira de ver determinada situação, por isso cada qual atribui sentido diferente. O autor enfatiza que os maus entendidos não são algo que impeça uma pessoa se relacionar com a outra, mas sim uma oportunidade que motiva a comunicação a partir das diferenças. “Interpretar ou compreender outrem é, portanto, criar um novo objeto simbólico que dê conta das angustias e desejos daquele que realiza a compreensão” (2010, p. 125). Mesmo que esta compreensão seja equivocada, o objeto simbólico “afeta e este constitui um novo sentido comunicável” (GUIMARÃES, 2010, p. 126).

Ao relacionar esta citação com a tese, entende-se que a interpretação de “objeto simbólico” é o entendimento dado por cada pessoa a alguma coisa. Neste caso, podemos entender que, na visão da seguidora, uma pessoa gorda ter autoestima (que é um objeto simbólico), significa coisas que não combinam. Isso indica que, devido ao seu “ambiente natural cultural” (GUIMARÃES, 2010, p. 125), ser gordo possui um significado simbólico negativo. Ao oferecer atenção à seguidora, M.H.C. fez com que, através dela, a outra pessoa se sentisse importante. A princípio, mesmo indo contra o discurso de M.H.C., a seguidora se sentiu acolhida, ouvida através do outro. Através do reconhecimento do outro (de M.H.C.), a seguidora pode se valorizar.

O batom, nesta análise, é uma representação do resgate da autoestima. Como se fosse uma ferramenta que transforma, uma forma de afeto, um cuidado. Um dos caminhos para o resgate de si é a percepção da identidade. Desenvolver a autoestima em favor de uma vaidade saudável não significa um narcisismo, mas traz uma sensação de conforto, de ser você mesmo (TORNAMBE, 2010). Portanto, é possível entender que a autoestima é o valor que damos a nós mesmos, ao que somos e ao que representamos, e também à nossa imagem. Se o indivíduo não der a si mesmo a verdadeira relevância, pode chegar a danos emocionais profundos, incluindo quadros de depressão.

M.H.C. comenta que a loja é importante para ela, pois é sua principal fonte de renda. Mas sempre soube que seu papel não é apenas vender roupas, mas sim ajudar as pessoas. Comenta que não são somente pessoas gordas que a seguem, mas também as magras, e pessoas com todos os tipos de corpos. Quando ela está em uma transmissão ao vivo, através das redes sociais digitais, sua mensagem é para todos os tipos de corpos.

Narra que a riqueza financeira não representa para ela a liberdade de sentimentos. Isso vem ao se sentir útil para o próximo, ao poder ajuda-lo. Por isso as redes sociais são tão importantes para ela. É através destas ferramentas é que sua voz pode chegar até o outro.

A partir desta esta história de vida, podemos compreender que o outro também é importante para a descoberta e construções das potencialidades do nosso próprio feminino. Seja este outro as redes sociais digitais ou alguém próximo a nós.

No próximo capítulo, abordaremos as identificações de cada aspecto abordado nas histórias de vida.

3. DIVERSOS CAMINHOS DE UMA JORNADA: ANÁLISE

Neste capítulo, apresentaremos as discussões dos pontos que relacionamos e identificamos anteriormente nas histórias de vida relatadas. Foi preciso definir critérios a fim de detectarmos os processos da construção do feminino em relação com o corpo gordo e o quanto os fatores externos, como o Movimento *Plus Size* e outros, se conectam entre si. A partir das histórias de vida, interconectaremos esses critérios, pelos pontos de semelhanças e divergências. Essas histórias formam um conjunto hegemônico, mas com características que compõem informações comuns entre si e, a partir delas, podemos indicar as potencialidades que emergem do feminino gordo.

Ao escutar, ler, reler e analisar as narrativas, notamos que a cada momento desse processo emergiam informações relevantes para o entendimento e a construção do sentido feminino e sua relação com o corpo gordo. De uma forma ou de outra, o Movimento *Plus Size* aparece como uma força que ajudou na elaboração da construção do feminino e da feminilidade, mas que atualmente tem um significado diferente para cada história, com mais intensidade em umas, menos em outras.

Elencamos os critérios na medida em que relemos as histórias. Elencamos os mais pertinentes para conseguir detectar as construções, como as questões referentes ao ambiente cultural e familiar em que viveram, a adolescência, o olhar para si e as construções de suas percepções, a relação do corpo como o Movimento *Body Positivity* e *Body Neutrality* e, por fim, suas relações com o Movimento *Plus Size* atualmente.

Elencamos os critérios a partir das pistas que foram emergindo das histórias. A partir delas, fomos organizando um cenário semântico. Essas palavras formam um conjunto que se destaca nas relações entre as histórias de vida, e foram guias para os critérios que virão a seguir: (re)Descobrir, intelecto, outro, percepção, pertencimento, reconhecimento, respeito, trabalho, valor, vergonha, vestir.

Estas palavras estão presentes intrinsecamente em cada relato e nos proporcionaram uma análise mais direcional em relação ao corpo feminino gordo.

(re)Descobrir: de forma em geral, percebemos que as mulheres entrevistadas e todas as histórias passam por um processo de descobertas e redescobertas. Em algumas histórias, devido aos abusos relatados, o feminino foi abafado, como no caso de M.H.C. A construção de si, através dos sentidos, do corpo e das emoções, fez parte do processo de individuação e singularidade de cada uma das mulheres.

Intelecto: de uma maneira ou de outra, todas quatro mulheres comentaram que sentem falta de mais mulheres gordas pensantes nos movimentos em prol da emancipação do corpo gordo. Já se conquistaram espaços que falam sobre roupas, autoestima e os cuidados com o corpo, principalmente nas redes sociais. Do que sentem falta são espaços de diálogo, onde a mulher gorda não seja vista através da sua estética, mas como um ser atuante socialmente.

Mentor: Os relatos deixam claro que sempre houve um alguém, um mentor que direcionou os caminhos e os pensamentos de cada entrevistada. Por exemplo, para M.H.C., a mãe e os filhos; para L.A.P., o pai e os filhos; para L.C.B., o pai e colegas do colégio e do trabalho; e, para D.M.M., os pais e a psicóloga.

Outro: o “Outro”, entendido como aquele que é diferente, está presente em vários momentos dos relatos. Exercemos quem somos e nossa existência também pela percepção e pelas relações que estabelecemos com o outro.

Percepção: a percepção e suas relações com o sentido de consciência referem-se ao sentido físico, à percepção do próprio corpo e às transformações corporais, como também à percepção das próprias emoções. As primeiras percepções físicas nos relatos de D.M.M., M.H.C. e L.C.B. vieram na adolescência ou, no caso de L.A.P., após a maternidade. Até as percepções que antes eram omitidas ou estavam escondidas, emergiram e estão sendo reformuladas por D.M.M.

Pertencimento: a questão do pertencimento emerge em relação ao local onde moravam, aos grupos sociais que frequentavam. Na história de L.A.P., verifica-se no momento em que ela percebe não ser aceita por ser gorda. Em relação a L.C.B., a sensação de pertencimento veio através do vestir-se, trouxe uma identidade para poder se expressar. Para D.M.M., está no processo de pertencer a si que emergiu a partir da cirurgia bariátrica. Para M.H.C., o pertencer a si e ao seu corpo vem a partir de uma identidade corporal gorda.

Reconhecimento: o reconhecimento pode aparecer de diversas maneiras como, por exemplo, pode surgir na forma de gratidão. Na história de M.H.C., é nítido o quanto ela é agradecida por tudo o que construiu, o modo como gosta de ajudar as pessoas em relação ao seu trabalho e à sua fé. O reconhecimento em L.C.B. também vem através da qualidade intelectual do trabalho. Para L.A.P., o reconhecimento do trabalho através do corpo. No caso de D.M.M., o reconhecimento vem através do desejo de se tornar mãe.

Respeito: assim como a descoberta, todas as quatro histórias apontaram as dificuldades e a superação dos conflitos no processo de construção do respeito em relação ao próprio corpo, assim como o respeito em relação às diferenças corporais. Afinal, de um modo ou de outro, todas passaram por *bullying* na adolescência ou por *mobbing* (assédio moral no trabalho), ou pela falta de respeito da família, que às vezes é a fonte de preconceito que mais dói. Ou mesmo o respeito em entender a escolha de transformar o estado físico do corpo, como foi o caso de D.M.M.

Trabalho: aqui, a questão é a capacidade de produção laboral. Devido ao estigma social de que o gordo é lento e preguiçoso, os relatos deixam claro que, de alguma maneira, as mulheres passaram por esta situação.

Valor: elegemos o valor na medida em que essa qualidade emergiu das histórias e aponta para o processo de valorização de si mesmo. A busca do equilíbrio para se tornarem pessoas melhores, e a convivência harmônica com as pessoas que as cercam, torna-se um fato mais complexo devido à estigmatização do corpo gordo.

Vergonha: nas histórias estudadas, a questão da vergonha por ser uma mulher gorda aflorou. Por mais desinibida que M.H.C. pareça ser, em seus relatos, ela conta que já passou vergonha com relação ao seu corpo ao usar um *lingerie* sexy. L.C.B., por sua vez, relata que pessoas gordas tem vergonha de fazer o uso de assentos reservados para elas por direito nos transportes públicos.

Vestir: A questão do ato de vestir-se é um ponto unânime nos quatro relatos. O vestir-se é um ato extremamente complexo que envolve não apenas uma roupa, mas vários outros sentidos que se desdobram. Em primeiro lugar, vestir é uma necessidade física: as roupas nos protegem do frio, do vento, do calor, dos raios UV, entre outros. Na experiência das pandemias, vestir

3.1. AS MEMÓRIAS DA CULTURA FAMILIAR E DOS AMBIENTES

Pretendemos, nesta parte do capítulo, observar quanto a cultura familiar e os ambientes onde as histórias de vida se passaram influenciam no processo de construção do feminino. Entendemos que nosso ambiente cultural é cheio de pluralidades, e por isso algumas experiências fazem parte de nossos processos internos e ajudam a amalgamar nossas singularidades.

Acreditamos que, se observarmos pelo prisma do imaginário social, a mulher contemporânea está aos poucos reformulando, de alguma maneira, a representação do seu feminino. Por outro lado, o ambiente também está irrigado por uma pluralidade de informações e costumes que podem interferir nos processos.

Cada entrevistada possui uma família diferente, culturas diferentes e viveram em cidades diferentes. De uma maneira distinta e diversificada, cada qual passou por processos de individuação e estão em constante processo de elaboração com o feminino. Mesmo diante de tantas diferenças, às vezes os relatos mostram semelhanças entre os comportamentos familiares ou situações.

O que sobressai em dois relatos especificamente são duas histórias em que as mulheres sofreram violência, seja ela física ou simbólica. Um relato fala sobre estes acontecimentos desde a infância, em relação à cultura familiar, até a vida adulta, quando sofreu agressões vindas dos companheiros. Outro relato descreve um casamento violento. De algum modo, essas violências deixaram feridas físicas e emocionais, mas estas mulheres demonstraram que conseguiram, de uma maneira ou de outra, re-significar suas vidas.

Em relação ao relato de L.A.P., é notável a cultura patriarcal de sua família, em que as mulheres devem ser submissas aos homens, diferente do relato de M.H.C., que também passou pela situação de violência doméstica.

A desigualdade entre homens e mulheres implica nas relações de poder, como afirma Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina* (2002). No livro, o autor afirma existir uma relação simbólica de poder que se apresenta em diversas formas, histórica, social e culturalmente. A existência de um ser dominante implica concepções invisíveis que estão no modo de nos

comunicar e de viver. Essa cultura de submissão é inerente à mulher, e a violência simbólica é um poder sutil que a domina. Podemos entender que a violência simbólica é um poder que é exercido sobre o corpo do dominado “sem qualquer coação física”, como se por “magia” ela atuasse sobre a pessoa dominada.

Interpretamos que esta “magia” é como algo que estivesse no íntimo de nossa cultura, e que, aos poucos, a mulher está fortalecendo seu espaço e dissolvendo este complexo de crenças que são praticadas dentro da nossa sociedade.

Com isso, podemos entender, a partir dos relatos, que muito do ambiente em que L.A.P. vivia quando criança era repleto de símbolos informando que as mulheres deviam ser submissas aos homens.

L.A.P. é do interior do Ceará, de uma cidade a oito horas de viagem de Fortaleza. É possível pensar, pela narração de nossa entrevista, que nesta cidade a cultura local, a “magia” da dominação, está implícita em seus costumes.

L.A.P. narra que, desde a época em que sua mãe era pequena, já existam posturas rígidas diante da mulher, mesmo ela sendo uma criança.

A minha mãe foi estuprada aos seis anos de idade por um tio. (...) Na cidade onde ela nasceu os homens não queriam saber dela por aquele problema que tinha acontecido com ela, então o que aconteceu? Ela foi para esse convento. (...) Essa coisa que antigamente eram um tabu para muitas mulheres, mesmo ela sendo estuprada naquela época, tudo isso era como se ela tivesse culpa, mas lógico que não (L.A.P., dez. 2019).

É possível pensar que, no imaginário simbólico, a representação do feminino possui uma conotação negativa no que tange à pluralidade cultural do ambiente, pois os homens da cidade não queriam saber de namorar com uma menina que foi estuprada.

Mas, para as pessoas mais velhas, quando a gente faz doze, treze anos, já têm obrigação de aprender a ser submissa, a arrumar um marido, a viver debaixo do pé, não pode xingar um palavrão, não pode usar uma calça. No começo, eu era assim. Eu só usava vestido e os vestidos tinham que ser vestidos de babado, sabe? (L.A.P., dez. 2019).

Novamente notamos a presença da questão cultural e do imaginário simbólico feminino, em que as meninas devem usar vestidos e serem submissas. É imposto, então, um comportamento desde cedo para as meninas.

Em relação ao pai da filha de L.A.P., o comportamento se repete:

Eu saía com ela, ela pedia bola, carrinho, eu comprava, quando eu chegava em casa o pai me matava, só faltava me matar, me julgava. “Ah, menina é menina. Ela não põe um brinco, ela não tem uma pulseira, ela não gosta de nada. Ela é o0 quê? É homem? É macho e fêmea?” (L.A.P., dez. 2019).

É possível pensar que o ex-marido de L.A.P. traga consigo questões em que os estereótipos comportamentais refletem os tipos de gênero, provavelmente herança cultural do ambiente em que viveu: “Ele enchia a casa de homem. Tanto que eu era muito bonita, os homens ficavam mexendo comigo e não podia falar nada, tinha que aguentar” (L.A.P., dez. 2019).

Esta situação também representa uma violência simbólica em que os homens representam o poder e L.A.P., por estar em uma posição submissa, não podia responder de modo algum.

Com as reflexões acima, é possível interpretar que o ambiente ao qual L.A.P. foi exposta teve influência na descoberta de si e de como ela se sente quanto ao seu corpo, além da violência física propriamente dita.

No relato de M.H.C., o namorado que a encantava contando histórias sobre suas viagens pelo Brasil foi, aos poucos, se transformando em um homem frio e depois em um agressor. A entrevistada narra algumas características do marido nos primeiros anos: “Porque, até o terceiro, quarto ano, tá, ele era secão, grossão, do jeito todo, mas não era violento, era legal, dava para suportar” (M.H.C., ago. 2019).

De acordo com o relato de M.H.C., gradualmente o seu ex-marido foi mudando, assim como o que ela sentia em relação a ele. Como vivia somente sob autorização do marido, sentiu que aos poucos ela foi se tornando “invisível”, sem existência para o outro. Ela então narra uma das experiências anterior ao início das agressões físicas:

Eu entrei numa loja, comprei uma camisola vermelha, bonitinha, curtinha (...) Quando eu coloquei à noite, vim na cama para ver se a pessoa pelo menos comenta (...), foi a

primeira camisola vermelha que eu tinha, então a pessoa tinha que falar: “Camisola nova?”, pelo menos. Fui lá, dei uma volta, a pessoa não olhou, e eu ia para um lado, e eu vou para lá, volto para cá, e eu de olho na pessoa, esperando: “Faz um comentário pelo amor de Deus”, vou, finjo que estou mexendo em alguma coisa, volto, saio do quarto, entro na cozinha e caio em prantos. Tirei a bendita da camisola, guardei, coloquei um pijama e a pessoa estava dormindo. Falei: “Que relacionamento é esse?”, comigo mesmo. Até eu lembro muito bem, deitei de ladinho, encostadinha na parede: “O quê que eu estou fazendo aqui? Eu sou invisível, ele não me nota” (M.H.C., ago. 2019).

É possível notar no relato acima que, a medida que o tempo do casamento de M.H.C. foi passando, ela não era mais notada pelo ex-marido, não existia para ele. Então, podemos compreender que, se não apresentamos a nossa imagem para o outro, não existimos. Ela queria ser notada, por isso comprou uma camisola vermelha, estava cansada de ser “invisível”.

“Existir é, antes de mais nada apresentar a própria imagem ao Outro” (VILHENA, 2012, p. 160). E, para existirmos, precisamos ter a nossa própria imagem corporal para apresentar ao outro. “Quando não se vê algo, esse algo não existe – ‘ser é ser percebido’. Mas ser é, antes de tudo, ser para alguém” (VILHENA et al, 2012, p. 160).

A partir da nossa compreensão sobre esta passagem, é possível perceber que M.H.C. somente queria ser notada, percebida pelo marido. Tornar este corpo “invisível” é também um modo de reproduzir desprezo por ela. Notamos que M.H.C. planejou algo para ser notada, para provocar algum interesse no marido, e ele a tratou com indiferença. Ao ir para a cozinha chorar, é possível pensar que ela sentiu vergonha, ficou constrangida por tentar ser *sexy* para o próprio marido. E isso a fez pensar em seu local de pertencimento: “O que eu estou fazendo aqui?”

Voltando aos relatos, é possível compreender que L.A.P. não se sentia pertencer a algum lugar. Ao nascer, não foi aceita pela avó materna e a mãe e o avô foram saber da adoção só depois de um mês. “Simplesmente a minha avó não me aceitava, não tinha me aceitado, por isso que minha mãe não me registrou” (L.A.P., dez. 2019). Ela tem dois registros, um oficial, que foi feito na maternidade em que nasceu, e outro feito um ano depois pela família que a adotou. Passou a infância entre idas e vindas de Fortaleza para a cidade onde sua avó e suas primas, que não a aceitavam morava. “Eu era xingada pelas minhas primas quando eu ia para o interior” (L.A.P., dez. 2019). Relata que a mãe nunca deixou faltar nada de material para ela, mas faltava o amor e o carinho. Ao casar-se, aos treze anos, foi morar no Rio de Janeiro e, um ano depois, em São Paulo, junto com um homem que a maltratava. Ao se separar, voltou a morar com a mãe em Fortaleza mas, dois anos depois, com o falecimento dela, ficou novamente sem onde

morar. Então foi morar com um primo e, depois de um ano, veio a conhecer seu pai e voltou para São Paulo:

Ele casou, me carregou, fiquei no Rio, engravidei do meu filho, morei no Rio um ano, mas eu nunca conheci o Rio porque a minha vida era só naquele mundinho ali, naquele espaço. Vim embora para São Paulo. Quando chegou aqui em São Paulo, eu vim morar próximo dos tios dele. O que eu ia fazer em São Paulo indo embora com meu filho? Tudo bem. Fui embora (L.A.P., dez. 2019).

Podemos perceber que foram quase dezessete anos entre idas e vindas em busca de um lugar para pertencer e existir. Procurou ser amada, ser vista, ser notada e, por isso, também é possível pensar que a busca por um casamento na adolescência reflete a necessidade de se sentir amada, de realmente existir para alguém (o outro), portanto existir para si.

Em vários dos relatos observamos a presença de um ambiente violento, tanto em termos simbólicos quanto físicos. Nas memórias relatadas, observa-se também um sentimento de falta de pertencimento. Esses sentimentos de dor e a busca pelo feminino estão presentes em vários dos relatos. Dentro de uma cultura em que a relação simbólica do poder masculino é visível, isso abafa o desenvolvimento da autoestima de L.A.P., e de sua singularidade, portanto.

Para M.H.C., a casa na qual morava com seu ex-marido se transformou em uma prisão. Notamos que o poder exercido sobre o seu corpo é o poder simbólico masculino (Bourdieu) que transpassa pelo seu corpo. Por mais obediente e dócil que ela fosse, reproduzia em seu corpo o sofrimento, abafando lentamente a sua autoestima e, conseqüentemente, o seu feminino.

A reestruturação acontece no tempo de cada uma. O resgate do feminino é gradual, se dá após elas tomarem consciência de si e conseguirem se reconectar com sua mente e seu corpo.

3.2. ADOLESCÊNCIA

Nesta parte, pretendemos apontar alguns aspectos dos relatos de cada história que concernem à adolescência. É um momento em que a menina toma ciência de muitos aspectos do corpo. O Estatuto da Criança e do Adolescente, a fase da adolescência começa aos 12 e vai até os 18 anos, e a puberdade, que são as mudanças das condições físicas e hormonais nas meninas, inicia-se aos 11 e vai até os 16 anos. Esta fase foi importante para cada uma delas. É considerado que a adolescência é um momento que se manifesta muito conflituoso, difícil e, em alguns momentos, sobrecarregados de elementos que tornam esta etapa complicada para qualquer pessoa.

Toda adolescente tem complicações com seu corpo, mas, para uma menina gorda, isso se dá de forma diferente. Além de lidar com todas as questões das transformações biológicas e psicológicas, ter que suportar a questão de ter um corpo gordo se reflete ainda mais nesta fase. Como já destacamos anteriormente, nas histórias de L.A.P. e de D.M.M., as crianças gordas são as mais afetadas nesta fase. Quando lembrou de situações de *bullying*, L.A.P. foi a única que comentou sobre apelidos durante esta época de adolescência:

Eu sempre fui gordinha, era uma gordinha cheinha. Eu já era rejeitada naquela época, eu era chamada de Gretchen, chamada de baleia. Nossa, eu odiava ser chamada, devido ao meu nome, me chamam de amendoim. Aquilo era traumático para mim, muito (L.A.P., dez. 2019).

Na adolescência, a autoestima é muito fragilizada e, às vezes, apelidos pejorativos podem prejudicar o desenvolvimento emocional:

Adolescentes obesos se sentem infelizes com sua gordura, pois recebem apelidos pejorativos dos colegas e se sentem rejeitados, o que ocasiona influências negativas da obesidade nos relacionamentos sociais dos adolescentes. Tais fatos geraram sentimentos de conflito com a própria imagem corporal e baixa autoestima (FERRIANI et al, 2005, p. 31).

É notório que a gordura na adolescência atua como um composto negativo para a pessoa, e isso interfere nas relações com a identidade. A autora ainda complementa que, no momento em que esses adolescentes se percebem diferentes e sofrem as “experiências estigmatizantes”, motivam um sentimento de culpa por ser gordo (FERRIANI et al, 2005, p. 31).

A preocupação com o peso e com o corpo na época da adolescência são visíveis nas narrativas. É relevante a interferência que a mídia tem sobre o corpo, o que leva algumas adolescentes a se sentirem marginalizadas, e isto pode levar à desvalorização do próprio corpo e problemas com a imagem e a autoestima.

É importante ressaltar que o corpo feminino passa por uma pressão maior devido à influência das mídias em relação ao padrão de beleza. A todo momento, as mídias vendem corpos e modelos a serem seguidos, como se fossem um único padrão de corpo em que se deve espelhar. Como exemplo, nos basta observar as capas de revistas para adolescentes das décadas de 1990 e 2000, período em que as narradoras viveram a adolescência.



Figura 8: Revista Capricho, com Samara Felippo na capa, edição de maio de 2000 (disponível em: <https://www.fashionismo.com.br/tag/capricho/>. Acessado em: abril/2020).

A chamada da capa da revista diz “Boa de Corpo, Uau!”, representado pelo o corpo magro da atriz adolescente que foi referência da época, mostrando sua barriga lisa. A chamada da matéria diz: “Samara Felippo explica como conseguiu essa barriga sequinha (e ensina o truque para você ficar igual)”.

Logo abaixo, em destaque, a revista faz uma chamada para um concurso de beleza chamado “Big Model”, promovido pela própria Revista Capricho, convidando meninas que usam roupas tamanho G para participarem. O detalhe é que a chamada é ilustrada com um desenho de uma garota de corpo magro.

Pela capa da revista, podemos notar as mensagens conflituosas que emanam dos meios comunicacionais da época. Mesmo uma garota que usa o tamanho G e que queira participar de um concurso de beleza não vê uma imagem ilustrativa de um corpo gordo, o que faz com que a garota que realmente usa G não atenda à expectativa do que a revista considera como tamanho G.

Às vezes, uma adolescente ainda não tem a noção de tamanho do corpo e das suas transformações:

Eu estava nessa escola uma vez, jogando handebol e tal, aí as meninas começaram a falar de celulite. Eu não sabia que eu tinha muita celulite e eu tenho muita celulite, eu não sabia. Aí estava falando de celulite, eu falei: "mas eu não tenho". Eu não sabia nem o que que era celulite. Eu tinha o quê? (...) Treze, quatorze...Treze anos, eu não sabia o que era isso, porque eu não me importava com isso. E aí eu comecei a entender, "você precisa usar sutiã", porque minha mãe não tinha dito que eu precisava usar sutiã. Você precisa usar sutiã, senão o peito cai", não sei o que. E aí foi em uma época que eu dei uma surtada. Fiz um regime louco aos quinze anos, mais ou menos. Eu emagreci horrores, eu só comia feijão e bife (L.C.B., set. 2019).

É provável, pela citação acima, que L.C.B. não conhecesse seu corpo, não percebesse que tinha celulite, até as colegas do colégio lhe comunicarem. Ao que podemos entender, se trata de ter a percepção das mudanças do corpo na adolescência, um momento que requer atenção em relação às modificações corporais, notar as transformações do corpo. Neste momento, ela resolve fazer dieta para poder se encaixar nos padrões estéticos da época, como vimos pela imagem da capa da revista.

Notamos, à princípio, que a capa da revista na Figura acima não necessariamente tem uma chamada principal voltada aos cuidados com o corpo, mas a modelo que a ilustra tinha 13 anos na época. Ela havia ganhado o concurso de beleza “Look of the Year”, que já revelou muitas modelos famosas, incluindo Gisele Bündchen.

Portanto, notamos que a interferência por um corpo magro vem desde o início da puberdade de uma garota. Vemos que, para ganhar um concurso de prestígio, modelos de treze anos tem que ter um corpo magro.

Por outro lado, percebemos a chamada de uma matéria do lado esquerdo da capa: “Como aproveitar o corpo que você tem e deixá-lo em forma”. Ou seja, por mais que a matéria principal seja sobre a vida da modelo, sempre existe uma preocupação com os padrões de corpo.

Há outra chamada, na parte inferior, que diz: “Eles ficariam com uma menina que os amigos achassem feia?” Como se fosse o segredo entre os meninos, algo vergonhoso gostar de uma menina feia. O que então seria uma menina feia? Essa chamada nos remete à história que M.H.C. narrou:

Comecei a observar e eu fui gostar logo de um que foi muito cruel. Ele disse na minha cara: “A única pessoa que eu não namoraria na sala era uma gorda”. Eu já me coloquei, a única pessoa que ele não namoraria é uma gorda, a gorda sou eu. Na hora, lógico que ele nunca soube que eu gostei dele, eu jamais ia declarar isso, mas amigos, você na sua e eu na minha. E eu vi que o corpo era muito importante, que na minha casa, até aí, não era” (M.H.C., ago. 2019).

Com a chegada da adolescência, os conflitos internos e externos se intensificam. Como descrito na história de M.H.C., ela fez uma escolha: ser popular como dedicada aos colegas e deixar a questão das dietas para se encaixar nos padrões corporais da época.

Não somente a revista *Capricho*, mas outras da mesma época, sempre ilustravam corpos que deveriam ser seguidos, deixando a entender que um corpo só é aceito se for magro.

Não somente M.H.C. teve problemas em relação ao corpo e aos garotos na época, mas L.C.B. também relatou:

Sempre fui de namorar. Os meninos olhavam para as meninas, arrumadinhas, e eu nunca fui assim. Sempre tive um estilo muito meu, teve uma época que eu tinha muita

vergonha, porque a fase da adolescência, mas passou. Eu emagrecia, engordava, emagrecia, engordava. Era uma questão que me fazia sofrer? Me fazia, mas... passava (L.C.B., set. 2019).

L.C.B. comenta que sempre teve “namoradinhos”, algo que dá a entender que eram envolvimento pouco sérios. Notamos que ela fala sobre ter estilo diferente das outras meninas, e é possível pensar que a dificuldade em se enquadrar em um padrão de corpo já existia, o que nos leva ao emagrecer e engordar, um corpo que está em constante transformação, e isso a fez sofrer. Atualmente, ao relembrar essa situação, diz com ênfase que tudo “passava”.

L.C.B. relata também que, nesta época, começou a entender o seu corpo, mesmo que o culpando, de certa forma:

E aí eu fiz um regime louco. E aí eu comecei a entender as questões relativas ao corpo. Não que eu entendesse de dentro para fora, mas é de fora para dentro. Quando a minha coleguinha, por exemplo, ficou com o menino que eu era a fim, porque ela era toda bonitinha e não sei o quê. E uma vez ela veio me contar (...). Aí, me deu uma surtada, fui emagrecer achando que essa seria a solução para o caso. Só que depois eu entendi que não era e que assim, que quem gostasse de mim tinha que gostar do meu jeito, não é? É claro que não é um processo simples dessa forma como eu estou falando, você sabe disso. É toda uma construção (L.C.B., set. 2019).

É possível observar que L.C.B. sofreu e culpou seu corpo por não conseguir ficar com o garoto de quem gostava, e comparou seu corpo com o da amiga. Mas o processo de olhar para si e entender que é um processo interno veio bem depois.

Ao mesmo tempo que existe a questão de engordar e emagrecer, pensamos nas relações com a imagem corporal e como se compreendem dentro de seus corpos. Por isso, nos relatos de L.C.B. e D.M.M. falam sobre o vestir e a identidade.

Eu não tive festa de quinze anos, eu não usei aquele vestido de debutante, aquela coisa toda. Eu não vivi nada disso, porque eu me via uma mulher, uma pessoa com um corpo... um formato de um corpo de uma mulher. Por dentro eu era uma adolescente, mas eu me vestia com roupas que não condiziam com a minha idade. Eu me vestia com as roupas que me serviam. Então eu nunca tive uma referência de corpo, seja ele grande, pequeno, tenha ele o tamanho que tivesse. Eu me vestia com aquilo que servia (D.M.M., set. 2019).

No relato, D.M.M. comenta que não tinha uma referência de corpo e que se vestia com roupas que não condiziam com sua idade. A partir do momento em que a percepção também se faz pelo corpo, os processos para a busca de uma identidade se tornam confusos.

Quando nos referimos à questão da identidade na adolescência de uma pessoa gorda, pensamos na relação com o corpo pois, de certa maneira, atravessamos as questões físicas: “a identidade dos adolescentes se organiza através de identificações, inicialmente com os pais, professores e ídolos, mas depois com o ‘grupo de iguais’, que constitui um importante modelo de identificação” (FERRIANI et al, 2005, p. 30).

É no grupo dos iguais que o adolescente fortalece sua identidade: D.M.M. se vestia com roupas de mulheres mais velhas, mesmo não se identificando com elas.

A importância das roupas também faz parte da busca da identidade do adolescente, tanto que D.M.M., L.C.B. e M.H.C. tiveram problemas com a questão da vestimenta, mas de forma oposta:

Eu era gorda, eu pesava cinquenta quilos, então eu pesei trinta e cinco, a minha roupa estava folgada. E eu não comprei roupa para quem pesava trinta e cinco, eu usava as roupas de gorda, então era tudo, tudo horrível. Eu ia com um moletom para a escola eu parecia uma coisa horrorosa. As pessoas falavam: “Você está se vestindo está mal”. Então isso me lembra a magreza, que eu me vestia mal, eu era feita. Muita gente falava: “Você está doente” (M.H.C., ago. 2019).

Percebemos nesta fala que, mesmo estando com o peso equilibrado, M.H.C. tinha dificuldades para adaptar-se com as roupas. O importante para a construção de nossa análise é que isso gerou reflexos em sua vida adulta. A percepção de um corpo magro para ela é a de um corpo doente.

Entretanto, tivemos duas histórias em que, durante a fase da adolescência, o corpo passou por uma gravidez. Estas gestações vieram em circunstâncias diferentes para cada uma, mas as duas já se encontravam em relacionamentos abusivos.

M.H.C. se casou com dezesseis anos e, logo após o casamento, começou a se sentir muito sozinha, pois o marido não a deixou mais frequentar a escola e ela não pode finalizar seus estudos. Só podia sair na companhia do marido, então desejou engravidar para ter uma companhia.

Um mês de casada eu falava, aí toda menstruação que vinha eu falava: “Não, eu quero estar grávida. Eu quero engravidar para pelo menos eu ter companhia porque não foi nada daquilo. Ele continuou no trabalho e eu fiquei em casa. Se eu vivia presa solteira, casada eu fui realmente presa, estava dentro do presídio (M.H.C., ago. 2019).

Após a gravidez de sua primeira filha, M.H.C. relata ter engordado dez quilos, e logo em seguida ficou grávida de seu segundo filho, e engordou mais dez quilos. Portanto, ela não pode voltar a estudar ou trabalhar, mesmo se o marido consentisse.

Entendemos, portanto, que a consciência de seu corpo somente apareceu no início de sua adolescência. Depois, com o processo da gravidez e do amadurecimento, ela apresentou outras complicações, incluindo violência doméstica e depressão.

L.A.P. relata que teve seu primeiro filho aos quatorze anos, e não comenta muito sobre as mudanças físicas e como se sentiu na adolescência, pois nesta época vivia em uma relação abusiva e violenta com o marido:

Nessa época, eu não aceitava o meu corpo porque eu engordei muito. Eu já estava com dezoito para vinte anos. Porque depois que tive meu filho comecei a desenvolver. Quando o tive eu estava com quatorze anos, não tinha corpo de mulher. Eu engravidei logo, comecei a tomar anticoncepcionais e foi aí que desenvolveu, os seios cresceram. Eu não me cuidava, era relaxada te tanto ouvir coisas horríveis da própria família mesmo: “ah, que você é gorda”. A família dele era toda de pessoas magras, pessoas que rejeitavam. Eu era rejeitada praticamente só por eu ser gorda naquela época (L.A.P., dez. 2019).

Notamos que L.A.P. teve uma relação singular com o corpo na adolescência. Como já observado, quando o adolescente é estigmatizado, pode ter problemas com baixa autoestima. Essa consideração é possível, visto que, em seus relatos, L.A.P. fala com frequência sobre sua longa história de rejeição. Isso indica que as relações de bem-estar com o corpo afloraram após ela ter passado por diversas situações, incluindo depressão, abusos no trabalho e em sua vida doméstica. Já era adulta quando este olhar mais carinhoso consigo mesma aflorou.

As quatro histórias apresentam um embate com seus corpos devido ao conflito próprio da adolescência. As falas apresentam uma insatisfação para com o corpo, quando relatam roupas que não vestem seus corpos, relações com o sexo oposto, constante “efeito sanfona” (engordar e emagrecer), além da influência midiática que apresenta um modelo de corpo específico para atuação em passarela e televisão, algo que para a maioria das pessoas é quase inalcançável.

A questão maior é que esta fase, já difícil por si, é agravada pelo estigma social da gordura corporal. Adolescentes gordas passam por isso de uma maneira diferenciada. Enquanto todas as colegas podem usar um estilo de roupa, a gorda não pode, visto que as lojas não têm um

tamanho que vista seus corpos. Isso faz com que a adolescente gorda não pertença ao local que lhe é de direito. Ser gordo é mais um motivo para se preocupar, pois o sentimento de vergonha em relação ao tamanho está sempre presente, em todas as suas relações sociais. Nota-se, então, que aquele corpo não é o correto, e assim a questão da identidade, na maioria das vezes, é prejudicada.

3.3. OLHAR PARA SI: PERCEPÇÕES

Nesta parte, abordaremos como a percepção de si e em quais momentos as entrevistadas começam a resgatar e dar valor para si mesmas, através da autoestima. Pois a complexidade de ter um corpo gordo na atualidade torna-se um processo que devemos olhar com mais atenção.

Para começar, podemos considerar que a opressão atua nos corpos reprimidos diminuindo sua capacidade de poder ser, ou seja, de fazer suas próprias escolhas. Mas uma pluralidade de eventos, assim como o processo de individuação, fez com que estas mulheres tomassem o poder para si através de suas escolhas.

Essas potencialidades são vistas a partir do que propõe James Hillman, que amplia a ideia comum que temos sobre o que é o poder. O poder, para o autor (2001, p. 22), é o que vem do que idealizamos sobre o poder, isto é, vem das sutilezas das *ideias* e não definido como controle, que representa uma submissão a partir do poder.

Nosso objetivo é demonstrar a capacidade de diminuição deste controle de submissão, que em muitas estavam latentes, para uma potência que fez com que o feminino de cada uma emergisse. São estas potencialidades sutis que se encontram nos caminhos de cada história.

Tentar captar o processo da ascensão através das sutilezas em seus trajetos não é uma tarefa fácil. Assim como todo mito do divino feminino, existe um mistério. Este feminino “representa ser e tornar-se” (WHITMONT, 1991, p. 61). É possível interpretar para esta tese como uma forma própria e específica de elaborar suas potencialidades. De integrá-las às experiências internas que foram desenvolvidas, depois de serem internalizadas, pensadas, elaboradas, reelaboradas e re-significadas.

Para tanto, pensamos no corpo como um caminho para este processo, passando pelo estigma da gordura. Ser mulher em um país dominado por um simbólico cultural masculino onde o corpo feminino passa a ser estimado pela aparência física, a gordura torna-se inimiga, pois nossos corpos estão sujeitos a formatos impostos pela sociedade. Mesmo um corpo que seja mais real e fuja a determinadas regras de padrão está sujeito a ser discriminado.

Ressaltamos que cada entrevistada está em um momento único, no qual estão em um processo constante de conhecimento de si. D.M.M., por exemplo, após a cirurgia bariátrica, está em um processo de reconhecimento. Ainda não estabilizou seu peso, e por isso está se redescobrando.

Interessante levantarmos um ponto na história de D.M.M., pois o feminino em um corpo gordo sempre esteve presente desde antes da cirurgia. É possível perceber que, após a cirurgia bariátrica, o feminino da entrevistada não teve muitas mudanças. O que mudou foi seu corpo, e não o caráter ou a personalidade. Acreditamos que o feminino seja uma fluidez de forças que, através de suas potencialidades, nutre aspectos de toda a sua experiência, não excluindo, não podendo. O Movimento *Plus Size* não faz mais parte de seu cotidiano de vida, mas ela não o nega, não o apaga. Ele fez parte das experiências que a potencializaram e que ainda estão em desenvolvimento.

É possível acreditar que a capacidade de compreensão emocional do que é ser gordo aumentou. Por mais que ela não sentisse o preconceito em suas relações sociais, atualmente ouve das pessoas opiniões que não ouviria se ainda fosse gorda.

D.M.M.: Mas a gente sabe que a forma como as pessoas nos tratam é diferente”.

Patricia: Você percebe isso hoje?

D.D.M.: Percebo. Porque gordo é suado, gordo é fedido. Eu, graças a Deus, nunca fedi. Sempre cheirosa, graças a Deus. Mas esse é o conceito que as pessoas têm. Eu sempre tive a pele oleosa, agora está melhorando. Mas gordo é o lixo da sociedade. As pessoas, algumas pessoas, fingem que a gente não existe. Tem pessoas que hoje conversam comigo e tiram foto comigo, mas quando eu era gorda não tiravam, se tiravam não postavam. “Porque eu não quero tirar foto, eu não quero aparecer perto de um gordo” (D.M.M., set. 2019).

Nota-se nitidamente o preconceito em relação ao corpo gordo. Como dissemos anteriormente, quanto ao critério “as memórias da cultura familiar”, se um corpo não é visto, ele não existe. O mesmo acontece com os gordos: são tratados como se não existissem, portanto não são “vistos” pela sociedade. Algumas pessoas se aproximaram de D.M.M. por terem um corpo magro, algo que provavelmente não fariam se ela ainda fosse gorda.

Traçando paralelos com o imaginário social, existe uma relação entre a representação social do corpo gordo como um corpo feio, deformado, imperfeito: “A feiura é atualmente uma das formas mais presentes de exclusão social feminina” (NOVAES e DE VILHENA, 2003).

Fazemos aqui um apontamento em relação ao prisma social quanto ao corpo gordo na sociedade. Notamos a falta de valor depositado na pessoa gorda, e isso, infelizmente, é um reflexo do que pensa socialmente nossa cultura. A sociedade julga os indivíduos de forma subjetiva criando valores e padrões simbólicos a serem utilizados (VILHENA et al, 2012, p. 177). Estes valores foram “previamente estabelecidos pela tradição, moral e discursos. É a partir da modernidade que esta passa a ser definida de acordo com as biografias individuais. Ou seja, o valor se dá a partir daquilo que é único e exclusivo do sujeito” (VILHENA et al, 2012, p. 178).

Isto posto, entendemos que os valores simbólicos são como referências empregadas em nossa cultura, e atualmente podemos interpretá-los de acordo com os nossos interesses. Por isso, cada qual procura grupos que valorizem seus próprios valores e modo de vida. Os grupos anti-gordofobia, os movimentos *Plus Size* e *Body Positivity* se encaixam nestas categorias que valorizam o corpo do modo como ele é, sem a pressão dos valores simbólicos estipulados pela sociedade.

A princípio, a estima (valores) dizem respeito primeiramente à coletividade, para depois ser dirigida ao sujeito. “A estima coletiva parte-se para a individual, pois, ao estar dentro daquele grupo estimado, o sujeito já atribui a si próprio o respeito de que goza. Surge então o sentimento do próprio valor, a autoestima, nela é reconhecido o seu valor para a sociedade” (VILHENA et al, 2012, p. 178).

Neste ponto, e voltando para as histórias de vida, é importante ressaltarmos que tanto L.A.P. quanto D.M.M. e M.H.C. floresceram a partir dos movimentos em prol do corpo gordo. Por isso o discurso da autoestima é tão importante nestes meios.

A valorização de si potencializa a autoestima. Em nossa dissertação de mestrado (2015 p. 147), pudemos entender que a autoestima é um valor afetivo que damos a nós mesmos. Para o psicólogo cognitivo comportamental Paulo Alencar⁹, “sua construção acontece ainda na infância e está relacionada com nosso desenvolvimento e história de vida”. O modo como nos percebemos “reflete como se deu a construção da nossa imagem pessoal e é através desta imagem que veremos e agiremos no mundo”.

⁹ Paulo Alencar, psicólogo on-line. Disponível em: <https://psicologopauloalencar.com.br/autoestima-sao-os-pensamentos-que-determinam-o-valor-que-acreditamos-possuir/>. Acesso: 05/2020.

Este valor é trabalhado em nós desde a infância, por isso que se diz que a autoestima é construída. De acordo com Alencar 2018, designa que a autoestima é formada por valores. Estes valores são denominados como “crenças centrais” de um indivíduo. Essas crenças podem ser positivas ou negativas. O psicólogo explica que quanto mais crenças positivas forem desenvolvidas nesta fase da vida, melhor será a nossa autoestima. E o oposto também acontece: caso as crenças forem negativas, a estima será baixa. O valor atribuído a nós mesmos pode ser trabalhado e recuperado em qualquer fase da vida.

Levantamos aqui um ponto de observação em relação a esta análise: pudemos notar nos relatos que, em vários aspectos, durante as fases da vida de cada entrevistada, a autoestima se elevava ou se rebaixava. Por isso, a autoestima oscila, se apresentado as vezes com mais intensidade ou menos intensidade.

É possível notar em algumas narrativas que a autoestima já desponta na infância, como foi o caso de L.C.B., que narra sobre ser criticada em relação às suas roupas na infância. Tal atitude foi bem pontual e podemos pensar que, nesta fase, o valor construído de si foi alto. Diferente do que nos narra sobre sua adolescência e fase adulta, quando a vestimenta volta a ser uma questão, algo que ela diz ser motivo de tristeza.

O que nos leva também a D.M.M. Durante seus relatos, ela descreveu o amor e a total dedicação recebidos da família adotiva, e com isso já notamos que a autoestima dela é mais alta nesta fase de vida. Por outro lado, apresenta conflitos internos em relação ao abandono materno e, na adolescência, não se identificava com as roupas. Com isso, é possível pensar que a construção da sua autoestima oscilava um pouco mais para baixo. Notamos também que, em sua fase adulta, sua autoestima sempre foi boa, apesar de, ao se deparar com o *mobbing* (assédio no trabalho) por ser gorda, sua autoestima oscilava.

Do mesmo modo, M.H.C. relatou que sua autoestima oscilava ao ser chamada de gorda na infância e na adolescência.

Já em relação aos relatos de L.A.P., torna-se nítido que as crenças centrais em relação aos valores atribuídos a ela foram sempre baixas.

3.3.1. Percepções de si

Olhar para si é um processo que vai além de olhar para a imagem de seu corpo. Entendemos, neste momento, que o olhar para si é aquilo que faz emergir o que é único nos relatos das histórias de vida, na tentativa de mostrar como estas mulheres compreendem seus corpos e como isso pode se tornar suas potencialidades e singularidades.

Ao olharmos para as mulheres gordas, seus corpos e seus relatos, notamos a desvalorização do corpo gordo como um todo. Para Novaes, a mulher tem o dever social de ser bela. Ela se torna totalmente responsável por seu físico e, quando nos deparamos com um corpo gordo, o fracasso se deve “a uma incapacidade individual” (NOVAES, 2006, p. 91). Portanto, se sente culpada por não conseguir cuidar de seu corpo. Na verdade, estão cuidando cada uma à sua maneira. Somente seu físico não corresponde ao modelo de corpo subjugado pelo imaginário social.

O imaginário social trata o corpo gordo como um corpo grande e redondo, e com isso traz referências sociais simbólicas que negativam estas pessoas gordas. São vistas como fracassadas pela sociedade, pois não consegue ter controle sobre suas vontades. A sociedade vê o gordo como “incapaz”, o criticando como: “ele não sabe emagrecer”, “ele não tem vontade” (VIGARELLO, 2012, p. 333), e relacionam a pessoa gorda com sujeira e fedor.

O sentimento é de fracasso, de ser insuficiente e, principalmente, de estar fora do padrão. Por isso, ouvir estas histórias de vida torna-se singular. Por mais que uma das entrevistadas tenha feito cirurgia bariátrica, ou uma outra tenha emagrecido, aprender a conviver em uma sociedade gordofóbica não deixa de ser um ato heroico.

Já observamos mais acima que a mulher gorda não tem o direito de ser gorda. E isto é tirar de alguém o direito ao seu próprio corpo: “afinal, o corpo é a posse mais preciosa do sujeito, é aquilo que será sempre próprio de si mesmo e que nunca se pode tirar de ninguém, a não ser na morte. É o único lugar onde se tem, ou se deveria ter, autonomia e poder supremo” (VILHENA et al, 2012, p. 179).

Passar por tantos estigmas sociais não é tarefa fácil, por isso voltamos a afirmar que, na atualidade, os movimentos em prol do corpo gordo estão ascendendo em nossa sociedade. As

redes e os lugares de acolhimento são necessários pois, através do outro, conseguimos amparo para sair da situação de vítima e para se tornar dono de si e a ter consciência do corpo.

A importância de olhar para si é buscar o bem-estar físico e emocional. Buscar modos de sobreviver sem se vitimizar, de entender os limites do corpo e buscar sempre o equilíbrio. As entrevistadas, cada uma a seu jeito, procuraram fazer isso de alguma maneira. Olhar para si é um modo de potencializar as singularidades, se tornar única e, ao mesmo tempo, perceber que é capaz de falar “não” a tantos abusos em relação ao corpo.

Georges Vigarello, em *O sentimento de si: História da percepção do corpo*, descreve o “si” não como um pronome, mas como o “sentido da existência” (2016, p. 100), como experimentar sensações, no sentido mais íntimo, uma experiência contínua das sensações para evidenciarmos a nós mesmos. É um fenômeno experimentado a partir do nosso interior. A partir disso podemos e entrar em contato conosco, possuímo-nos.

A partir do momento em que olhamos para nós mesmos, podemos descobrir novas maneiras de ser. Nos aventurar em nossas sensibilidades internas pode ser doloroso, mas, ao mesmo tempo, pode ressignificar nossa existência.

Olhar para si é um processo longo e individual que está em constante transformação, tanto emocionalmente, do nosso ser, quanto com nosso corpo. É um processo, estamos em constante devir, estamos sempre nos transformando, é um processo natural que acontece com o passar dos anos. As nossas experiências também vão tomando novos significados.

Isso acontece independente do tamanho do corpo que a pessoa tem. É porque esse processo me levou a esse resgate. Mas tem gente que não consegue entender isso, mas é tudo muito junto. E quando você fala do resgate da autoestima, vai muito além do corpo... vai muito além de tudo aquilo que a gente imagina. Hoje eu percebo que a sensibilidade do meu corpo é... não via... eu não conhecia essa pessoa. Eu nunca tinha visto quem eu vejo hoje. Eu acredito que envelhecer também acontece, é natural, mas essa mudança de formato, a mudança de tamanho. Todo o conjunto, a forma como um todo é surpreendente (D.M.M., set. 2019).

Esse sentimento vai tomando forma com o universo em que vivemos. A cada experiência, ressignificamos as sensações que atravessam o corpo. Como, por exemplo, as experiências sociais e culturais, entre outras. Quanto mais estímulos externos, quanto mais situações

diferentes, mais a pessoa entra em contato com experiências distintas e cria novas memórias, novos sentidos.

E agora estou me achando muito velha, muito cansada. Doutorado fez isso comigo. Talvez, a idade, juntou tudo. Estou me achando muito tia. Cabelo branco, coisa que eu não tinha antes. Muito cansada, muito esgotada. Não estou mais me achando sexy como me achava antes. Já estou pensando: precisamos fazer alguma coisa, precisamos pensar em outras soluções, em outras formas de o feminino na idade que eu tenho. Não que, também, isso seja limitador que isso seja castrador, mas é um sentir. Nós mudamos, os hormônios mudam, tudo muda (L.C.B., set. 2019).

A pessoa vai construindo suas singularidades “naquilo que a sensibilidade interna por promover em termos de renovação de conhecimento” (VIGARELLO, 2012, p. 121). E isso nos traz novos saberes, fortalece nossas potencialidades e, a partir daí, pensar no corpo, pois tudo vem através dele.

Foi assim com L.A.P, que experimentou por muitos anos a vergonha de ser gorda. Na sua família, no seu trabalho, com seu ex-marido. Corpo este que passou por diversos tipos de violência, tanto que, neste processo, sua autoestima teve que ser reconstruída depois de diversos processos. Acrescentando à nossa discussão, o importante é ter a consciência do olhar para si. A valorização exacerbada do corpo também pode se tornar perigosa, mas ter consciência de si é importante:

Eu não sou feliz com o meu corpo do jeito que ele é, lógico, os meus seios eu queria que eles fossem menores por questão de saúde, por quê? A minha coluna ela é assim, ela é torta, eu sinto dores terríveis. O que adianta eu gostar do meu corpo do jeito que é, mas se os seios me prejudicam? Meus seios vêm aqui, então o que adianta todo mundo achar meus seios bonitos, mas ninguém sabe, ninguém está na minha pele. (...) então eu tenho que ser feliz do jeito que eu sou (L.A.P., dez. 2019).

Não gostar de seu corpo não significa que L.A.P. o despreite. Ela busca conviver com seus seios e com suas dores nas costas de modo mais confortável possível, e isso, para ela, traz o significado de ser feliz.

Conhecer a si, conhecer seu corpo e ir se moldando às situações cotidianas até que isso torne parte de sua personalidade, como acontece com L.C.B.:

Às vezes, nós precisamos suavizar. E eu entendi que, às vezes, nós precisamos suavizar com nós mesmos. Que, às vezes, esse arquear de pescoço, fala mansa, às vezes, é aparente. E está tudo bem, também. Não deu e é isso aí. Eu fui aprendendo isso. Foi fácil? Não foi (L.C.B., set. 2019).

Ter a percepção de si e reconhecer seus limites dentro da própria questão do corpo, de acordo com o processo em andamento com D.M.M.:

Em um determinado momento da minha vida eu percebi que eu estava muito acima do meu peso e que isso estava trazendo complicações para minha vida, não simplesmente: "minha diabetes está alta, meu colesterol está assim, não sei o que está assado". Eu não me reconhecia. Hoje, do mesmo jeito que eu olho e ainda não consigo encontrar pontos que determinam a mulher que eu estou me tornando, quando eu me olhava no espelho eu não me reconhecia, eu não via, eu não conseguia ver quem eu era. Eu conseguia ver um círculo com um rosto bonito (D.M.M., set. 2019).

E, mesmo estando acima do peso, ter a consciência dos seus limites e respeitar a si e ao corpo.

que é possível você se amar sendo gorda e você se amar com um corpo diferente... Independente do tamanho do seu corpo, o amor e o cuidado devem existir. Eu, lógico, me sinto muito mais disposta para várias coisas na minha vida, porque hoje o meu corpo é diferente. Hoje eu consigo... não que antes eu não via beleza, mas hoje eu consigo olhar para mim e ver harmonia. E isso é algo que eu sempre busquei. Quando eu vi que estava desarmônico, porque eu tenho bom senso, não é? Quando eu vi que não estava harmônico, espera aí, o que que está acontecendo? Têm pessoas que não têm... não vou dizer bom senso, mas a gente tem que olhar para a gente com mais carinho. Com mais cuidado, sabe? Não estou dizendo de se autocriticar, mas você olhar e falar: "olha, o que que eu posso melhorar?", não só no físico, sabe? Mas por dentro, principalmente. E eu sempre procurei, sempre priorizei isso (D.M.M., set. 2019).

É possível entender que todo o processo de se sentir a si mesma, de sentir o corpo e processar todas essas informações interiormente para, enfim, se pertencer, é um processo de individuação que passa pelo corpo, vai até o mais íntimo da pessoa e de certo modo se corporifica. É isso que entendemos como uma singularidade, pois cada um vai entender o processo de uma maneira diferente e se tornar única.

3.4. *BODY POSITIVITY* E *BODY NEUTRALITY*

Este critério foi elaborado a partir das narrativas que passam a valorizar a beleza do corpo gordo. Em determinados momentos, nas histórias de vida, o corpo estabelece relações com a aceitação da imagem a partir das mudanças culturais sobre aquilo que é considerado belo, ou seja, as mulheres começaram a aceitar mais o corpo gordo, que está fora do padrão normativo.

A princípio, desenvolveremos o conceito de *body positivity*, que é um movimento social a favor de que as pessoas tenham uma imagem positiva sobre seus corpos e como este movimento está sendo visto atualmente na cultura brasileira e nas representações midiáticas.

Vemos, desde a defesa da dissertação de mestrado (2015), que há nos discursos das influenciadoras uma afirmativa de “ame seu corpo do jeito como ele é”, o que se tornou o novo alvo da mídia e das séries televisivas. A história de mulheres gordas que, na adolescência, eram vítimas, se tornam poderosas e donas de si depois de passar por diversas dificuldades em seu caminho; ou filmes com mulheres e homens gordos que possuem papéis com roteiros que não incitam a gordofobia; anúncios em que aparecem gordas curvilíneas esbanjando alegria e amor próprio, como se tivessem uma autoestima inabalável. Ou seja, o discurso do corpo gordo como belo alcançou a grande mídia e começa a ser disseminado, como em alguns exemplos a seguir:

Gostas lindas e sexies (dir. Ernani Nunes. Local: São Paulo, Brasil. Produtora: Santa Rita Filmes, 2017. Suporte Streaming, 140 minutos): conta a história de quatro amigas que possuem corpos fora do padrão midiático (todas as sinopses dizem *plus size*) que passam por aventuras amorosas e profissionais no cotidiano e realidade da cidade paulistana.



Figura 10: *Gostas lindas e Sexies*, de Ernani Nunes (Divulgação. Disponível em: <http://www.cinemanoescurinho.com.br/2017/04/gostas-lindas-e-sexies-e-um-tiro-no.html>. Acessado em abril/2020).

Drop Dead Diva (seriado, dir.: David Petrarca e Ron Underwood. Local: Estados Unidos. Produtora, *Sony Pictures Television* 2009-2014, Suporte: Streaming, 78 episódios com duração de 45 minutos cada): conta a história de uma modelo que morre e reencarna no corpo de uma advogada bem-sucedida e estimada por todos, que acaba de ser baleada.



Figura 11: Elenco da série *Drop Dead Diva* (Divulgação. Disponível em: <https://www.tvtime.com/pt-BR/show/95771>. Acessado em: abril/2020).

Campanha verão/2018 Gillette (Procter & Gamble), produzido pela agência Grey Nova York e pela Tom House Filmes apresenta quatro mulheres com características físicas diferentes: Jéssica Lopes (influenciadora digital *body positive*), Maisa Silva (apresentadora de TV), Sabrina Sato (apresentadora de TV, que gravou o comercial grávida) e Evelyn Regly (influenciadora digital).



Figura 12: Campanha Gillette 2018 (disponível em: <https://edutakashi.wordpress.com/2018/10/11/gillette-venus-aposta-na-diversidade-em-novo-comercial-com-sabrina-sato-maisa-silva-jessica-lop-es-e-evelyn-regly/>, acessado em: abril/2020).

As imagens do filme, da série e da campanha publicitária mostram a mulher com diferentes tipos de corpos, apesar de ainda ser o início de uma caminhada em busca de uma maior visibilidade mulheres gordas e com todos os tipos de corpos na mídia.

Mas existe também um imperativo em redes sociais digitais: a mulher tem que se aceitar por completo, amando do seu corpo do jeito como ele é, mas sem pensar nas implicações em diversas condições e situações que este amor incondicional pode levar. É o que midiaticamente conhecemos como *Body Positivity*.

Buscar a satisfação com o corpo se tornou visível quando falamos de autoestima, e isso se tornou um estilo de vida para muitas influenciadoras brasileiras, como Alexandra Gurgel, Juliana Romano, a dançarina Thais Carla, a já citada Jéssica Lopes, entre outras.

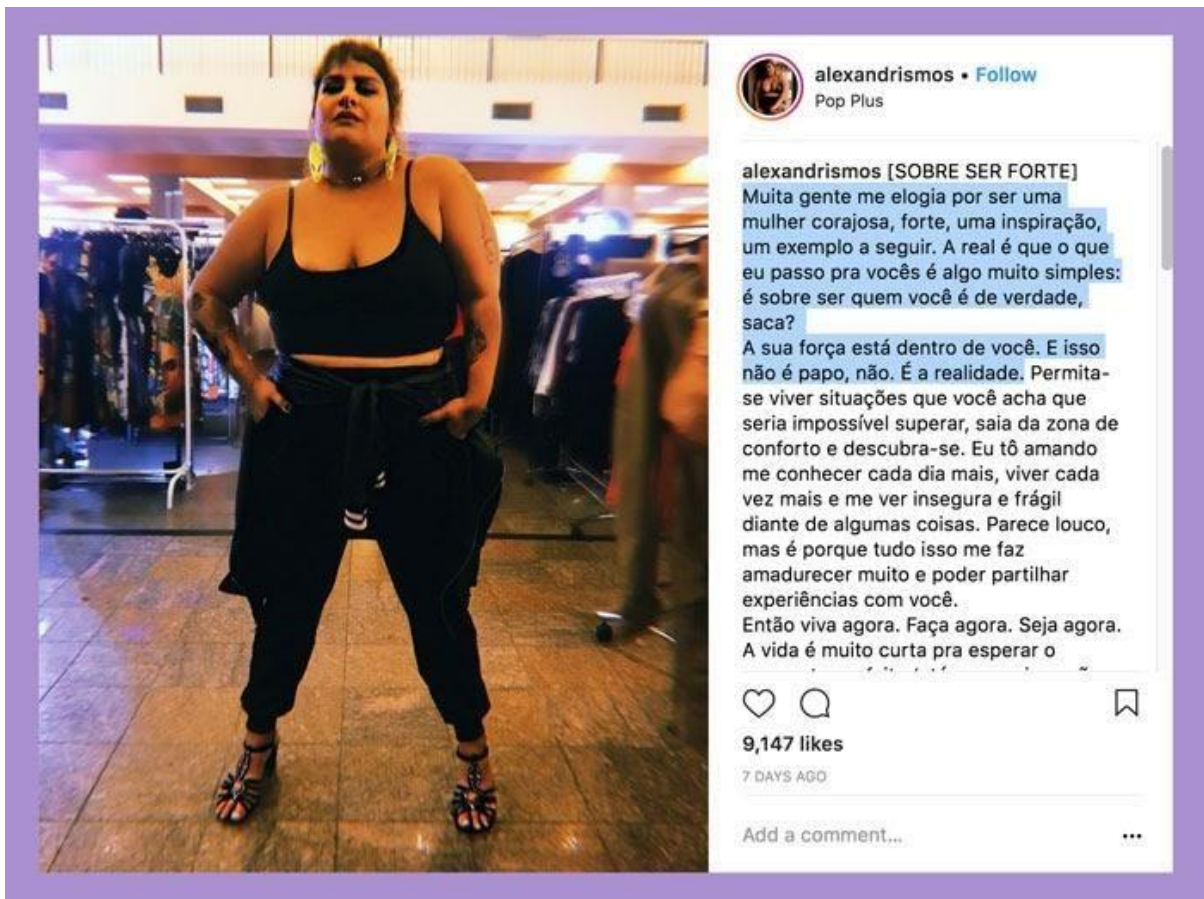


Figura 13: Alexandra Gurgel (Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/beleza/7-influenciadoress-body-positive/>. Acessado em: junho/2018).



Figura 14: Juliana Romano (Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/beleza/7-influenciadoress-body-positive/>. Acessado em junho/2018).



Figura 15: Thais Carla (Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/beleza/7-influenciadoress-body-positive/>. Acessado em: junho/2018).

O Movimento *Body Positivity* não é somente focado na autoestima em relação ao corpo e à busca da beleza, apesar de ainda vermos nas redes sociais ser um dever da mulher ser bem arrumada e procurar ficar sempre bonita. Um dos exemplos disso é o que passamos durante a quarentena relativa à epidemia do Coronavírus (Covid-19): vídeos virais chamados *challenge* (desafios), de várias influenciadoras, mostrando o antes, com roupas “de ficar em casa”, e o depois, arrumadas, com maquiagem, impecáveis. Ou seja, mesmo ficando em casa, fique sempre bonita e bem arrumada.

Essa tendência de se amar incondicionalmente nasceu nos Estados Unidos, no início dos anos 90. Mas sua raiz vem da década de 1960 nos movimentos puramente voltados ao estigma do corpo gordo e pelas lutas do corpo gordo como movimentos políticos.

As lutas do ativismo gordo se deram entre as décadas de 1967 até 1989, segundo Cooper (2008). Nestes vinte anos, o ativismo gordo serviu de base para outros movimentos, entre eles o *Body Positivity*. Em 1967, a partir de um artigo do ensaísta Lew Louderback intitulado “*More People Should be Fat!*” (“mais pessoas deveriam ser gordas”, tradução nossa), que critica a forma como

os norte-americanos gordos eram tratados injustamente nas mídias e na cultura, em que o gordo é desrespeitado em todos os lugares, como no trabalho, por exemplo. O ponto mais importante do texto de Loudeback é que, pelo fato da pessoa ser gorda, a cultura americana diz que ele está “quebrado” e a única maneira de consertar isso é emagrecendo. A partir de então, muitas pessoas se sentiram entusiasmadas e formaram grupos a fim de romper com esta cultura estigmatizada.

Um desses grupos foi o NAAFA (National Association to Advance Fat Acceptance, ou Associação Nacional para o Avanço da Aceitação em Gordura, tradução nossa), que é uma associação sem fins lucrativos que procura erradicar o preconceito contra os gordos nos Estados Unidos. Um dos pontos discutidos no grupo é a questão dos discursos médicos que limitam os diagnósticos das doenças a perda de peso, além das relações políticas de inclusão do corpo gordo.

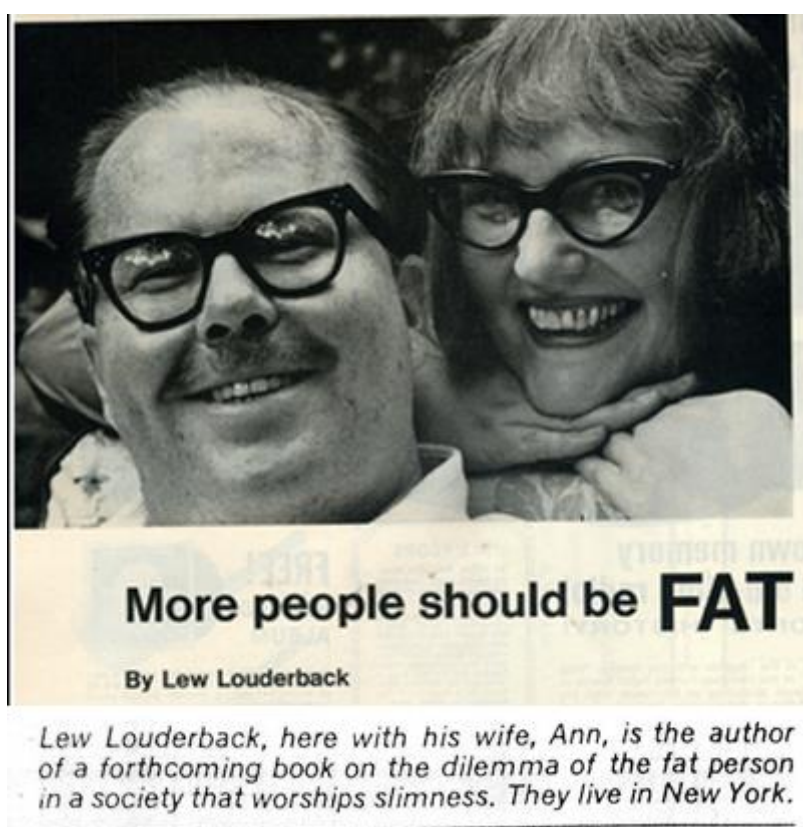


Figura 16: Lew Louderback, autor do manifesto “More people should be fat”, e sua esposa, retratados para o jornal Saturday Evening Post, publicada em 04/011/1967 (Disponível em: http://www.powerfulhunger.com/powerful_hunger_blog/history-of-fat-acceptance-lew-louderback-1967-article/. Acessado em: abril/2020).

A partir de 1990, a segunda onda do combate à estigmatização do gordo já se apresentava com várias vertentes que nasceram a partir do NAAFA. Uma delas foi o *Body Positivity*, que apresentou um impacto maior devido a incluir pessoas com diferentes corpos, ou seja, de todos os tamanhos. Um dos pontos principais do *Body Positivity* é que a pessoa precisa pensar em seu corpo de uma maneira mais segura, ser mais afirmativo em relação às suas escolhas físicas.

Isto posto, o *Body Positivity* como movimento começou a incentivar o bem-estar físico das pessoas. Entre suas ações disponibilizou fitas VHS e, posteriormente, DVD's para aqueles que indivíduos que se sentissem incomodados em fazer exercícios ao ar livre pudessem fazê-los em casa.

Em 2012 o movimento *body positivity* começou a ganhar popularidade e o objetivo inicial que era a aceitação do corpo gordo, mas começou a mudar o viés de sua fala para “todos os tipos de corpos são bonitos” e assim as pessoas começaram a difundir o termo *body positive*.

Atualmente vemos nas mídias televisivas e as redes digitais brasileiras usando o termo *body positive*. Esta nomenclatura nasceu a partir do *body positivity*. Em 1995 na cidade de Beekley na Califórnia, Connie Sobczak e Elizabeth Scott, psicoterapeutas fundaram o *The Body Positive Institute*¹⁰, entidade sem fins lucrativos que ajuda e auxilia as pessoas a desenvolverem o autocuidado com seus corpos. O propósito do instituto é ajudar pessoas a superar os distúrbios alimentares, ansiedade, depressão, e outros sintomas que envolvem os problemas com a autoimagem corporal negativa.

Houve então a inclusão do bem-estar psicológico, nas relações que envolvem o corpo e as doenças como bulimia e anorexia. Muitas pessoas do *body positivity* apoiaram e divulgaram o trabalho do instituto, causando assim repercussão nas mídias. O movimento começou a chamar a atenção do mercado americano e grandes marcas do varejo começaram a apoiar a causa, como a Dove, linha de produtos de cuidados pessoais da Unilever e a varejista de moda americana Aerie.

Nos Estados Unidos, com a repercussão no mercado em relação ao movimento *body positivity*, muitas pessoas ficaram curiosas, com esses movimentos. A editora David C. Cook, lançou em

¹⁰ *The Body Positive institute*, disponível em: <https://thebodypositive.org/>. Acesso em: 05/2020.

sua coleção *Axix*, um guia para os pais entenderem melhor sobre o *body positivity*. No guia, o termo *body positive*, como outros termos, são formas encontradas pelo mercado para ganhar visibilidade.

Infelizmente, mas talvez sem surpresa, os anunciantes também estejam se agarrando à positividade do corpo como uma jogada de marketing, algumas das *hashtags* de positividade corporal mais populares são: *#bodypositivity*, *#bodypositive*, *#bopo*, *#selflove*, *#bopofitsall*, *#adipositivity*, *#fatacceptance*, *#plussize*, *#plussizefashion*, *#plussizeootd*¹¹ (COOK, 2019, p. 04).

Como podemos notar o termo *body positive* é um entre outros utilizados, para angariar visibilidade para o tema, principalmente no que se refere ao mercado de consumo ou em relação a algumas marcas. Pudemos observar que em determinados momentos também são usados como sinônimo para o bem-estar físico e psicológico em relação ao corpo.

Nos Estados Unidos o termo *body positivity* é muito utilizado como um movimento para ajudar pessoas em relação a aceitação da imagem do corpo. Assim como no Brasil as duas nomenclaturas são utilizadas, mas com a divulgação mercadológica do termo *body positive*, algumas influenciadoras digitais acabaram também utilizando a nomenclatura.

Optamos nesta tese continuar com o termo *body positivity* pois nossas referências acadêmicas trabalham com este termo. A utilização dos dois termos como sinônimos são muito encontrados em sites de revistas nacionais e artigos sobre o tema.

Com a popularidade do movimento, e com a divulgação das mídias sociais o *Body Positivity* começou a ganhar visibilidade e força a partir do momento em que questionava o padrão de beleza das modelos tradicionais, e começou a incluir mulheres gordas tanto nas passarelas quanto nas mídias em geral.

Foi a partir destes eventos que o tema da autoestima começou a ser desenvolvido nos movimentos da moda *plus size* e entre influenciadoras brasileiras, difundindo o amor próprio independente do estilo de corpo que você tenha. Essa construção “viralizou”, e o lado positivo

¹¹ “Unfortunately, but perhaps unsurprisingly advertisers are also latching onto body positivity as a marketing ploy, some of the most popular body positivity hashtags are: *#bodypositivity*, *#bodypositive*, *#bopo*, *#selflove*, *#bopofitsall*, *#adipositivity*, *#fatacceptance*, *#plussize*, *#plussizefashion*, *#plussizeootd*” (tradução nossa).

disto é que, atualmente, o corpo gordo possui mais opções para vestir-se e ganhou espaço nas mídias televisivas.

Mas com a difusão nas redes sociais digitais, surgiu nos discursos das influenciadoras um certo tom impositivo de amar o corpo. Ou seja, mudou o que se impõe, mas continua a existir uma imposição. Da mesma forma que a busca por um corpo ideal desperta uma certa ansiedade, a obrigação de se amar, estar bonita e feliz o tempo todo, como refletem os influenciadores digitais atualmente, também causa ansiedade. Se, por um lado, tenta-se sair de um controle de corpos magros, por outro, acaba caindo na inquietação do excesso de cuidado de amar os seus corpos. Então as influenciadoras que se dizem “*body positivity*” discursam em nome da obrigatoriedade de que todos devem amar seus corpos. Expressar esta confiança é muito bom, principalmente porque o Movimento *Body Positivity* é voltado para todos os tipos de pessoas e corpos, sejam eles magros ou gordos, brancos ou negros, e mesmo os corpos mais próximos dos padrões, admirados pela sociedade. O discurso *Body Positivity* acaba falando a todos os corpos.

A princípio, o *Body Positivity* deveria ser um movimento que leva as pessoas a pararem de querer entrar em um padrão, se sujeitando a dietas mirabolantes ou processos estéticos e dermatológicos dolorosos, para a obtenção de um corpo mais curvilíneo, com menos celulite e menos flacidez. A tentativa é que as pessoas comecem a tratar o próprio corpo com “carinho”, mas não foi o que ocorreu. O discurso tornou-se outro imperativo para amar-se e cuidar de si e se colocar dentro de padrões de saúde e beleza. Afinal, viver em um corpo gordo não é fácil, e o *Body Positivity*, que veio com a ideia de apaziguar o embate entre o eu e o corpo, tornou-se um modelo de imposição de poder.

Acreditamos que o corpo seja um espaço de disputa em relação ao poder, de forma velada, através da obrigatoriedade de amar-se a qualquer custo. É possível, aqui, propor uma relação com o pensamento de Michel Foucault expresso no *Microfísica do Poder* (2000): o poder em si não é um poder soberano, o poder está nas relações humanas, como uma rede. Por isso, cada sujeito desta rede pode produzir relações de poder uns com os outros. A cada novo movimento, surge uma nova estratégia, uma reorganização para as práticas administrativas do corpo. A todo momento existem constantes conflitos que tentam mudar as relações de forças que influenciam nas vontades, ou seja, nas escolhas dos sujeitos. Podemos interpretar essas novas estratégias

como regras de um jogo de dominação em relação ao corpo, e o tempo todo este jogo está em prática.

Portanto, sempre estão surgindo diferentes discursos em relação ao corpo. Uma forma de amor próprio em relação ao corpo emergiu a partir dos discursos que nos libera da obrigação de amar até o pior defeito que possa vir a surgir no corpo: é o *Body Neutrality*, um conceito que busca a harmonia entre a obrigação de amar-se a qualquer custo e a obrigação de se encaixar em um padrão midiático de beleza. O conceito foi desenvolvido pela professora Anne Piorier na Universidade Colby-Sawyer, nos Estados Unidos: “as pessoas não devem se preocupar tanto com sua aparência ou com seu peso”¹² (PIORIER, 2019).

Um dos objetivos do *Body Neutrality* é, em alguns momentos, tirar o foco do corpo e pensar no bem-estar dos indivíduos. Não se aplica, neste caso, ignorar problemas de saúde, pois a saúde faz parte de um equilíbrio, que é a proposta do movimento. Falamos da aparência, que é o que menos importa.

O Movimento *Body Neutrality* teve um grande impulso quando a cantora americana Taylor Swift e a atriz britânica Jameela Jamil lutaram contra estereótipos de gênero sobre corpos por meio da campanha “I Weigh”, divulgada via *Instagram*. A campanha tinha como slogan “Me importo com o que penso, não com a aparência”¹³, e pediu às mulheres para não se concentrarem ou sentirem vergonha do seu peso corporal.

Essa discussão vem em consonância com o pensamento de Caleb Luna, ativista, escritor e professor *queer*, que aponta que temos muitas maneiras de ter um corpo e descentraliza a questão do amar-se incondicionalmente, pois estamos em contato com uma comunidade que nem sempre é capaz de entender isso, podendo ferir a nossa existência, por mais autoestima e amor próprio que tenhamos. O cerne da questão é “tentar fazer as pazes com seu corpo” (2016).

A busca por harmonia neste conflito seria chegar em uma “neutralidade”, e não a uma polaridade, ou seja, se não amar o seu corpo, você o odeia. O *Body Neutrality* é um outro modo de olhar para si, é a busca do equilíbrio. Luna aponta que nem sempre é possível fazer isso sozinho, por isso incentiva a encontrar boas referências para pedir ajuda, como pessoas que

¹² “People should not be overly concerned about how much it weighs and looks” (tradução nossa).

¹³ “I care what I think and not how I look” (tradução nossa).

realmente lhe respeitem do modo como você é. O autor afirma ter procurado o amor próprio nos lugares errados, até descobrir uma comunidade que o aceitasse como ele realmente é. Neste ponto, aposta em achar a autoestima através do outro, explicando que a busca pelo amor próprio também vem através do amor do outro (2016). Ele também questiona as práticas de consumo que o levam a não gostar de seu corpo como, por exemplo, as empresas de cosméticos que disseminam, através dos produtos, padrões de beleza também difíceis de serem conquistados.

Voltamos a nossa análise pontuando nas narrativas a busca da neutralidade do corpo, buscando pontos que representam o momento em que estas mulheres narraram que estavam redescobrando o respeito para com seus corpos.

Em relação as narrativas das histórias de vida, notamos uma tendência, como se fosse uma variação dentro dos conceitos apresentados. Essas tendências aparecem em um momento mais voltadas ao *body positivity* e em outros momentos mais voltados para o *body neutrality*. Isto posto, notamos que essas tendências podem intercambiar nas narrativas das entrevistadas.

Narrativa de L.A.P.:

Fica nua e te olha no espelho. Alguma coisa no teu corpo vai te fazer feliz, põe um batom, põe uma maquiagem, põe uma roupa que você tiver no seu guarda roupa, se olha no espelho e fala: "eu sou linda, eu me amo independente do que seja". Sai, vai passear, vai se divertir sozinha (L.A.P., dez. 2019).

Neste caso, o batom e a maquiagem se tornam um recurso, um meio para se sentir melhor. Esse tipo de afirmação, de se olhar no espelho e dizer “eu sou linda, eu me amo independente do que seja”, é propriamente ligado ao *Body Positivity*, à primeira onda do Movimento *Plus Size* e aos discursos de aceitação das influenciadoras que impõem que o amor próprio vem do corpo. Por volta de 2014. L.A.P. replicou esse discurso, pois foi nesta época que aprendeu a aceitar e respeitar seu corpo. Portanto, percebemos que L.A.P. tende mais para o *Body Positivity*, mas não tanto para o *Body Neutrality*.

Narrativa de L.C.B.:

Mas eu não preciso ser "ah" [pose sexy], para dizer que sou linda. Vem de dentro. E se você não se achar linda, você se acha legal em algumas coisas. A beleza física é efêmera. Ela não tem que ser o principal, e não tem que ser mesmo. É uma questão muito subjetiva.

Isso me incomodou muito na feira [de moda *plus size*], que as pessoas querem se auto afirmar dizendo que são bonitas fisicamente e, muitas vezes, elas nem se acham assim. Elas estão fazendo isso, mas elas estão se violentando. É uma violência (Porque você está...). É outro padrão. Você está querendo mostrar outro padrão que você não acredita naquilo e você quer... Sabe? É muito paradoxal. Isso me incomodou um pouco. Talvez, seja um problema meu. De entendimento meu, de ainda não entender... (L.C.B., set. 2019).

Neste trecho, L.C.B. critica a imposição do amor próprio através da estética, da autoimagem, o que podemos aproximar com a ideia da neutralidade. Ela entende que o discurso do “se amar” acaba sendo uma violência, pois deixa o corpo como responsável por todo o processo da autoimagem. Isto posto, ao colocarmos o corpo no centro da discussão, lidar com a neutralidade seria achar um meio termo entre o amor estético e se abster do corpo. Então percebemos que L.C.B. não tendência muito dentro do *Body Positivity* como forma de priorizar o amor próprio através do corpo, mas a sua autoestima reflete esse movimento. Pela sua história de vida, pelo que ela é e por suas características e processos, varia mais dentro do *Body Neutrality*.

O que D.M.M. e M.H.C. apresentam em seus relatos é que, de uma forma ou de outra, tentam buscar o equilíbrio. Se importam com o corpo na medida necessária.

Narrativa de D.M.M.:

Independente do tamanho do seu corpo, o amor e o cuidado devem existir.

(...)

É porque realmente chega um momento na sua vida que... Não é que eu não me aceitava. Eu não deixei de me amar, eu não deixei de me cuidar. Lógico, eu relaxei em algumas áreas, ou em alguns pontos da minha vida, eu deixei de cuidar. Mas, a partir do momento que aquele autocuidado, aquele amor próprio despertou novamente dentro de mim, "olha, você precisa...", não é cuidar do corpo, você precisa cuidar do seu coração (D.M.M., set. 2019).

Percebemos através dos processos, das falas e das narrativas, que D.M.M. possui um equilíbrio dentro do *Body Positivity*. Sua fala e todo o processo de escuta foi coerente e se identifica dentro deste movimento. Além da aparência física, os cuidados com o corpo sempre estiveram presentes, mas percebeu algo mais que vem através do corpo. Em relação ao movimento, D.M.M. tende dentro do *Body Positivity*, por amar e se preocupar com seu corpo, ao mesmo tempo que também tende dentro do *Body Neutrality*, pois se preocupa com seu bem-estar social e psíquico.

Narrativa de M.H.C.:

Eu não estou incentivando ninguém a ser gorda, eu não estou falando para as pessoas comerem mais, estou falando para as pessoas se aceitarem, se amarem e se cuidarem. E não é para abandonar o corpo, nada, é cuidar bem dele, mas gostar dele do jeito que é. Está com saúde, ótimo, se não tem saúde, então vamos correr atrás dela, se precisa emagrecer, também estou com você (M.H.C., ago. 2019).

Na fala de M.H.C. percebemos que ela busca passar para suas seguidoras o equilíbrio em relação a saúde e o amor incondicional ao corpo. O equilíbrio que o *Body Neutrality* procura transmitir como uma corrente de pensamento em relação ao corpo é menor na fala dela neste momento, pelo trabalho que faz como blogueira. Mas o equilíbrio do cuidar-se está presente. Portanto, a tendência de M.H.C. em relação ao *Body Positivity* é presente e perceptível, diferente do *Body Neutrality*, que é presente, mas menos evidente.

Podemos entender, então, que a partir dos critérios *Body Positivity* e *Body Neutrality*, as construções do olhar para si são diversas e intercambiáveis. Como por exemplo L.C.B. Por mais que ela em seus relatos apresente uma tendência mais voltada ao *Body Neutrality* em outro momento ela pode apresentar uma tendência para o *Body Positivity*.

3.5. ALÉM DO MOVIMENTO *PLUS SIZE*

É primordial notarmos que todas as experiências, relatos e aspectos das histórias de vida são diferentes. Por mais que, em alguns momentos, elas apresentam características parecidas ou se cruzam, são distintas entre si.

Nas histórias narradas, notamos que todas passaram por situações de dificuldades por terem um corpo fora dos padrões. Apresentaram ciclos que envolvem muito sofrimento e diversas descobertas. E todas as narrativas, de uma maneira ou de outra, conversam com o Movimento *Plus Size*, e também levantam pontos importantes dentro da discussão do corpo, das descobertas e do que é o movimento atualmente.

Muitas histórias passaram pelo Movimento *Plus Size*, e até hoje duas das nossas entrevistadas ainda mantêm um vínculo grande com eles: M.H.C., que possui uma loja de roupas grandes, e L.A.P., que trabalha desfilando para as marcas *plus size*. Diferente de D.M.M., que passou parte de sua vida trabalhando com o movimento, mas atualmente não faz mais parte dele, e de L.C.B., que somente possui uma relação delicada com a questão do vestir.

Notamos que em cada trajetória as mudanças não passaram só pelo corpo, mas pelas percepções físicas e emocionais, de modo que cada uma foi elaborando suas percepções e suas experiências. Com isso, é possível observar como se tornou perceptível a presença do Movimento *Plus Size* em cada história. Notamos também que cada uma atribui um grau de relevância aos significados de suas experiências, descobertas e identificações, e isso foi se amalgamando com o que elas são atualmente.

De acordo com os relatos de L.A.P., o Movimento *Plus Size* é de grande importância em sua história, pois, a medida que pudemos compreender, foram algumas influências do movimento que a ajudaram a construir a pessoa que ela é. Relembrando que, devido a sua história de exclusão em relação à família, violência doméstica e problemas no trabalho, ela desenvolveu depressão. Durante seu tratamento contra a doença, conheceu as redes digitais sociais e, conseqüentemente, o Movimento *Plus Size*.

No início, L.A.P. não sabia lidar direito com seu corpo e sua exposição em rede. A experiência que buscava não era expor o corpo nu, mas sim descobrir o respeito a si própria. A medida que

conhecia o movimento e suas abrangências, tentou participar de vários concursos de misses e, mesmo recebendo várias respostas negativas, insistiu até que, em um desses concursos, recebeu o título de Miss Simpatia Virtual. A partir daí se engajou nos desfiles de moda. Com sua autoestima recuperada e fazendo vários trabalhos, conheceu uma pessoa que a convidou a participar de um teste de figurante para um programa de televisão e conseguiu o papel. L.A.P. renasce por si só através do processo de individuação. Atualmente, é aceita e respeitada pelas pessoas, o que não acontecia antes.

Antes eu não era bem comigo mesma, não era bem com o meu corpo. Depois que comecei a ver o Movimento *Plus Size*, depois que eu vi esse movimento sobre o corpo da mulher, mudou muito, porque hoje em dia a mulher aprendeu a se valorizar mais, a amar o corpo, a buscar melhorar mais e mais a aceitação nesse mundo *plus size*. Hoje tiveram muitas e muitas mudanças, muitas (L.A.P., dez. 2019).

L.A.P. acredita que, através do desenvolvimento intelectual, livros e pesquisas, muitas outras características do Movimento *Plus Size* podem melhorar, pois comenta que a mídia televisiva não é capaz de transmitir o processo e a real história de um gordo.

E graças a pessoas que nem você que procuram, correm atrás, escrevem, mostram porque não adianta eu querer correr atrás de uma coisa se eu não vou entender, se não tem você para mostrar, se não tem você para escrever a história de outras mulheres, se não tem você para estudar o corpo, a cabeça, o pensamento de um gordo, não tem como eu fazer isso sozinha sem a ajuda de outras pessoas que buscam o mesmo ideal. Então é isso que está crescendo e eu espero que cresça mais e mais através de livros, de pensamentos iguais ao seu ou de outras meninas que leem ou que contam histórias ou que descobrem. Porque, se um não escreve, o outro não vai buscar o que ele tem que fazer porque a mídia não fala o ciclo completo, ele fala esse tanto e têm pessoas que vão lá, pesquisam. Sem uma pesquisa detalhada, sem um passando para o outro não tem como descobrir. É isso (L.A.P., dez. 2019).

Notamos em seu relato a gratidão pelo movimento e pelo que ela é hoje. O grau de relevância devido às experiências a partir do Movimento *Plus Size* ajudou a tornar-se a pessoa que é hoje. Ela ainda está em processo de novas construções pois, após a separação do marido e o afastamento do emprego que lhe fazia mal, ela finalmente pode ter contato com suas potencialidades.

A experiência para D.M.M. teve suas particularidades em relação às demais. Desde os primeiros manifestos do Movimento *Plus Size* no Brasil, ela já estava engajada na luta pela quebra de padrões e inclusão do corpo gordo. A partir de uma personagem criada por D.M.M., tornou-se uma figura relevante para a divulgação do Movimento *Plus Size*.

Visto que desde cedo teve dificuldade com roupas, é possível entender que se identificou com este universo, pois aí encontrou roupas para se vestir como queria. Além disso, se sentia bem, pois sentia de outras pessoas a valorização do seu trabalho em relação a autoestima das mulheres, apresentando, de forma lúdica, a capacidade sensual da mulher gorda. Enquanto atuava no movimento, fotografou para diversas marcas *plus size*, desfilou em eventos e também ganhou um concurso de miss em sua cidade. Apesar de sua participação ativa e de demonstrar que gostava muito de si, passou dos seus próprios limites e decidiu fazer a cirurgia bariátrica.

Como representante do Movimento *Plus Size*, comenta sobre a importância da sua personagem para a divulgação da autoestima da mulher gorda:

Nessa área artística e lúdica, ninguém criou uma personagem que representasse a mulher acima do peso. Isso é legal, mas não existe. E, naquele momento, eu acredito que nós dávamos voz à mulher que existe, que é admirada, que é desejada, que tem os seus conflitos que toda mulher acima do peso sofre. Mas que a gente conseguia driblar com bom humor as situações do cotidiano de uma mulher que está acima do peso. A ideia inicial sempre foi essa. Foi passar esse bem-estar e mostrar para as pessoas que você pode se amar, pode se gostar, independentemente do tamanho de seu corpo ou do seu peso. Isso para mim sempre foi o mais importante (D.M.M., set. 2019).

D.M.M. acreditava que, através de sua personagem, poderia fortalecer a mulher. Por outro lado, questiona os discursos nas redes sociais digitais que abreviam o movimento somente à questão da produção da beleza e esquecem das potencialidades da pessoa gorda:

Você trabalhar a autoestima de uma mulher não é simplesmente "vem aqui que você vai colocar uma roupa X, vai fazer uma maquiagem e nós vamos trabalhar autoestima". Não é isso. Vai muito além. Lógico, é legal você ficar bonita? É, claro que é. Mas você ficar bonita é diferente de você ser bonita. É você se aceitar como você é. E eu só consegui perceber isso no dia em que eu estava no hospital, com meu cabelo todo emaranhado, com negócio no meu nariz e o enfermeiro fala: "moça, você é tão bonita", eu falei: "você está ficando louco?"

As pessoas que são referência, vamos dizer assim, no *plus size*, não trabalham isso. Elas não dão voz a esse tipo de assunto. Eu vejo pessoas que fazem luta pela moda, vejo pessoas que lutam por concursos e por aceitação do gordo na sociedade. Mas, e o pensamento? E o intelecto do gordo? A autoestima não é você fazer foto bonita (D.M.M., set. 2019).

Após a cirurgia bariátrica, D.M.M. está se reconectando através do seu novo corpo, de sua nova imagem, e está descobrindo um novo feminino.

No depoimento de L.C.B., as diferenças também vêm à tona. Não é pelo fato de não fazer parte do Movimento *Plus Size* que questiona e aponta as falhas da moda para todos os tipos de corpos,

inclusive para as pessoas gordas. É possível observar uma visão mais crítica em seus relatos. Podemos notar, primeiramente, que ela pontua a moda por ser algo que exclui, e não acolhe, visto que foi uma vivência experimentada por ela:

Eu acho que se eu posso deixar alguma coisa registrada em relação à moda *plus size*, à adequação de corpo, é isso. Eu acho a indústria da moda, principalmente, antigamente, muito limitadora e nada acolhedora. Ela, na verdade, te rechaça ao invés de te acolher. Porque é um sentimento de inadequação que você tem, e não de pertencimento (L.C.B., set. 2019).

L.C.B. fala ainda sobre como se sente em relação à moda *plus size* pois, pela vivência dela, acredita que se criou um novo padrão para os corpos gordos e, mesmo assim, um padrão que não consegue abranger todos os tipos de corpos:

Essa questão da roupa me incomoda muito. Eu acho que não existe padrão. Não tem que ter padrão. Tem que ter adequação, tem que ter conforto, tem que ter liberdade, tem que servir. E é muito burro não servir, porque você tem um público gigantesco, você está perdendo dinheiro. Você podia deixar as pessoas muito mais felizes e ser muito mais rico. São corpos diferentes, o seu corpo é diferente do meu. Somos gordas diferentes. Isso me incomoda. É que eu não tenho essa relação com a moda (L.C.B., set. 2019).

Em relação ao Movimento *Plus Size*, em seus relatos, L.C.B. afirmar que a “beleza é efêmera” (L.C.B., set. 2019) e algo subjetivo para cada pessoa. Em sua narrativa, fica nítido que a aparência física não é sua prioridade, mas sim a valorização da sua capacidade de trabalho:

Desfilar para mim é uma coisa inimaginável. Porque eu não quero ser vista dessa forma. Eu quero ser vista de outra forma. O meu sucesso, a minha sensação de sucesso, não é ser vista como um corpo, não é ser vista como um rosto, não é isso que me agrada. Não é isso que me agrada, não é essa a minha felicidade. A minha felicidade está em outra coisa. É um sentido, também, de importância, de: olha como eu sei fazer bem isso. Olha como eu trabalho direito, olha como eu sou esforçada. A minha relação tem mais a ver com o intelecto do que com o corpo. Muito por conta de quem eu sou (L.C.B., set. 2019).

E continua apontando para algo que vai além da indústria e do consumo da moda, que é a busca mais elaborada para cada pessoa.

Queria que todos pudessem pensar mais sobre isso. Não só sobre *plus size*, mas pensar sobre todas as possibilidades, sobre quem você é, o que você está fazendo aqui e como você está tratando as pessoas e se tratando, sua auto-expressão. O que te faz feliz? Porque nós somos massacrados. Se eu perguntar para você: o que te faz feliz? Possivelmente, você vai gaguejar (L.C.B., set. 2019).

É possível notar que L.C.B. atribui um olhar pessoal, que vai além da representação do corpo. Esses apontamentos são atribuídos às suas experiências de vida, do olhar para si, e da maneira com a qual considerou todas as situações que passou em relação ao vestir-se.

Já para M.H.C., o Movimento *Plus Size*, a moda e a autoestima tem outra significação. Eles se misturam em suas narrativas com a própria história de vida dela. Há momentos em que M.H.C. refere-se a si mesma em terceira pessoa. É possível compreender que ela incorporou ser um veículo para a autoestima das mulheres através de seu trabalho. Podemos notar o quanto ela valoriza isso, e que existe um reconhecimento do seu trabalho através do outro.

Mesmo contra a vontade do ex-marido, mas com a ajuda dos filhos e da mãe, M.H.C. conseguiu frequentar a faculdade. Após uma separação litigiosa e de ter perdido o emprego, veio a oportunidade de desfilarem para uma marca de roupas grandes. Após o desfile, se sentiu tão bem que incorporou essa experiência e a compartilhou em redes digitais com outras pessoas. Mesmo contra a vontade da mãe, ela insistiu em desfilarem e propagar sua autoestima e positividade em relação ao corpo gordo, ajudando a fomentar o bem-estar físico e o amor próprio. Após adquirir experiência com os métodos de compra e venda da moda *plus size*, M.H.C. abriu uma loja de roupas que, além de ser um ponto comercial, se tornou um local para a acolhida de afetos:

Então, o que eu quero é ajudar as pessoas no sentido não só do corpo, mas também do que ela passou na vivência que ela está, está num momento com esse mesmo problema de marido, de violência.

(...)

Porque o que eu quero não é fazer sozinha, não é: “Ah, deixei um legado”. Não, não é isso. Eu quero plantar uma sementinha, que essa sementinha germine, você faça o que eu faço, a outra faça também. Uns podem fazer com câmera, com celular, outros podem fazer com presença, outros podem fazer para um. Porque quando eu falo, a outra vai ali e faz também. E todas essas meninas gordinhas que hoje me seguem, que falam: “(...)”, você mudou a minha história, estou super-feliz”, eu falo: “Então tente mudar outra história, vá tentando mudar outras histórias”. Porque isso que tem que se enraizar, vamos mudar histórias para melhor. Então isso que me faz feliz hoje, é ser a pessoa que se ama, se gosta, e quero passar para as pessoas que o corpo não é tudo, tudo é o que está aqui dentro (M.H.C., ago. 2019).

É possível notar, pelo relato de M.H.C., que ela procura passar para suas seguidoras algo que vai além do corpo. Como ela relata, se amar é necessário, mas existe algo que vai além e que provavelmente vem da jornada de cada uma de suas seguidoras.

Enfim, é possível notar os questionamentos sobre quanto é importante percebermos que não foi somente o Movimento *Plus Size* que passou por estas histórias e como as afetaram

diferentemente. Em alguns momentos, ele ressignificou as pessoas e o que elas estão buscando. Notamos também como o movimento se posicionou nas histórias de vida, mas que ele só foi um dos caminhos existentes para se compreenderem como uma pessoa gorda.

É importante ressaltar que todos os relatos foram unânimes sobre a questão do pensamento ativo da mulher gorda. As entrevistas defendem também que o Movimento *Plus Size* deve ir além da comercialização de roupas e da autoestima. É possível compreender que o Movimento *Plus Size* deve engajar a mulher a ir em busca de suas percepções e de suas potencialidades intelectuais. Afinal, não é só a beleza que importa. Como disse L.C.B., “a beleza é efêmera”. Então a busca é por algo que perdure por mais tempo.

Portanto, finalizo os critérios notando as riquezas existentes em cada momento e em cada critério que elencamos. O assunto não se esgota, mas é possível notar o quão desafiador é falarmos sobre os corpos, divergentes ou não. Todos os tipos de corpos passam por situações constrangedoras, por dificuldades, e o tempo todo precisamos nos redescobrir, nos reinventar e também, às vezes, é necessário fazer as pazes com nossos corpos. Somos todos seres humanos, erramos e acertamos. Somos fortes e frágeis, mas todos somos passíveis em relação a ação do tempo, das transformações físicas, psíquicas e emocionais. Somos seres mutáveis: a medida que o tempo passa, redescobrimos a nós mesmos e nossas potencialidades. É através dos nossos corpos que passamos por experiências semelhantes às dos outros, mas as elaboramos de forma única, e é isso que nos torna singulares, extraordinários.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo da presente tese de doutorado, nosso objeto de estudo foi o fenômeno comunicacional das constelações de discursos que emergem a partir do estudo das histórias de vida de quatro mulheres. Mulheres que sofrem ou sofreram as pressões sociais e culturais da gordofobia, pois têm ou tiveram seus corpos gordos. As experiências de viver em um corpo gordo passam por todos os sentimentos, da alegria à dor, como toda a história humana. Mas, nessas narrativas, encontramos sutilezas que afloram as singularidades vividas somente nestes corpos. Foi possível perceber que cada uma delas, mesmo tendo passado por situações semelhantes, possui um modo único de olhar para si e para a vida. Construindo suas próprias jornadas que no imaginário da vida contemporânea, ter um corpo magro, significa ser belo e saudável.

Olhar o corpo gordo a partir das histórias de vida é olhar para um fenômeno comunicacional complexo e dinâmico pois, o tempo todo, nossas protagonistas estão em transformação, se redescobrimo e se reinventando. Nas entrelinhas das histórias, os processos dos quais emergem as singularidades.

Como as protagonistas da presente tese, mulheres gordas, enfrentaram os desafios de viver em uma cultura que enaltece o corpo magro e despreza corpos obesos? Como, em meio a tantas dificuldades e preconceitos, essas mulheres conseguiram agir de forma criativa na valorização de suas singularidades? Com o apoio de textos de fundamentação teórica, olhamos para as narrativas em busca das pistas para responder às nossas perguntas. Nos encontros com as protagonistas, optamos por criar um espaço de escuta e, sem julgamentos prévios, ouvir atentamente seus relatos. Através do método das histórias de vida, foi possível construir uma grande tapeçaria com suas memórias. Nos fios dos relatos que nos comunicam sobre eventos relacionados ao universo da mulher gorda, fomos tricotando nossos questionamentos e hipóteses. Foi possível observar que o corpo gordo está tomando seu espaço tanto na mídia como na sociedade.

A presente tese defende que embora ainda existam padrões, é possível encontrar a emergência de uma subjetividade que valoriza outros corpos. Uma subjetividade que defende que é necessário seguir modelos, que as mulheres podem e devem lutar pelo direito de escolha e desenvolver suas próprias singularidades.

Na escrita da presente tese, foi possível perceber, como Hillmam diria, que “o amor e o poder não são oponentes” (2001, p. 233). Nos relatos, conseguimos ver o amor das protagonistas, a valorização de suas potencialidades e o poder de assumir as rédeas da própria vida.

Quando as protagonistas falam sobre as próprias potencialidades, percebemos o poder da autoestima. Para Campbell, o poder do mito consiste em ajudar a pessoa a viver melhor suas vidas, a lutar com suas próprias forças. Esta é uma das funções do mito, nos ensinar a resistir a pressões externas, buscar dentro de nós a nossa própria força.

As potencialidades do corpo feminino gordo emergem a partir de uma representação simbólica do mito que cada um constrói. Essa potência diferencia-se nestes corpos uma vez que, ao olharmos para as trajetórias das protagonistas, vemos caminhos de quem lutou ou luta contra os estigmas. Saber lidar com algo que a sociedade acredita ser negativo é um diferencial e não pode ser escondido. O estigma de ser gordo está visível na aparência física. O gordo está o tempo todo deslocado, pelo simples fato de existir (FISCHLER, 1995). E o fardo fica mais pesado quando lembramos que a mulher tem a obrigação moral de ser bela (VILHENA, 2006). Por isso, olhamos para histórias de mulheres e seus caminhos e, ao olharmos a cartografia de cada uma, entramos em contato com suas potencialidades.

Em relação ao universo *plus size*, encontramos diversos discursos, entre eles os que elevam a autoestima da mulher, como: “Seja a pessoa que você quer ser; tenha um corpo gordo e viva em paz com sua escolha”. O consumo de roupas de tamanhos grandes também aumentou e agora a mulher gorda se tornou *plus size*, minimizando os efeitos negativos que a palavra “gorda” tem para muitas pessoas.

O corpo feminino gordo, em relação ao universo *plus size*, ficou mais evidente devido às questões do consumo de roupas para tamanhos grandes. A moda propagou o termo *plus size* e, com isso, se expandiu um nicho de mercado onde os corpos gordos femininos se viram envoltos em um ar *glamoroso* de capas de revistas e passarelas.

O termo *plus size* para as pessoas gordas traz uma ideia de pertencimento a um grupo. A palavra “gorda” tem, em nossa sociedade, um lado pejorativo, pois se tornou um sinônimo de ofensa que é interpretada como um desleixo com o próprio corpo. O termo *plus size* veio apaziguar,

acolher este corpo, e também inclui a questão da beleza, já que, agora, este corpo também está nas capas de revistas e desfilando nas passarelas.

Ao mesmo tempo que o universo *plus size* acolhe, encontramos armadilhas que capturam pessoas que buscam no outro uma aceitação de seus corpos. São os grupos de admiradores de gordas, que tratam o corpo da mulher gorda como objeto, e isso pode levar a problemas maiores em um momento no qual a mulher busca atenção emocional, e não atenção através de seu físico. Por isso, precisamos ter um olhar atento em relação ao que envolve o universo *plus size*. Às vezes, ao buscar a liberdade do corpo, acabam aprisionadas por ele.

O Movimento *Plus Size* é um movimento social em prol do corpo gordo e tem por objetivo discutir a aceitação do corpo. Mesmo estando voltado ao consumo de roupas, desfiles, concursos de beleza, aos discursos de autoestima e auto-aceitação, é importante frisarmos que este movimento também toca em pontos nevrálgicos, como a luta para a normatização de corpos gordos na moda.

A partir da ascensão do Movimento *Plus Size* no Brasil, muitas mulheres gordas se destacaram e usaram as redes digitais para difundirem um discurso de autoestima. “Amem seus corpos, se amem”, como uma ideia de poder sobre si mesmas, como compreendemos em relação as potencialidades. Estes discursos atingiram milhares de pessoas e afetaram vidas, entre elas as das entrevistadas desta tese.

Em sua narrativa, L.A.P. apresentou a si mesma como frágil e, ao mesmo tempo, lutadora, tanto na infância quanto na adolescência. Desde pequena foi uma criança gorda e sofreu por causa disso, devido a apelidos e xingamentos. Mas, desde a adolescência, se mostrou decidida quanto ao que acreditava ser o melhor para si naquele momento. Suas escolhas a fizeram passar por dificuldades, mas a manteve em busca de saídas para seus sofrimentos. Após muitos percalços em sua vida, e já com família constituída, desenvolveu depressão. Ao buscar tratamento, com a ajuda de um psicólogo, começou sua jornada interna, a olhar para si em busca das suas potencialidades. Durante o processo, descobriu nas redes digitais o Movimento *Plus Size*. Houve uma identificação com os discursos que ela lia nas redes e com as imagens que via. A partir deste momento, começou a olhar para si com mais carinho. Em sua busca, descobriu seu próprio ambiente interno de afeto consigo mesma. Sua experiência de vida nos ensina, entre

outras coisas, que a busca por proteção não está no outro, está em nós. Sempre existirão chances para podermos recomeçar, por isso devemos ir atrás daquilo que nos faz feliz.

D.M.M., de modos mais doces, foi uma ativista *plus size*. Sua feminilidade e seu lado feminino sempre afloraram e fizeram parte de suas escolhas. Em sua trajetória, a potência do divino feminino sempre esteve latente ao olhar para os outros e defender uma causa em que o feminino gordo é abafado. Sua luta era mais do que mostrar que a mulher gorda pode ser bonita e *sexy*, era ajudar a mulher a se potencializar através do seu lado feminino, abafado por uma cultura onde o corpo gordo não é aceito. Um dos marcos de sua história foi o momento em que percebeu estar perdida em seu corpo. Havia se perdido nele, não se reconhecia. Ponderou situações e resolveu fazer uma cirurgia bariátrica. Esta atitude revela um olhar de carinho e autoestima consigo mesma. Recomeçou sua busca interna e a trilhar um novo sentido para sua vida. Hoje, experimenta diferentes sensações e possibilidades e afirma que, independentemente do tamanho dos nossos corpos, o amor e o cuidado devem existir. A escolha por fazer a cirurgia bariátrica não significa que ela abandonou uma causa em favor da autoestima e do amor próprio. Esse foi o caminho que ela escolheu entre tantos outros que poderia ter escolhido. Cabe a nós respeitar cada jornada de vida e aprender o que cada um tem a dizer. Respeitar a si próprio e perceber seus próprios limites é um ensinamento de amor.

L.C.B. desde pequena mostrou uma personalidade forte e se posicionou diante de suas escolhas. Se olharmos para suas potencialidades, é uma mulher corajosa e sempre buscou realizar seus sonhos de modo ágil e eficiente, sob predominância de seu aspecto *animus*. Mas, olhando e ouvindo os outros, começou a buscar seu equilíbrio. Seu potencial é o valor que ela tem de si, de sua capacidade de trabalho. Esta capacidade não está no formato do corpo, e sim na força de vontade de lutar por aquilo em que se acredita, de ir atrás e conseguir as coisas. A matéria (corpo), como a beleza, é efêmera, pode ser modificada e todos estamos à mercê da inexorável ação do tempo. Em seus relatos, é notável como o lado mais lânguido e sutil do feminino pode ser construído. O vestir-se é mais que colocar uma roupa, é pertencer e se sentir pertencente, tanto a um local como à própria roupa em si. Em seus relatos, L.C.B. deixa claro que mesmo o Movimento *Plus Size*, como a indústria da moda, tem ainda muito em que melhorar.

Na história de M.H.C. vimos que a vida é feita de escolhas, principalmente no que tange às escolhas que envolvem o corpo. Desde pequena se percebeu diferente das demais colegas da escola devido ao tamanho de seu corpo. Como era colocada de lado nas brincadeiras, criou seus

próprios artifícios para ser incluída entre as colegas e, mesmo “diferente”, tornou-se a menina mais popular do colégio. Mas, ao se deparar com a recusa do menino de quem gostava, ao ouvi-lo dizer que não namoraria com uma gorda, notou a importância que o corpo tem na sociedade e teve que lidar novamente com as consequências de suas escolhas. Seu potencial está em seu carisma, que foi aos poucos sendo abafado em um casamento abusivo e violento. Após um longo processo de reencontro de sua potência interna, conseguiu ir em busca do que realmente a faz feliz. O Movimento *Plus Size* é um dos caminhos que a faz feliz e ela continua em sua jornada apegada a este ideal. Atualmente, tem como objetivo ajudar outras mulheres a valorizarem seus corpos através da autoestima e dos cuidados de si.

Ainda em busca de nossas respostas, analisamos alguns critérios que emergiram das histórias de vida. Pudemos notar o quanto das memórias dos ambientes familiares se relacionam com as escolhas, com seus corpos e com seu potencial feminino. Muitas tiveram seu feminino e sua feminilidade abafados por relacionamentos abusivos. Por outro lado, outras desde pequena já foram estimuladas a desenvolverem suas potencialidades.

Todas as protagonistas possuem um corpo gordo e tiveram que lidar com pressões estéticas e de pertencimento, como ao se vestirem, e isso se agravou na fase da adolescência.

No critério adolescência, notamos que todas as entrevistadas tiveram dificuldades com seus corpos, algo comum a todas as adolescentes. Mas isso se agrava mediante o fato de serem gordas, pois o estigma social da gordura se mostra de uma maneira diferenciada: além de lidar com pressões externas, não se sentem adequadas com o próprio corpo. O fato de serem mulheres e começarem a consumir mais mídia, onde os corpos magros são exemplos a serem seguidos, também acaba prejudicando sua auto-aceitação.

A percepção de si e o olhar para si são processos aos quais devemos sempre nos ater. Através dele, podemos nos conhecer, olhar para nossas potencialidades e deixá-las aflorar. Isso é importante pois, a partir daí, entramos em contato com a força do divino feminino. Olhar para conhecer nossos limites e potencialidades, pois desta maneira não ficamos à mercê das vontades dos outros. Esse processo nos faz sairmos de uma posição de vítima para uma posição de donas de si. Nos faz capaz de falarmos “não” aos abusos de nossos corpos. Nos faz compreender que um corpo gordo pode ser belo. E nos ensina a dar a devida importância a cada movimento em prol da liberdade do corpo.

Olhar para si, ir em busca de um equilíbrio e respeitar seus limites pode ser um caminho em busca da valorização de si. Nesta tese, olharmos para as histórias de vida pelo viés da teoria do imaginário nos ajudou a dar sentido à vida, respeitando o ser humano como um todo, sem uma postura de separação. Para Ferreira-Santos e Almeida (2012), o imaginário busca aproximar o mundo de seu equilíbrio, como por exemplo na busca de um equilíbrio saudável entre *anima* e *animus*, que estão conectados. É pela conjunção desses dois valores que estruturamos e guiamos nossas ações.

É junto aos seus corpos que cada uma das protagonistas escreve suas histórias de vida. Aprenderam, cada uma em seu processo individual, que este corpo faz parte da sua identidade, um conjunto de representações, sentimentos e opiniões sobre si. Através das próprias histórias, corporificaram os mitos e, a partir deles, evocaram suas experiências e emoções que, por terem um corpo estigmatizado socialmente, nem sempre foram boas.

Olhar para um corpo gordo e suas experiências a partir das estruturas antropológicas do imaginário é respeitá-lo como um todo, entender melhor seus processos, como rituais, sonhos e suas relações afetivas. Olhar pelo imaginário nos leva a buscar equilíbrios internos, como a *anima* e o *animus*, o equilíbrio entre o bem e o mal, entre as virtudes e as fraquezas, assim como acontece nos mitos. É pelo imaginário que reorganizamos esses mitos, que se tornam nossos mitos e nossas potências. Algo que a história de vida vai construindo e corporificando.

A potência de um corpo gordo vai além de sua aparência física. Está na sutileza de saber viver em um mundo onde a ordem dominante é olhar para a gordura como um problema. Não olham para as pessoas gordas como seres humanos que vivem, sentem e têm suas próprias escolhas. A potência deste corpo gordo está nas atitudes de saber viver em uma sociedade que não sabe lidar com sua presença.

Não é fácil viver em um corpo gordo devido ao seu estigma social. O potencial feminino apresentado nas histórias das quatro mulheres pode representar as lutas diárias de todas as outras tantas mulheres que passam por dificuldades com seus corpos. Cada uma de seu jeito, cada uma de uma maneira, busca driblar as dores e o estigma de ter um corpo questionado socialmente.

Os movimentos sociais e políticos ajudam a suportar as dores inclusas neste estigma. Em coletivos de gordas, encontros, feiras e eventos, onde a convivência é voltada para este tipo de corpo, nos sentimos seguras para trocarmos experiências, pois sabemos que todos os presentes naquele espaço possuem histórias de vida tão singulares quanto as das nossa quatro entrevistadas. Nestes espaços de confiança, trocam-se aflições, tristezas e esperanças de um mundo mais respeitoso com todas as diferenças.

Percebemos, pelas histórias de vida, a construção da potência, da significação e da valorização que cada uma delas carrega. Enquanto narravam suas histórias, percebíamos nitidamente as construções dos mitos.

Podemos ver, nas histórias de vida, narrativas de mulheres guerreiras, heroínas, deusas de suas próprias jornadas. Cada uma delas consegue viver, percorrer seus caminhos de acordo com o que acreditam. Mesmo sabendo que o “mundo não está preparado para pessoas gordas” (L.C.B., set. 2019), cada uma em sua singularidade fomenta o mito de suas deusas, com seus defeitos e suas virtudes, com suas dores e seus prazeres, dando força, nutrindo, criando suas sutis potencialidades para viver em um mundo onde os valores contemporâneos preconizam o corpo magro como modelo de saúde e beleza.

Observar as histórias de vida é conhecer um ser humano. No estudo a partir das cartografias de imaginários, procuramos desenhar um mapa de possibilidades de como cada uma das protagonistas desenvolveu suas singularidades. É possível que em um só tempo aconteça a experiência do crescimento interno como ser humano e a sobrevivência de estar em um corpo gordo estigmatizado. A partir destas histórias, é possível perceber que, mesmo não cabendo em uma roupa, podemos caber em nós mesmos; nos vestir de valentia para pertencer a uma sociedade gordofóbica; aprender a respeitar e dar respeito em relação ao corpo; mudar de direção em relação às histórias de nossas vidas; notar que a vida é dinâmica e, por isso, estamos em um processo de constante descobrimento de nossas particularidades. Por isso que as histórias são tão singulares.

As singularidades emergem através dos sentidos das escolhas. Cada história percorre um caminho. Esses caminhos, como a vida, são dinâmicos, e vamos transformando e re-significando a trajetória. É isso que as experiências de vida nos trazem: olhar com amor para

nós mesmos e descobrir nossas potências como alicerces para nos apoiar, a fim de sentirmos segurança em nossas escolhas para continuar traçando nossas jornadas.

5. REFERÊNCIAS

- ABESO – **Custos de Doenças Ligadas à Obesidade para o SUS, 2012**. Disponível em <http://www.abeso.org.br/noticia/custos-de-doencas-ligadas-a-obesidade-para-o-sus>. Acesso: 06/2018.
- ABNT/CB-017 - **Comitê Brasileiro de Têxteis e do Vestuário**. Disponível em: <http://www.abnt.org.br/cb-17>. Acesso: 04/2020.
- ABPS – **Associação Brasil Plus Size**. Disponível em <https://www.plussizebrasil.com.br/> Acesso: 05/2020.
- AIRES, Aliana Barbosa. **De gorda à plus size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA**. Orientadora: Dra. Tânia Márcia Cezar Hoff. 2019. Tese (doutorado) – Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2019.
- ALBUQUERQUE, Flavia. **Número de cirurgias bariátricas aumenta 84,73% em sete anos. Estimativa é 13,6 milhões de brasileiros precisam do procedimento**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-09/numero-de-cirurgias-bariatricas-aumenta-8473-em-sete-anos>. Acesso: 04/2020.
- ALENCAR, Paulo. **Autoestima: São os pensamentos que determinam o valor que acreditamos possuir**. 2018. Disponível em <https://psicologopauloalencar.com.br/autoestima-sao-os-pensamentos-que-determinam-o-valor-que-acreditamos-possuir/> Acesso: 03/2020.
- ANGELO, Luciana Ferreira. “História Oral e História da Memória: tecendo relações”. In: **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Kepós, 2016.
- ARROVO, Leonardo. **A carta de Pêro Vaz de Caminha: ensaio de informação à procura de constantes válidas de método**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. “Massacres: o corpo e a guerra”. In: CORBIN, Courtinee Vigarello (Org.). **História do corpo: As mutações do olhar**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- AYUB, Renata C.; MACEDO, Monica M.s. “A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico”. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, vol.31, n.3. Brasília, 2011. ISSN 1414-9893. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300011>. Acesso: 04/2020.
- BARRY, Kathleen. “Female Sexual Slavery: Understanding the International Dimensions of Women's Oppression”. **Human Rights Quarterly**, vol. 3, n. 2, 1981, pp. 44–52. ISSN 10.2307/761856. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/761856>>. Acesso: 04/2020.

- BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017**. Volume 49. nº27. Jun/2018. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>>. Acesso: 04/2020.
- BRASIL. **Notificação compulsória imediata dos casos de violência sexual e tentativa de suicídio**. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/component/content/article/950-saude-de-a-a-z/violencia-e-acidentes/43262->>. Acesso: 06/2020.
- BRASIL. **Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde**. Brasília, 2017.
- BRUNO, Barbara Altman. **The HAES files: History of the Health at Every Size Movement, Part I**. 2013. Disponível em: <https://healthateverysizeblog.org/tag/lew-louderback/>. Acesso: 01/2020.
- BRUNO, Barbara Altman. **Health at Every Size and me**. Journal of Fat Studies: An Interdisciplinary Journal of Body Weight and Society. V. 6, nº. 1, pp. 54-66. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21604851.2016.1218741?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso: 01/2020.
- CÂMARA, Cátia C. **Maternidade e Espiritualidade: aspectos simbólicos**. Revista Paralellus, Recife, v.6, n.13, pp.467-497, jul-dez/2015.
- CHAGAS, Maria Inês; CAMPOS, Therezinha. **O complexo paterno na psique feminina e a sua influência nos relacionamentos heterossexuais numa perspectiva da psicologia analítica**. 2000. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/1/artigos8.pdf>>. Acesso: 04/2020.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix Pensamentos, 1989.
- CAMPBELL, Joseph. **Deusas: os mistérios do divino feminino**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

- CAMPBELL, Joseph. **Isto és tu: redimensionando a metáfora religiosa**. São Paulo: Landy, 2002.
- CARDOSO, Glenda. “Reunião debaterá a padronização do tamanho de roupa”. Blog Curvilíneos, 2015. Disponível em <<https://www.curvilineos.com.br/reuniao-debater-a-padronizacao-do-tamanho-de-roupa/>>. Acesso: 04/2020.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CARROLL, Lewis. **Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CASIQUE, Leticia; FUREGATO, Antonia. “Violência contra mulheres: reflexões teóricas”. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.14, nº. 6, Ribeirão Preto, Nov-Dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01041692006000600018&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso: 04/2020.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A criação histórica**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1992.
- CHERRY, Kendra. “What Is Body Positivity?”. **Verywell Mind**, 25/02/2020. Disponível em: <https://www.verywellmind.com/what-is-body-positivity-4773402> Acesso: 05/2020.
- CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- CODO, Wandelely.; SENNE, Wilson A. **O que é corpolatria**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- COOPER, Charlotte. **What’s Fat Activism?** September, 2008. Disponível em <http://www.ul.ie/sociology/docstore/workingpapers/wp2008-02.pdf>. Acesso: 02/2020.
- CORREIA, Cintia M. et al. **Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica**. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v14n4/05.pdf> – Acesso: 03/2020.
- COOK, David C. **A parents’s guide to body positivity**. Colorado Springs (EUA): Axis, 2019.
- COUSINEAU, Tara. **Puberdade em meninas: ajudando sua filha a se transformar em uma mulher**. Disponível em: <https://www.dove.com/br/dove-self-esteem-project/help-for-parents/respecting-and-looking-after-yourself/puberty-in-girls-help-your-daughter.html>. Acesso: 04/2020.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **Mulheres na jornada do Herói**. Pequeno Guia de Viagem. São Paulo: Ágora, 2012.
- DELGADO, Lucilia de Almeida. **História Oral: Memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1993.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 1996.
- DOMENICO, Agostina di. **From body positivity to fat pride whats what whos who**. Disponível em: <<https://vinylmint.com/2018/12/28/from-body-positivity-to-fat-pride-whats-what-whos-who/>> Acesso: 01/2020.
- DUARTE, André. “Singularização e subjetivação: Arendt, Foucault e os novos agentes políticos do presente”. **Revista de Filosofia Princípios**. Natal, v.19, nº. 32. Jun/ Dez 2012.
- ECO, Umberto. **História da beleza**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus, 2005.
- FARIA, Durval Luiz. **Clarice e a alma animal. Expressões do inconsciente: 5 de novembro de 2010**. Disponível em <https://www.pucsp.br/jung/portugues/simposios_eventos/VIII_simposios.html>. Acesso: 04/2020.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao Imaginário: Bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.
- FERNANDES, Pedro. “**Ensaio registra o ritual ‘menina-moça’**”. Jan-Fev. 2013. Disponível em <<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2013/142-edicao-110/1423-ensaio-registra-o-ritual-menina-moca>>. Acesso: 01/2020.
- FERRIANI, Maria das Graças, et al. “Auto-imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso”. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, vol. 5, nº. 1. Recife Jan-Mar/2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292005000100004&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso: 05/2020.
- FIGUEIROA, Natália Lima. “**Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonantes**”. Revista Pensata, v.4, nº 1, dez/2014.
- FISCHLER, Claude. “Obeso benigno, obeso maligno”. In: SANT’ANNA, Denise (org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- FISCHLER, Claude. “A comida como objeto de pesquisa: uma entrevista com Claude Fischler”. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100014>. Acesso: 08/2019.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo Codificado**. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: Uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de Si**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

FRIEDMAN, Sonya. **O Homem é a sobremesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

G1 AMAZONAS: “No AM, índios mantêm tradição de tribo viva com ‘ritual da Moça Nova’”, 04/2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/04/no-am-indios-mantem-tradicao-de-tribo-viva-com-ritual-da-moca-nova.html>>. Acesso: 04/2020.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIGLIO, Sérgio S. “O fio e os rastros: As entrevistas com os atletas do futebol olímpico brasileiro”. In RUBIO, Katia. **Narrativas bibliográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Kepós, 2016.

GIRARD, Rene. **A Violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GOLANT, Susan K.; NELSON, Audrey. **Nas Entrelinhas: a comunicação não verbal entre homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

GRASI, Fabiana L. B. **A Eterna Criança – Auto-estima e Individuação**. Disponível em: <<https://ipacamp.org.br/2017/07/14/a-eterna-crianca-auto-estima-e-individuacao/>> Acesso: 04/2020.

GREINER, Christine. **O Corpo: Pistas para estudos Interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2013.

GUIMARAES, Danilo Silva. **Articulações e implicações da noção de perspectiva no construtivismo semiótico-cultural para a compreensão das relações eu-outro: possível**

diálogo com o perspectivismo ameríndio. Orientadora: Profa. Dra. Vívía Mathias Simão. Tese (doutorado). Curso de Psicologia, Psicologia experimental. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2010.

GUSMÃO, Martha H. “Os transtornos e as dificuldades da alimentação”. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 1, pp. 44-60, 2002.

HALL, Calvin; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John. **Teorias da personalidade.** 4º ed. São Paulo: Artmed, 2000.

HALL; Nordby. **Introdução à psicologia Junguiana.** São Paulo: Cultrix, 2000.

HILLMAN, James. **Tipos de Poder: um guia para o uso inteligente do poder nos negócios.** São Paulo: Axis Mundi, 2001.

HOFF, Tania. **Corpos discursivos: dos regimes de visibilidade às biossociabilidade do consumo.** Recife: Editora da UFPE, 2016.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil, Povo: Baniwa.** Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Baniwa>>. Acesso: 04/2020.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G Jung.** Petrópolis: Vozes, 2017.

JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. **Lute como uma gorda: Gordofobia, resistência e ativismos.** Orientadora: Profa. Dra. Juliana Abonizio. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, 2020.

JOHNSON, Steven. **Emergência: A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo - Volume IX/I.** Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1978.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KELEMAN, Stanley. **Mito e corpo: Uma conversa com Joseph Campbell.** São Paulo: Summus, 2001.

KIGHT, Dagny. **Uncovering the History of a Fat Acceptance: Lew Louderback’s 1967 Article.** Julho 2014. Disponível em: <http://www.powerfulhunger.com/powerful_hunger_blog/history-of-fat-acceptance-lew-louderback-1967-article/>. Acesso: 02/2020.

- KUBOTA, Luis Claudio. “Discriminação contra os estudantes obesos e os muito magros nas escolas brasileiras”. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. IPEA, 2014. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1928.pdf>. Acesso: 04/2020.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LE BOM, Gustave. **Psicologia da I Guerra Mundial - I**, Coleção Primeiros Ensinos. Niterói: Teodoro, 2013.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2013.
- LEAL, Gláucia. “Você tem fome de quê”. **Revista Mente e Cérebro**, Ano XIII, nº152, 09/2005.
- LEÃO, Lúcia (org.). **Derivas: Cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume Senac, 2004.
- LEÃO, Lúcia. “Memória e Método: complexidades da pesquisa acadêmica em processos de criação”. *In*: Venturelli, Suzete., Rocha, Cleomar. (Orgs). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. Brasília: Universidade de Brasília, 2016a.
- LEÃO, Lúcia. “Narrativas e histórias de vida na pesquisa acadêmica: reflexões sobre o método”. *In*: RUBIO, Katia. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Képos, 2016b.
- LEÃO, Lúcia. “Questões biopolíticas nos processos de criação transmidiáticos”. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 20, pp. 95-107, 12/2010.
- LEÃO, Lúcia. **Processos do imaginário**. São Paulo: Képos, 2016c.
- LIMA, Antônio P. Pinheiro. “Mulheres e o abandono da figura paterna: Considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica”. **Estudos de Psicologia I**, v. 29, s.1, pp. 821-830, out/dez 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000500018&lng=pt&tlng=pt> Acesso: 05/2020.
- LIMA, Guiomar Dutra. **Imaginário: A Teoria do imaginário segundo Gilbert Durand**. Disponível em: <<http://guiomardutralima.blogspot.com/2011/09/imaginario-teoria-do-imaginario-segundo.html>>. Acesso: 04/2020.
- LIMA, Juliana Domingos de. **O que é a nova onda do *body neutrality*: Um meio termo entre odiar e amar o próprio corpo**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/04/17/O-que-%C3%A9-a-nova-onda->

da-%E2%80%98body-neutrality%E2%80%99-um-meio-termo-entre-odiar-e-amar-o-pr%C3%B3prio-corpo>. Acesso: 02/2020.

LUNA, Caleb. **4 Hidden Problems with All of This ‘Love Your Body’ Talk**. Disponível em: <<https://everydayfeminism.com/2016/09/problems-with-love-your-body/>>. Acesso 02/2020.

MATOS, Keyte; ZOBOLLI, Fabio; MEZZAROBA, Cristiano. **O corpo obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia**. Disponível em: <http://www.labomidia.ufsc.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=21&Itemid=60>. Acesso: 08/2017.

MEDEIROS, Alexandre V. M. **Bullying: Novas visões de um fenômeno antigo**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/bullying-novas-visoes-um-fenomeno-antigo.htm>>. Acesso: 04/2020.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. **Mulher, feminino plural: Mitologia, história e psicanálise**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MORENO, Raquel. **A beleza impossível: Mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Ágora, 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **O Método - Vol. 4: Habitat, vida, costumes, organização**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

MOSER, Gabriel. **Psicologia Ambiental**. Universidade René Descartes-Paris V. Estudos de Psicologia. Natal. V. 3, °1 Jan/ jun 1998.

MOTTA, Érica Flávia. **O peso da obesidade: O excesso de peso como sintoma**. Disponível em <<https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/o-peso-da-obesidade-o-excesso-de-peso-como-sintoma>>. Acesso: 04/2020.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MULLER, Regina Célia. **A história familiar e a obesidade na adolescência: um estudo clínico qualitativo com adolescentes obesos**. Orientador: Fulano de tal. 1999. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MULTIDISCIPLINAR, Núcleo do Conhecimento. Ano 01, ed. 11, v. 10, pp. 249-260. Nov/2016. ISSN: 2448-0959. Disponível em:

<<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/bullying-contra-criancas-obesas>>.

Acesso: 04/2020.

- NASCIMENTO, Michelle. **O imaginário feminino: Desejo e transgressão na escrita Florbeliana**. Anais do Silel, v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- NECHAR, Patricia. **Culturas e comunicações do universo plus size: uma cartografia das imagens de corpo nos discursos nas redes sociais**. Orientadora: Lucia Isaltina Clemente Leão. Dissertação (mestrado). 2015. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- NOGUEIRA, Maria Luiza, et al. “O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração”. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 12 (2). São João del Rei, maio/2017.
- NORONHA, Renata Fratton. **História sobre o baile de debutante: Moda e costume**. Debu Webreportagem. 2017. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=RtAR6l0dFp4&feature=emb_logo. Acesso em: 04/2020.
- NOVAES, Joana de Vilhena. **Com que corpo eu vou: Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Pallas, 2010.
- NOVAES, Joana de Vilhena; DE VILHENA, Junia. “De Cinderela a moura torta: Sobre a relação mulher, beleza e feiúra”. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.
- NOVAES, Joana de Vilhena. **O Intolerável peso da feiura: Sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: PUC/Garamond, 2006.
- NOVELICO, Aida. **Feminilidade: Um perfil cultural**. Palestra realizada em 25/11/97 no 1º Seminário Educação e Contemporaneidade: “Mulher: História, Existência e Possibilidades”, organizado pelo Centro de Educação da UFPE. Tópico Educação. Recife, n. 1-3, p. 9-31, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22453/18639> Acesso em: 06/2020.
- OLESIK, Luisa R. et al. “Ressignificações de sujeitos com paraplegia adquirida: Narrativas da reconstrução da imagem corporal”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, nº4, pp. 730-743, out-dez/2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002022017> Acesso: 05/2020.
- OLIVEIRA, Eloiza. “Construção da subjetividade humana e tecnologia da informação e comunicação: Uma nova moralidade?”. **Revista Conhecimento & Diversidade**, n. 2, Niterói, 2009.

- OLIVEIRA, Joice. **Violência doméstica é uma das causas de depressão**. Caderno Saúde Lab 282 in O Povo Online. Set 2018 Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/revistas/saude/2018/09/13/notrsaude.3681465/setembro-amarelo-uma-oportunidade-de-olhar-para-si.shtml>>. Acesso: 04/2020.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PAIVA, Vera. **Evas, Marias e Liliys...** As voltas do feminino. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PAIXÃO, Humberto Pires; SOUSA, Kátia Menezes. **Poder e resistência no discurso da moda**. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/303.pdf>>. Acesso: 04/2020.
- PEIXOTO Jr., Carlos Augusto. “Sujeição e singularidade nos processos de subjetivação”. **Ágora**. v. VII, n. 1, pp. 23-38, jan-jul/2004.
- PELBART, Peter P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PEREIRA, Fátima Luciana; MACIEL, Rosana Mendes. **O Bullying Contra Crianças Obesas em Ambiente Escolar e suas Consequências**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/cacd/be280a7eb7240b0b20ec00bae717adb7ba8a.pdf?ga=2.93740893.175481743.1592866685-9623490.1592866685>> Acesso em 04/2020.
- PINHEIRO, Amálio. **Barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- PINHEIRO, Amálio. “Séries Culturais e Processos de Criação”. In: SEKEFF, Maria de Lourdes, (org); ZAMPRONHA, Edson (org). **Arte e Cultura III: Estudos Transdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2004.
- PIORIER, Anne. “Enjoying body neutrality”. **The Hindu Soma Basu**. Dez/2019. Disponível em: <<https://www.thehindu.com/sci-tech/health/body-neutrality/article30248840.ece>>. Acesso: 02/2020.
- PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva: Imagens da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008.
- PRADO, J. A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ, 2013.
- PRIETO, Claudiney. **Todas as Deusas do mundo: Rituais wiccanianos para celebrar a deusa em suas diferentes faces**. São Paulo: Ardane, 2015.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

- RAMOS, Denise; MACHADO, Péricles. “Consciências em Evolução”. **Revista Viver Mente e Cérebro**. Coleção: Memórias da psicanálise, nº 2. São Paulo: Duetto, 2010.
- RIBEIRO, Ludmila. “Polícia Militar é lugar de mulher?” **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(1): e43413. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v26n1/1806-9584-ref-26-01-e43413.pdf>>. Acesso em abr.2020.
- RODOLPHO, Adrianr L. “Rituais, ritos de passagem e de iniciação: Uma revisão da bibliografia antropológica”. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, pp. 138-146, 2004.
- ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: Biomedicina, poder e subjetividade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SCARDUA, Angelita C. **Comer, pensar, sentir**. Disponível em: <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/comer-pensar-sentir/>> Acesso: 04/2020.
- SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem: Ensaio sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Entre o peso do corpo e o pesar da alma: Notas para uma história das emoções tristes na época contemporânea”. **História: Questões & Debates**, Editora UFPR, Curitiba, n. 59, p. 99-113, jul-dez/2013.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Gordos, magros e obesos: Uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi; MOURA, M. **Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTOS, Inês Maria; SANTOS, Rosângela. “A etapa de análise no método história de vida: Uma experiência de pesquisadores de enfermagem”. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, Out-Dez/2008, 17(4), pp. 714-719.
- SANTOS, Marieta; VALLE, Elisabeth. “O sentido de existir de adolescentes que se percebem obesas”. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 1, n. 1, pp. 101-104, 1ª. sem. 2002.
- SARDUY, Severo. **Escrito sobre um corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- Portal SEBRAE <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/>>. Acesso: 06/2017.
- SEFTON, Ana Paula. **Afetos de pai: Representações na literatura infanto-juvenil**. Canoas: Textura, n. 21-22, p. 3-13, 2010.

SERON, Camila; DEL PRETTE, Almir; MILANI, Rute Grossi. “A construção da identidade feminina na adolescência: Um enfoque na relação mãe e filha”. **Psicol. teor. prat.** 2011, v. 13, n. 1, pp. 154-164. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso: 04/2020.

SILVA, Amanda M. S. “Sentimentos de pertencimento e Identidade no ambiente escolar”. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 8, n. 16, p. 130-141, jul-dez/2018.

SOUZA, Eliseu; ABRAHÃO, Maria Helena. **Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Fabio Gomes, *et al.* **Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros**. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n1/14.pdf>>. Acesso: 06/2020.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosangela da Silva. “Trabalhando com a história de vida: Percalços de uma pesquisa(dora?)” **Revista Escola Enfermagem**. USP, 37(2), pp. 119-26, 2003.

STENZEL, Lúcia Marques. **Obesidade: O peso da exclusão**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

STRONGOLI, Maria Thereza. **O imaginário da menina e a construção da feminilidade**. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 26-40, out-dez/2009.

SUTARELI, Julianna M.A; OLIVEIRA, Aline Q. “Famílias uniparentais: Um estudo sobre gênero, patriarcado e o estigma da mãe solteira”. **Anais do Congresso Internacional de Direito Público dos Direitos Humanos e Políticas de Igualdade**, v. 1, nº1, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/dphpi/article/view/5673/3926>>. Acesso: 01/2020.

TAVARES, Adriano P. **Comida afetiva: Uma expressão, hospitalidade e memória**. Orientadora: Profa. Tainá Bacellar Zaneti. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional). Curso de Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: Uma introdução teórico metodológica**. Dourados: UFGD, 2012.

TORNAMBE, Robert. **A fórmula do cálculo da beleza**. São Paulo: Matrix, 2010.

VARGAS, Herom; ROCHA, Anderson. “Cultura nerd como semiosfera: Uma proposta de entendimento”. **Comunicação & Inovação**. PPGCOM/USCD, v. 20, nº. 44. set-dez/2019.

WHITMONT, Edward. **A busca do símbolo: Conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2006.

- WHITMONT, Edward. **O Retorno da Deusa**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1991.
- VARGAS, Nairo S. “Torna-se si mesmo”. **Revista Viver Mente e Cérebro**. Coleção Memórias da Psicanálise, nº 2. São Paulo: Duetto, 2010.
- VELHO, Ana Paula M. “A semiótica da cultura: Apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação”. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set-dez/2009.
- VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: História da obesidade no Ocidente – da Idade Média ao século XX**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- VIGARELLO, Georges. **História da beleza: O corpo e a arte de se embelezar – Do Renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: História da percepção do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- VINAGRE, Roberto, DINIZ, Edna, VAZ, Flavio. Leite humano: um pouco de sua história. **Rev. Pediatria**. São Paulo, v.4, n. 23, p. 340-345, 2001
- VILHENA, Junia, *et al.* “Corpos invisíveis: Dor e Violência”. In VILHENA, Junia de; NOVAES, Joana de Vilhena (orgs.). **Corpo para que te que? Usos, abusos e desusos**. Rio de Janeiro: Appris, 2012.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- WOOLF, Virginia. **Três guinéus**. São Paulo: Autentica, 2019.